UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS CLÁSSICAS

ROBERT DE BROSE

Os fragmentos atenienses de Simônides

Um estudo das fontes epigráficas anteriores a 480 a. C.

São Paulo

2007

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS CLÁSSICAS

ROBERT DE BROSE

Os fragmentos atenienses de Simônides

Um estudo das fontes epigráficas anteriores a 480 a. C.

Dissertação apresentada ao Departamento de
Letras Clássicas e Vernáculos da Universidade de
São Paulo para a obtenção do título de Mestre em
Letras Clássicas.

Orientador: Prof. Dr. Christian Werner

São Paulo
2007

Dedicatória

Aos meus pais e irmãos, especialmente à Zila, por seu constante, fiel e incansável apoio durante toda minha vida e, mais ainda, no período de elaboração dessa dissertação.

Ao Néelson, pela paciência e amor sincero.

Ao Christian, por acreditar.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, ao caríssimo amigo e orientador Prof. Dr. Christian Werner, que com calma e fé estendeu a mão e me trouxe até aqui.

Agradeço especialmente à minha irmã, Tatiane B. Pires, pelo apoio constante, financeiro e emocional. Sem ela essa dissertação jamais teria existido.

Agradeço ao Néelson Conrado Vasel Jr. pela paciência infinita frente a meu mau humor nos momentos finais de redação dessa dissertação, pela presença constante durante as dificuldades e pela vida em conjunto.

Agradeço a Erika Werner pelos agrados gastronômicos, as conversas e a generosidade em partilhar comigo suas experiências em caminhos já trilhados.

Minha gratidão pelos pesquisadores que, de alguma forma, contribuíram para a presente: Prof. Dr. João Ângelo, Prof. Dr. Marcos Martinho, Prof. Dr. Meire Lafer. Especialmente à Prof. Dr. Paula da Cunha Corrêa, por me colocar no caminho.

Agradeço a CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), que financiou dois anos de minha pesquisa através de uma bolsa de mestrado. Reconheço e espero, humildemente, poder retribuir, com esta, o privilégio de ter tido o apoio necessário à entrega requerida pela pesquisa em Literatura Clássica, especialmente em um país tão necessitado como o nosso e com problemas às vezes tão mais urgentes. Sem a ajuda financeira dessa instituição, muito da bibliografia citada nessa dissertação e, de certa forma imprescindível para a realização da mesma, teria permanecido inacessível.

Um agradecimento especial é devido eminentes eruditos, Prof. Dr. Christian Werner, Prof. Dr. Elaine Farias Veloso Hirata e Prof. Dr. Filomena Yoshie Hirata, a quem

coube a tarefa de julgar o mérito deste trabalho, apontando-lhe suas falhas e qualidades, e guiando-me com sua experiência nos lugares onde me perdera.

Agradeço também aos amigos e colegas de faculdade e trabalho e a todos aqueles (e sempre os há) aqui não mencionados.

Seria desnecessário dizer (não me obrigasse o imenso respeito e o dever para com todos supracitados) que qualquer erro, inconsistência ou inexatidão que nesta dissertação possa ainda persistir são de minha inteira responsabilidade.

*So here I am, in the middle way, having had twenty years—
Twenty years largely wasted, the years of l'entre deux guerres
Trying to use words, and every attempt
Is a wholly new start, and a different kind of failure
Because one has only learnt to get the better of words
For the thing one no longer has to say, or the way in which
One is no longer disposed to say it. And so each venture
Is a new beginning, a raid on the inarticulate
With shabby equipment always deteriorating
In the general mess of imprecision of feeling,
Undisciplined squads of emotion. And what there is to conquer
By strength and submission, has already been discovered
Once or twice, or several times, by men whom one cannot hope
To emulate—but there is no competition—
There is only the fight to recover what has been lost
And found and lost again and again: and now, under conditions
That seem unpropitious. But perhaps neither gain nor loss.
For us, there is only the trying. The rest is not our business.*

East Coker
T. S. Eliot

*Amar o perdido
deixa confundido
este coração.*

Memória
C. D. de Andrade.

RESUMO

Serão investigadas, nesta dissertação, as origens da democracia ateniense através da análise de quatro epigramas de Simônides de Ceos e da contextualização de alguns outros. Partindo do assassinato de Hiparco por Harmódio e Aristogíton e traçando suas conseqüências, tanto do ponto de vista mítico quanto político, tentaremos demonstrar como o povo, agora identificado como mesmo ideal de igualdade perante a lei (*isonomia*), foi capaz de afastar tanto o perigo de uma helotização da Ática, quanto o de uma submissão ao império aquemênida, ao vencer duas batalhas decisivas, cujo relato foi preservado em inscrições que chegaram até nós sob o nome de Simônides por transmissão literária ou epigráfica ou ambas. Também iremos lidar com todos os aspectos relativos à composição, caráter e transmissão de cada um dos quatro epigramas comentados, além de fornecer uma tradução de todos os outros – incluindo os novos fragmentos elegíacos recentemente descobertos – que possam ter alguma relevância para o assunto em questão.

ABSTRACT

The origins of Athenian democracy are herein surveyed through the analysis of four Simonidean epigrams and the canvassing of several others. Starting from the murder of Hipparchus by Harmodius and Aristogeiton, and following its consequences, both mythic and political, we shall proceed to demonstrate how the people, now identified with the same democratic ideal, was able to eschew both the danger of helotization by Sparta and submission by the Persian Empire by its winning two decisive battles recorded in inscriptions that came down to us either through literary or epigraphical transmission or both. We shall also deal with all aspects surrounding the composition, nature and transmission of each of the four epigrams, besides providing a translation of all other epigrams – including the newly discovered elegiac fragments – that may bear any relevancy to the subject under appreciation.

Sumário

Introdução	9
Simonides e o Sylloge Simonideae	11
O Dístico Elegíaco	13
Inscrições e Monumentos	13
Capítulo 1: Os Tiranicidas e o Mito Fundador da Democracia em Atenas	16
1.1 O Fragmento Sim. I FGE	16
1.2 Edição e Fortuna Crítica	16
1.3 Tema, Ocasião e Classificação	21
1.3.1 Aristogíton e Harmódio: Tiranicidas	24
1.3.2 Conspiração e Tocaia	36
1.3.3 O Envolvimento dos Alcmeônidas	41
1.3.4 O culto aos Tiranicidas e a inauguração do Herói Democrático	44
1.4 Texto e Contexto	51
1.4.1. Metro	51
1.4.2. Comentário interlinear	52
Capítulo 2: Um por todos e todos por um	57
2.1 Os Fragmento Sim. II e III FGE	57
2.2 Edição e Fortuna Crítica	57
2.3 Tema, Ocasião e Classificação	69
2.4 Texto e Contexto	75
2.4.1 Metro	75
2.4.2 Comentário interlinear	78
2.4.2.1 Fr. II FGE	78

2.4.2.2 Fr. III FGE	87
Capítulo 3: Os bárbaros chegam hoje	92
3.1 O Fragmento XX FGE	92
3.2 Edição e Fortuna Crítica	93
3.3 Tema, Ocasião e Classificação.	106
3.4 Texto e Contexto	132
3.4.1. Metro.....	132
3.4.2 Comentário interlinear	134
Capítulo 4: Maratona por testemunha	149
4.1 - Epigrama XXI FGE	149
4.2 Edição e Fortuna Crítica	149
4.3 Tema, Ocasião e Classificação	153
4.3.1 A Hipótese Poikile	155
4.3.2 A Hipótese Wurm-Blass.....	178
4.4 Texto e Contexto	183
4.4.1 Metro.....	183
4.4.2. Comentário Interlinear	184
Posfácio	190
Apêndice A.....	190
Abreviações	224
Bibliografia.....	226

Introdução

O objetivo desse trabalho é tentar contextualizar quatro fragmentos epigráficos atribuídos a Simônides a partir do que sabemos, por meio de historiadores como Heródoto e Tucídides, filósofos e escritores como Aristóteles, Platão e Xenofonte, e outros tantos logógrafos, poetas e comentadores antigos, sobre as origens da democracia ateniense. Nossa leitura, dessa forma, será multilateral e andarás em ambos os sentidos: do fragmento às fontes e, dessas, de volta ao texto epigráfico, a fim de encontrar um ponto de equilíbrio entre um e outro que, outrora claro, hoje nos parece obscuro, devido às inúmeras brechas em nosso conhecimento impostas pelo tempo e pelas falhas na transmissão literária.

Nesse sentido, nossa análise começará por tentar estabelecer o melhor texto possível de onde possamos partir, aquele que estaria mais próximo do arquétipo. Uma tarefa complicada quando as fontes, numerosas, divergem, ou, ao contrário, quando escassas, silenciam. É inevitável, em tal empreitada, evitar algum tipo de conjectura, já que isso impediria definitivamente a análise e levaria a discussão a um impasse. Tentamos, não obstante, e sempre que foi possível, manter nossas hipóteses no mínimo necessário, enquadrando-as dentro de um contexto de comentários antigos e modernos que as corroborassem ou que desafiassem e, na medida em que nos foi acessível, procuramos consultar o maior número de opiniões possíveis, ainda que divergentes de nossas idéias.

A partir desse texto, então, saímos em busca de seu “com-texto”, daqueles elementos pensados em conjunto com sua composição e com a dinâmica social que o requisitara. Toda forma de expressão literária da Grécia antiga estava vinculada a algum tipo de ocasião e/ou performance que definia ulteriormente o caráter da obra

por ela e para ela elaborada, ao recebermos o texto fora dessa moldura cultural perdemos em muito a capacidade de entendê-lo. Nossa busca foi para recuperarmos os referenciais perdidos e, na maioria das vezes, tivemos que nos contentar apenas com hipóteses ou pequenos lampejos do mundo de onde aquelas vozes provinham. Espero que o leitor também possa ser capaz de entender e, porque irremediável, também apreciar essa incerteza (quase quântica) que a leitura de fragmentos nos impõe.

Do macro-texto partimos para o micro-texto, a tessitura de ritmo, sememas e sons sobre os quais cada um dos epigramas foi construído e, aqui também, uma vasta terra estrangeira nos revelava sua paisagem a cada passo, a cada olhar mais atento. É sempre difícil separar, no desconhecido, os padrões impostos pelo conhecido, já que é da natureza humana o impulso nato de preencher os espaços ignotos com informações familiares. Tentamos, não obstante, manter-nos o mais longe possível de posturas anacrônicas. Por isso muitas vezes ou dispensamos os suplementos editoriais para um retorno ao silêncio da pedra, ou demonstramos a extensão da cacofonia promovida pela crítica especializada, onde cada voz tenta sobrepor-se a outra e, com seu ruído, encobre o olhar revelador da pedra nua ou da frase que se calou ou se quebrou e já não é mais.

A dissertação está dividida em quatro partes e percorre o caminho da busca do povo de Atenas pela liberdade política desde a gesta dos Tiranícidias e a instauração da democracia (isonomia, isegoria...) em casa - após a expulsão dos tiranos pelos espartanos – passando pela guerra contra os últimos quando tentavam, mais uma vez, interferir nos assuntos domésticos de Atenas para lá implantar um tirano fantoche. Daí nos direcionamos para uma análise dos fragmentos de Maratona, a prova de fogo do valor que a liberdade individual e a luta

pela independência política representava para os cidadãos quando esses, desassistidos, enfrentaram o perigo de uma invasão e dominação estrangeira.

Simônides e *Sylloge Simonidea*

A situação da crítica no que diz respeito à obra de Simônides no Brasil e, de certa forma, em todo o mundo, é uma das menos ideais. Celebrado durante toda a antiguidade pela qualidade de suas composições e outrora conhecido em todo o mundo filelênico, teve a maioria de suas obras perdidas durante a transição do período romano para a Idade Média. Atualmente, apesar das recentes descobertas de alguns de seus poemas elegíacos sobre as grandes vitórias dos gregos nas Guerras Médicas, sua obra recebe ainda pouca atenção da crítica especializada e (quase) nenhuma do público em geral.

De toda a obra de Simônides que chegou até nós, grande parte é composta de epigramas (102, ao todo) reunidos em coletâneas¹, ao que tudo indica, a partir do ano 100-90 a. C., embora seja difícil precisar². Acredita-se que a primeira desse tipo tenha sido a, assim chamada, *Coroa de Meleagro*, que teria servido de arquétipo para as três coleções principais que formam a *Antologia Grega* (AG): a *Antologia Palatina* (AP), a *Antologia de Planudes* e a *Sylloge Euphemiana*. Devido à própria natureza dos epigramas anteriores ao século V, que eram invariavelmente inscrições feitas na pedra (daí ἐπίγραμμα, derivado de ἐπι+γράφειν, ou seja, “gravar sobre”), não há qualquer modo de se precisar sua autoria, uma vez que essas inscrições não eram acompanhadas do nome do poeta que as compôs.

¹ Modernamente chamadas συλλογαί pelos especialistas

² Sider (2007), p. 113.

Da constatação acima infere-se logicamente que qualquer atribuição a Simônides (ou a qualquer outro autor) de um epigrama deve basear-se ou numa tradição oral, ou num hipotético arquétipo editado pelo próprio poeta³ ou então numa simples suposição, quando não uma mentira deslavada ou mero palpite. As posições dos peritos, aliás, costumam variar de um modo esquizofrênico entre um otimismo ímpar, como o de Schneidewin - em sua primeira edição dos fragmentos de Simonides - Bergk e Hauvette⁴, passando por posições mais moderadas como as de Kaibel, até o ceticismo ferrenho de Jughahn e Page⁵, que chegam ao ponto de admitir a autoria de Simônides apenas para um dos epigramas atribuídos a ele, aquele citado por Heródoto (7.228.3-4) sobre Megisto, o profeta dos lacedemônios, morto pelos persas nas Termópilas (Fr. VI FGE).

Como então desenvolver um estudo baseado em epigramas de Simônides se não é possível sequer estabelecer com certeza autoria dos mesmos? Há duas considerações a serem feitas sobre isso. Do ponto de vista de nossos objetivos, o nome de Simônides serve como uma baliza útil para reduzir o corpus de fragmentos a considerar. Em segundo lugar, escolhemos aqueles fragmentos que, por uma razão ou outra, foram classificados como pertencentes a Simônides porque, em última análise, e por mais que se discuta em contrário, a atribuição de uma fonte antiga é o *mais perto que chegaremos* de estabelecer a autoria não só dos epigramas de Simônides, mas de qualquer outro. A verdade que todos escondem é

³ Essa idéia muito otimista é defendida por Sider, *idem, ibidem* n. 2, p. 11. Ele, no entanto, ignora, ou parece ignorar, a extensa controvérsia sobre o grau de difusão da escrita na Grécia no início do V século, quando Simônides deveria ter tido a idéia de transcrever seus poemas. E vai mais longe ainda, p. 118: “*or, as I think also possible, Simonides could have prepared a ‘sample book’ from which potential customers could pick one or more favorites to serve as models for their own inscriptions*”.

⁴ Schneidewin (1835); Kaibel, *Quaestiones Simonidae*, RhM N.F. 28, p. 436-60; Hauvette, *De l'Authenticité des Épigrammes de Simonide*, 1896.

⁵ Junghahn, A. A., *De Simonides Cei Epigrammatis Quaestiones*, Vierter Jahresbericht über das Luisenstädtische Gymnasium in Berlin, p. 3-41.

que o único modo de se decidir pela autoria de um epigrama seria entrarmos em uma máquina do tempo para inquirir, diretamente o artesão, quem o mandara inscrever.⁶

O dístico elegíaco

Ao longo de toda nossa discussão, iremos nos deparar com uma das formas mais prolíficas de toda a poética grega, o dístico elegíaco, chamado pelos antigos de ἑλεγεῖον e composto de dois *cola* que convencionou-se dividir entre um hexâmetro e um pentâmetro, da seguinte maneira:

— — — — — || — — — — — | — — — — —

Em inscrições epigráficas era comum haver apenas um dístico, embora pudessem ocorrer até dois. Sempre, no entanto, apareciam da forma ilustrada acima, nunca como mais tarde convencionou-se editá-los nos livros modernos, com o pentâmetro logo abaixo do hexâmetro e ligeiramente recuado para a direita.

Inscrições e Monumentos

De forma esquemática, a configuração dos monumentos *públicos* durante os séc. VI-V variava consoante aos diferentes propósitos a que se destinavam. De acordo com nosso conhecimento (que ainda é imperfeito para a época em questão) um monumento era normalmente uma combinação de elementos gráficos e decorativos, estes podendo ser bi- ou tridimensionais (altos-relevos e esculturas respectivamente) e aqueles tomando a forma de inscrições de interesse geral, como

⁶ Molyneux (1996), p. 17: “The study of the authenticity of the Simonidean epigrams has, it is fair to say, reached an impasse, which seems likely to be permanent. This view perhaps receives silently assent from the many scholar who, writing in recent years, on the subject of the fifth-century epigrams (including those assigned to Simonides), either give the question of authorship only a cursory mention, or omit it altogether, or even positively deplore speculation on the matter”.

Decretos (Decretos e *Tituli Honorari*), Manumissões, Prosografia, Dedicatórias (dedicatórias propriamente ditas, oferendas votivas, ex-votos) e Epitáfios, sendo que tanto as dedicatórias quanto os epitáfios partilhavam de um *modus construendi* mais ou menos comum: sobre uma base de mármore (oriundo de Poros, ou de Pentele, no caso de Atenas) era colocada uma estela, em cuja superfície gravava-se, no topo, uma pequena inscrição, geralmente não-métrica⁷, que indicava o caráter geral do monumento, seguida de uma lista de baixas (no caso de epitáfios) ou de um alto-relevo que ilustrava o assunto principal (a figura de um deus ou deuses e/ou de suas epifanias e feitos, em oferendas votivas; ou a ilustração das façanhas bélicas realizadas pelos mortos durante uma guerra, em monumentos/ memoriais de guerra) enquanto que, na base, inscrevia-se um epigrama, estíquico ou não, que expressava, geralmente de forma mais específica, o louvor àqueles que se celebrava, delineando de forma literária e artística o assunto principal. Obviamente, algumas variações nesse esquema poderiam acontecer.

Em Atenas, no caso de oferendas votivas e/ou monumentos de guerra (é difícil estabelecer a fronteira entre um e outro, uma vez que ambos não eram mutuamente excludentes) era usual que se encomendasse um exemplar para a cidade (memorial propriamente dito), outro para ser dedicado no Oráculo de Delfos⁸, na sala do tesouro dos atenienses e ainda outro (lápide funérea ou epitáfio) para ser colocado junto à lista de mortos no campo de batalha (antes do advento do cemitério público). Novamente aqui, qualquer um deles poderia estar ausente, mas normalmente há evidências que nos permitem rastrear, se não fisicamente pelo menos teoricamente, a existência dos três. A inscrição titular, aquela que ia no topo

⁷ Como, por exemplo, οἶδε ἐν Μαραθῶνι ἀπέθανον.

⁸ Cf. os remanescentes da estela contendo a inscrição titular da oferenda dos atenienses ao templo de Delfos em comemoração da vitória sobre os persas em Maratona, no Capítulo 3, seção 3.3.

da estela, geralmente apresentava um certo caráter recorrente quanto à forma de seu conteúdo o qual, conforme seu uso (oferenda votiva e/ou memorial, respectivamente), poderia ser do tipo (a) “*X [da cidade y] construiu. Z dedicou ao deus w*”⁹, no primeiro caso, ou “*Este(s) dedica(m) [nome(s) do(s) cidadão(s)] a(o deus) X como espólio tomado do inimigo em (a guerra de) Y*”¹⁰, no segundo. O conjunto epitáfio e oferenda votiva pode ser visto nos epigramas analisados no capítulo 2. E embora naquele caso faltem as inscrições titulares (ambas são inscrições de base), não há porque duvidar que elas, ou variações muito próximas das mesmas, tenham existido. O contrário dessa situação ocorre, por outro lado, com o monumento ofertado no Oráculo de Delfos pela vitória dos atenienses em Maratona¹¹, onde temos a inscrição titular, mas não os epigramas.

⁹ Geralmente a razão da dedicatória seguia-se e variava de acordo com o evento pelo qual se agradecia ao deus: vitória em competições (e.g., DAA 21.1, 76) ou sobre inimigos, como a do Polemarco Calímaco, DAA 13.

¹⁰ E.g. IG I², 185(a), 400(lb).

¹¹ Paus. 10.11.5: οἱ δὲ Θησαυροὶ Θηβαίων ἀπὸ ἔργου τῶν ἐς πόλεμον, καὶ Ἀθηναίων ἐστὶν ὡσαύτως: Κνιδίους δὲ οὐκ οἶδα εἰ ἐπὶ νίκη τινὶ ἢ ἐς ἐπίδειξιν εὐδαιμονίας ὥκοδομήσαντο, ἐπεὶ Θηβαίοις γε ἀπὸ ἔργου τοῦ ἐν Λεύκτροις καὶ Ἀθηναίοις ἀπὸ τῶν ἐς Μαραθῶνα ἀποβάντων ὁμοῦ Δάτιδί εἰσιν οἱ Θησαυροί

Capítulo 1

Os Tiranícidias e a Etiologia Democrática Ateniense

“A consideration of the tyrannicides' meaning (...) in many ways takes us to the heart of the Athenian democracy's civic identity, for others have long attributed their enduring fame in the fifth and fourth centuries to the fact that the two men were ‘symbols of democracy’; that is, not only were Harmodios and Aristogeiton historical figures, but in their commemoration they stood for certain aspects or values of the democratic state. Unfortunately no one has clarified exactly what these values or aspects of the democracy were or how the tyrannicides stood for them. It appears to have simply been assumed that the importance of the two heroes derived solely from the obvious parallel between their murder of the tyrant and the polis' well attested anti-tyrannical ideology. Yet when one considers the prominence of the tyrannicides in the democracy's historical conscience, it is worth reconsidering whether the significance of Harmodios and Aristogeiton is adequately expressed by a simple equation with an opposition to one-man rule”

Webb, E. K (1997).

1.1 O Fragmento Sim. I FGE

ἦ μέγα Ἀθηναῖοι φόως γένεθ' ἡνίκ' Ἀριστο
 γείτων Ἰππαρχον κτεῖνε καὶ Ἀρμόδιος·
 []
 [πα]τρίδα γῆν ἐθέτην.

Verdadeiramente ampla luz raiou aos Atenienses quando Aristogiton matou Hiparco com a ajuda de Harmódio.

[]
 [(isônoma?) a terra pátria assentaram.

1.2 Edição e Fortuna Crítica

As fontes de nosso primeiro fragmento são de natureza diversa: o primeiro elegion vindo da tradição literária e o segundo (ou que restou dele) através da descoberta do que parece ser uma base de mármore escavada na Ágora em 1936 e publicada por

Meritt no mesmo ano¹². Essa base poderia servir de sustentação para as estátuas de Harmódio e Aristogíton, já que sua largura incomum (aprox. 1,38 m)¹³ seria capaz de comportar duas esculturas, uma ao lado da outra. A inscrição, de estilo semelhante àquela do fr. XXFGE, do Hecatompédon e da dedicatória de Leagro ao altar dos Doze Deuses é não-estíquia, ou seja, as letras da primeira linha não estão alinhadas às da segunda e cada elegíon ocupa uma única linha na pedra:

Figura 1: Fr. I FGE (IG I³ 502, SEG 10.320), *apud* Meritt (1936).

Linha 1: [.....]HAPMOΔIO[

Linha 2: [.....]ΤΡΙΔΑ ΓΕΝΕΘΕΤΕ[

Sabemos que foram erigidos pelo menos dois monumentos diferentes que representavam os Tiranícidias, um da autoria de Antenor, mais antigo, e outro, obra da mão de Crítios, comissionado após aquele ter sido roubado pelos exércitos de Xerxes em 480, segundo Pausânias:

οὐ πόρρω δὲ ἐστᾶσιν Ἀρμόδιος καὶ Ἀριστογείτων οἱ κτείναντες
Ἰππαρχον: αἰτία δὲ ἥτις ἐγένετο καὶ τὸ ἔργον ὄντινα τρόπον ἔπραξαν,
ἐτέροις ἐστὶν εἰρημένα. τῶν δὲ ἀνδριάντων οἱ μὲν εἰς Κριτίου τέχνη,
τοὺς δὲ ἀρχαίους ἐποίησεν Ἀντήνωρ: Ξέρξου δέ, ὥς εἶλεν Ἀθήνας

¹² Meritt (1936), IG I³ 502 (=SEG 10.320).

¹³ A estimativa é feita através do espaçamento entre as letras e suas respectivas larguras médias. Como é conhecido o texto do primeiro epigrama, através da transmissão de Hefesto, obtém-se o resultado multiplicando-se o número de letras daquele pelas médias das medidas, chegando-se à largura em questão.

ἐκλιπόντων τὸ ἄστυ Ἀθηναίων, ἀπαγαγομένου καὶ τούτους ἅτε λάφυρα, κατέπεμψεν ὕστερον Ἀθηναίοις Ἀντίοχος.

Não distante [daí], erguem-se [as estátuas] de Harmódio e Aristogítōn, os matadores de Hiparco; as causas, quaisquer que sejam, e o ato, como quer que o tenham realizado, por outros já foi relatado. Os de forma varonil são produto da arte de Crítio, aqueles outros, mais antigos [em estilo], fê-los Antenor. Esses, por sua vez, Xerxes, tendo capturado Atenas, levou-os embora junto com o butim. Posteriormente Antíoco os devolveu aos atenienses.¹⁴

Não podemos deixar de notar que, se havia alguma inscrição na base dos monumentos, Pausânias parece ignorá-la, algo surpreendente uma vez que tampouco Tucídides ou Heródoto a mencionam, aos quais certamente estaria se referindo através da frase “ἐτέροις ἐστὶν εἰρημένα”. Mais interessante ainda é que Pausânias parece dizer que o conjunto de estátuas, o de Críticas em primeiro plano (τῶν δὲ ἀνδριάντων οἱ μὲν εἰσι Κριτίου τέχνη) e o de Antenor em segundo (τοὺς δὲ ἀρχαίους ἐποίησεν Ἀντήνωρ), ocupavam o mesmo lugar na Ágora, já que a mais antiga, embora ausente por um longo período de tempo, fora restaurada à cidade por Antíoco I da Síria¹⁵. Caso o epigrama escavado em 1936 estivesse gravado em ambas as estátuas, ou em pelo menos uma delas¹⁶, contendo a outra uma inscrição diferente ou mesmo nenhuma, seria de se esperar que Pausânias, interessado nessa situação curiosa, detivesse-se um pouco mais em seu relato, acrescentando mais detalhes sobre um monumento (e um evento) de maior vulto para a história de

¹⁴ Paus. 1.8.5. Note que Plínio, H.N. 34.19, confunde essas duas estátuas como sendo obra de Praxíteles, e, no lugar de Seleuco, coloca Alexandre Magno: “*Praxiteles quoque, <qui> marmore felicior, ideo et clarior fuit, fecit tamen et ex aere pulcherrima opera: (...) marmoreae illi suae per terras inclutae parem, item stephanusam, pset<i>umenen, Oporan, Harmodium et Aristogitonem tyrannicidas, quos a Xerxe Persarum rege captos victa Perside Atheniensibus remisit Magnus Alexander*”. O que é desmentido por Valério Máximo 2.10.1.8: “*Harmodi et Aristogitonis, qui Athenas tyrannide liberare conati sunt, effigies aeneas Xerxes ea urbe deuicta in regnum suum transtulit. Longo deinde interiecto tempore Seleucus in pristinam sedem reportandas curauit*”.

¹⁵ Segunda metade do III séc. a.C.

¹⁶ Já que é improvável que, ao remover o monumento mais antigo, Xerxes tenha levado igualmente sua base de pedra.

Atenas¹⁷, sobretudo porque, nessa época, a autoria de Simônides para esses epigramas já deveria ter se estabelecido. No entanto, como teremos muitas outras oportunidades de verificar, Pausânias, reputado por sua precisão e detalhismo, está longe de poder ser evocado como uma testemunha cuja acuidade nos possibilite estabelecer hipóteses *ex silentio*.

No que diz respeito ao epigrama que nos foi transmitido pela tradição escrita, é provável que tenha sobrevivido mais em virtude de sua peculiaridade métrica¹⁸ do que propriamente em razão de seu valor literário ou histórico. De fato, o primeiro testemunho de que dispomos provém de Hefesto, na sua *Investigação sobre os Metros*, em que cita os vv. 1-2 como exemplo do que chama de “linhas repreensíveis” no epigrama de Simônides:

(...) πᾶν μέτρον εἰς τελείαν περατοῦται λέξιν· ὅθεν ἐπιληπτὰ ἔστι
τὰ τοιαῦτα Σιμωνίδου ἐκ τῶν ἐπιγραμμάτων·
ἦ μέγα Ἀθηναῖοσι φόως γένεθ' ἡνίκ' Ἀριστο
γείτων Ἰππαρχον κτεῖνε καὶ Ἀρμόδιος
καὶ πάλιν Νικομάχου τοῦ τὴν περὶ τῶν ζωγράφων ἐλεγείας
πεποιηκότος
οὗτος δὲ κοὶ ὁ κλεινὸς ἄν' Ἑλλάδα πᾶσαν Ἀπολλο
δωρος γυνώσκεις τοῦνομα τοῦτο κλύων
ταῦτα μὲν οὖν ἐγένετο διὰ τὴν τῶν ὀνομάτων ἀνάγκην —οὐ γὰρ
ἐνεχώρει.”

todo o metro deve limitar-se a um enunciado completo, daí o serem repreensíveis essas linhas retiradas dos epigramas de Simônides:

Certo que grande luz raiou aos Atenienses quando Aristo-

¹⁷ Levi (1979), p.29, n. 65: *They were the only human beings to have statues in the great square of Athens until Konon in the fourth century, and for other years afterwards no other statue stood near them.*

¹⁸ A qual, é importante deixar claro desde já, tentei propositadamente manter em português, porque acredito que a estranheza sentida pelo leitor moderno frente a uma interrupção brusca do verso não deve estar muito longe daquela provocada em uma audiência antiga, como, aliás, depreendemos dos testemunhos supracitados. Para uma discussão mais detalhada sobre a métrica empregada pelo poeta, suas implicações para com o texto e uma apreciação crítica do juízo efetuado pelas fontes, ver a seção C. *Texto e Contexto*, pp.

gíton matou Hiparco, com a ajuda de Harmódio.

E depois as de Nicômaco tendo composto uma elegia sobre o pintor:

*Esse, certo, é para ti aquele ilustre em toda Grécia, Apolo
doros: conheces esse nome ao ouvi-lo.*

*essas coisas acontecem em virtude [da natureza] dos nomes, não
são, portanto, permitidas (sc. pelas regras do dístico elegíaco)."*

Posteriormente, o escoliasta de Aristófanes¹⁹, numa argumentação semelhante àquela do metricista, cuja obra talvez seja a fonte ulterior de seu comentário, irá também utilizar-se desses versos e de uma passagem da *Ilíada* (8.205-7), lá tida como arquetípica, para explicar irregularidades métricas no *Pluto*:

ὁ δὲ στίχος οὗτος (sc. *Pluto*, 119) περαιούμενος εἰς τὸ 'ἐμ'εἰ'
ἐπίληπτός ἐστιν, ὡς τὸ

ἥ μέγα Ἀθηναῖοσι φάως γένεθ' ἡνίκ' Ἀριστο

γείτων Ἴππαρχον πέφνη καὶ Ἀρμόδιος

καὶ ἕτερα μυρία ἡπατημένοις Ὀμήρῳ, ὥσπερ νομίζω, εἰπόντι·

εἵπερ γάρ κ' ἐθέλοιμεν ὅσοι Δαναοῖσιν ἄρωγοί,

Τρῶας ἀπώσασθαι καὶ ἐρυκέμεν εὐρύοπα Ζῆ-

ν' αὐτοῦ κ' ἐνθ' ἀκάχοιτο καθήμενος οἶος ἐν Ἰδῇ

ἀλλὰ πάντα τὰ τοῦ θεσπεσίου ἐκείνου ἀνδρὸς δαιμόνια ὑπερφυᾶ καὶ
ἀμίμητα, ἄνευ μέντοι τινῶν νοθευθέντων· οὐ μόνον γὰρ οὐκ ἐπιλήψιμα
τὰ ἐκείνου ἀλλὰ καὶ νοῦ πλήρεα λεπτοτάτου καὶ ῥητόρων δεινότητος
καὶ ἀρετῆς.

*mas esse verso, estendendo-se até o "ἐμ'εἰ" é digno de censura,
assim como o*

*Certo que grande luz raiou aos Atenienses quando Aristo
gíton assassinou Hiparco, [em conluio com] Armódio*

*e outras miríades de exemplos confundidos, como penso ser o caso,
por Homero quando esse diz:*

*se ao menos quiséssemos, defensores dos Dânaos,
expulsar os Troianos, longe mantendo largividente a Zeus
s'entado, assim, lá no Ida ficaria, ele mesmo condoído.*

¹⁹ *Scholia in Plutum: Scholia Recntiora Tzetzae*, v. 119, linha 9-24.

Todavia, tudo [que advém] da voz celestial daquele homem é de uma natureza sobrenatural e divina, exceto, como se sabe evidente, aquelas partes que foram adulteradas. Não somente não são censuráveis seus versos, mas estão repletos tanto de uma genialidade das mais sutis como de uma virtude das mais hábeis entre os oradores.”

Note-se que, no escólio de Aristófanes, ocorre a alteração no verbo que descreve a ação de Aristogíton, que passa de κτείνω, *matar*, a (ἐ)πέφενον²⁰, *abater*. A diferença de sentido é grande, mas, talvez, não chegue a ser importante aqui, podendo ser atribuída a um *lapsus memoriae* do comentador. O uso dessa forma em um epigrama não-literário é, ademais, incomum: esse verbo parece estar especialmente associado à dicção da épica, onde é usual, decaído então nos outros gêneros²¹, onde (ἀπο)κτείνω (entre outros) é mais freqüente, e praticamente desaparecendo nas inscrições epigráficas²². Junte-se a isso o fato de que, em todas as outras descrições do assassinato de Hiparco, o verbo usado é sempre κτείνω.

1.3 Tema, Ocasão e Classificação

Tanto O fr. I FGE quanto o grupo de estátuas em cuja base ele teria sido gravado inserem-se no contexto da queda da tirania em Atenas, cuja origem parece ter sido de alguma forma associada, na imaginação popular e no relato historiográfico, com o assassinato de Hiparco e a figura dos Tiranícidias, Harmódio e Aristogíton. Sobre

²⁰ Forma pres. ind. *φένω (PIE *g^wen-) não é atestada, ver LSJ sub θείνω.

²¹ Aparece 36 vezes na *Ilíada* e 25 vezes na *Odisséia*, mas apenas uma vez em Hesíodo, *Scutum*, 57, (embora καταπέφνε conte duas vezes nos *Fragmentos*). Nos trágicos aparece 3 vezes em Sófocles (καταπέφνε, em *Ájax*, 901 e *Electra*, 487; ἐπέφνε, *Édipo Rei*, 1497), uma vez em Eurípides (*Andrômaca*, 655). Entre os líricos aparece em Baquilides apenas uma vez (Ep. 9.13). Em Píndaro, no entanto, a alta freqüência da palavra, 7 vezes (Ol. 10.27, 28; P. 11.37; I. 5.39, 6.31; Fr. 135.1 e 335.10, todas da forma ἐπέφνον), aponta, talvez, para um uso dialetal *sui-generis* do jônico ou uma arcaização proposital da linguagem.

²² A forma ἐπέφνε aparece apenas 3 vezes no corpus eletrônico de inscrições do PHI, sendo que a mais antiga delas remonta à primeira metade do III séc. a.C (CID 3:2). Para καταπέφνε, por outro lado, temos 11 ocorrências, sendo a mais antiga a IG IX, 4.1299.41, que pode ser datada também a partir do fim do III séc. a.C., proveniente da ilha de Delos.

isso a quantidade e a qualidade das evidências de que dispomos deixa pouco espaço para dúvida, como teremos a oportunidade de examinar. O que surpreende, no entanto, é a velocidade com que essa versão se impôs sobre os acontecimentos factuais, a ponto de praticamente obliterá-los da memória dos cidadãos num período de poucas décadas. Enigmáticas, no entanto, são as causas desse processo de transformação da história e algumas perguntas pedem uma explicação mais detalhada.

Por que os alcmeônidas, indubitavelmente responsáveis pela queda do governo tirano, abriam mão da enorme glória e prestígio advindos de suas ações em favor de duas personagens, à época, sem muita expressão? Essa pergunta torna-se mais difícil ainda de responder quando pensamos no enorme esforço, recursos financeiros e vidas sacrificadas por essa família antes e depois dos vários exílios a que foram submetidos. Ou poderíamos atribuir a história dos Tiraníidas aos seus opositores, a Iságoras e ao clã dos Filáidas?²³ Qualquer alternativa a que recorramos, no entanto, encontra uma série de dificuldades em se justificar; seus meandros serão explorados no que se segue. Desde já, todavia, seria profícuo que entendêssemos os dois níveis sócio-epistemológicos no qual essa transformação do assassinato de Hiparco ganha feições de relato fundador da nova polis: o ideológico²⁴ e o propriamente mítico.

O primeiro diz respeito à situação *sui generis* criada pela expulsão de Hípias e o vácuo deixado no sistema de valores que ele próprio e o seu governo ainda

²³ Page (1981), p. 186 e 187, onde o autor parece dar suporte à última hipótese.

²⁴ Meu conceito de "Ideologia", ao invés de marxista, deve ser entendido, a menos que especificado em contrário, segundo as palavras de Žižek (1995) como "(...) *ideology* qua *generative matrix* that regulates the relationship between visible and non-visible, between imaginable and non imaginable, as well as the changes in this relationship. This matrix can be easily discerned in the dialectics of 'old' and 'new', when an event that announces a wholly new dimension or epoch is (mis)perceived as the continuation of or return to the past, or - the opposite case - when an event that is entirely inscribed in the logic of the existing order is (mis)perceived as a radical rupture."

representavam para a cidade e seus habitantes, já que, com o tirano, ia-se embora uma boa parte da identidade de Atenas. O ocaso de uma era, a “era de Cronos”, como descrita por Platão²⁵, e era necessário um “programa” que novamente fixasse as coordenadas através dos quais a unidade política pudesse resistir às forças centrípetas que sacudiam o δῆμος. As reformas propostas por Clístenes na Assembléia foram uma parte desse programa, a mais propriamente política, no sentido raso do termo. A outra, talvez mais importante, dizia respeito a uma reinvenção do sistema de crenças e auto-imagem partilhados pela sociedade ateniense de então²⁶.

Essa refundação mítica, através da criação de uma etiologia democrática centrada principalmente e primordialmente nos Tiranícidias, por razões que veremos a seguir, deve ter sido uma conseqüência natural das características culturais e sociais pelas quais passava a Grécia no final do século VII e primeira metade do VI, mais do que um programa ativo de desinformação criado pelo novo governo. Uma vez dadas as condições iniciais, os mecanismos do pensamento mítico, típico de uma sociedade em que a dinâmica de uma tradição oral vigorosa ainda era operativa, desenvolver-se-ia *motu proprio*²⁷. Nada disso impede-nos, obviamente, de investigar uma possível interferência dos alcmeônidas para tentar derrubar outra vez a tirania, os quais poderiam ter se aproveitado da tensão (cuja seriedade e

²⁵ Platão, *Hiparco*, 228b e seg.

²⁶ Blackwell (2003): “His [sc. Kleisthenes] reforms, seen broadly, took two forms: he refined the basic institutions of the Athenian democracy, and he redefined fundamentally how the people of Athens saw themselves in relation to each other and to the state”

²⁷ Como é comum na historiografia grega, extremamente dependente de uma tradição oral ainda vigorosa, não há uma separação total entre o discurso mítico e o historiográfico e só é possível traçar adequadamente a fronteira entre um e outro quando é possível contrapor diversas fontes, seja diacronicamente, através de um relacionamento genético, seja sincronicamente, por meio do método comparativo, o que confere a qualquer teoria ou hipótese um caráter marcadamente experimental. Sobre essas questões importantíssimas, remeto o leitor ao estudo seminal de Rosalind Thomas (1992).

abrangência é difícil determinar) criada entre Hiparco e a dupla Harmódio e Aristogíton para seus próprios fins. Há fortes indícios de que a gesta (τόλμημα) não foi, ou pelo menos não deveria ter sido, uma tentativa solitária de dar cabo do ofensor, no estilo de uma *vendeta* pessoal, embora no final esse tenha sido o resultado.

Nos interessa, na discussão que se inicia, ressaltar, em primeiro lugar, o caráter do relacionamento dos tiranicidas e suas motivações para o assassinato, já que isso será importante para entender a mudança ocorrida na transição do relato histórico para o mítico. Em seguida, as influências externas que modificaram o curso da ação, à medida em que o objetivo de Aristogíton se desloca e se expande, do ofensor tirano, à tirania ofensiva. Nessa parte será necessário indagarmos sobre a possível participação dos alcmeônidas e de outros conspiradores e o papel que tiveram após a morte dos assassinos, a queda da tirania e os primeiros anos da democracia. Finalmente, mas talvez mais importante, a gênese do mito etiológico da democracia, seu afastamento do relato histórico, as causas desse processo e a influência seminal que teve não só para a Atenas, que saía da idade arcaica e de sua matriz sócio-cultural, para ingressar na época clássica como a precursora de ideais que fomentaria o pan-helenismo do início do V século.

1.3.1 Aristogíton e Harmódio: Tiranidas

Segundo Tucídides, o assassinato de Hiparco originara-se no contexto da relação amorosa (έρωτικήν ξυντυχίαν) entre Aristogíton e o jovem Harmódio, mas o crime

em si teria sido duplamente motivado: para o primeiro fora o ciúme²⁸ frente às investidas do tirano pela posse do jovem e do medo de que aquele pudesse empregar a violência para conseguir o que desejava. Para Harmódio, no entanto, o atentado à sua honra e a de sua família, promovido pelos irmãos e/ou associados de Hiparco²⁹, foi o que o levava a tramar contra com os pistrátidas. No entanto, ainda que o ciúme, de um lado, e o orgulho ferido, de outro, possam ter sido o estopim de todo a “gesta” (τόλμα)³⁰ e ainda que mais tarde apenas o lado homoerótico do acontecimento tenha servido para explicar os resultados da ação, a verdadeira natureza do relacionamento entre os Tiranícidias, o alcance das implicações do interesse de Hiparco por Harmódio e as conseqüências daí advindas são muito mais profundas e sutis do que a tradição mítica ou o discurso da pólis nos permite entrever.

Ainda que as fontes e comentários liguem a origem do Tiranícidio à relação pederástica entre Harmódio e Aristogíton, como vimos acima, muito pouco se discutiu até hoje sobre as implicações dessa constatação para o cenário ao qual ela é aplicada e, ainda que para o leitor antigo o subtexto conotado por uma expressão como ἐρωτικὴν ξυντυχίαν pudesse estar claro, para o crítico moderno dificilmente assim o é. Minha posição, nessa argumentação é que não devemos estender a visão sumariada das causas do tiranicídio segundo expressas pela causativa δι' ἐρωτικὴν ξυντυχίαν a ponto de querer explicar toda a complexidade do caso

²⁸ ἐρωτικῶς περιαλήγας: aqui também a tradução “ciúme” impõe-se apenas por nos faltar um termo que descreva melhor o sentimento de um erastés que vê seu erômenos assediado por outro concorrente.

²⁹ Aristóteles e Platão estão em desacordo sobre quais pessoas estariam envolvidas no insulto, se Hiparco e Hípias, para o primeiro, ou Hiparco e um jovem chamado Tétalos, para o segundo para o segundo.

³⁰ Tuc. 6.59.1.

simplesmente através dela. Nem Tucídides assim o faz, segundo veremos. Acredito que a frase deva ser entendida não como causa, mas como meio. Ou seja, através desse relacionamento entre os dois jovens a tirania veio a cair, e não por causa dele (o que, ademais seria “ἀπ’ἐρωτικῆς ξυντυχίας³¹”). Afinal, se pensarmos que o objetivo de Tucídides era justamente o de desfazer a idéia errônea de que a tirania fora abolida pelo casal de amantes - o que parece claro a partir de sua afirmação de que os atenienses nada falam de exato no que concerne aos acontecimentos de sua própria história – porque ele insistiria naquilo mesmo que negava ser verdade?

τὸ γὰρ Ἀριστογείτονος καὶ Ἀρμόδιου τόλμημα δι’ ἐρωτικὴν ξυντυχίαν ἐπεχειρήθη, ἣν ἐγὼ ἐπὶ πλεον διηγησάμενος ἀποφανῶ οὔτε τοὺς ἄλλους οὔτε αὐτοὺς Ἀθηναίους περὶ τῶν σφετέρων τυράννων οὐδὲ περὶ τοῦ γενομένου ἀκριβὲς οὐδὲν λέγοντας.

Porque a gesta de Aristogíton e Harmódio deu-se por meio da relação amorosa [entre aqueles], a qual eu descreverei em detalhes para mostrar que nem os outros, nem os atenienses, sobre seus próprios tiranos, nada dizem sobre os fatos ocorridos que seja exato.

Mais do que a relação amorosa entre Aristogíton e Hiparco, a natureza pederástica do seu relacionamento é que deve ter influenciado decisivamente no resultado de suas ações, postas em movimento por Hiparco. Que essa relação pederástica existia, somos informados por Tucídides:

γενομένου δὲ Ἀρμόδιου ὥρα ἡλικίας λαμπροῦ Ἀριστογείτων ἀνὴρ τῶν ἀστῶν, μέσος πολίτης, ἐραστῆς ὧν εἶχεν αὐτόν. πειραθεὶς δὲ ὁ Ἀρμόδιος ὑπὸ Ἱππάρχου τοῦ Πεισιστράτου καὶ οὐ πεισθεὶς καταγορεύει τῷ Ἀριστογείτονι. ὁ δὲ ἐρωτικῶς περιαλήγας καὶ φοβηθεὶς τὴν Ἱππάρχου δύναμιν μὴ βίᾳ προσαγάγηται αὐτόν, ἐπιβουλεύει εὐθὺς ὥς ἀπὸ τῆς ὑπαρχούσης ἀξιώσεως κατάλυσιν τῇ τυραννίδι.

³¹ Como, p. ex., ocorre em Tucídides 5.11.2: “καὶ τοὺς νεκροὺς τοῖς Ἀθηναίοις ἀπέδοσαν. ἀπέθανον δὲ Ἀθηναίων μὲν περὶ ἑξακοσίου, τῶν δ’ ἐναντίων ἑπτὰ, διὰ τὸ μὴ ἐκ παρατάξεως, ἀπὸ δὲ τοιαύτης ξυντυχίας καὶ προεκφοβήσεως τὴν μάχην μᾶλλον γενέσθαι”.

Tendo chegado Harmódio àquela época mais bela da vida³², Aristogíton, habitante da cidade [de Atenas], cidadão de média posição, como [seu] erastés o tomou. Harmódio, assediado, porém não conquistado, por Hiparco o filho de Pisístrato, foi reunir-se com a Aristogíton [para lhe relatar o caso]. Esse, muito doído [de ciúme] amoroso, temendo que Hiparco pudesse tomar [o jovem] pela força, imediatamente começou a tramar como, dentro de suas possibilidades (lit. “de acordo com o seu valor [social] corrente”), dissolver a tirania.³³

Traduzir, no entanto, “ἐραστής ὢν εἶχεν αὐτόν” por “o tomou como amante” é impor sobre o substantivo grego “ἐραστής” um sentido totalmente anacrônico, já que “amante” em sua acepção moderna, e quando usado para referir-se ao relacionamento entre pessoas, não pode prescindir do sentido “parceiro sexual”, o que não é verdade no caso de “ἐραστής”. A idéia de que relacionamentos pederásticos implicavam *a fortiori* em um envolvimento sexual entre os parceiros parte do pressuposto de que, para os gregos, como para nós, a escolha de parceiro sexual dependia de uma identificação com um determinado comportamento sócio-sexual, quando na verdade, ela era apenas uma questão de ocasião³⁴. Ou seja, é totalmente anacrônica a noção de que Harmódio e Aristogíton eram uma espécie de “gay couple”³⁵, como podemos ser levados a imaginar.

Certamente havia algum grau de envolvimento sexual entre os parceiros (seria excepcional que num ambiente como o proporcionado pela convivência pederástica não houvesse alguma troca de carinho homoerótico ou mesmo relações

³² Entre os 18 e 21 anos, logo no início do crescimento da barba, quando os jovens deixavam de ser παῖς e se tornavam μειράκιον (diminutivo de μείραξ, o termo reservado para meninas da mesma idade).

³³ Tuc. 6.54.2-3.

³⁴ Posição inaugurada por J. K. Dover (1979) e, com algumas diferenças, por Foucault (1984).

³⁵ Hubbard (2003), p. 1: “The term ‘homosexuality’ is itself problematic when applied to ancient cultures, inasmuch as neither Greek nor Latin possesses any one word covering the same semantic range as the modern concept”.

sexuais mais completas³⁶), mas ainda que essa fosse uma característica importante da pederastia, ela não era essencial e, no caso do tiranicínio, não foi decisiva. Corrobora essa hipótese, o fato de que as fontes não parecem salientar o viés erótico, nem o tratar como preponderante para a instauração da crise com os tiranos. Em outras palavras, as implicações culturais do paroxismo de Aristogíton aludido por Tucídides ao saber do assédio de Hiparco vão muito além do que modernamente poderíamos classificar como uma “disputa amorosa” e englobam desde noções, já na época conflituosas, sobre o que seria a pederastia e em que práticas implicava, até a idéia bastante difundida sobre o caráter abusivo de toda tirania, vista como intrinsecamente dada ao excesso e ao abuso.

Em primeiro lugar, gostaríamos de chamar a atenção para a possível brecha temporal no excerto de Tucídides, citado acima, que engloba as (a) investidas de Hiparco sobre Harmódio, (b) a queixa desse sobre o comportamento do tirano para Aristogíton e (c) a decisão do último de derrubar a tirania. A menos que Tucídides esteja fazendo um apanhado geral do assunto a ser tratado, de que forma, poderíamos explicar Aristogíton indo de (b) a (c) em apenas um instante, como Tucídides dá a entender (ἐπιβουλεύει εὐθὺς ὥς κατάλυσιν τῇ τυραννίδι)? Levando-se em consideração todo o perigo envolvido em uma decisão como essa, tanto para os dois jovens quanto para suas famílias e amigos, essa idéia parece pouco provável.

É possível que, antes da decisão de Aristogíton de tramar contra Hiparco e/ou contra a tirania, boatos sobre seu relacionamento com Harmódio já circulassem há algum tempo por Atenas, os quais seriam os do tipo usual: de que Harmódio, por ser

³⁶ *Op. cit., loc. cit.*, p. 11, *et. seq.*

mais novo, seria efeminado (μαλακός), e/ou que teria um papel passivo (κιναίδος) na relação com Aristogíton, e/ou que este corrompia o jovem, forçando-o a ter relacionais sexuais contra sua vontade e etc. Dentro desse contexto, a observação de Tucídides “πειραθεὶς δὲ ὁ Ἀρμόδιος ὑπὸ Ἱππάρχου τοῦ Πεισιστράτου καὶ οὐ πεισθεὶς” faria mais sentido, já que o verbo πειράω, aqui na forma do particípio passivo com agente da passiva expresso, ὑπὸ Ἱππάρχου, indica que Hiparco pusera o jovem e, conseqüentemente, sua reputação, literalmente, “à teste”, ouseja, tentara seduzi-lo.

Sendo o mais belo jovem da sociedade ateniense de então, a posse de Harmódio por um membro não-aristocrático da sociedade, como era o caso de Aristogíton (ἀνὴρ τῶν ἀστών, μέσος πολίτης, i.e., cidadão de *classe média*, provavelmente comerciante), deveria causar alguma espécie de escândalo àqueles no topo da pirâmide, principalmente aos irmãos tiranos, mas a Hiparco em especial, famoso por seu bom gosto e acostumado a obter tudo aquilo que pudesse exaltar sua posição privilegiada³⁷. Desse ponto de vista, para Hiparco, não seria apenas uma questão de realizar um desejo pessoal, mas também o de assumir um papel e uma posição até mesmo exigida por seus pares. Somente roubando de Aristogíton o “prêmio” (γέρας) representado por Harmódio é que poderia fazer o fiel da balança (onde sua τιμή e a de seu adversário eram medidas) pender para o seu lado.

³⁷ Arist., *Const. dos Aten.*, 18.1: “ὁ δὲ Ἱππαρχος παιδιώδης καὶ ἐρωτικὸς καὶ φιλόμουσος ἦν”.

Dentro de um sistema relativo de τιμή,³⁸ como o era a sociedade grega, Aristogíton, de certa forma, apropriara-se de um referencial de status não permitido para sua condição de acordo com o seu ranque pré-estabelecido, ainda que tacitamente, pela aristocracia local, o que, obviamente, gerava uma grande instabilidade. Esse jogo de τιμή, no entanto, seria, na brilhante expressão de Gouldner³⁹, sempre um de soma zero, o que implica em dizer que as repetidas e infrutíferas tentativas de Hiparco em seduzir Harmódio diminuía cada vez mais seu prestígio a cada vez que falhava, ao passo que aumentavam a de seu adversário, uma lógica expressa, aliás, na constatação de Pausânias, no *Banquete*, segundo a qual “o sucesso do erastés é visto como belo (καλόν, i.e., socialmente elogiável), ao passo que seu fracasso é (socialmente) vergonhoso (αἰσχρόν)”⁴⁰.

Sentindo a pressão acumular-se, portanto, em um dos lados da equação, e dada a condição social e os meios acessíveis a Hiparco, Aristogíton naturalmente começou a temer que o adversário pudesse tentar tomar o jovem à força (δύναμιν μὴ βίᾳ προκαγάγῃται αὐτόν), o que implicaria numa dupla derrota e vergonha para si mesmo: de uma só vez destituído de seu parceiro e igualmente humilhado em sua incapacidade de protegê-lo. Medo esse, aliás, em harmonia com a ideologia democrática em voga então, segundo a qual esse tipo de ὕβρις sexual era aquilo

³⁸ Toda minha argumentação aqui foi inspirada por Werner, C. (2004), p. 231 *et. seq.*, *Timê e Geras*, e, embora lá a argumentação seja voltada para o mundo da épica, acredito que algumas características dese “jogo de τιμή” são também extensíveis, talvez não à sociedade ateniense em si, mas certamente à sua dinâmica como retratada no discurso de historiadores, nas tradições da pólis/ de famílias e no mito.

³⁹ A. Gouldner, *Enter Plato*, New York, 1965, p. 49. *Apud* Cohen (1987). Mais tarde expandido por Redfield (1975), p. 33: “Timê is always relative: it is a measure of men’s standing in relation to one another. A man’s timê is thus the index of his place in a zero-sum system. Timê awarded to one must in effect be withdrawn from others”

⁴⁰ Plato, *Banquete*, 182d-e: καὶ ἐλόντι τε καλὸν δοκεῖ εἶναι καὶ μὴ ἐλόντι αἰσχρόν.

que se poderia (ou se deveria) esperar das ações de um tirano, principalmente no que diz respeito ao uso da força (βίη) para obtenção de favores sexuais⁴¹. Dessarte, não é surpreendente que, de acordo com a interpretação dos fatos como apresentados em Tucídides, a primeira intenção do amante enciumado tenha sido a de tramar contra a tirania⁴² e não contra o tirano. Paralelos como esse, que mostram tiranos como governantes dominados pelo desmando não são propriamente raros na literatura ou historiografia gregas e irão se constituir em um *topos* na literatura ateniense do V século⁴³.

Não obstante, de acordo com o expresso pelas fontes, Hiparco não pretendia usar a força para submeter Harmódio⁴⁴, o que poderia colocá-lo em uma situação delicada e diminuir seu prestígio junto ao povo⁴⁵. Todavia, vendo que suas investidas seriam de toda forma infrutíferas⁴⁶, parece ter decidido humilhá-lo publicamente

⁴¹ A única pesquisadora que conheço a adorar uma visão semelhante e, na minha opinião, definitiva, sobre a natureza do insulto de Hiparco a Harmódio é Lavelle (1986), que a esse respeito nos diz, p.328: “*Sexual insult was the particular domain of the tyrant, since the autocrat could in this most crude way index his power and powerful distinction from other men*”.

⁴² Ver mais abaixo.

⁴³ Respeitado o abismo (sócio-cultural, antropológico, mítico...) que separa os poemas hesiódicos e homéricos da natureza dos tiranos do VI século, a figura dos βασιλῆς δορωφόροι (Trabalhos e Dias, 261) ou de um Agamêmnon, não deixa de ser um mito-arquétipo operante, talvez muito por contraste (aristocracia x isonomia/democracia). Confira, por exemplo, a caracterização de Otanes Herod. 3.80.5. Também a análise de Plutarco *Mor.* 262b e seg. sobre a estreita relação entre poder tirânico e abuso sexual. Aristóteles, na *Política* (1311b e 1314b) aponta esse excesso como uma das principais causas da queda dos tiranos e de seus governos. Finalmente o caso de Hiparinos e Antiléon, como contado por Fânias de Eresus (16 FHG), e que apresenta inúmeras semelhanças com o de Harmódio e Aristogiton, é paradigmático dessa atitude tirânica.

⁴⁴ Tuc. 54.4: “βίαιον μὲν οὐδὲν ἐβούλετο δρᾶν”.

⁴⁵ As leis atenienses relativas ao abuso contra jovens eram bastante complicadas e “ποικίλη”, para usar a definição de Pausânias, no *Banquete*. Remeto o leitor interessado ao excelente artigo de Cohen (1987). Além disso, não devemos nos esquecer que o pai de Hiparco, Pisístrato, fora expulso de Atenas por Megaclés justamente por ter relações sexuais com a irmã deste último “οὐ κατὰ νόμον” (Heródoto 1. 61). Fontes sobre esse assunto, *apud* Lavelle, *op. cit.* n. 41; cf. Campbell, 270-71 e M. R. Lefkowitz and M. B. Fant, *Women in Greece and Rome* (Toronto 1977) 84 86.

⁴⁶ *Idem, ibidem*: “αὐτῆς πειράσας οὐδὲν μᾶλλον ἔπειθε τὸν Ἀρμόδιον”.

(προυπηλάκιεν, lit. *cobrir de lama*), e da pior forma possível⁴⁷, negando à sua irmã a posição de carregadora-do-cesto (κανηφόρη) na Grande Panatenáia e, dessa feita, levantando dúvidas sobre sua castidade ao alegar que ela não seria “digna” (διὰ τό μὴ ἀξίαν εἶναι) para esse serviço religioso, além de acusar ao próprio Harmódio de ser efeminado (μαλακός):

τὸν δ' οὖν Ἀρμόδιον ἀπαρνηθέντα τὴν πείρασιν, ὥσπερ διανοεῖτο, προυπηλάκιεν: ἀδελφὴν γὰρ αὐτοῦ κόρην ἐπαγγείλαντες ἤκειν κανοῦν οἴκουσαν ἐν πομπῇ τινί, ἀπήλασαν λέγοντες οὐδὲ ἐπαγγεῖλαι τὴν ἀρχὴν διὰ τὸ μὴ ἀξίαν εἶναι.

Tendo sua investida sido negada por Harmódio, tramou [sc. Hiparco] insultá-lo da seguinte forma: tendo convocado sua irmã para carregar o cesto em uma determinada procissão, eles a enxotaram, dizendo-lhe que não a tinham convocado por não ser digna para a liderança [da mesma].⁴⁸

Θέτταλος δὲ νεώτερος πολὺ καὶ τῷ βίῳ θρασὺς καὶ ὑβριστής, ἀφ' οὗ καὶ συνέβη τὴν ἀρχὴν αὐτοῖς γενέσθαι πάντων τῶν κακῶν. ἐραθεῖς γὰρ τοῦ Ἀρμοδίου καὶ διαμαρτάνων τῆς πρὸς αὐτὸν φιλίας, οὐ κατεῖχε τὴν ὀργήν, ἀλλ' ἐν τε τοῖς ἄλλοις ἐνεσημαίνετο πικρῶς, καὶ τὸ τελευταῖον μέλλουσιν αὐτοῦ τὴν ἀδελφὴν κανηφορεῖν Παναθηναίοις ἐκώλυσεν, λοιδορήσας τι τὸν Ἀρμόδιον ὡς μαλακὸν ὄντα (...)

Tétalos era muito mais novo e, por costume, violento e dado a excessos, e ocorreu de ser ele a origem de todos os males que lhes [sc. a Tetalos e/ou aos Tiranos] advieram. Apaixonado por Harmódio e vendo-se afastado de sua amizade, não pode conter sua raiva, a qual demonstrou amargamente de várias maneiras até que, finalmente, quando a irmã daquele estava prestes a se tornar Carregadora-do-cesto na Panatenáia, ele a rejeitou, vituperando alguma coisa sobre Hiparco ser efeminado(...)⁴⁹

Ἴππαρχος ἀνηρέθη ὑπὸ Ἀρμοδίου καὶ Ἀριστογείτονος ὅτι ἐν τοῖς Παναθηναίοις κομίσαι κανοῦν τῇ θεῷ κατὰ τὸν νόμον τὸν ἐπιχόριον οὐκ εἶαε τὴν ἀδελφὴν τὴν Ἀρμοδίου ὡς μὴ ἀξίαν οὔσαν.

⁴⁷ Papel atribuído a um jovem desconhecido, Tétalos, no relato de Aristóteles *op. cit.* n. 37. 18.2, o qual pode ser o mesmo a que Platão, no *Hiparco* 229d, se recusa a nomear, embora aí inverta a situação como contada por Aristóteles.

⁴⁸ *Op. cit.* n. 37, 6.56: 1-3.

⁴⁹ Arist. *Const. Aten.* 18:2-3.

*Hiparco foi morto por Harmódio e Aristogíton porque não permitiu que a irmã de Harmódio carregasse o cesto à deusa, segundo a lei da cidade, na Panatenaia, alegando não ser ela digna para tanto.*⁵⁰

Os excertos acima, tomados em conjunto com o início do relato de Tucídides (6.54.2-3), deixam claro que tanto as investidas prévias de Hiparco, quanto a ofensa à sua irmã, em primeiro lugar, e em seguida contra o próprio, quando esse fora tirar satisfações com os Tiranos (ou, de acordo com Aristóteles, com Hiparco e Tétalos), já deveriam ter ocorrido previamente à decisão de Aristogíton de tramar contra a tirania. O que poderia levá-lo, no entanto, a uma decisão tão radical?

Mais do que o assédio de Hiparco ao seu “παῖς” e as especulações sobre uma concorrência entre aquele e Aristogíton pelo “amor” de Harmódio, uma ofensa real à sua honra, à honra de seu protegido e à família desse último certamente poderiam despertar a reação violenta, descrita por Tucídides e Aristóteles: “χαλεπῶς δὲ ἐνεγκόντος τοῦ Ἀρμοδίου πολλῶ δὲ μᾶλλον δι’ ἐκείνον καὶ ὁ Ἀριστογείτων παρωξύνετο” (*Harmódio sofreu duramente com isso, mas – sobretudo por causa do jovem, Aristogíton exasperou-se*).⁵¹ e (...) ὅθεν συνέβη παροξυνθέντα τὸν Ἀρμόδιον καὶ τὸν Ἀριστογείτονα πράττειν τὴν πράξιν μετεχόντων πολλῶν, (*de onde [i.e. do insulto à irmã de Harmódio e ao fato de ser acusado de efeminado] partiu o exaspero que levou Harmódio e Aristogíton a realizar a ação na qual muitos tomaram parte*).⁵²

Mesmo que Tucídides, no início de seu relato, amarre todo o episódio do tiranicídio a uma única situação, sc., ἡ ἐρωτικὴ ξυντυχία, aos poucos ele a elabora

⁵⁰ Élio Aristides, *História Verdadeira*, 11.8.

⁵¹ *op. cit., loc. cit.*, n. 44.

⁵² *op. cit., loc. cit.*, n. 37.

e a diferença de acordo com suas causas⁵³, donde vemos mais claramente que embora “a ação de coragem”, “a gesta” (τόλμημα) empreendida pelos amantes tenha acontecido no contexto de uma relação amorosa, foram os insultos dirigidos à Harmódio e a sua família o verdadeiro estopim das ações de Aristogíton. Mas como conciliar isso com a idéia que se desenvolveria mais tarde de que o crime fora “*un affaire d’amour*”? Ou então, se não o fora, por que Aristogíton deixara-se levar numa aventura tão arriscada e que terminaria com a sua morte, a de seus amigos/comparsas e (presumidamente) familiares? Não seria mais fácil simplesmente afastar-se do jovem? Para responder essas questões somos obrigados a considerar um outro aspecto da pederastia grega que pouco ou nada tinha a ver com o sexo:

The most desirable boys were precisely those from elite families, like Alcibiades or Timarchus, and the goal of a pedagogical mentorship was not to objectify and subordinate them, but to advance their socialization into the elite male world of the symposium and athletics, and eventually politics and the life of the mind. Indeed, it was to make them as much like their lover as possible, a true mirror image.

Os garotos mais desejados eram, precisamente, aqueles de famílias da elite, como Alcibíades ou Timarco, e o objetivo de uma instrução pedagógica não era subordiná-los, mas avançar sua socialização no mundo masculino e elitista do simpósio e dos jogos atléticos, e, finalmente, na política e na vida intelectual. De fato, era fazê-los o mais parecidos possível com seu amante, uma verdadeira imagem especular.⁵⁴

Ἐκοινώνουν δὲ οἱ ἔρασταὶ τοῖς πασιδὶ τῆς δόξης ἐπ’ ἀμφοτέρω καὶ λέγεται ὅτε παιδός ἐν τῷ μάχεσθαι φωνὴν ἀγεννῇ προεμένου ζημιωθῆναι τὸν ἔραστὴν ὑπὸ τῶν ἀρχόντων.

Partilhavam os amantes da reputação de seus meninos, para o bem ou para o mal. Diz-se que uma vez, quando um menino, durante uma

⁵³ Lavelle, (1986), p.118: “As Miller has pointed out, there are actually two motives for the tyrannicide in Thucydides’ account, Aristogeiton’s jealousy and the insult to Harmodios’ sister. Harmodios participated as a conspirator really only after the insult and, although Thucydides stitches the motivation together early on in his digression (VI.54. 1), he acknowledges their separation later (VI.57.3) where he states that Aristogeiton acted from love-induced anger, Harmodios from outrage (...)”

⁵⁴ Hubbard, *op. cit.*, n. 35, p.12.

*luta, pronunciou uma palavra chula, seu amante foi multado pelos arcontes.*⁵⁵

Desse ponto de vista, qualquer insulto dirigido à Harmódio, seria automaticamente estendido à Aristogíton que, como *erastés*, era responsável por preservar a honra não somente do jovem, mas de toda a sua família. Harmódio sabia disso e, por isso mesmo, relatava (καταγορεύει), sempre que possível, todos os insultos que sofria nas mãos de Hiparco. Mas é improvável que o mero assédio daquele ou mesmo insultos mais leves, fossem capaz de levar Aristogíton ao extremo de conspirar contra os filhos de Pisístrato. É somente depois do episódio da desqualificação irmã de Harmódio da caneforia e da ridicularização do jovem e de sua família que seu *erastés* decide vingar-se. A partir daí a idéia original do assassinato começa a descolar-se de seu motivo superficial, o de uma simples *vendetta*, para tomar ares de uma conspiração maior, organizada, talvez, com a ajuda de membros influentes da sociedade ateniense.⁵⁶

É provável que a decisão de matar Hiparco tenha se resolvido dentro de um sistema de possibilidades mais acessíveis a Aristogíton. Ele, nos informara Tucídides, era um ἀνὴρ τῶν ἀκτῶν μέγας πολίτης, i.e., um cidadão da “classe média” ateniense, no que implica dizer que não provinha da aristocracia; muito pelo contrário, sua tribo, a dos Gefireus, tinha raízes na Erétria e, de acordo com Heródoto, sua ascendência seria fenícia:

οἱ δὲ Γεφυραῖοι, τῶν ἦσαν οἱ φονέες οἱ ἱππάρχου, ὡς μὲν αὐτοὶ λέγουσι, ἐγγόνεσαν ἐξ Ἑρετρίης τὴν ἀρχήν, ὡς δὲ ἐγὼ ἀναπυνθανόμενος εὕρισκω, ἦσαν Φοίνικες τῶν σὺν Κόδμῳ ἀπικομένων Φοινίκων ἐς γῆν τὴν νῦν Βοιωτίην καλεομένην, οἶκον δὲ τῆς χώρας ταύτης

⁵⁵ Plut. *Licurgo*, 18.4.

⁵⁶ Cf. Seremetakis (1991) e Holst-Warhaft (1992) para uma análise mais detalhada das origens e desenvolvimento das *vendette* familiares na Grécia.

ἀπολαχόντες τὴν Ταναγρικὴν μοῖραν. ἐνθεῦτεν δὲ Καδμείων πρότερον ἐξαναστάντων ὑπ' Ἀργείων, οἱ Γεφυραῖοι οὗτοι δεύτερα ὑπὸ Βοιωτῶν ἐξαναστάντες ἐτράποντο ἐπ' Ἀθηνέων. Ἀθηναῖοι δὲ σφέας ἐπὶ ῥητοῖσι ἐδέξαντο σφέων αὐτῶν εἶναι πολίητας, πολλῶν τετῶν καὶ οὐκ ἄξιαπηγῆτων ἐπιτάξαντες ἔργεσθαι.

Os Gefireus, donde eram os assassinos de Hiparco, como eles mesmos diziam, originaram-se na Erétria; mas de acordo com aquilo que eu, investigando, descobri, eram fenícios que junto com Cadmo e outros fenícios chegaram à terra que agora é chamada Beócia, onde receberam, por lote, o distrito de Tânagra. De lá os cadmeus foram primeiramente expulsos pelos argivos e, de seu turno, o foram os Gefireus pelos beócios, que então se voltaram para as terras atenienses. A esses os atenienses receberam entre os seus como cidadãos sob certas condições e termos, sem que aqueles pudessem participar de muitos de suas obrigações, as quais não vale a pena mencionar.

Certamente, para Aristogítōn, matar Hiparco pura e simplesmente não seria uma solução, já que Hípías, que detinha realmente a tirania, executaria represálias não só contra Harmódio, mas principalmente contra a família de ambos, sendo suas mortes dadas como certas, como já consideramos. O opróbrio, além do mais, de ter o nome de seu clã ligado ao crime de tiranicídio, sem que nenhum lucro efetivo daí adviesse, deveria lhe parecer uma perspectiva sombria ao mesmo tempo que inútil, como aliás o pareceria para qualquer ateniense.

Seria razoável pensarmos que o plano seria a de executar ambos os tiranos, para esfacelar o poder nos Pisistrátidas na cidade e dar coragem à população para que essa se juntasse aos revoltosos sem temer conseqüências, caso um dos irmãos sobrevivesse (cf. citação abaixo). Para isso, contudo, os dois deveriam ser emboscados quando estivessem juntos, provavelmente no final da procissão ou, caso isso não fosse possível, em alguma outra ocasião em que o protocolo exigisse a presença de ambos.

1.3.2 Conspiração e Tocaia

É revelador que apenas após mencionar o insulto à irmã de Harmódio (6.56.1) e a ὕβρις a que fora submetido o jovem, que Tucídides retome a decisão de Aristogíton de dissolver o governo dos pistrátidas, primeiramente mencionado em 6.54.3:

καὶ αὐτοῖς τὰ μὲν ἄλλα πρὸς τοὺς ξυνεπιθηκομένους τῷ ἔργῳ ἐπέπρακτο, περιέμενον δὲ Παναθήναια τὰ μεγάλα, ἐν ἧ μόνον ἡμέρᾳ οὐχ ὑποπτον ἐγίγνετο ἐν ὅπλοις τῶν πολιτῶν τοὺς τὴν πομπὴν πέμψοντας ἀθρόους γενέσθαι καὶ ἔδει ἄρξαι μὲν αὐτούς, ξυνεπαμύνειν δὲ εὐθὺς τὰ πρὸς τοὺς δορυφόρους ἐκείνους. ἦσαν δὲ οὐ πολλοὶ οἱ ξυνομωμοκότες ἀσφαλείας ἔνεκα: ἤλπιζον γὰρ καὶ τοὺς μὴ προειδότας, εἰ καὶ ὅποσοιῦν τολμήσειαν, ἐκ τοῦ παραχρῆμα ἔχοντάς γε ὅπλα ἐθέλῃσιν σφᾶς αὐτοὺς ξυνελευθεροῦν.

E esses, tendo definido um plano de ação com os seus coadjutores, somente esperaram pela grande Panatenáia, único dia no qual os cidadãos celebrantes podiam seguir em procissão armados sem que isso levantasse suspeitas. Esses mesmos deveriam começar [o levante], sendo imediatamente ajudados a repelir os lanceiros [da guarda]. Não eram muitos os conjurados, devido à incerteza [ligada à ação]: tinham esperanças, portanto, que aqueles que nada sabiam de antemão, e quantos tivessem coragem, presentes na hora do ataque e já que portavam armas, desejassem a eles se juntar na libertação..

Aqui, no entanto, somos apresentados a um terceiro grupo, os ξυνεπιθηκομένοι, cuja identidade iremos a partir de agora investigar. O uso do deverbativo ξυνομωμοκότες, “conjurados”, deixa pouco espaço para dúvida sobre o objetivo da associação de pessoas a que Aristogíton recorrera. Esse adjetivo é usado especificamente pra descrever pessoas unidas por um juramento (ὄρκον) com vistas a uma causa comum, a qual geralmente é a execução de algum adversário⁵⁷. No entanto, Tucídides não menciona nenhum nome, exceto o dos Tiraníidas, embora seja improvável que nenhum relato (oral ou escrito) tenha

⁵⁷ Exemplos da seriedade do juramento denotado por esse adjetivo não faltam. Confira o dos Lícios do Xanto, sob a invasão de Harpago, que juraram queimar a cidade para que o tirano não a conquistasse ou, então, morrer na tentativa, Herod. 1.176.2: ταῦτα δὲ ποιήσαντες καὶ συνομόσαντες ὄρκους δεινούς, ἐπεξελθόντες ἀπέθανον πάντες Ἕανθιοι μαχόμενοι. Ou então Esq. Coef. 978-80: ὄρκος τ' ἐμμένει πιστώμασι. ξυνώμοσαν μὲν θάνατον ἀθλίῳ πατρὶ καὶ ξυνθανεῖσθαι: καὶ τὰδ' εὐόρκως ἔχει.

sobrevivido, à época do historiador, que identificasse pelo menos alguns dos que tomaram parte no complô.

O fato de os conspiradores decidirem esperar (περιέμενον δὲ) pela Grande Panatenáia e de os Tiranícidias terem sido os escolhidos para iniciar o ataque - certamente aguardando até que ambos os irmãos pudessem ser apanhados juntos - quando então outros a eles se juntariam (ξυνεπαμύνειν δὲ εὐθὺς) para render a guarda, demonstra que houve um tempo suficiente para um planejamento, onde uma estratégia de ação (τὸν ἔργον/τὴν πράξιν) pôde ser definida e a melhor oportunidade para a efetiva realização da mesma fixada. Infelizmente para os insurrectos a ação acabou sendo precipitada pelo pavor⁵⁸ (real ou não, nunca saberemos) de que um dos aliados (κοινωνοῦντο⁵⁹) houvesse traído a causa:

καὶ ὡς ἐπῆλθεν ἡ ἑορτή, Ἰππίας μὲν ἔξω ἐν τῷ Κεραμικῷ καλουμένῳ μετὰ τῶν δορυφόρων διεκόσμει ὡς ἕκαστα ἔχρην τῆς πομπῆς προϊέναι, ὁ δὲ Ἀρμόδιος καὶ ὁ Ἀριστογείτων ἔχοντες ἤδη τὰ ἐγχειρίδια ἐς τὸ ἔργον προῆσαν. καὶ ὡς εἶδόν τινα τῶν ξυνωμοτῶν σφίσι διαλεγόμενον οἰκείως τῷ Ἰππία ἦν δὲ πᾶσιν εὐπρόσδοτος ὁ Ἰππίας, ἔδειξαν καὶ ἐνόμισαν μεμνηῦσθαι τε καὶ ὅσον οὐκ ἤδη ξυλληφθήσεσθαι.

E assim sobreveio a festa, enquanto Hípias se encontrava no chamado Cerâmico organizando a procissão junto com os lanceiros - como a cada um caberia seguir no cortejo - Harmódio e Aristogiton, de posse já das espadilhas, por lá passavam em vistas de pôr o plano em ação. E, vendo um dos conspiradores conversando naturalmente com Hípias – de fato sempre muito acessível a todos – temeram e julgaram ter sido traídos e de estarem já a ponto de ser feitos prisioneiros.⁶⁰

Aristóteles apresenta-nos, contudo, uma versão algo diferente, colocando Hípias na Acrópole, ao invés de no Cerâmico, que ficava perto dos portões da Ágora:

⁵⁸ Tuc. 6.59.1: ἡ ἀλόγιστος τόλμα ἐκ τοῦ παραχρήμα περιδεοῦς Ἀρμοδίῳ καὶ Ἀριστογείτονι ἐγένετο.

⁵⁹ *Idem, ibidem.*

⁶⁰ *Idem, ibidem, passim.*

ἤδη δὲ παρατηροῦντες ἐν ἀκροπόλει τοῖς Παναθηναίοις Ἱππίαν ἐτύγχανεν γὰρ οὗτος μὲν δεχόμενος, ὁ δ' Ἱππαρχος ἀποστέλλων τὴν πομπήν, ἰδόντες τινὰ τῶν κοινωνούντων τῆς πράξεως φιλανθρώπως ἐντυγχάνοντα τῷ Ἱππίᾳ, καὶ νομίσαντες μηνύειν, βουλόμενοί τι δρᾶσαι πρὸ τῆς συλλήψεως, καταβάντες καὶ προεξαναστάντες τῶν ἄλλων, τὸν μὲν Ἱππαρχον διακοσμοῦντα τὴν πομπήν παρὰ τὸ Λεωκόρειον ἀπέκτειναν, τὴν δ' ὅλην ἐλυμήναντο πρᾶξιν.

*Já na Acrópole, estavam vigiando Hípias [desde aquele ponto], porque a este coubera receber os celebrantes da Panatenáia, enquanto Hiparco dispersava a procissão; assim, vendo um dos conjurados amigavelmente tratando com Hípias, acreditaram que os delatava e quiseram fazer algo antes que os prendessem: atacando sem esperar pelos outros, mataram Hiparco, que organizava a procissão junto ao Leocoréio, arruinando todo o plano.*⁶¹

Seja como for, fica evidente que somente no fim da procissão os dois irmãos iriam se encontrar, o que deveria ser proposital, justamente para evitar um ataque. A informação de que um dos conspiradores fora visto conversando “amigavelmente” (φιλανθρώπως) - na expressão de Tucídides ou “familiarmente/ intimamente” (οἰκείως), na de Aristóteles - com Hípias pode nos dar a dimensão do envolvimento de pessoas muito íntimas dos tiranos.

De fato, embora Harmódio tenha sido executado já no local pela guarda de Hiparco, Aristogíton foi detido e torturado⁶², a fim de que pudesse revelar o nome de seus comparsas, entre os quais, de acordo com Aristóteles, estariam “homens de

⁶¹ Arist. *op. cit.* n. 37, 18.3-4. Parece haver uma confusão sobre a direção dada à Procissão da Panatenáia nessa passagem, já que o costume mandava que os celebrantes partissem do Dípiol em direção à Acrópole. A maioria das edições e traduções (Kenyon, 1920; Sandys, 2000; Everson, 1996; Rackham, 1952), no entanto, não comenta esse paradoxo, que pode ser resolvido se entendermos δεχόμενος por “admitir, aceitar, deixar fazer parte” da procissão (i.e., revistar a procura de armas) e ἀποστέλλων no sentido de “dispensar” [sc.os participantes que houvessem completado o trajeto].

⁶² Tuc. 6.57.4: καὶ ὁ μὲν τοὺς δορυφόρους τὸ αὐτίκα διαφεύγει ὁ Ἀριστογείτων, ξυνδραμόντος τοῦ ὄχλου, καὶ ὕστερον ληφθεὶς οὐ ῥαδίως διετέθη: Ἀρμόδιος δὲ αὐτοῦ παραχρῆμα ἀπόλλυται. Arist. *Op. cit.* n. 37, 18.4: αὐτῶν δ' ὁ μὲν Ἀρμόδιος εὐθέως ἐτελεύτησεν ὑπὸ τῶν δορυφόρων, ὁ δ' Ἀριστογείτων ὕστερον, συλληφθεὶς καὶ πολὺν χρόνον αἰκισθεὶς.

natureza aristocrática e amigos dos tiranos”⁶³. Ele ressalva, no entanto, que as opiniões quanto à veracidade das informações reveladas sob tortura dividiam-se entre aqueles que viam nelas a expressão da verdade e os que acreditavam ser esse apenas o stratagem final, desesperado, de Aristogíton para tentar desestabilizar o governo de Hípias, voltando-o contra seus próprios aliados. De qualquer forma, nenhum dos nomes possivelmente implicados chegou até nós, embora entre esses devessem estar aqueles das inúmeras famílias imediatamente enviadas ao exílio nos seus últimos três anos em que vigiu a tirania, entre as quais a mais famosa era a dos alcmeônidas.

⁶³ *Op. cit.* n. 37, 18.4: οἱ καὶ τῇ φύσει τῶν ἐπιφανῶν καὶ φίλοι τοῖς τυράννοις ἦσαν.

Figura 2 - Ágora circa 450 a.C.: A - Colunata Colorida (Στοὰ Ποικίλη); B - Colunata do Rei; C – Colunata de Zeus; D - Via da Panatenáia; E – Bouleutério; F – Tolos; G – Altar dos Doze Deuses; H – Templo de Hefesto; I – Colunata do Sul (à esquerda, a Fonte Pública); J – Cadeia Pública.

1.3.3 O envolvimento dos alcmeônidas

Após a expulsão de Hípias pelos espartanos, o partido que mais lucrou com a nova situação foi o dos alcmeônidas, que puderam retornar do exílio e outra vez ter voz ativa na vida política da cidade. No entanto, foi também durante essa época que o mito dos Tiranícidás cresceu e se solidificou, e com um amplo apoio do Estado. Como então poderíamos explicar uma conspiração para o assassinato dos tiranos patrocinada pelos alcmeônidas e, ao mesmo, tempo dar conta do fato de que esses, uma vez tendo batido Isócrates na luta pelo poder na cidade, jamais se aproveitaram

desse fato, relegando o título de Liberadores a dois Gefireus de “ascendência cadméia”, como aliás gostava de salientar Heródoto?

Ora, sabemos que desde o rompimento da aliança entre alcmeônidas e os filáides, advindo do desastroso casamento da irmã de Megaclés⁶⁴ com Pisístrato - o que o levava pela segunda vez ao poder absoluto em Atenas - aqueles primeiros, exilados da cidade sob o pretexto de serem amaldiçoados⁶⁵, tramavam a expulsão do tirano. A primeira tentativa ocorrera em Leipsídrio⁶⁶, uma cidade perto da Peônia, onde a resistência, não obstante, fora esmagada. Logo depois, esses mesmos, através de um contrato com os Anfictiónes para a reconstrução do templo de Delfos⁶⁷, destruído em 548, conseguiram subornar a sacerdotisa⁶⁸ para que induzisse os espartanos a expulsar Hípias de Atenas e, finalmente, foi um dos membros dessa família, Clístenes, o responsável pelas reformas que solidificaram as instituições democráticas (ἰσονομία) na cidade.

Se coube a Clístenes a voz de comando na trama contra os tiranos, ou se agiu sozinho ou com a ajuda de aliados, não temos como saber, mas não há dúvida de que os alcmeônidas tiveram um papel principal, senão decisivo, na derrocada da tirania e não seria surpreendente que estivessem por trás do assassinato de Hiparco. Talvez os repetidos fracassos anteriores pudessem tê-los levado a considerar a possibilidade de trabalhar o golpe de outra forma, justamente através de uma conspiração que desfavorecesse os filhos de Pisístrato frente ao *dēmos*, que

⁶⁴ Neto do outro Megaclés, o assassino de Cílon, arconte epônimo em 632 a.C. Sobre o casamento Herod. 1.60-1.

⁶⁵ Após a vitória de Pisístrato em Erétria. Sobre a maldição, cf. Herod. 5.70-1.

⁶⁶ *Circa* 514 a.C. Herod. 5.62, Arist. *op. cit.* n. 37, 19.3. Os remanescentes do forte lá construído foram identificados por Milchöfer (*apud* How and Wells, 1989) nas encostas do monte Parnes, a 4 km de Menide.

⁶⁷ Filócoro, *Frag.* 115, schol. Pind. *Pit.* 7.9(b).

⁶⁸ Herod., 5.62-3.

não parecia incomodar-se muito em viver sob seu jugo⁶⁹. Que essa conspiração realmente existiu, há pouco que se duvidar; sobre como ela poderia ter se desenrolado, no entanto, podemos apenas tecer conjecturas.

Não seria surpreendente, no entanto, que Aristogíton, em suas maquinações sobre como derrubar a tirania, tivesse ido buscar a ajuda dos alcmeônidas exilados. Não há como especularmos sobre de que maneira isso poderia ter acontecido, mas que, desde a ascensão ao poder, essa família era vista com desconfiança por boa parte da população, parece ser sugerido por Heródoto na passagem em que os defende da acusação de conspiração com os persas, durante a Batalha de Maratona⁷⁰:

καὶ οἱ Ἀλκμεωνίδαι ὁμοίως ἢ οὐδὲν ἥσσον τούτου ἦσαν μισοτύραννοι. θῶμα ὦν μοι καὶ οὐ προσέειμι τὴν διαβολὴν τούτους γε ἀναδέξαι ἀσπίδα, οἵτινες ἔφευγόν τε τὸν πάντα χρόνον τοὺς τυράννους, ἐκ μηχανῆς τε τῆς τούτων ἐξέλιπον Πεισιστρατίδαι τὴν τυραννίδα, καὶ οὕτω τὰς Ἀθήνας οὗτοι ἦσαν οἱ ἐλευθερώσαντες πολλῶ μᾶλλον ἢ περ Ἀρμόδιός τε καὶ Ἀριστογείτων, ὡς ἐγὼ κρίνω. οἱ μὲν γὰρ ἐξηγρίωσαν τοὺς ὑπολοίπους Πεισιστρατιδῆων Ἱππαρχον ἀποκτείναντες, οὐδέ τι μᾶλλον ἔπαυσαν τοὺς λοιποὺς τυραννεύοντας· Ἀλκμεωνίδαι δὲ ἐμφανέως ἠλευθέρωσαν, εἰ δὲ οὗτοί γε ἀληθέως ἦσαν οἱ τὴν Πυθίην ἀναπείσαντες προσκημαίνειν Λακεδαιμονίοισι ἐλευθεροῦν τὰς Ἀθήνας, ὡς μοι πρότερον δεδήλωται.

E os alcmeônidas, da mesma forma, em nada lhe [sc. a Calias] eram inferiores em seu ódio aos tiranos. Isso é uma surpresa para mim e não admito essa acusação de que tivessem erguido um escudo, já que estavam foragidos durante todo o período [governado pelos] tiranos, sendo também eles os responsáveis pelo plano para demover os Pisistrátidas da tirania, e, assim, segundo meu julgamento, foram esses, muito mais que Harmódio e Aristogíton, os libertadores de Atenas. Porque os assassinos apenas enraivecaram

⁶⁹ Cf. Tuc. 6.54.5-6: “οὐδὲ γὰρ τὴν ἄλλην ἀρχὴν ἐπαχθὴς ἦν ἐς τοὺς πολλοὺς, ἀλλ’ ἀνεπιφθόνως κατεστήσατο: καὶ ἐπετήδευσαν ἐπὶ πλείστον δὴ τύραννοι οὗτοι ἀρετὴν καὶ ξύνεσιν, καὶ Ἀθηναίους εἰκοστὴν μόνον πρασσόμενοι τῶν γιγνομένων τὴν τε πόλιν αὐτῶν καλῶς διεκόσμησαν καὶ τοὺς πολέμους διέφερον καὶ ἐς τὰ ἱερὰ ἔθουον. τὰ δὲ ἄλλα αὐτὴ ἡ πόλις τοῖς πρὶν κειμένοις νόμοις ἐχρῆτο, πλὴν καθ’ ὅσον αἰεὶ τινα ἐπεμέλοντο σφῶν αὐτῶν ἐν ταῖς ἀρχαῖς εἶναι”.

⁷⁰ O famoso “Sinal do Escudo”, Herod. 6.121-25, a esse respeito Hudson (1937).

ainda mais os Pisistrátidas restantes ao matar Hiparco e em nada os impediram de continuar exercendo a tirania. Ao passo que os alcmeônidas claramente libertaram a cidade, se de fato foram verdadeiramente eles que convenceram a Pitonisa a instruir os Lacedemônios a libertar Atenas, como demonstrei primeiramente.

Amiúde as inúmeras dúvidas que temos sobre as circunstâncias do assassinato de Hiparco, podemos, pelo menos, ter certeza de que esse não poderia ter vindo em melhor hora para a resistência no exterior. Todas as fontes são unânimes quanto ao endurecimento do governo de Hípias após a morte de seu irmão, sua constante paranóia e a amargura que nutria pelos cidadãos. Os três anos em que ainda exerceu o comando da cidade foram uma espécie de forja na qual o espírito dos atenienses foi dobrado em ponta de lança contrária a tirania⁷¹.

1.3.4 O culto aos tiranicidas e a inauguração do herói democrático

Ateneu, no *Sábios ao Jantar*⁷² menciona as seguintes canções de Calícrates:

έν μύρτου κλαδί τὸ ξίφος φορήσω
ώσπερ Ἀρμόδιος καὶ Ἀριστογείτων
ὅτε τὸν τύραννον κτανέτην
ἰσονόμους τ' Ἀθήνας ἐποίησάτην.

Num ramo de mirto a lança carregarei
Como Harmódio e Aristogíton
Que ao tirano ambos mataram
E uma Atenas isônomia criaram.

Φίλταθ' Ἀρμόδι' οὐ τί πω τέτνηκας
Νήσοις δ' ἐν μακάρων σέ φασιν εἶναι
ἵνα περ ποδώκης Ἀχιλεὺς
Τιδείδην τέ φασι τὸν ἐσθλὸν Διομήδεα.

Amado Harmódio de modo algum estás morto!
na Ilha dos Bem-aventurados diz-se qu'estás.
Lá (ao lado de) Aquiles, pés-velozes

έν μύρτου κλαδί τὸ ξίφος φορήσω
ώσπερ Ἀρμόδιος καὶ Ἀριστογείτων
ὅτ' Ἀθηναίης ἐν θυσίαις
ἄνδρα τύραννον Ἰππάρχον ἐκαινέτην.
αἰεὶ σφωῖν κλέος ἔσσειται κατ' αἶαν.
Φίλταθ' Ἀρμόδι' οὐ τί πω τέτνηκας.
ὅτι τὸν τύραννον κτανέτην
ἰσονόμους τ' Ἀθήνας ἐποίησάτην.

Num ramo de mirto a lança carregarei
como Harmódio e Aristogíton
quando na procissão de Atenas
o homem tirano, Hiparco, mataram.
Sempre deles será a glória sobre a terra.
Amado Harmódio de modo algum estás morto!
porque ao tirano ambos mataram
E uma Atenas isônomia criaram

⁷¹ Aristóteles, *op. cit.* n. 37, 19.1: “μετὰ δὲ ταῦτα συνέβαιεν πολλῶ τραχυτέραν εἶναι τὴν τυραννίδα: καὶ γὰρ διὰ τὸ τιμωρεῖν τὰδελεφῶ [καὶ διὰ τὸ] πολλοὺς ἀνηρηκέναι καὶ ἐκβεβληκέναι, πᾶσιν ἦν ἄπιστος καὶ πικρός. ἔτει δὲ τετάρτῳ μάλιστα μετὰ τὸν Ἰππάρχου θάνατον, ἐπεὶ κακῶς εἶχεν τὰ ἐν τῷ ἄστει (...).”

⁷² 15.50.61-79. PMG 839-6.

e do filho de Tideu, o reto Diomedes.

Aqui, em primeiro lugar, percebe-se a tradição, habilmente criticada por Tucídides, em identificar Hiparco não como irmão do tirano, mas com o próprio tirano. A esse propósito, Page comenta que, das três canções, o fr. 12PMG pode ser o mais antigo justamente porque fornece uma descrição mais exata do *status* de Hiparco⁷³, mas sua hipótese não condiz com o contexto das canções, já que ἄνδρα τύραννον - algo como, “homem tirânico” (sc. de uma família de tiranos), ao invés de “o (homem) tirano”⁷⁴ – tem seu significado precisado pelos versos que lhe seguem, onde se diz que Atenas fora feita isônoma (ἰσονόμους τ’ Ἀθήνας ἐποίησάτην) posto que (ὅτι) o tirano (τὸν τύραννον) fora morto por Harmódio em conluio com mais alguém, a quem aí não se nomeia, mas que se subentende ser Aristogíton⁷⁵.

Em virtude do próprio gênero escoliástico, seria impossível precisar a precedência de um fragmento sobre o outro, uma vez que os simposiastas eras livres para improvisar sobre um determinado tema e, assim, composições diferentes surgiam por meio de *enjambements* sobre coplas precedentes, revolvendo em torno de um centro comum⁷⁶.

⁷³ Page (1981) p. 187, seguindo Ehrenberg (1956), pg. 66. Isso, segundo esses comentadores, demonstra que a canção viria de uma época em que ainda estaria preservada a distinção entre os dois irmãos.

⁷⁴ Meu raciocínio é semelhante ao de Collins (2004), p. 110 e seg.: “Both endings [sc. 10 e 12 PMG] obviously refer to Hipparchus. But the greater generalizing force produced by the lack of an article in the second couplet could be taken to mean that Hipparchus was one from among other tyrants who was killed, or who deserved to be killed”.

⁷⁵ Depreende-se que o verbo tenha dois sujeitos a partir do uso da terminação do dual tanto em ἐποίησάτην quanto em κτανέτην. Na verdade, é provável que o eu-poético dessas canções seja o próprio Aristogíton, lamentando Harmódio, que morrera *in situ* logo após atacar Hiparco.

⁷⁶ Collins, *op. cit.* n. 74, pp. 112-113, ecoando Ehrenberg, *passim*: “Bei unserer Untersuchung gehen wir also von der Voraussetzung aus, dass das Lied sich fortwährend veränderte und erneuerte, wie es sich aus der Art und Weise des von einem der Symposiasten zum anderen weitergegebenen und mindestens ursprünglich oft improvisierten Rundgesangs naturgemäß ergibt”.

O vocabulário e fraseologia utilizados explicitam já a mudança no tratamento dos amantes. Κλέος, por exemplo, é conspícuo nesse sentido pois está intimamente associado ao serviço prestado aos heróis mortos em batalha, aparecendo continuamente em todo o período das guerras médicas para caracterizar os soldados que sofreram morte no campo de batalha em uma analogia com o status dispensado aos heróis épicos. De seu turno, a “Ilha (ou Ilhas) dos Bem-aventurados” (νήκος/ νήκοι μακάρων) figura, de um lado, como um destino tradicional para os heróis da cosmogonia hesiódica⁷⁷ e, de outro, para figuras históricas heroizadas tardiamente, como Onesilos de Ciprus⁷⁸, (talvez) Equecrátides da Tessália⁷⁹, Eutimo da Lócria e, certamente, Gelo da Sicília, que residiam nesse *locus amoenus* em companhia de heróis, diferentemente dos mortais comuns, relegados à invisibilidade do Hades, a qual, não surpreendentemente, é metáfora comum para o esquecimento⁸⁰ trazido pela morte inglória, e outras vezes mesmo um local de sofrimento físico ou psicológico⁸¹.

⁷⁷ Hes. *Trabalhos e Dias*, 156-76: “καὶ τοὶ μὲν ναίουσιν ἀκηδέα θυμὸν ἔχοντες | ἐν μακάρων νήκοι παρ' Ὀκεανὸν βαθυδίνην, | ὄλβιοι ἥρωες”.

⁷⁸ Herod. 5.114.

⁷⁹ Sim. 22W².

⁸⁰ Cujas palavras de Safo (55LP) a uma desconhecida refletem toda a seriedade desse destino: “κατθανοῖσα δὲ κείῃ οὐδέ ποτα μναμοσύνα θέθεν/ ἔσσετ' οὐδέ ἴποκ' ἴϋστερον οὐ γὰρ πεδέχῃς βρόδων/ τῶν ἐκ Πιερίας· ἀλλ' ἀφάνης κήν Αἶδα δόμω/ φοιτάσεις πεδ' ἀμαύρων νεκύων ἐκπεποταμένα”.

⁸¹ Nesse último sentido, cf. especialmente Pind. *Ol.* 2.56-80: “ὅσοι δ' ἐτόλμασαν ἔστρις/ ἐκατέρωθι μείναντες ἀπὸ πάμπαν ἀδίκων ἔχειν/ ψυχάν, ἔτειλαν Διὸς ὁδὸν παρὰ Κρόνου τύρσιν: ἔνθα μακάρων/ νῆκος ὠκεανίδες/ αἴραι περιπνέουσιν, ἄνθεμα δὲ χρυσοῦ φλέγει,/ τὰ μὲν χερσὸθεν ἀπ' ἀγλαῶν δενδρέων, ὕδωρ δ' ἄλλα φέρβει”. Nessa(s) Ilha(s) a alma dos mortos não apresentava o entorpecimento característico das sombras do mundo ífero, mas gozava de uma vitalidade mesmo superior aquela experimentada em vida (οὐ τί πω τέθηκας), devido às condições propícias que aí existiam. Compare com o fr. Sim. IXFG: οὐδέ τεθνᾶσι θανόντες, ἐπεὶ σφ' ἄρητή καθύπερθε/ κυδαίνουσ' ἀνάγει δώματος ἐξ Αἶδεω. Finalmente, Para uma descrição acurada da Ilha dos Bem-aventurados, cf. o relato paródico de Luciano na *História Verdadeira* (Ἀληθῶν Διεγεμάτων), 2.4-29.

A expressão *κέ φασι εἶναι*, “*diz-se estares*”, aponta da mesma forma para um mito corrente que se valida através de uma narrativa tradicional (*τέ φασι*, “também se diz”); nesse caso, o destino de Aquiles e Diomedes no pós-morte, personagens cujo culto era vigoroso em várias cidades da Hélade. Na verdade, o uso do vocabulário épico é uma das principais formas de se investir de solenidade e antigüidade um acontecimento contemporâneo, fazendo-o integrar-se ao pano de fundo de eventos épicos, expediente útil não somente para a poesia ou oratória⁸² e que se tornará cada vez mais comum, atingindo seu ápice na época Clássica, quando o processo de apropriação e reinterpretação do legado épico estará então quase que totalmente completado⁸³.

O *terminus ante quem* de um possível culto aos Tiranícidias, portanto, é dado pela *Constituição dos Atenienses* e pelo relato de Tucídides (2.34), com a ajuda de alguns dados arqueológicos. O autor daquele primeiro tratado nos informa ser uma das funções do polemarcho justamente a de realizar os sacrifícios (*ἐναγίσματα*) destinados aos heróis mortos em guerra e também a Harmódio e Aristogíton⁸⁴. Por outro lado sabemos, também por meio de Tucídides, que esse costume já estava plenamente desenvolvido em 431, no início da guerra do Peloponeso. O historiador remete o *patrios nomos* ao tempo dos ancestrais, o que seria apenas uma forma retórica de dizer que desconhecia sua origem. Ao que tudo indica, os mortos na batalha de Maratona já haviam recebido esse mesmo tipo de tratamento, de acordo

⁸² Veja minha discussão sobre como a cena descrita por Pausânias para a Batalha de Oinoé utiliza-se dos mesmos recursos para idealizar os maratonomachoi, pp. (fr. XXIFGE).

⁸³ Do qual o *Panegírico* de Isócrates fornece o melhor exemplo. Sobre isso Boedecker (2001).

⁸⁴ Arist. *op. cit.* n. 37, 58.1: “τοῖς τετελευτηκόσιν ἐν τῷ πολέμῳ καὶ Ἀρμόδιῳ καὶ Ἀριστογείτονι ἐναγίσματα ποιεῖ”.

com as evidências de depósitos arqueológicos de oferendas encontrados no *soros*⁸⁵, o que significaria que a cerimônia mencionada por Tucídides já estava em voga em 490, provavelmente na forma descrita por Aristóteles, e que, na hipótese mais cautelosa, em 431 Harmódio e Aristogíton já deveriam receber honras de culto, como nos leva a pensar essa passagem da *De Falsa Legatione*⁸⁶, de Demóstenes:

τί οὖν, ὦ ἄνδρες Ἀθηναῖοι; τούτων οὕτως ἐχόντων, ὑμεῖς <ἐξ> ἐκείνων τῶν ἀνδρῶν ὄντες, οἱ δὲ καὶ τινὲς αὐτῶν ἔτι ζῶντες, ὑπομενεῖτε τὸν μὲν εὐεργέτην τοῦ δήμου καὶ τὸν ἐκ Πειραιῶς, Ἐπικράτην, ἐκπεσεῖν καὶ κολασθῆναι; καὶ πάλιν πρῶην Θρασύβουλον ἐκείνον τὸν Θρασυβούλου τοῦ δημοτικοῦ καὶ τοῦ ἀπὸ Φυλῆς καταγαγόντος τὸν δῆμον, τάλαντα δέκ' ὠφληκέναι, καὶ τὸν ἀφ' Ἀρμοδίου καὶ τῶν τὰ μέγιστ' ἀγάθ' ὑμᾶς εἰργασμένων, οὐς νόμῳ διὰ τὰς εὐεργεσίας ἃς ὑπῆρξαν εἰς ὑμᾶς ἐν ἅσασι τοῖς ἱεροῖς ἐπὶ ταῖς θυσίαις σπονδῶν καὶ κρατήρων κοινωνοὺς πεποιήσθε, καὶ ᾄδετε καὶ τιμᾶτ' ἐξ ἴσου τοῖς ἥρωσι καὶ τοῖς θεοῖς, τούτους μὲν πάντας τὴν ἐκ τῶν νόμων δίκην ὑπεσχηκέναι, καὶ μήτε συγγνώμην μήτ' ἔλεον μήτε παιδία κλάονθ' ὁμώνυμα τῶν εὐεργετῶν μήτ' ἄλλο μηδὲν αὐτοὺς ὠφελῆκέναι (...)

E agora, homens atenienses? Conhecedores, assim, desses [fatos], sendo vós [descendentes] daqueles varões, alguns dos quais ainda vivem, suportareis que aquele Bem-feitor do povo, aquele [que tomou parte na marcha] do Pireu, Epicrates, seja banido e repreendido? E, antes, [suportareis] que Trasíbulo - aquele filho do [outro] Trasíbulo, o Democrata oriundo de File, onde era liderava o povo – pague dez talentos, ou [ainda] que aquele descendente de Harmódio e daqueles obreiros dos vossos maiores benefícios - aos quais, pela lei, e em virtude das boas-ações que vos foram concedidas, em todos os templos e por ocasião de sacrifícios públicos fazeis libações e ofertas de bebida em comum, e para quem cantais e honrais de modo igual aos heróis e aos deuses - esses todos, reitero, [permitireis que] sejam contritos sob a penalidade das leis, de modo que nem perdão, nem lamento, nem o chorar dos filhos que partilham o nome dos Bem-feitores, nem nenhuma outra coisas, lhes seja de valia (...)?

Esse culto aludido pelo retor, e que deve ter sido instituído pelo novo governo, provavelmente teve uma parte importante no surgimento de uma versão alternativa

⁸⁵ Para uma descrição e ilustração do *soros*, Whitley (1994). Indicativos principais de oferendas são os *lekythoi* de figuras negras e a trincheira exterior, onde restos de cerâmica foram encontrados por Staïs por volta de 1890. Para uma descrição mais detalhada sobre o caráter do monumento de Maratona e o culto ligado a ele, ver meu comentário sobre o fr. XX FGE.

⁸⁶ 1-281.4.

para os fatos, no qual o papel desempenhado pelos alcmeônidas e os espartanos, verdadeiros responsáveis pela liberação da cidade, gradativamente diminuía, até desaparecer completamente. Já Platão irá colocar na boca de Sócrates que Hiparco, no lugar de seu irmão, era filho mais velho de Pisístrato e, portanto, o próprio tirano: (...) Πεισιστράτου δὲ υἱὲ τοῦ ἐκ Φιλαίδων, Ἰππάρχῳ, ὅς τῶν Πεισιστράτου παίδων ἦν πρεσβύτατος καὶ σοφώτατος (...), “o descendente de Pisístrato, aquele dos Filaidas, Hiparco, que dos filhos de Pisístrato era o mais velho e o mais sábio”.⁸⁷

Versão dos fatos ampliada ainda mais pelo texto do Mármore de Paros (A45), que irá juntar no mesmo ano o assassinato de Hiparco - aqui chamado já “sucessor” (διόδοχος) de Pisístrato – e a expulsão de Atenas dos descendentes deste último, omitindo completamente qualquer menção à ação dos espartanos e alcmeônidas: ἀφ’ οὗ Ἄρμόδιος καὶ [Ἀριστο]γείτων ἀπεκτε[ίναν] | Ἰππα]ρχον Πεισιστράτου δι[ιά]δοχ[ον], καὶ Ἀθηναῖοι [ἐξ]ανεστ[ήσαν] τοὺς Πεισιστρατίδας ἐξ τ[οῦ] Π]ελασγικοῦ τείχους, ἔτη ΗΗΔΔΔΓΙΙΙ, ἄρχοντος Ἀθήνησιν Ἀ[ρ]π[ακ]τίδου, “Desde quando Harmódio e Aristogíton assassinaram Hiparco, sucessor de Pisístrato, e os atenienses expulsaram os Pisistrátidas para fora do muro Pelásgio, CCXLVIII anos, quando era arconte entre os atenienses Harpactés”.

Page parece querer ver nessa confusão entre a indetidade dos tiranos, surgida num período não muito posterior aos eventos, uma campanha de desinformação levada a cabo por Isócrates e seus comparsas para reduzir a importância dos alcmeônidas na instauração da democracia⁸⁸, especialmente de

⁸⁷ Platão, *Hiparco*, 228B.

⁸⁸ Page (1981), p.187: “The growth and popularity of the tale of Harmodius and Aristogiton in the fifth century B.C. is a remarkable phenomenon, intelligible only as political propaganda” (grifo nosso).

Clístenes, no período em que este esteve ausente da cidade, de acordo com as ordens espartanas para que se purgasse Atenas dos “Amaldiçoados”⁸⁹. A maior dificuldade enfrentada por uma hipótese desse tipo é que seria quase impossível de se orquestrar uma contra-propaganda de tal monta num lapso de tempo tão exíguo, ainda mais quando se leva em consideração as dificuldades práticas envolvidas nessa tarefa, sobretudo em uma época extremamente conturbada, na qual a ameaça de uma helotização da Ática revelava-se uma realidade mais do que provável. Através do relato das fontes, principalmente de Heródoto e de pseudo-Aristóteles, depreende-se que a ausência de Clístenes da cidade não deve ter sido muito longa, não mais que dois meses, na melhor das hipóteses, um período que cobriria a chegada da ordem de Cleomenes para a sua expulsão e o cerco da Acrópole, que, surpreendentemente, resolveu-se em apenas três dias.

Isso nos deixaria com apenas três possibilidades a considerar: a primeira, a de que a campanha começara imediatamente após a expulsão de Hípias; a segunda, por ocasião do retorno de Clístenes e o início do novo governo ou, a terceira, a de que o processo tenha se iniciado já em 511/10, mas que – após seu retorno – Clístenes tenha se aproveitado dele e o expandido numa política de “heroização” oficial dos tiranicidas, com vistas a desligar sua imagem, junto ao *dêmos*, não só de uma possível associação com o homicídio de Hiparco, um bem-feitor querido pelo povo⁹⁰, mas também com os resultados advindos desse ato: o endurecimento da tirania, o exílio de inúmeras famílias aristocráticas, a tortura e a morte indiscriminada de cidadãos, o fim, em suma, do que o autor do *Hiparco*,

⁸⁹ Herod. 5.71-2, 6.121 e Tuc. 1.126-7.

⁹⁰ Platão, *Hiparco*, 228b e seg.

chamara de uma “era de Cronos”⁹¹. É importante também lembrar que, como um areopagita, ser implicado num assassinato, mesmo não sendo ele próprio o criminoso, poderia trazer inúmeros prejuízos políticos para Clístenes (que sobre si já trazia o *miasma* familiar oriundo de um assassinato), ainda mais quando se considera a extensão das reformas que ainda esperavam pela aprovação da Assembléia⁹².

1.4 Texto e Contexto

1.4.1. Metro

Os metros empregados são o hexâmetro e o pentâmetro alternados em dísticos, como é usual em epigramas a partir do início do VI século, algo que se convencionou chamar de dístico elegíaco (τὸ ἐλεγείον/ *tò elegēion*), embora a propriedade dessa denominação seja objeto de extensa controvérsia. Abaixo mostramos o esquema métrico para os epigramas em questão.

- (a) — ∪ ∪ — — — ∪ ∪ — ∪ ∪ — ∪ ∪ — ∪
 (b) — — — — — ∪ ∪ — ∪ ∪ —
 (c) [— — — — — — — — — —]
 (d) [— — — — — — — — — —]

Embora o hexâmetro seja empregado para a primeira linha, a ausência de cesura no primeiro hemistíquio (há elisão na diérese bucólica) faz com que o ritmo se torne claramente anapéstico, uma alusão, talvez, à marcha da Panatenáia onde os assassinos emboscaram o tirano; há que se notar, ainda, a ponte entre (a) e (b) e as 10 *morae* que se seguem, dando gravidade ao nome de Hiparco e ao crime visto como horrendo mesmo pelos defensores dos tiranicidas, dada sua violência. O

⁹¹ *Idem*, 229b: “(...) ἔζων Ἀθηναῖοι ὥσπερ ἐπὶ Κρόνου βασιλεύοντες”.

⁹² Como Josiah Ober (1999), acredito que Clístenes propusera as reformas *antes* do exílio imposto por Cleomenes e que foram elas, de fato, o motivo de sua expulsão.

arremate, após κτεῖνε, que encerra esse primeiro dístico, retoma o andamento pomposo do início e ecoa as três únicas palavras que nos restaram de (d).

1.4.2. Comentário interlinear

H1 ἦ μέγα ἈθENAΐOCI φόΩC γένεθ' ἥνIK' ἈΡΙCTO-:

(a) ἦ μέγα (...) φόΩC γένεθ': O uso de ἦ apresenta uma classificação difícil segundo a nomenclatura gramatical moderna, já que sua função parece ter um caráter ambivalente, ainda mais do modo como aparece, logo no início do verso⁹³. Se por um lado essa partícula retém seu valor adverbial bastante pronunciado (*certamente* nasceu/ raiou...), é inegável que está subjetivamente ligada ao adjetivo neutro μέγα, confirmando o caráter singular e *objetivo*⁹⁴ de tal luz (φόΩC), seja em sua amplidão, seja em seu fulgor, i.e., “foi certamente ampla (que irá negar?) a luz que raiou...”. Em concordância com isso, ressaltaríamos ainda o caráter claramente dogmático da partícula, ou seja, de que não se podia mais, e tampouco dever-se-ia, negar a condição de bem-feitores conferida aos tiranicidas, porque os resultados não permitiam que a natureza de seu crime obscurecesse a grandeza, a amplitude e as conseqüências benéficas de seu feito, ou seja, a isonomia.

Essa função gnômica de ἦ encontramos-la em outros epigramas quase contemporâneos⁹⁵, como por exemplo, IG XII, 8, 398, datado do século VI-V:

ἦ καλὸν τὸ μνήμα [πα]-

⁹³ Denniston (1950), p. 279 e seg.: “*This is mainly a verse idiom, and is hardly found at all in oratory...*”

⁹⁴ Idem, ibidem, n. 35: “*Bäumlein maintains that ἦ expresses subjective certainty, a view borne out by the fact (...) that Homer never (...) uses ἦ in propria persona, but only in speeches (...)*”.

⁹⁵ Page (1981), nesse sentido, encontra-se desatualizado à luz das novas descobertas arqueológicas, cf. p. 188, §684-5, onde diz que “*ἦ is rare at the beginning of epigrams (sequitur exempla), all III B.C; a small number of examples in the Anthology, none pré-Alexandrian.*”

τὴρ ἔστησε θανός[ηι] |
 Λεαρέτη· οὐ γὰρ [ἔτ]-
 ι ζῶσαν ἐκοφτόμ[εθα]. |

ou então, em um epigrama encontrado na Acrópole, do fim do II séc. d.C., dentre os mais antigos⁹⁶, IG II² 3661:

γηραλέην ψυχὴν ἐπ’ ἀκμαίῳ σώματι Γλαῦκος
 καὶ κάλλει κεράσας κρείττονα σωφροσύνην
 ὄργια πᾶσιν ἔφαινε βροτοῖς φαεσίμβροτα Διοῦς
 εἰνάετες, δεκάτῳ δ’ ἦλθε πρὸς ἀθανάτους.
 ἦ καλὸν ἐκ μακάρων μυστήριον, οὐ μόνον εἶναι
 τὸν θάνατον θνητοῖς οὐ κακὸν ἀλλ’ ἀγαθόν.

Já na época romana, a partícula aparece, na mesma posição⁹⁷, no longo epitáfio de um menino de apenas sete anos (IG II² 11674), do qual citamos apenas a, por assim dizer, chave de ouro da composição:

(...)
 [ῆ] ῥα καλὸν <γ>έ[ρας ἔσχον, εἰ ἀψευδ]ῆς λόγος ἀνδρῶν,
 παῖδας [ἀποθνήσκειν οὐ]ς φιλέουσι θεοί.
 τοὔνεκά μοι, πάτερ ἐσθλέ, φάνη· <ὕ δὲ> μηκέτι σεῖο
 τειρόμενος γλυκερὴν τρύχε χρόνῳ κραδίην.

Page, com razão, vê nesse uso de ῆ, em combinação com a forma épica alongada de φῶς, φόως, em detrimento de φάος – igualmente adequada ao metro - uma alusão aos heróis homéricos. De fato, o uso da primeira forma ocorre na Ilíada 14 vezes⁹⁸, em expressões do tipo “αἶ κέν τι φόως Δαναοῖσι γένηαι”, no sentido de luz como “saída”, “escape”, “esperança”. Nas duas vezes em que aparece na

⁹⁶ Ver ainda SEG 30:134, datado de 400 a.C., onde, no entanto ῆ μάλα deve ser lido como suplemento.

⁹⁷ Ainda que faça parte do suplemento do editor e não do texto da pedra, não vejo qual outra alternativa poderia ser proposta para aqui, ver também SEG 28.326, onde Wilhelm igualmente preserva o ῆ.

⁹⁸ Il. 2.49, 309; 6.6; 8.282; 11.2, 797; 15.669, 741; 16.39, 188; 19.2, 103, 118 e 23.226.

Odisséia⁹⁹, é empregado apenas conotativamente, exatamente na única acepção em que φάος aparece nos dois poemas¹⁰⁰, o que nos permite concluir que a forma φόως parece convergir para um uso especializado na poesia épica, onde está associada a aparição do herói e a resolução de conflitos gerados pela batalha.

Talvez mais do que descrever a “grande luz” que surgiu para os atenienses em termos de um contraste que identifique o período da tirania com as trevas e o da democracia com o seu oposto, seria mais proveitoso optar por uma leitura mais próxima do sentido épico, ou seja, o de uma “saída” ou “oportunidade. Assim, o assassinato de Hiparco talvez fosse celebrado não pela ação, o ato criminoso em si, o que seria de certa forma grosseiro, mesmo para os adversários dos tiranos, mas pela oportunidade que deu ao povo da cidade de conhecer o outro lado da tirania, o despotismo.

P1 - Ἀριςτο | γείτων Ἰππαρχον κτείνει καὶ Ἀρμόδιος·

Quanto ao caráter singular da *tnese* no nome Ἀριςτογείτων (segundo por Page “a remarkable breach of one of the most fundamental rules of elegiac verse”), já fizemos os comentários mais pertinentes na seção 1.2.

Aqui, gostaríamos de ressaltar, apenas, que o julgamento tardio do escoliasta de Aristófanes não deve pesar muito no que tange a qualidade da inscrição. Devemos ter em mente que estas agrupavam-se na pedra numa combinação de hexâmetro + pentâmetro (ou H1 + P1) em uma única linha. A convenção editorial de separar H1 e P1 em dísticos não existia e, assim, é de se supor que aquele que se deparasse com a inscrição na pedra original, fizesse acomodações automáticas no

⁹⁹ Od. 19.64 e 23.348.

¹⁰⁰ Dessa vez 15 vezes na *Ilíada* e 18 vezes na *Odisséia*.

ritmo quando a lesse. Por outro lado, sabemos muito pouco do dístico elegíaco para podermos afirmar com certeza que um verso como o acima seria reprovável aos ouvidos antigos.

A nosso ver, conjunção καὶ, empregada com verbo κτείνω no singular salienta o caráter acessório da participação de Harmódio na “façanha” e, por isso mesmo, traduzimos essa parte como “e com a ajuda de Harmódio”, ao invés de, simplesmente, “e Harmódio”. A posição do objeto do verbo, nesse caso Hiparco, entre os nomes de Aristogíton e Harmódio, de certa forma reflete o cerco desses dois ao tirano, junto a estátua do Leocórion¹⁰¹, na Acrópole.

H2 - πα]τρίδα γῆν ἐθέτην

De acordo com Page, a parte faltante desse hexâmetro deve ter sido precedida por alguma palavra que significasse “livre” ou “democrática”, acrescentando que “isônoma” (ἰσόνομον) talvez fosse o melhor candidato. Apesar de a palavra não ser atestada antes de Heródoto - que usa ἰσηγορία para se referir-se ao tipo de liberdade conquistada pelos cidadãos de Atenas, após as reformas de Clístenes – conclui que igualdade perante a lei deve ter sido um termo de uso corrente a partir do dia da libertação e que seria surpreendente se uma palavra tão apropriada não tivesse sido usada para descrever o resultado mais óbvio da expulsão dos tiranos.

O fato de o adjetivo ser empregado nas canções simpóticas mencionadas na seção 1.3.4, acima, pode ser um indicativo que sua ausência de outros textos seja mero acaso. Essas canções, aliás, poderiam ter se aproveitado do texto do

¹⁰¹ τὸ Λεοκόρειον: o monumento das três filhas de Leos que, por ordem de um oráculo, sacrificaram-se por sua cidade, Sandys (2000), p. 73, n. *sub* Λεοκόρειον.

epigrama para incorporar o adjetivo, o que não seria improvável, dada a fama das estátuas onde ele fora gravado. A inscrição mais antiga da Ática (encontrada na Acrópole) a registrar ἰκόνομον pode ser datada pelos meados do IV século e, mesmo assim, o adjetivo deve ser lido como um conjectura de suplemento: [μοχθηρᾶς ὅδ' ἔβη νέ]ατο<ν πρ>ὸς τέρμα κελε<ύ>θο<υ> :| εὐκλειαν δ<ἐ> β<ί>ο [κάλλιπ' ἀποφθίμενος].| [καὶ γὰρ ἐλευθερίας κλεινοῖ]ς ἐν ἀγῶσι δαμέντα | 'Ις[όνομο]ν πατρί[α χθών ἐκάλυψε τάφω].

Capítulo 2

Um por todos e todos por um

“Ἀθηναῖοι μὲν ἡύξηντο. Δηλοῖ δὲ οὐ κατ’ἐν μοῦνον ἀλλὰ πανταχῇ ἡ ἰσχυροῖα ὥς ἐστὶ χρῆμα σποδαῖον, εἰ καὶ Ἀθηναῖοι τυραννεύμενοι μὲν οὐδαμῶν τῶν σφέας περιοικεόντων ἦσαν τὰ πολέμια ἀμείνονες, ἀπαλλαχθέντες δὲ τυράννων μακρῶι πρῶτοι ἐγένοντο. Δελοῖ ὦν ταῦτα ὅτι κατεχόμενοι μὲν ἐθελοκάκεον ὥς δεσπότηι ἐργαζόμενοι, ἐλευθερωθέντων δὲ αὐτὸς ἕκαστος ἑωυτῶι προεθυμέετο κατεργάζεσθαι.”¹

Heródoto, 5.78.

2.1 Os Fragmento Sim. II e III FGE

<p>(II) Δίρφυος ἐδμηθημεν ὑπὸ πτυχί, κῆμα δ’ἐφ’ἡμῖν
 ἐγγύθεν Εὐρίπου δημοσίαι κέχυται·
 οὐκ ἀδίκως, ἐρατὴν γὰρ ἀπωλέσαμεν νεότητα
 τρηχεῖαν πολέμου δεξάμενοι νεφέλην.</p> | <p>(III) Δεσμῶι ἐν †ἀχνυόεντι† σιδήρῳι ἔσβεσαν ὕβριν
 παῖδες Ἀθηναίων ἐργασιν ἐν πολέμου
 ἔθνεα Βοιωτῶν καὶ Χαλκιδέων δαμάσαντες·
 τῶν ἵππους δεκάτην Παλλάδι ταςδ’ἔθεσαν.</p> |
|--|--|

Domados sob um vale de Dírfos, um outeiro sobre nós,
 perto do Euripo, às expensas públicas, foi erguido:
 Não injustamente, pois a amável juventude arruinamos,
 Aceitando do combate a áspera nuvem.

Em lúgubres grilhões de ferro, extinguiram-lhes a soberba,
 Os filhos de Atenas, nos trabalhos de guerra,
 Dominando hordas de Beócios e de Calcídios :
 Disso, c’o dízimo ergueram à Palas essas éguas.

2.2 Edição e Fortuna Crítica

O epigrama Sim II FGE é fruto da transmissão literária, aparecendo unicamente na *Antologia de Planudes*, sob o cabeçalho “Cιμωνίδου”², ou seja, [da obra/epigramas] *de Simônides*, o que indica que já deveria estar disponível no *Sylloge Simonidea* (c.

¹ “Os atenienses dessa forma prosperaram. Fica assim evidente, não somente com relação a um aspecto, mas de um modo em geral, o quanto a igualdade [de direitos frente à tomada de decisões na Ágora] é algo excelente, pois se eles, porquanto tiranizados, em nada eram superiores a seus vizinhos na lide da guerra; mas uma vez libertados dos tiranos, tornaram-se os primeiros entre os maiores. Tudo isso demonstra, sem sobre de dúvida, que, quando oprimidos, fingiam ser covardes, como se trabalhassem para um senhor, mas que, libertos, cada um deles zelava para atingir grandes feitos [em combate]”.

² *Ant. Plan.*, 26 (Simônides 89 Bergk; 87 Diehl). Sobre a pertinência dessa indicação de autoria a Simônides, ver mais abaixo a discussão sobre o P. Oxy. 2535.

100 a. C.)³. De acordo com Page⁴, o estilo, assunto e tom do epitáfio estão de acordo com a temática daquela coleção, mas qualquer afirmação nesse sentido deve ser encarada apenas como especulação.

A fortuna crítica do epigrama Sim. III FGE, por outro lado, nos oferece um maior número de fontes e comentários, tanto antigos quanto modernos⁵. Ainda que apareça em quatro fontes distintas, ele nunca foi expressamente atribuído a Simônides por nenhuma delas. A idéia de inseri-lo numa coletânea de epigramas do poeta veio de seu primeiro editor moderno, Schneidewin⁶, em 1835, seguido por Bergk⁷, em 1882. Ambos citam as vinte linhas do Περὶ τοῦ Παραφθέγματος⁸, de Élio Aristide, no qual aparecem, em seqüência três epigramas de Simônides (II, XLV e XXXVIII) finalizados por um excerto (H3 e o primeiro hemipé de P2⁹) de II FGE. Page¹⁰, herdeiro da cautela por vezes excessiva de Kaibel¹¹, e apoiando-se em Boas¹², argumenta que, não obstante Simônides seja citado, juntamente com Píndaro, antes e depois dos exemplos, isso não é suficiente para lhe atribuir a autoria de qualquer um deles. Todavia, em 1995, E.G. Turner¹³ publicou um papiro oriundo de Oxirinto, datado a partir do final do século I d. C., em que é possível

³ Cf. a *Introdução* a esta dissertação.

⁴ Page (1981), p. 189.

⁵ Page, *idem*, *ibidem*; West (1985), p. 283. Os autores seguintes são citados *apud* Page, *idem*, mas não foram por mim pessoalmente consultados: Preger nº72; Geffcken nº 16; H. Von Gärtringen, nº 9 e 51; Meiggs and Lewis 15; Boas *de epigr. Sim.* 92, 229; Busolt Gr. Gesch. 2. 433; Diehl Sim. fr. 100; Friedländer and Hoffleit nº 145; Jeffrey LSAG 78.43; Raubitschek DAA nº 168, 173.

⁶ Schneidewin, 115, p. 415: “Cf. epigramma 77 [= II FGE]. Paus. I, 28, 2. Simonidis uindicauit ex testimonio Aristides II, 380 (502 (Dindorf)).”

⁷ Bergk, PLG, 135, p. 912: “Simonidis esse docet Arist. II 512 qui una cum aliis Simonidis epigrammatis imprimis post ep. 107 affert καὶ πρό γε τούτων (...)”

⁸ 380.2-22 ed. Jebb, in: TLG-D.

⁹ *Idem*, *ibidem*, n. acima: “ἔθνεα Βοιωτῶν καὶ Χαλκιδέων δαμάσαντες | παῖδες Ἀθηναίων | οἶμαι λέγει τὸ ἐπίγραμμα καὶ πολλὰ ἕτερα”.

¹⁰ Page (1981), p. 253.

¹¹ Kaibel, G., *Epigrammata Graeca, ex lapidibus conlecta*. Berolone 1878.

¹² Boas, M. *Epigr. Sim.*, 92-6, *apud* Page (1981).

¹³ P. Oxy. nº 2535 in: P. Oxy. vol. XXXI, Ed. E. G. Turner, 1996.

reconstruir o nome $\kappa\iota\mu\omega\nu\iota\delta\text{-}$ a partir das letras $\text{]}\mu\omega\nu\iota\text{[}$ que aparecem logo acima de uma parte identificável do III FGE (H1 seguido de P1, portanto na ordem em que aparecem em Heródoto) e, embora não haja certeza, é bastante provável que possamos reconstruir aí um genitivo, i. e., $\kappa\iota\mu\omega\nu\iota\delta\omicron\upsilon$. Ainda que isso não decida de nenhuma forma a questão em favor de uma autoria do poeta, pelo menos nos deixaria seguros de que, no mínimo, havia uma tradição na Antiguidade em atribuir essa inscrição a Simônides, algo que, devido ao impasse atual da pesquisa, já seria um indício importante a ser considerado.

Podemos, contudo, estar certos com relação a pelo menos um aspecto do texto, a saber, a de que o epigrama foi, de fato, uma inscrição real, mandada gravar nos primeiro anos do século VI. Quanto a isso são decisivos os dois remanescentes arqueológicos da base do monumento onde parte dos dísticos aparecem. Essas duas pedras, bastante erodidas pela intempérie – principalmente a mais antiga - foram descobertas durante escavações na Acrópole, respectivamente, em 1869 (B) e 1887 (A) e estão em dispostas em dísticos estíquicos. A identificação resta assegurada em virtude da menção ao dízimo e às éguas nos dois fragmentos ($\tau\omicron\nu\eta\acute{\iota}\pi\pi\omicron\varsigma\ \delta\text{[} / \text{]}\omicron\nu\ \eta\acute{\iota}\pi\pi\omicron\varsigma\ \delta\epsilon\kappa\acute{\alpha}\tau\text{[}$) e aos “trabalhos dos (filhos) dos atenienses” ($\text{[}\epsilon\varsigma\ \text{\AA}\theta\epsilon\nu\alpha\acute{\iota}\omicron\nu\ \epsilon\acute{\rho}\gamma\mu\alpha\text{[}$) que conhecemos pela transmissão literária. Abaixo reproduzimos o texto das duas bases, colocando em negrito o texto da pedra, em oposição aos suplementos editoriais¹⁴:

(a) $[\delta\epsilon\kappa\mu\omicron\iota\ \acute{\epsilon}\nu\ \acute{\alpha}\chi\nu\acute{\upsilon}\epsilon\nu\tau\iota(?)\ \kappa\iota\delta\epsilon\rho\acute{\epsilon}\omicron\iota\ \acute{\epsilon}\varsigma\beta\epsilon\varsigma\alpha\nu\ \eta\acute{\upsilon}\beta\text{]}\rho\iota\nu\text{:} / \text{παῖδε[}\ \text{\AA}\theta\epsilon\nu\alpha\acute{\iota}\omicron\nu\ \epsilon\acute{\rho}\gamma\mu\alpha\varsigma\iota\nu\ \acute{\epsilon}\mu\ \mu\omicron\lambda\acute{\epsilon}\mu\omicron\text{]}/$

$[\acute{\epsilon}\theta\nu\epsilon\alpha\ \beta\omicron\iota\omicron\tau\omicron\ \kappa\alpha\acute{\iota}\ \chi\alpha\lambda\kappa\iota\delta\acute{\epsilon}\omicron\nu\ \delta\alpha\mu\acute{\alpha}\varsigma\alpha\nu\tau\epsilon\varsigma\text{:} / \tau\omicron\nu\ \eta\acute{\iota}\pi\pi\omicron\varsigma\ \delta\text{[}\epsilon\kappa\acute{\alpha}\tau\epsilon\nu\ \mu\alpha\lambda\lambda\acute{\alpha}\delta\iota\ \tau\acute{\alpha}\varsigma\delta'\ \acute{\epsilon}\theta\epsilon\varsigma\alpha\nu\text{]}.$

¹⁴ IG I³, 501 (IG I².394, II/I — DAA 168 & 173).

(b) [ἔθνεα Βοιωτῶν καὶ Χαλκιδέων δαμά]σαν[τες] / [παῖδ]ες Ἀθηναίων ἐργ[μα] ἐμ πολέμο] /

[δεσμῶι ἐν ἀχνύεντι(?)] σιδερέοι ἔσβε]σαν [ἡύβριν] / [τ]ὸν ἵππος δεκά[την] Παλλάδι τάςδ' ἔθεσαν].

Page nos informa que o fragmento (B), num estilo de letra datado da metade do V século, tinha os hexâmetros na mesma ordem das quatro fontes literárias que o citam¹⁵, i.e., v. 1 ἔθνεα e v. 2 δεσμῶι; o fragmento (A), contudo, numa caligrafia do final do VI século, apresentava uma ordem reversa¹⁶, o que nos permite concluir que os autores responsáveis pela transmissão do texto só tiveram acesso ao segundo monumento, o qual deveria ser uma cópia do original, reconstruído após a invasão persa em 480/79, talvez para celebrar a vitória dos atenienses em Oinófitas (c. 457)¹⁷.

Heródoto, nossa fonte mais antiga, faz referência à destruição promovida pelos persas enquanto menciona o texto que, segundo ele, podia ser visto na base de uma quadriga de bronze construída com um décimo do resgate dos cativos beócios, como mencionado no epigrama, à esquerda de quem entrava na Propiléia em direção à Acrópole:

διαλυθέντος ὧν τοῦ στόλου τούτου ἀκλεῶς, ἐνθαῦτα Ἀθηναῖοι
τίνυσθαι βουλόμενοι πρῶτα στρατηγὴν ποιεῦνται ἐπὶ Χαλκιδέας.
Βοιωτοὶ δὲ τοῖσι Χαλκιδεῦσι βοηθέουσι ἐπὶ τὸν Εὐρύπον. Ἀθηναίοισι δὲ
ἰδοῦσι τοὺς Βοιωτοὺς ἔδοξε πρότερον τοῖσι Βοιωτοῖσι ἢ τοῖσι
Χαλκιδεῦσι ἐπιχειρέειν. συμβάλλουσί τε δὴ τοῖσι Βοιωτοῖσι οἱ Ἀθηναῖοι
καὶ πολλῶ ἐκράτησαν, κάρτα δὲ πολλοὺς φονεύσαντες ἐπτακοσίους
αὐτῶν ἐζώγρησαν. τῆς δὲ αὐτῆς ταύτης ἡμέρης οἱ Ἀθηναῖοι διαβάντες
ἐς τὴν Εὐβοίαν συμβάλλουσι καὶ τοῖσι Χαλκιδεῦσι, νικήσαντες δὲ καὶ
τούτους τετρακισχίλιους κληρούχους ἐπὶ τῶν ἵπποβοτέων τῇ χώρῃ
λείπουσιν. οἱ δὲ ἵπποβοτοὶ ἐκαλέοντο οἱ παχέες τῶν Χαλκιδέων. ὅσους
δὲ καὶ τούτων ἐζώγρησαν, ἅμα τοῖσι Βοιωτῶν ἐζώγρημένοι εἶχον ἐν
φυλακῇ ἐς πέδας δῆσαντες: χρόνῳ δὲ ἔλυσαν σφέας δίμνεως
ἀποτιμησάμενοι. τὰς δὲ πέδας αὐτῶν, ἐν τῇσι ἐδεδέατο, ἀνεκρέμασαν

¹⁵ Heródoto, 5.77; Diodoro, *Bibliotheca Historica*, 10.24.3 e a *Anthologia Planudeae*, 26. Cinco, se contarmos as duas linhas em Aristides, *Περὶ τοῦ Παραφθέγγματος*, 380.20.

¹⁶ Page, *idem*, *ibidem* n.91

¹⁷ Assim, West, S. (1985), p. 283. Sobre a Batalha de Oinófitas, ver Tuc. 1.108.

ἐς τὴν ἀκρόπολιν: αἶ περ ἔτι καὶ ἐς ἐμὲ ἦσαν περιοῦσαι, κρεμάμεναι ἐκ
τειχέων περιπεφλευσμένων πυρὶ ὑπὸ τοῦ Μήδου, ἀντίον δὲ τοῦ
μεγάρου τοῦ πρὸς ἐσπέρην τετραμμένου. καὶ τῶν λύτρων τὴν
δεκάτην ἀνέθηκαν ποιησάμενοι τέθριππον χάλκεον: τὸ δὲ ἀριστερῆς
χειρὸς ἔστηκε πρῶτον ἐσιόντι ἐς τὰ προπύλαια τὰ ἐν τῇ ἀκροπόλει:
ἐπιέγραπται δὲ οἱ τάδε:

ἔθνεα Βοιωτῶν καὶ Χαλκιδέων δαμάσαντες
παῖδες Ἀθηναίων ἔργμασιν ἐν πολέμῳ,
δεσμῷ ἐν ἀχλυόεντι σιδηρέῳ ἔσβεσαν ὕβριν:
τῶν ἵππους δεκάτην Παλλάδι τάςδ' ἔθεσαν.

Havendo essa expedição militar [i.e., de Espartanos e aliados coríntios¹⁸] se dispersado desafamadamente, os atenienses - então desejando vingar-se - organizaram um exército para atacar primeiramente os calcídios; mas os beócios vieram em sua ajuda através do Euripo. Vendo os beócios, os atenienses acharam por bem derrotá-los antes de cuidar dos calcídios e, engajando-se com aqueles, os dominaram totalmente, exterminando um número impressionante e levando 700 cativos. Ainda nesse mesmo dia, os atenienses atravessaram para a Eubéia e engajaram-se em combate contra os calcídios. Vencendo-os, assentaram 4000 colonos na terra dos Hipobótes, após o que deixaram a região. 'Hipobótes' [criadores de cavalos] é como são chamados os aristocratas da Calcídia. Aqueles lá feitos prisioneiros, juntamente com outros da Beócia, foram mantidos subjugados e vigiados, amarrados pelos pés com grilhões, sendo que, após certo tempo, foram resgatados a duas minas por cabeça. Os grilhões de seus pés, com os quais foram acorrentados [uns aos outros], foram expostos na Acrópole. Estes, ainda no meu tempo, lá subsistiam, pendendo dos muros chamuscados pelo fogo dos medos - aqueles muros opostos ao santuário que dá para o oeste. Com o dízimo do resgate construíram uma quadriga de bronze e a dedicaram [a Atená]¹⁹, a qual encontra-se à esquerda de quem entra na Acrópole através da Propiléia. Nela mandaram inscrever os seguintes:

*Dominando hordas de Beócios e de Calcídios,;
Os filhos de Atenas, nos trabalhos de guerra,
Em lúgubres grilhões de ferro extinguiram-lhes a soberba:
Disso c'o dízimo ergueram à Palas essas éguas.*

Há uma pequena alteração no texto, como transmitido por Diodoro, que, senão por melhor razão, serve para elucidar e alertar sobre o modo como a leitura dos antigos (e muitas vezes dos modernos) pode divergir do original quando

¹⁸ Herod. 5.73-6, veja os excertos traduzidos mais abaixo.

¹⁹ Pausânias, 1.2.10, menciona essa carruagem, logo após a Atená Promachos, construída com o butim de Maratona: "καὶ ἄρμα κεῖται χαλκοῦν ἀπὸ Βοιωτῶν δεκάτη καὶ Χαλκιδέων ταῶν ἐν'Εὐβοίᾳ".

questões pessoais de gosto e estilo levam as fontes ou comentadores a “corrigir” o que lhes parece errado:

(...) Ἀθηναῖοι δεξιῶς τῇ νίκῃ χρῆσάμενοι καὶ νικήσαντες Βοιωτοὺς τε καὶ Χαλκιδεῖς, εὐθὺς ἀπὸ τῆς μάχης Χαλκίδος ἐκυρίευσαν. ἐκ τῆς ὠφελείας τῆς τῶν Βοιωτῶν δεκάτην ἄρμα χαλκοῦν εἰς τὴν ἀκρόπολιν ἀνέθεσαν τόδε τὸ ἐλεγεῖον γράψαντες,

ἔθνεα Βοιωτῶν καὶ Χαλκιδέων δαμάσαντες
παῖδες Ἀθηναίων ἔργμασιν ἐν πολέμου
δεσμῷ ἐν ἀχλύόεντι σιδηρέῳ ἔσβεσαν ὕβριν·
ᾧν ἵππους δεκάτην Παλλάδι τάςδ' ἔθεσαν.

Os atenienses aproveitando-se apropriadamente da vitória, após vencer os Beócios e os Calcídios, imediatamente após a batalha os dominaram. Do décimo do butim obtido dos beócios [mandaram construir] uma carruagem de bronze e a dedicaram na Acrópole, gravando esse elegion:

*Dominando hordas de Beócios e de Calcídios,·
Os filhos de Atenas, nos trabalhos de guerra,
Em lúgubres grilhões de ferro extinguiram-lhes a soberba:
Deles, c'o décimo ergueram à Palas essas éguas.*

Diodoro, ao examinar a fonte arquetípica que invertera os dísticos 1 e 3, deve ter achado extremamente obscura a expressão τῶν (...) δεκάτην, já que não ficava claro se o artigo, aqui usado como um pronome relativo, referia-se aos prisioneiros, ao resgate pago por eles ou ao butim obtido na conquista. Através de seu texto, podemos inferir que resolveu optar pela última leitura, já que diz que foi com um décimo *do butim* logrado dos beócios (ἐκ τῆς ὠφελείας τῆς τῶν Βοιωτῶν δεκάτην) que se construía a quadriga em questão. Para que o epigrama se coadunasse à sua interpretação, no entanto, ele deveria mudar o obscuro τῶν (...) δεκάτην para ᾧν (...) δεκάτην, i.e., “ᾧν [τῆς ὠφελείας] δεκάτην”. Para Heródoto, cujo uso do artigo em detrimento da forma do relativo é uma prática corrente, talvez a construção

não tenha soado estranha o suficiente para motivá-lo a alterar o texto²⁰.

Felizmente as descobertas do século XIX confirmaram o texto de Heródoto e da *Antologia*, já que nelas vê-se claramente o uso do artigo genitivo plural τῶν com uma função conectiva (**A** –] τῶν ἡπίπποτος δ[/ **B** –] ὧν ἡπίπποτος δεκάτ[). Outrossim, com a transposição dos versos 1 e 3 para seus locais originais, como vistos no início desse capítulo, percebemos que o artigo, antes deslocado, agora vem imediatamente após seu referente, “ἔθνεα Βοιωτῶν καὶ Χαλκιδέων” e, destarte, qualquer sombra de ambigüidade é eliminada do texto, a despeito das reservas de Page²¹. Para os atenienses vitoriosos não haveria diferença entre os cativos e o dinheiro que poderia ser pago por eles: como propriedade dos vencedores, seu valor de troca estava assegurado e, assim, referir-se aos mesmos através do relativo genitivo plural ὧν seria de uma sutileza e humanismo estranho aos vencedores.

É digno de nota, igualmente, que a ordem original, revelada pelas pedras, põe em relevo os grilhões com os quais os atenienses teriam extinguido a soberba dos inimigos, ao anunciá-los desde o primeiro verso. Grilhões que foram ostensivamente pendurados no muro e que, de certa forma, integravam toda a “instalação”, como modernamente caracterizaríamos esse conjunto de μνήματα, destinada a promover a superioridade militar da cidade e o valor que a liberdade democrática conferia aos seus cidadãos.

Um último e espinhoso problema no estabelecimento do texto final, e que tem desafiado gerações de estudiosos, precisa ser investigado: a discrepância de uso

²⁰ Um uso comum ao dialeto dórico, aliás. Cf. p. exe. Herod. 6.103: “ἦγον δέ σφεας στρατηγοὶ δέκα, τῶν ὁ δεκάτος ἦν Μιλτιάδης”. Herod. 6.109, 110; 7.52 e muitos outros.

²¹ Ver uma discussão mais detalhada na seção 2.4.

entre as formas (a) ἄχυνυθέντι (Herod. *codd. AB* e *Anthologia Planudeae*), (b) ἄχυνθέντι (Herod. *cod. C*), ἄχλυόεντι (Herod. *cett.*, e Diodor.) e (c) ἄχυνούεντι (Hecker). Começando pela evidência da pedra podemos perceber que a parte onde o adjetivo apareceria se perdeu. Reorganizando os dísticos de acordo com a reconstrução paleográfica (bastante precisa numa disposição estíquia), percebemos que somos deixados com apenas oito espaços onde encaixar uma das possíveis formas, o que, *a priori*, excluiria definitivamente ἄχυνυθέντι, por exceder em duas letras o espaço permitido, uma distorção tomada como inconcebível para um monumento de tamanha importância.

Seja como for, nem ἄχυνυθέντι nem mesmo ἄχυνυθέντι (essa última, com nove letras) são possíveis aqui e por diversas razões, além da falta de espaço na pedra. O particípio aoristo de ἄχυνυμαι não aparece em nenhum texto²² que tenha chegado até nós e, embora a possibilidade de um *hapax* como explicação possa ser tentadora para alguns, devemos lembrar que, ainda que essa forma pudesse existir, o υ (úpsilon) deveria ser curto (ἄχυνϋθέντι), o que não é permitido pela escansão do hexâmetro, pois implicaria no *monstrum* — υυ | — υ | — υ | υ — υ | — υυ | — —. Por

²² De acordo com Page (1981), p. 193, não faz o mínimo sentido o argumento de Friedländer de que um paralelo para ἄχυνϋθέντι, poderia ser visto em uma cópia feita por Sir George Wheler feita em 1676 durante sua visita a Atenas e posteriormente publicada por Meritt, *Hesperia* (1947), vol. 16, p. 289 com o seguinte texto () “ἄχυνυθέν τόδε δῶ-|ρον ὑπὲρ τάφον εἶσα-|το μήτηρ | παιδὶ φάου[ς] | ὀλίγου πάμπαν ἀπο<φθι>”. O texto em questão é muito mais tardio, talvez mais de seis séculos, e Peek (GVI n. 238, p. 62) está provavelmente correto em atribuir a forma ἄχυνυθέν a um *lapsus calami*, quando o correto deveria ser ἄχυνούεν.

outro lado, a forma ἄχυνυθέντι, ou não seria comum nesse período, segundo Page, ou impossível, segundo West²³.

O que nos leva a nosso terceiro candidato, ἄχλυόεντι. Aqui, novamente, temos uma letra a mais do que deveríamos, mas, de resto, o sentido parece adequar-se, se levarmos em conta os paralelos encontrados em outros textos. Segundo Hesíquio ἄχλύν seria equivalente a σκοτίαν καὶ ἄορασίαν, ou seja, “trevas e escuridão”; uma definição semelhante a do Suda κóτος, ὀμίχλη, ζόφος, ἀμβλυωπία καὶ, ἥερος ἀχλύσαντος. ἀντί τοῦ σκοτιθέντος, “trevas, fumo, escuridão (como a do Érebo), visão embaçada, também [quando o] céu está escurecido. O mesmo que enegrecido”. A partir dessas definições poderíamos estender esse sentido aos grilhões com que os beócios e calcídios foram subjugados, uma vez que o ferro, ainda que brilhante quando novo, ou polido, enegrece facilmente em contato com o ar, devido ao processo de oxidação de sua camada exterior, formando Óxido de Ferro (Fe₃O₄)²⁴, num primeiro estágio que, em seguida, poderá prosseguir ou não, dependendo das condições atmosféricas e de umidade, para a ferrugem (Hidróxido de Ferro Fe₂O₃ . 3 H₂O) propriamente dita. Ainda com essa acepção, o adjetivo poderia se referir ao sangue ou aos líquidos purulentos que certamente escorreriam dos tornozelos infeccionados dos prisioneiros amarrados daquela forma, cobrindo a superfície já enferrujada do metal

²³ Page *op. cit. loc. cit.* nota anterior ; West, S. *op. cit.* n. 17, p. 283. Não há nenhum resultado para a busca de “ἄχυνυθ-“ no TLG. A despeito disso, a alegação de Page, ecoada por West, de que o significado “painful, grievous is incredible” para *κιδερέος δεσμός*, é totalmente infundada já que os grilhões, ao serem friccionados contra os tornozelos, durante a viagem até a cidade do inimigo, poderiam ser capazes de causar terríveis lacerações e, portanto, não poderiam ter uma denominação mais apropriada.

²⁴ Esse óxido ferroso pode ser criado propositadamente através de técnicas de aquecimento do ferro, servindo como uma camada protetora contra a ferrugem propriamente dita.

e lhe dando a uma aparência enegrecida²⁵. Dentro desse campo metafórico em que escuridão e dor se encontram, descobrimos em Ésquilo a expressão “δεσμὰ λυμαντήρια”²⁶, ou “infestos grilhões”, “infestos” porque corrompem não só a carne de Prometeu, mas também sua honra, ao rebaixarem-no a um cativo. A corrupção do ferro, através da ferrugem é assim equacionada à corrupção do corpo do prisioneiro e com ela anda *pari passu*²⁷.

Ainda que tida como espúria por alguns comentadores, como Page e West, embora pelas razões erradas²⁸, a nosso ver, o efeito causado pelo contraste entre δεσμῶ ἐν ἀχλυόεντι ciδηρέω com ἔσβεσαν ὕβριν é muito eficaz. O verbo σβέννυμι tem o sentido original e amplo de “apagar, extinguir, remover da vista, fazer desaparecer”²⁹; dessa forma, talvez a idéia pretendida fosse a de que a ὕβρις dos

²⁵ Cf. por exemplo, Opiano, *Halieutica*, 3.163: ἰχώρ ἀχλυόεισιν e, principalmente, a explicação do escólio (*Scholia in Oppianum*, ed. Bussemaker, TLG) a essa passagem: ὁ σκοτεινοειδὲς μολιςμός.

²⁶ Ésquilo, *Prometeu Acorrentado*, v. 991.

²⁷ Ora λῦμα é basicamente a água usada para lavagem (perfectivo de λούω) e descartada por ser suja; é também a água estagnada dos pântanos e, por extensão de sentido, todo líquido putrefato e/ou impuro, como o sangue (cf. Sófocles, *Ajax*, v. 655, λύμαθ' ἀγνίστα ἐμά) ou o prurido das feridas. Λύμη, a forma ática, ainda se relaciona com o sentido de “infenso, nocente, deletério, prejudicial” tanto física quanto moralmente. Surpreendentemente, é o adjetivo usado por Políbio (*Histórias*, 6.10.3: καθάπερ γὰρ ciδήρω μὲν ἰός, ξύλοις δὲ θρῖπτες καὶ τερηδόνες κυμφυεῖς εἰσι λῦμαι.), para caracterizar a decadência do ferro através da ferrugem.

²⁸ Page, *idem*, *ibidem* n. 91: “ἀχλύς is mist; its adjective is unsuitable to such a noun as fetters, and is never elsewhere so used”. West, *idem*, *ibidem* n. 92: “ἀχλυόεισιν should mean ‘dark, misty’; there is no parallel for the figurative sense ‘gloomy, dismal’ offered in the LSJ”. As evidências não descartam completamente um uso metafórico de ἀχλυσ como escuridão ou mesmo tristeza, como é o caso evidente dessa passagem de Hesíodo, *Escudo de Hércules*, v. 264: πὰρ δ' Ἀχλὺς εἰστήκει ἐπικυγερή τε καὶ αἰνή, χλωρή, ἀυσταλή. Cf. p. ex. *Il.* 15.668, onde uma “nuvem de escuridão” (τοῖσι δ' ὅπ' ὀφθαλμῶν νέφος ἀχλύος ὤσεν Ἀθήνη) é trazida sobre os olhos dos ouvintes de Nestor. Cf. também *Ilíada* 16.334, 20.321, 20.341, 20.421 e, em um senti mais metafórico *Odisséia* 7.41, 20.357 (escuridão trazida pelo pôr do sol), 22.88. Beeks, GED nota que “Arm. *atʃa-m-utʃk* (pl.) ‘darkness’”.

²⁹ Mallory e Adams (2006), p. 124. “Finally, there is wide agreement in meaning, if not in phonetics, for a verb *g^wes- ‘extinguish’ seen in Baltic (eg. Lith *gèsti*), Slavic (OCS *ugasiti*), Grk *sbénnumi*, Anatolian (Hit *kist-*), Skt *jásate*, and Tocharian (Toch B *kes-*), which all indicate ‘go out, extinguish’.” Cf. também Pokorny, IEW, sob g^wes-, zg^ues-.

invasores, vista como uma espécie de fogo ou chama, seria “apagada” ou “obscurecida, ofuscada” pela trevas da escravidão cujo instrumento aparente seriam os grilhões de ferro. Não é demais notar que na *Teogonia*, Zeus pune a ὕβρις de Menécio³⁰ lançando-o ao Érebo³¹, aí descrito como ψολόεις, ou seja, “feito nebuloso por causa da fuligem (ψόλος) no ar”, para onde, pelo mesmo motivo, também são enviados os Titãs e os deuses prístinos. Se por um lado a soberba pode sempre ser rebaixada e “apagada”, o contrário ocorre com a fama (κλέος) advinda da coragem na batalha, justamente tida, em outro epigrama (IX FGE) como ἄσβεστον, ou seja, inextinguível.

O contraste entre a luz ou fogo sugerido pela junção entre εἰς βέννυμι e ὕβριν de um lado e δεσμῶι ἐν ἀχλύόεντι κιδήρῳ não é estranho a Simônides ou aos fragmentos atribuídos a sua obra e nunca poderemos descartar uma atribuição de autoria, por parte dos antigos, justamente baseada no estilo que, aqui, é característico do poeta, famoso por seus *hapax legomenoi* e por sua tendência a criar novos vocábulos a partir da sinestesia³², dos quais os mais interessantes têm justamente a ver com o jogo do *chiaroscuro*, como por exemplo μελάνζοφος, “negrescuro”, κυανοπρώϊαν, “plúmbea proa”, χλωράχενες, colar-verde (com

³⁰ Hes. *Teog.* 514-6: “ὕβρις τὴν δὲ Μενοίτιον εὐρύοπα Ζεὺς | εἰς Ἑρεβος κατέπεμψε βαλὼν ψολόεντι κεραυνῷ | εἶνεκ' ἀτασθαλίας τε καὶ ἡνορέης ὑπερόπλου.”

³¹ PIE *reg^wos > Sk. *rajas*; Arm. *erek*, todos com o sentido de “noite”, “penumbra”, “escuridão”.

³² Mich. Psell. Π. Ἑωεργ. Δαιμ. *apud* Campbell (1991), p. 362: “(…)κατὰ τὸν σιμωνίδην ὁ λόγος τῶν πραγμάτων εἰκὼν ἐστίν. Plut. De Glor. Athe. 3. 346f, *apud idem, ibidem*: “πλὴν ὁ σιμωνίδης τὴν μὲν ζωγραφίαν ποιήσιν σιωπῶσαν προσαγορεύει, τὴν δὲ ποιήσιν ζωγραφίαν λαλοῦσαν. ἅς γὰρ οἱ λόγοι γεγνημένους διηγοῦνται καὶ συγγραφοῦσιν”

relação ao rouxinol, que é *marrom*), νυκτί (...) κυανέωι τε δνόφωι, “na plúmbea noite escura” e etc³³.

Resta-nos então analisar a sugestão de Hecker³⁴, ὀχνυόεντι, que, de fato poderia ter dado origem à ὀχνυθέντι e, daí, à ὀχνυνθέντι, uma vez que o *ômicron* epigráfico (principalmente no início do V século) distingue-se do *theta* apenas por um ponto colocado dentro do círculo, o que poderia ter confundido o copista original. A forma ὀχνυόεντι seria derivada de um substantivo, ὀχνύς, jamais atestado, a não ser por uma única entrada no *Etymologicum Genuinum Magnum*, onde aparece como glosa de “ἡ λύπε”, o que combinaria com o sentido do epigrama. De qualquer maneira, ainda teríamos nove letras para um espaço onde caberiam apenas oito, o que nos leva a considerar a alternativa proposta pelos epigrafistas e que, hoje, encontra-se incorporada na terceira edição do *Inscriptiones Graecae*, ὀχνύεντι, com o mesmo significado da forma corriqueira. O problema com essa variante é que ela é uma forma *reconstruída*, jamais atestada e, portanto, jamais deveria ter sido incorporada ao texto, nem mesmo como suplemento.

Frente a essa situação desanimadora, só nos resta esperar que um outro fragmento da pedra, contento o resto da inscrição, seja desenterrado da Ágora. Da mesma maneira uma fonte papirológica poderia nos fornecer uma alternativa mais plausível, já que não é impossível, embora seja bastante improvável, que o original contivesse um adjetivo completamente diferente do que nos foi passado por Heródoto, Diodoro ou a *Antologia*, ou que a inscrição, que nos parece regularmente

³³ Respectivamente Fr. 630 PMG; Fr. 625 PMG; Fr. 586 PMG; Fr. 543 PMG, 11-12.

³⁴ Hecker, *apud* West, S. *op. cit. loc. cit* n. 17.

estíquica contivesse alguma espécie de rasura ou desigualdade no espaçamento das letras.

2.3 Tema, Ocasão e Classificação

Os dois epigramas relacionam-se ao período conturbado entre os anos 508-506, após a derrocada da tirania, a luta entre Clístenes e Iságoras pela liderança política, como descrito em detalhes no capítulo anterior, e a expulsão definitiva do exército espartano, liderado por Cleomenes, da Ática. Esse último, ao saber que os atenienses haviam chamado de volta as inúmeras famílias exiladas durante o breve governo de Iságoras e, mais que tudo, por sentir-se humilhado devido à sua fuga inglória da Acrópole sob o cerco do povo, decide, mais uma vez, acompanhado de Demárato, tentar um último movimento para submeter os atenienses:

Κλεομένης δὲ ἐπιστάμενος περιυβρίσθαι ἔπεσι καὶ ἔργοις ὑπ' Ἀθηναίων συνέλεγε ἐκ πάσης Πελοποννήσου στρατόν, οὐ φράζων ἐς τὸ συλλέγει, τίσασθαι τε ἐθέλων τὸν δῆμον τὸν Ἀθηναίων καὶ Ἰσαγόρην βουλόμενος τύραννον καταστήσαι: συνεξῆλθε γάρ οἱ οὗτος ἐκ τῆς ἀκροπόλιος.

*Mas Cleomenes, sabendo-se excessivamente abusado tanto em palavras quando em atos pelos atenienses, selecionou um exército dentre todas [as cidades] do Peloponeso, sem demonstrar para quem o fazia, desejando vingar-se do povo de Atenas, [sobre eles] querendo impor Iságoras como tirano, esse mesmo que, com ele, havia fugido da Acrópole.*³⁵

Segundo de Heródoto, essa ofensiva de Cleomenes contra a Ática desenrolou-se em três frentes distintos, e deve ter sido planejada com antecedência com seus aliados,³⁶. O plano seria o seguinte: os espartanos, com a ajuda dos coríntios, viriam do oeste, através do estreito de Corinto; os beócios, do nordeste,

³⁵ Herodot. 5.74.

³⁶ Pelo menos assim interpretamos a expressão ἀπὸ συνθήματος (“a partir de um arranjo, de um sinal prévio”, cf. citação na pág. seguinte), embora Heródoto nos diga que Cleomênes não dava a perceber o propósito de reunir um exército (οὐ φράζων ἐς τὸ συλλέγει). O que pode querer dizer, simplesmente, que ele não o fazia para outros que não os aliados ou somente para alguns deles, já que é difícil acreditar que as cidades beócias e eubéias pudessem enviar soldados para lutar numa batalha cujo propósito desconheciam, embora no caso de Corinto, isso possa ter realmente acontecido.

pelo vale do Monte Citáiro que margeia a foz do rio Asopo, perto do Euripo³⁷, enquanto os calcídios, atravessando esse mesmo estreito, pretendiam avançar sobre a costa leste da Ática vindo da Eubéia.

Κλεομένης τε δὴ στόλῳ μεγάλῳ ἐcéβαλε ἐς Ἐλευσίνα, καὶ οἱ Βοιωτοὶ ἀπὸ συνθήματος Οἰνόην αἰρέουσι καὶ Ὑσιὰς δῆμους τοὺς ἐσχάτους τῆς Ἀττικῆς, Χαλκιδέες τε ἐπὶ τὰ ἕτερα ἐκίνοντο ἐπιόντες χώρους τῆς Ἀττικῆς. Ἀθηναῖοι δέ, καίπερ ἀμφιβολίῃ ἐχόμενοι, Βοιωτῶν μὲν καὶ Χαλκιδέων ἐς ὕστερον ἔμελλον μνήμην ποιήσεσθαι, Πελοποννησίοις δὲ ἐοῦσι ἐν Ἐλευσίνι ἀντία ἔθεντο τὰ ὅπλα.

Cleomenes juntamente com um grande contingente já marchava sobre Elêusis, quando os Beócios, à partir de um sinal previamente acordado, tomaram os demos de Oinoé e Hísia, na fronteira com a Ática; os calcídios, invadindo, adentraram a outra parte do território ático. Os atenienses, assim atacados em dois frentes, decidiram lidar com os Beócios e Calcídios por último - como veremos - e assim contra os peloponésios que estavam em Elêusis³⁸ viraram suas armas.³⁹

Algo aconteceu no entanto, que fez com que os coríntios resolvessem abandonar a ofensiva, seguidos de Demárato, o segundo rei de Esparta pela casa dos Euripôntidas⁴⁰:

μελλόντων δὲ συνάψειν τὰ στρατόπεδα ἐς μάχην, Κορίνθιοι μὲν πρῶτοι ἐφίσι αὐτοῖσι δόντες λόγον ὥς οὐ ποίεοιεν δίκαια μετεβάλλοντό τε καὶ ἀπαλλάσσοντο, μετὰ δὲ Δημάρητος ὁ Ἀρίστωνος, ἐὼν καὶ οὗτος βασιλεὺς Σπαρτιητέων καὶ συνεξαγαγῶν τε τὴν στρατιὴν ἐκ Λακεδαίμονος καὶ οὐκ ἐὼν διάφορος ἐν τῷ πρόσθε χρόνῳ Κλεομένει. τότε δὴ ἐν τῇ Ἐλευσίνι ὄρωντες οἱ λοιποὶ τῶν συμμάχων

³⁷ O Euripo é o estreito que separa a Eubéia da Ática. A estela deveria localizar-se na cidade de Cálcis ou imediações, a batalha, no entanto, deve ter se realizado no vale da montanha de Dirfos (1 745 m), a cerca de 10 km à nordeste de Cálcis.

³⁸ O escoliasta de Aristófanis (Scholia Veterea, Lys. 273.1-9), nos fornece maiores detalhes destino dos habitantes de Elêusis que se aliaram aos espartanos: τῶν δὲ μετὰ Κλεομένους Ἐλευσίνα κατασχόντων (i.e, Iságoras e os exilados), Ἀθηναῖοι τὰς οἰκίας κατέσκαψαν καὶ τὰς οὐσίας ἐδήμευσαν αὐτῶν δὲ θάνατον ἐψηφίσαντο, καὶ ἀναγράφαντες εἰς στήλην χαλκὴν στήσαν ἐν πόλει παρὰ τὸν ἀρχαῖον νεών.

³⁹ Herod. 5.74

⁴⁰ Esparta era governada por dois reis (sobre esse costume Herod. 6.51 *et seq.*) provenientes de duas casas reais distintas, a dos Agíadas, a qual pertencia Cleomenes e a dos Euripôntidas, donde saíra Demárato. A deserção dos coríntios talvez se deve a sua descoberta dos verdadeiros propósitos de Cleomenes. Sobre os sentimentos anti-tirânicos dos coríntios, cf., p. ex., o discurso de Sóscles, Herod. 5.92 *et seq.*

τοὺς τε βασιλέας τῶν Λακεδαιμονίων οὐκ ὁμολογέοντας καὶ Κορινθίους ἐκλιπόντας τὴν τάξιν, οἷχοντο καὶ αὐτοὶ ἀπαλλασσόμενοι.

Quando as tropas já estavam a ponto de entrar em formação de batalha, os comandantes dos coríntios, debatendo entre si se não estariam cometendo uma transgressão [contra os atenienses (?)], mudaram de idéia e desobrigaram-se do [combate]; de seu turno, Demárato, filho de Aríston, sendo também rei entre os espartanos, e comandante-adjunto do exército lacedemônio, tomou a mesma atitude, embora ainda não tivesse, nessa época qualquer diferença com Cleomenes. Naquela hora, sem dúvida, o restante das tropas aliadas vendo os reis dos lacedemônios discordantes e os coríntios já deixando a formação, partiram, sentindo-se igualmente desobrigados [de combater].⁴¹

O resultado dessa dispersão de forças, vimo-lo já na passagem citada em conjunto com o fragmento III FGE, na seção anterior.

Inseridos no contexto dessa série de batalhas que garantiram a continuidade da democracia ateniense, os dois epigramas fazem parte, no entanto, de momentos distintos nessa guerra e foram mandados gravar, igualmente, em monumentos com funções distintas⁴². Embora haja consenso, tanto entre as fontes como entre os comentadores, de que o Fr. III FGE fizesse parte de um monumento comemorativo, i.e., um μνῆμα, as coisas complicam-se um pouco quando consideramos seu par, o Fr. II FGE.

Willamowitz foi o primeiro a descartar a natureza funerária de II FGE por causa da referência ao campo de batalha⁴³, o que Page admite ser incomum, embora não sem precedentes, já que - prossegue - fosse essa regra seguida à risca, muitos epitáfios⁴⁴, comprovadamente reconhecidos com base em evidências extra

⁴¹ Herod. 5.75.

⁴² Ver *Introdução* sobre a configuração dos monumentos públicos em Atenas nentre os séculos VI-V a. C.

⁴³ “wegen des angegebenen Kampfenplatzes”, apud Page (1981), p. 189. Outros que não reconheceram a inscrição como um epitáfio foram H. Von Gärtringen, Preger e Geffcken, citados apud Page, *idem*, p. 189.

⁴⁴ Epitáfios que não mencionam nem a pátria nem o campo de batalha: Peek 8, 17, 26, 28, 29. Epitáfios que mencionam tanto a pátria como o campo de batalha: Peek 7, 9, 20. Epitáfios que

literárias, deveriam ter sua classificação revista, o que não seria razoável⁴⁵. Não obstante sua certeza no caráter funerário da inscrição, Page nos surpreende ao aventar a hipótese que a voz dos calcídios vencidos, e não a dos atenienses vencedores⁴⁶, seria aquela ouvida através do epigrama. Assim, diz estranhar o fato de o texto mencionar o local de sepultamento, quando a estela onde ele estaria inscrito encontrava-se justamente dentro dos limites da cidade natal dos mortos, ou seja, Cálcis⁴⁷! No entanto, há pelo menos três problemas relacionados a essa sua interpretação.

O primeiro deles é que os combatentes teriam sido “vencidos ou domados” sob uma encosta do monte Dírfis (Δίρφυος ἐδμηθημεν ὑπὸ πτυχί), o que deslocaria o local da batalha em cerca de 28-30 km em direção ao interior da ilha⁴⁸ (cf. o mapa na página a seguir). O que tornaria possível, portanto, que os sobreviventes, seguindo o costume pan-helênico, tivessem decidido inumar os mortos imediatamente e *in situ*⁴⁹. A própria expressão *σῆμα δ’ ἐφ’ ἡμῖν*, “um (lit.) ‘sinal’ sobre nós”, não precisa exatamente o *quê* estaria sobre os mortos e uma leitura que a traduza por “uma lápide sobre nós” acrescentaria ao verso mais informações do que

nomeam a pátria, mas não o campo de batalha: Peek 14. Epitáfios que nomeiam o campo de batalha, mas não a pátria: Peek 23.

⁴⁵ Page (1981): “*This objection [uiz. Willamowitz’s], if true, would have a bearing on other epitaphs in the present collection (...)*”. Jacoby (1945), descarta completamente o julgamento de Willamowitz, segundo ele “*The objection of Wilamowitz (...) is shaky: the Corinthian epitaph from Salamis furnishes a sufficient parallel, and the Peisistratus epigram IG I2, 761 an even better one, not to mention later cases as, e.g., the second epigram for Chaeronea (Hiller 74)*”.

⁴⁶ Page (1975), p. 9: “*hoc epigr. potius in victos quam victores compositum esse crederes*”.

⁴⁷ Page, *idem*, *ibidem*, n. 45 : “The most unusual feature of II is the apparent admission of defeat. There is not even a palliative πατριῶν ῥυόμενοι or the like, and the verb ἐδμήθημεν is uncommonly candid. No other public epitaph for men fallen in battle states that they were ‘overpowered’, or even that they were defeated. (...) Plainly, if this epitaph refers to the events of 507/6 B.C., the men commemorated will be the defeated Euboeans, not (as is commonly supposed) the victorious Athenians”.

⁴⁸ Uma hipótese do próprio Page, *idem*, p. 191, com. 688-9, minha estimativa de distância baseia-se na geografia atual do local.

⁴⁹ Para uma descrição mais detalhada do costume arcaico de enterrar os mortos diretamente no campo de batalha, veja a discussão do capítulo seguinte sobre o Fr. XX FGE.

disponíveis no original, já que *νήμα* pode indicar simplesmente um “outeiro funéreo” (*νήπιος*), semelhante àquele de Maratona.

Figura 3 - Vista aérea do Euripo, com a cadeia do Dífis ao norte. Em vermelho, o avanço das tropas atenienses em perseguição aos calcídios e, em amarelo, a provável rota de retirada destes.

Outrossim, o verbo *χέω*, aqui na forma da 3ª p. do perf. sing. pass., tem, como se sabe, o sentido principal de “derramar, deixar escorrer”, donde se desenvolve a noção de “amontoar” quando o objeto, expresso ou subentendido, é de

natureza sólida, caso da terra depositada sobre os corpos¹. Há inúmeras instâncias em que o verbo, aparecendo junto com *νήμα*, não permite que decidamos sobre a natureza da última, i.e., se se trata de um *σωρός*/ *τύμβος* ou de uma estela inscrita, o que nos leva a admitir, portanto, que há pelo menos a *possibilidade* de o epigrama poder ter sido colocado alhures, separado do outeiro funéreo a que faria referência.

O outro problema à “hipótese calcídia” de Page diz respeito à lógica textual do mesmo: foram os atenienses que saíram vitoriosos do combate contra os calcídios, não o contrário². Nessas condições e, desde o ponto de vista da ideologia da “bela morte”, admitir a derrota em seu epitáfio não traria vergonha alguma para os que tombaram, simplesmente “*porque é belo e justo morrer na linha de frente atacando | para homem excelente lutando por sua pátria*”³. Por outro lado, por que aqueles que, em troca de sua derrota - e tendo deixado livre o caminho para a queima das searas de sua cidade, da morte de seus filhos e da escravidão de suas mulheres -deveriam receber a “honra” de uma inscrição na pedra? Não seria isso algo para esquecer, mais do que para lembrar ou, pior ainda, celebrar? A idéia de que os calcídios possa ser os autores do epigrama, parece-nos, serviria, dessa maneira, apenas de *absurdum ex hypothesis* como qual reforçar uma autoria ateniense.

Uma última, porém importante consideração deve ser feita e que, de certa forma, ajuda a fortalecer a causa para os atenienses. O termo *δημοσία*, “às expensas do povo” (oposto à *ιδία*, “de um particular”), inusitado e, ademais, nunca atestado em nenhuma inscrição para a Eubéia no período considerado, é

¹ Cf. latim *fundare*.

² Assim Molyneux (1992), p. 86.

³ Tirteu, fr. 10W²: “τεθνάμεναι γὰρ καλόν ἐνὶ προμάχοις πετόντα | ἄνδρ’ ἀγαθὸν περὶ ἧ πατρίδι μαρνάμενον”

conspicuamente associado à democracia ateniense. Os decretos em que o povo (δῆμος) decidia os rumos da cidade e legislava sobre as mais variadas matérias, inclusive sobre as honras aplicáveis aos mortos de guerra ou a indivíduos particulares, invariavelmente começavam com uma combinação do tipo ἔδοξεν τῷ δήμῳ... (“pareceu [por bem] ao Povo...”) ou então ἔδοξεν τῇ βουλῇ καὶ τῷ δήμῳ... (“pareceu [por bem] ao Conselho e ao Povo”). Embora nessa época provavelmente δημόσιος ainda não tivesse a conotação que desenvolveria mais tarde (no contexto da instituição do *patrios nómos*, por exemplo). A própria menção a uma palavra tão técnica do vocabulário jurídico e histórico ateniense, sobretudo num período imediatamente posterior às reformas de Clístenes, deveria servir para, na falta de evidências em contrário, ser suficiente para atribuir a autoria da inscrição ao povo de Atenas, identificando-se nela a voz dos soldados que sacrificaram suas vidas numa batalha não só crucial, mas decisiva para o fortalecimento da democracia ateniense, já que uma derrota aí poderia ter levado a *stasis* e a tirania outra vez de volta à cidade.

2.4 Texto e Contexto

2.4.1 Metro

O metro de ambas as inscrições é o dístico elegíaco. Do ponto de vista rítmico, o andamento da composição é despojado, mas solene, o que talvez seja um indício de que tenha sido planejado para poder ser lido facilmente em voz alta e rapidamente memorizado.

2.4.1.1 Fr. II FGE

(H1) — υ υ | — — | — υ υ | — υ υ || — υ υ | — —
 (P1) — υ υ — — — || — υ υ — υ υ —
 (H2) — υ υ | — || υ υ | υ υ | — υ υ | — υ υ | — —
 (P1) — — — υ υ — || — υ υ — υ υ —

Note-se que em H1, o verbo ἐ-δμή-θη-μεν, “fomos subjugados” apresenta 3 *morae* e que a cesura logo após πτυχί (posição C2, na diérese bucólica, incomum para o período) acrescenta um ar de suspense ao destino dos mortos, que aumenta num crescendo (cḗμα δ’ἔφ’ῆμῖν...) até a cesura de P1, onde ficamos conhecendo o responsável pela honra conferida e o monumento, o povo de Atenas (...δημοαῖαι κέχυνται), anunciado por um movimento anapéstico solene. Logo em seguida, o padrão métrico muda por deslocar a cesura para outra posição inusitada, logo após a longa do segundo dátilo (B1 ou tritemímeros), onde a pausa funciona como se fossem dois pontos, “οὐκ ὀδίκωσ/ não injustamente”, o que dá tempo para o leitor/ouvinte perguntar-se e considerar a razão aludida, que, como no verso anterior, é revelada por outro ritmo anapéstico, ἐρατὴν γὰρ ἀπωλέσαμεν νεότητα/ *porque nós arruinamos nossa juventude*. No ápice da dramaticidade, já em P2, o inusitado e lúgubre epíteto para guerra é anunciado em seis arrastadas *morae*, seguidas de uma rápida passagem pelas duas sílabas iniciais do substantivo “guerra” e mergulhando no negrume da longa final dessa palavra, antes da cesura de P2: τρη-χεῖ-αν πολέ-μου/ áspera da guerra. O fechamento surge dessa sentença pesada que envolve o leitor como uma vertigem para a orgulhosa e solene atitude dos soldados, apresentada num andamento jônico, onde o morfema do nominativo plural é salientado, pondo em evidência o sujeito como responsável pela ação e reunindo os anônimos num único corpo heróico, que se desfaz na bela imagem da

poeira da guerra sob a qual sucumbem os guerreiros: δε-ξάμε-νοι νεφέ-λην/
aceitando (como paga dessa honra) *a nuvem*.

2.4.1.2 Fr. III FGE

A cesura em H1 é hipotética (novamente em C1, na diérese bucólica), do ponto de vista prosódico, não haveria pausa antes do final do verso, devido às fortes pontes estabelecidas entre as palavras no final de cada pé. Situar a cesura em B2 (conhecida como κατὰ τρίτον τροχαῖον, i.e., “depois do terceiro troqueu”) seria desaconselhável, já que conferiria um ritmo monótono, demasiadamente anapéstico, ao elegíon. Em P2 é digno de nota a ênfase dada a Ἀθηναίων, que se estende por 7 *morae*. É curiosa a inversão rítmica que se dá entre os dois primeiros dátilos de H1 e P1 (marcados respectivamente H1(a) e P1(a), acima), ainda mais quando verificamos que fazem parte do mesmo cólon e do mesmo semema rítmico.

Em H2 são os inimigos que recebem ênfase, mas com outro propósito, que é o de provavelmente salientar seu sofrimento, ou o tamanho do desafio representado por eles em batalha, que seria diretamente proporcional à coragem dos atenienses. Frente ao substantivo ἔθνεα, “hordas”, é provável que o poeta tivesse em mente a segunda alternativa, os dois etnônios ocupam longas 14 *morae*. A cesura, na posição B1 ou pentemímeros, causa um efeito de espanto no ouvinte,

acrescentando ao temidos beócios (tebanos em sua maioria), os famosos flecheiros de Cálcis, ou seja, “não só Beócios mas também (um forte καί)... os calcídios!”. O clímax vem no arremate do verso, com o troqueu δαμάσσαντες, dominando(-os). No último pentâmetro, P2, a ênfase recai nas éguas ofertadas à Palas e na origem da oferta, os vencidos: τῶν ἵππους, seis moras ao todo.

2.4.2 Comentário Interlinear

2.4.2.1 Fr. II FGE

H1 - Δίρφυος ἔδμηθημεν ὑπὸ πτυχί, σῆμα δ' ἔφ' ἡμῖν

(a). Δίρφυος (...) ὑπὸ πτυχί (...) ἐγγύθεν Εὐρίπου: O monte Dírfis, sob cuja sombra, deu-se a batalha entre calcídios e atenienses é o ponto mais alto da estreita ilha da Eubéia, atingindo 1746m de altitude (cf. mapa, acima). Page⁴ acredita que os calcídios retrocederam até aí para enfrentar os atenienses e é possível que, pressionados pelo ataque desses últimos, tenham recuado ainda mais para o interior, até a encosta escarpada do Dírfis, onde, num último esforço para preservar suas vidas, podem ter causado muitas baixas ao contingente de Atenas⁵; a essas baixas na dobra da montanha (ὑπὸ πτυχί) é que estaria se referindo o epigrama.

(b) ἔδμηθημεν: Essa é forma do aor. ind. pass. da 2ª pessoa do plural. de δάμνημι (ou δαμνάω/ δαμάζω), “fomos domados”. O verbo, no entanto, raramente é usado

⁴ Page (1981), p. 191: “‘near the Euripus’ presumably means ‘in Chalcis’. The battle field is said to have been not there, but ‘under the folds of Dirphys’; if this is to be taken literally, the Euboeans must have retreated some distance (perhaps as much as ten miles) to the east or north-east of Chalcis”.

⁵ A exemplo do que teria ocorrido com os μαραθωνομάχαι, durante a invasão persa de 490, no monte Agrieliike.

com um agente da passiva pessoal. Na *Ilíada*⁶ ocorre apenas algumas vezes com esse sentido, p. ex., na ameaça de Tlepólemos a Sarpédon (ἀλλ'ὕπ'ἔμοι δμηθέντα πῖλας Ἀΐδῶω περήσειν, *mas por mim dominado, os portões do Hades hás de cruzar*), em outros dois casos, no entanto, os agentes são, respectivamente, a flecha (ἄβελει) de Pandaros, com que Atená deseja instigá-lo a matar Menelau, ou os presentes com que Agamêmnon intenta aplacar a fúria de Aquiles. As acepções mais comuns do verbo são (a) para descrever a “doma” da fêmea pelo consorte, sejam esses deuses, homens ou animais⁷ e (b) a vitória final de algum processo ou fenômeno natural (muitas vezes deificado) sobre os homens e seu meio ambiente.

No caso de (a) é natural que os oponentes se jactem de ser capazes de “domar” seu inimigo, o que implicaria na incapacidade (passividade decorrente da efeminação) desse último de resistir à força daquele. Um impropério extremamente ofensivo e efetivo para despertar a fúria, mesmo nos dias de hoje e nas mais variadas culturas. No caso de (b) implica, evidentemente, a impotência do homem frente a forças maiores, em cujo sentido δάμνημι poderia estar empregado com o agente da passiva elíptico, o qual poderíamos identificar com, por exemplo, Ἀΐδῶω, μοίρα, ἐχθρῶ, Ἄρηϊ, etc⁸.

O que parece ter passado despercebido pelos comentadores, e que ajuda a reforçar o argumento a favor de uma identificação ateniense para o sujeito do verbo,

⁶ As passagens são, respectivamente Il. 5.646; 4.99 e 9.158.

⁷ Cf. “δάμ-αρ”, esposa, mulher. Esse uso é muito comum na *Teogonia* para descrever os inúmeros casamentos celestiais e humanos. Cf., vv. 327, 374, 453, 962, 1000, 1006. O verbo é, assim, especialmente associado a Eros e Afrodite, p. ex., Hes. *Scut.* vv. 48; Fr. 23a; Fr. 195.48; Hom. *Ilíada* 14.316.

⁸ Onde são exemplos, respectivamente, AG 7.737.2 e IGBulg P 463(3); SEG 6.567, IG XII,8 92, IG XII,8 600

é a estreita relação entre δόμνημι e a principal atividade dos Calcídios na ilha de Eubéia: a criação e domesticação de cavalos. De fato, o sentido de “domar” parece ser o mais antigo em Grego e pode ser reconstruído quase sem alterações na maioria das línguas indo-européias a partir de um radical único, **demh₁-*, donde o grego “δόμνημι”, o latim “dōmo” (daí o “dom-ar”, em português) o hitita “dam-aszi”, o sânscrito “dām-aya-ti” e, a partir do germânico, o alemão “zähmen” (>d(z)a(e)m-) e o inglês “tame (>dam-)”.

Há palavras específicas⁹ associadas à doma do cavalo na maioria das línguas indo-européias (cf. sânscrito *damitar-*) derivados daquele radical. Em grego, p.ex., tomemos o epíteto ἵππό-δόμος, lit. “domador de cavalos”, que parece estar especialmente associado aos homens da idade heróica¹⁰ de Hesíodo e assim é empregado por Homero¹¹ para caracterizar Cástor, um dos gêmeos tindaridas¹². Na épica, por outro lado, é anteposto como qualificativo a diversos personagens, mas está intimamente associado aos Troianos¹³, de um modo geral, e, particularmente, a Antenor e Heitor¹⁴. Não seria surpreendente, portanto, que o poeta escolhesse justamente esse verbo para descrever o único modo pelo qual os atenienses, dessa feita aproximados a garanhões, serem “vencidos” pelos Eubeus, mestres na arte de lidar com cavalos.

P1 - κῆμα δ' ἔφ' ἡμῖν (...) δημοαῖαι κέχυνται:

⁹ Mallory e Adams (2006), p. 136 e Anthony (1986).

¹⁰ Como, p. ex., em Píndaro Neméia 4.29 “ἥρωας (...) ἵπποδόμους”.

¹¹ 38 vezes na *Ilíada* contra apenas 3 na *Odisséia*.

¹² Homero, *Hino aos Dióscures*, v. 3 e *Odisséia* 11.299. Cástor e Polideuces (mas especialmente Cástor) eram associados aos cavaleiros e às artes eqüestres.

¹³ *Ilíada* 4. 355, 6.461, 11.568, etc.

¹⁴ Respectivamente, p. ex., *Ilíada* 14.473 e 7.38.

Cῆμα, enquanto índice, é qualquer sinal que se coloque para marcar alguma coisa. Na acepção de monumento funerário, refere-se, originalmente ao monte de terra (moimento, túmulo) erguido para marcar o local de inumação do(s) morto(s). Esses montes de terra, freqüentemente mencionados na épica, podiam ou não ser acompanhados de inscrições (ἐπιγράμματα) e, quando assim acontecia, aquelas eram, normalmente gravadas sobre estelas (στήλαι). A partir desse costume, desenvolveu-se uma relação metonímica entre o cῆμα propriamente dito e a στήλη, fazendo com que essa, em muitos casos, porém não em todos, implicasse automaticamente naquele. O uso de cῆμα querendo significar “outeiro funéreo” aparece por primeiro em uma passagem na *Ilíada*¹⁵, para descrever a tumba da Amazona Mirina, “ἄθάνατοι δέ τε cῆμα πολυκάρθοιο Μυρίνης” (*os imortais [chamam também] de o largo túmulo de Mirine*).

A construção de um cῆμα acompanhado de alguma espécie de inscrição, no entanto, está implícita no juramento prestado por Heitor ao preparar-se para o combate com Ajax Telamônio¹⁶. Aí ele revela sua preocupação com o destino de seu corpo, caso venha a morrer em combate, e certifica-se de que, vença quem vencer, este conceda ao outro a honra (γέρας) dos ritos funéreo (νέκυα) adequados: a cremação, no caso dele mesmo (“ὄφρα πυρός με | Τρῶες καὶ Τρώων ἄλοχοι λελάχωσι θανόντα”, *a fim de que, morto, os troianos e suas esposas me entreguem*

¹⁵ Onde encontramos 26 instâncias do substantivo, das quais 12 têm o significado de “lápide colocada (χευομένη) sobre o túmulo (τύμβος): 2.814; 7.86, 89; 11.166; 21.332; 23.45, 255, 257, 331; 24.16, 416, 801. Na *Odisséia* o uso é semelhante, com 13 ocorrências, das quais apenas 3, no entanto, têm o sentido aludido: 1.291; 2.222 e 11.75, um “sinal” que Elpenor pede a Odisseu, no Hades, que lhe plante (χεύειν) πολίης ἐπὶ θινὶ θαλάσσεσ, a fim de que ἐκκομένοισι πιθέσθαι.

¹⁶ Il. 7.67-91.

ao fogo) ou a inumação, no caso dos Aqueus (“ὄφρα ἑ ταρχύωσι κάρη κομόωντες Ἀχαιοὶ | σῆμά τέ οἱ χεύωσιν ἐπὶ Πλατεῖ Ἑλλεσπόντο”, *a fim de que a ele os Aqueus de espessa crina, em procissão, moimento ajuntem a planície do Mar Grego*). O objetivo desse σῆμα segundo Heitor seria o de perpetuar tanto seu feito quanto sua fama e, assim, constitui-se igualmente num μνῆμα, ou monumento:

καὶ ποτέ τις εἶπη καὶ ὀψιγόνων ἀνθρώπων
 νηϊ πολικλήϊδι πλέων ἐπὶ οἴνοπα πόντον·
 ἀνδρὸς μὲν τόδε σῆμα πάλαι κατατεθνηῶτος
 ὃν ποτ’ ἀριστεύοντα κατέκτανε φαίδιμος Ἴκτωρ.
 ὥς ποτέ τις ἑρέει· τό δ’ ἐμὸν κλέος οὐ ποτ’ ὀλεῖται.

*E um dia alguém dirá, inclusive dentre os homens do porvir,
 em naus de muitos remos cruzando o purpúreo ponto:
 ‘De um varão esta é a lápide, há muito tempo falecido
 Um daqueles que, dominando, abateu o insigne Heitor’
 E porquanto um assim falar, minha fama nunca perecerá.*

Em Hiponax encontramos σῆμα curiosamente associado a outros substantivos usados com significado semelhante, “(...) τὴν ἐπὶ Κμύρης | ἰθὺ διὰ Λυδῶν παρὰ τὸν Ἀττάλεω τύμβον | καὶ σῆμα Γύγεω καὶ [Κησό]στρ[ιος] στήλην | καὶ μνῆμα Τωτος Μιτάλιδι πάλμυδος | πρὸς ἥλιον δύνοντο γαστέρα τρέψας, [...] *aquela em Esmirna | direto através da Lídia, ao lado da tumba de Átalos | e do túmulo de Giges e da coluna de Sesóstrio | e da lápide de Totos, senhor de Mitale | virando tua pança ao sol-poente*. Δημοσίαι κέχυται, se estivermos corretos em atribuir esse epigrama aos atenienses, só pode querer significar “as expensas do povo”, i.e., financiado pelo novo governo democrático, instituído recentemente por Clístenes.

H2 - οὐκ ἀδίκως, ἔρατὴν γὰρ ἀπωλέσαμεν νεότητα:

Tanto Diehl quanto Peek não acreditam que o segundo dístico fizesse parte da inscrição, rejeitando-o como uma adição tardia, no que lhes segue Wilhelm¹⁷. Page, embora admitindo o fato de que no VI século poucos epigramas excediam duas linhas em qualquer metro¹⁸, discorda. Segundo ele, em vista de novas evidências arqueológicas de inscrições do mesmo período e com mais de duas linhas, a objeção levantada por aqueles pesquisadores perde muito sua força¹⁹.

O segundo hexâmetro, na verdade, justifica o instrumental δημολία, um termo novo e surpreendente, jamais atestado em inscrições anteriores. Talvez por esse motivo o poeta, ou quem comissionou a inscrição, sentira a necessidade de, por um lado, justificar, os gastos com um monumento público em honra dos mortos e, por outro, de salientar o cuidado dos concidadãos com aqueles que ofereceram suas vidas em sacrifício pelo bem comum. Ao ler a inscrição, precisamos nos lembrar de que a mesma fora destinada a permanecer numa terra estrangeira ou, no mínimo, longe da pátria dos mortos e que, assim, estaria sujeita a ser lida por diferentes pessoas, gregos e bárbaros, viajantes em sua grande maioria, já que Cálcis sempre foi um entreposto de trocas, devido ao seu porto e à entrada estratégica para o golfo da Eubéia. Desse ponto de vista, seria necessário instruir esses estrangeiros tanto sobre os valores de virilidade ateniense, quanto sobre os cuidados dispensados pela pátria para com seu cidadãos.

É notável que, ao invés da cidade, quem fala são próprios mortos, como seria de se esperar de uma inscrição funerária, mas há um subtexto presente na

¹⁷ Wilhelm Jahresh. der Oest. Arch. Inst. Wien, vol. 2 (1899), p. 244, *apud* Page (1981).

¹⁸ Page (1975), p. 9. Segundo Page “3-4 postmodo additos esse coni. Wilhelm, perperam opinor”. Page (1981), p. 190: “and [sc. the inscriptions of the VI century] generally state the facts (as in the first couplet) without comment (as in the second)”

¹⁹ Page cita, como exemplo, Peek 1226, e conclui: “In the light of this example the objective case against the second couplet must be judged inconclusive; the verdict then depends on personal impressions, and it would be hard to give a good reason why these should be unfavourable.”

mensagem. Se entendermos o conceito de δίκη²⁰ como um costume distributivo e sobretudo pragmático, baseado num conjunto de regras estabelecidas coletivamente, e que define o que cabe a cada um de acordo com as ações individuais, οὐκ ὀδίκως seria melhor traduzido por “não excepcionalmente” do que por “não injustamente”, já que aqui o sentido prático de dar a alguém o que lhe é devido como quinhão é bastante claro: há uma troca de X por Y, independente do juízo de valor que se possa fazer sobre essa troca ou sobre aqueles que a produzem, o que poderia ocorrer se operássemos sobre o conceito de justiça. A troca aludida, obviamente, diz respeito àquela da morte pela honra (ou lembrança), dentro do contexto da isonomia clisteniana e da proibição de memoriais particulares para os mortos, esse era o único caminho de excelência pessoal a que o ateniense poderia trilhar.

Dessa feita e segundo *nossa* leitura, “οὐκ ὀδίκως, ἐρατὴν γὰρ ἀπωλέσαμεν νεότητά” preservaria um sentido mais próximo do sentido original se traduzido de uma maneira um pouco mais prosaica: “*não excepcionalmente* [recebemos essa honraria, sc. τὸ σῆμα] *porque* [para tê-la] *arruinamos nossa amável juventude*”.

Sobre o vocabulário, seria importante notar que o verbo ἀπόλλυμι (cf. lat. *aboleō*, de uma raiz indo-erupoéia **h₃elh₁*), cujo significado principal é o de “destruir completamente, sem deixar vestígios”, pode, quando usado transitivamente, ter a acepção de “esgotar” ou, mais especialmente, “perder/ acabar/ arruinar/ gastar

²⁰ Oposto a θέμις, costume ligado à tradição, à religião ou às crenças de cada um sobre o que é certo ou errado.

*precocemente*²¹”. Quanto àquilo que se perde, ἐρατὴν νεότητα, *amável* (ou *desejável*²²) *juventude*, ela aqui é colocada desde um ponto de vista heróico, já que a juventude só pode ser desejável (e, de certa forma, invejável), na medida em que ela capacita aqueles que a possuem a participar dos combates contrapondo-se, automaticamente, à velhice (γῆρας), classificada, dentro desse sistema de valores guerreiro, como αἰσχρά²³. Page classifica todo o pentâmetro como típico entre os epigramas de Simônides (“*conventional language*”²⁴) e cita, como paralelo, “ποτ’ ἀγλαὸν ὤλεσαν ἥβην”, “ἐρατῇ παρ νεότητι”, “ὠλέεθαι ἥβαν”²⁵ e Peek “ἀπώλεσαν ἀγλαὸν ἥβην”, e “νεαρὰν ἥβην ὀλέσαντα”²⁶, aos que poderíamos acrescentar Hesíodo “φυὴν ἐρατὴν”, Tirteu “ἐρατῆς ἥβης”, Sólon, “ὅς (sc. πόλεμος) ἐρατὴν ὤλεσεν ἡλικίην”, Sotades “ἥβην τ’ ἐρατὴν”, Teógnis “ἥβην ἐρατὴν ὀλοφύρομαι”²⁷

P2 - τρηχεῖαν πολέμου δεξάμενοι νεφέλην

²¹ Cf., respectivamente, a água que escapa a Tântalo, *Odisséia* 11.586, “τοσσάχ’ ὕδωρ ἀπολέσκειτ’ ἀναβροχέν” e idem, 7.117 “τάων οὐ ποτε καρπὸς ἀπόλλυται οὐδ’ ἀπολείπει | χείματος οὐδὲ θέρεως, ἐπετήσιος”.

²² Schol. In Hesíodo 65.2: ἐρατὴν· ἐπιθυμητήν.

²³ Cf. Tirteu, fr. 10W²: “αἰσχρὸν γὰρ δὴ τοῦτο, μετὰ προμάχοις περόντα | κεῖσθαι πρόςθε νέων ἄνδρα παλαιότερον, | ἥδη λευκὸν ἔχοντα κάρη πολίων τε γένειο | θυμὸν ἀποπνείοντ’ ἄλκιμον ἐν κονίῃ, | αἱματόεντ’ αἰδοῖα φίλαις ἐν χερσὶν ἔχοντα | αἰσχρὰ τὰ γ’ ὀφθαλμοῖς καὶ νεμεσητὸν ἴδει | καὶ χροὰ γυμνωθέντα· νέοις δὲ πάντ’ ἐπέοικεν, | ὄφρ’ ἐρατῆς ἥβης ἀγλαὸν ἄνθος ἔχη, | ἀνδράσι μὲν θηητὸς ἰδεῖν, ἐρατὸς δὲ δὲ γυναιξὶ | ζωὸς ἔων, καλὸς δ’ ἐν προμάχοις περών |”.

²⁴ Page (1981), p. 191, 3-4.

²⁵ Respectivamente, Sim. XLVI, LXX e XLIX FGE.

²⁶ Peek 18.1 e 305.3/1226.3

²⁷ Teógnis, 1131.

Segundo Page, τρηχεῖαν (...) νεφέλην parece cunhado sobre a expressão homérica ὄχρεος νεφύλη²⁸, mas acrescenta um novo colorido se comparada à κυάνεον (...) θανάτου νέφος (Sim. IX FGE). A associação entre a morte (θάνατος) e nuvem ou neblina que turva a vista (variavelmente descrita como negra, áspera ou dorida) pertence ao imaginário indo-europeu. Os próprios radicais de θάνατος e νέφος se aproximam na medida em que ambos derivam, no caso daquele, ou convergem, no caso deste, para a idéia de “obscurecer, desaparecer”. Θάνατος, deriva de um radical **dhwenh₂*, cujo sentido englobava as noções de “cobrir, sobrepor-se, esconder, escurecer por privar de luz”, donde o sânscrito tirou *dhvāntā-*, “coberto, escuro, velado”; já nuvem, a partir de um radical **nebhos* (donde o latim. *nebula*²⁹, e o sânscrito *nábhas-*), fez surgir, no inglês arcaico o adjetivo *nifol*, com o significado de “escuro”.

Outra idéia imediatamente sugerida pela associação, não mais entre θάνατος e νέφος, mas entre esta e πόλεμος é a de que a movimentação das tropas deveria levantar a poeira do chão e, assim, cobrir os soldados numa nuvem escura de areia fina. Areia e pó que, entrando no trato respiratório, poderiam causar a sensação sugerida pelo adjetivo τρηχεῖαν, empregado nessa acepção por Hesíodo em ὑσμίνῃ τρηχεῖα, *áspero combate*³⁰ e por Píndaro, ἀλλ' ἡμέρα γὰρ ἐν μιᾷ | τραχεῖα νιφὰς πολέμοιο τεσσάρων | ἀνδρῶν ἐρήμωσεν μάκαιραν ἑστίαν, *mas apenas em um dia,*

²⁸ *Ilíada*, 17.591. 18.22.

²⁹ Mas não *nūbēs*, advindo de outro radical **sneudh-*.

³⁰ Hes., *Scutum* 119.

a áspera nuvem da morte quatro varões privou da bem-aventurada lareira³¹. Há, no entanto, uma única evidência (ainda que tardia) de que esse adjetivo pudesse ter sido usado alhures como epíteto para o monte Dírfis³², onde ocorrera a batalha e, dessa feita, τρηχεῖαν poderia se referir, ainda que indiretamente, ao tipo de morte associado às escarpas da montanha. Entre os fragmentos épicos de Eufório, lemos Δίρφυν ἀνὰ τρηχεῖαν ὑπ'Εὐβοίῃ κεκόνιστο, *subindo o escarpado Dírfis sobre a Eubéia empoeirado(a?)*³³.

2.4.2.1 Fr. III FGE

H1 - Δεσμῶι ἐν †ἀχνυόεντι† σιδήρωι ἔσβεσαν ὕβριν

O caso de †ἀχνυόεντι† já foi discutido na seção 2.2, quando falávamos do estabelecimento do texto do epigrama. Aqui gostaríamos de chamar a atenção, para a semelhança entre esse hexâmetro e o um dos fragmentos de Heráclito³⁴, ὕβριν χρὴ σβεννύναι μᾶλλον ἢ πυρκαϊήν (“*deve-se apagar o hýbris mais do que a lareira*”), uma variação, segundo Sider³⁵ da fórmula Homérica “σβέσσαι χόλον³⁶”.

P1 - παῖδες Ἀθηναίων ἔργμασιν ἐν πολέμου

Page nos diz que a *combinação dativo + ἐν + genitivo adjetival*, como aparece em ἔργμασιν ἐν πολέμου, é rara, mas não elabora sobre o tópico e, como o LSJ lista apenas esse verso de Simônides como exemplo, há razões para se acreditar que

³¹ Istmia 4.16-18.

³² τρηχὺς é normalmente usado para qualificar lugares escarpados. Por exemplo, como epíteto de Ítaca, *Odísséia* 9.17; 10.417; também para o Quersoneso, Herod. 4.99.

³³ Eufório, TLG-D, fr.73.1.

³⁴ Herac. Fr 43.1, TLG-D.

³⁵ Sider (2007), p. 126, n. 41.

³⁶ *Ilíada*, 9.678.

estejamos frente a um *hapax*. Schneidewin não comenta o uso. Bergk nota que em um dos manuscritos de Heródoto temos ἔργμασιν, “em um barreira (ou cerca, guarda)” - o que apenas aumentaria a confusão, tornando o verso ilegível. Felizmente, podemos descartar ἔργμασιν graças à evidência epigráfica, já que a pedra revela]ηναιονεργμα[e não]ηναιονηεργμα[, como seria de se esperar, fosse o épsilon aspirado. O *codex* conhecido como *Antologia de Planudes*³⁷ dá ἐκ πολέμου ao invés de ἐν πολέμου, o que só podemos entender ou como um barbarismo, ou como um erro do copista, ou ambos;. Finalmente, em Diodoro lemos ἐν πολέμῳ, a melhor das leituras possíveis, comum em Simônides, mas que, apesar disso, nunca foi incorporada em nenhuma edição, por razões que, aliás, desconhecemos.

Ἔργμα, na verdade, é uma forma poética, e mais antiga, para ἔργον, encontrada, por exemplo, em Píndaro³⁸ “ῥῆμα δ' ἔργμάτων χρονιώτερον βιοτεύει” (“*palavras vivem mais tempo do que feitos*”), Teógnis³⁹, “μηδ' αἰσχροῖσιν ἐπ' ἔργμασι” (“*nem em feitos vis*”), Sólon⁴⁰ “πλουτέουσιν δ' ἀδίκῳ ἔργμασιν πειθόμενοι” (“*seduzidos por ações indecorosas eles prosperam em riqueza*”), Ésquilo⁴¹, “οὐκ ἔασει γλῶσσαν ἔργμάτων ἄτερ” (“*não permitirá palavras sem ações*”) e “οὐδὲ γὰρ βροτοκόπων μαινάδων τῶνδ' ἐφέρψει κότος τις ἔργμάτων” (“*pois não viremos nos arrastando, furiosas guardiãs da humanidade, para trazer vingança contra*

³⁷ Page (1975), p. 9, III.2 “ἐν:ἐκ C (εἰς ut uid.)”;

³⁸ Pind. *Nem.* 4.6.

³⁹ Teógnis, 29 W²..

⁴⁰ Fr. 4.11 W².

⁴¹ Respectivamente, *Sete contra Tebas*, v. 555 e *Eumênides* v. 501.

alguém em retorno de tais crimes”). Nunca, todavia, ele aparece junto de πόλεμος, até onde pudemos averiguar, e jamais na combinação vista no III FGE. Mesmo uma busca nas inscrições epigráficas do banco de dados do PHI não revela nada parecido, além de, também lá ἔργμασιν aparecer em apenas cinco inscrições⁴², dentre as quais a do epigrama em questão. É nossa sugestão, portanto, que a leitura de Diodoro, ἔργμασιν ἐν πολέμῳ, seja restaurada nas próximas edições desse fragmento.

H2 - ἔθνεα Βοιωτῶν καὶ Χαλκιδέων δαμάσαντες·

ἔθνεα aqui é certamente usado com o sentido (pré-)homérico de “horda, rebanho, multidão” especialmente de animais, pássaros e insetos (p. ex., μελιττῶν, ὀρνίθων, μυιάων)⁴³, p. ex., “ἐπεσσεύοντο δὲ λαοί | ἥύτε ἔθνεα εἴσι μελιττῶν ἰδινάων | πέτρης ἐκ γλαφυρῆς” (“os soldados juntavam-se apressados: como um grosso enxame de abelhas sai | de uma oca pedra”)⁴⁴; Lucílio, “γυπῶν ἔθνεα καὶ κοράκων” (“raça dos abutres e dos corvos”)⁴⁵. Uma vez que δαμάσαντες remete-nos à principal atividade dos calcídios e eubeus (e também a H1 do II FGE), domar cavalos e, igualmente, por esses serem agrupados em rebanhos pelos campos, pode haver uma fina ironia nesse verso, que retrata os domadores como domados, fugindo em bandos para o abrigo das colinas do Dírfis.

⁴² IG II² 5768, IV sec. a. C.; III FGE (IG I³ 501; Raubitschek, DAA 168 e 173); Afrodísias 732, VI séc. d. C.; Ephesos 3083, período romano; IK Laodikeia am Lykos 11, V/IV séc. a. C.; SEG 24:1243, não datada, porém tardia, período romano talvez.

⁴³ Talvez a partir de um radical indo-europeu *s₂edh-nos, que, segundo Frisk, IEED, 1448-9, significaria “*Schar, Haufe, Schwarm*” (von Menschen und Tieren; Hom., Pi., A.).

⁴⁴ *Ilíada*, 2.87 e cf. tb. 2.459, 469.

⁴⁵ Lucílio, AG, 11.191.6.

P2 - τῶν ἵππους δεκάτην Παλλάδι τάδ' ἔθεσαν

(a) ἵππους (...) τάδ': Atená, sendo a deusa virgem por excelência, recebe, como oferta, uma quadriga de *égguas* (apenas identificadas pelo demonstrativo acusativo τάδε), já que o cavalo, símbolo de força sexual e atributo de Posídon (com quem, aliás, ela competiu pela patronagem da cidade), seria extremamente inadequado. De acordo com o hino homérico à Afrodita somente a ela, a Ártemis, e a Héstia teria Zeus concedido o poder de resiliência frente ao ardis de Afrodita; ainda de acordo com esse mesmo hino, fora a deusa que ensinara aos homens como construir as carruagens usadas na guerra:

τρισὰς δ' οὐ δύναται πεπιθεῖν φρένας οὐδ' ἀπατῆσαι:
 κούρην τ' αἰγίοχοιο Διός, γλαυκῶπιν Ἀθήνην:
 οὐ γὰρ οἱ εὖαδεν ἔργα πολυχρύσου Ἀφροδίτης,
 ἀλλ' ἄρα οἱ πόλεμοί τε ἄδον καὶ ἔργον Ἄρης
 ὑσμῖναί τε μάχαι τε καὶ ἀγλαὰ ἔργ' ἀλεγύνειν.
 πρώτη τέκτονας ἄνδρας ἐπιχθονίου ἐδίδαξε
 ποιῆσαι κατίνας τε καὶ ἄρματα ποικίλα χαλκῷ.
 ἥ δέ τε παρθενικὰς ἀπαλόχροας ἐν μεγάροισιν
 ἀγλαὰ ἔργ' ἐδίδαξεν ἐπὶ φρεσὶ θεῖα ἐκάστη.

*a três não é capaz de seduzir a mente, nem ludibriá-la:
 à virgem de Zeus porta-égide, Atená olhos de coruja -
 porque a tal não apraz as obras da muidourad' Afrodita,
 mas as guerras pois lhe agradam e a labuta de Ares
 refregas e batalhas bem como esplêndidas obras lhe caem.
 Primeira foi ela a ensinar aos homens da terra o trabalho
 Com bronze e fazer carruagens coloridas e carros de guerra
 E também foi ela qu'às moças de pele macia, nos lares
 Esplêndidas obras ensinou, tocando-as em seus corações.*

(b) ἔθεσαν: Schneidewin, considerando essa forma uma corruptela, corrige-a para ἀνέθεν, numa analogia com o fr. XIII FGE⁴⁶. Bergk a restitui para a forma atual que, segundo Page teria o mesmo significado de ἀνατίθημι, ou seja, “dedicar e, como exemplo que suporte sua tese, cita o fr. Sim XXIV FGE⁴⁷, “θήματα ταῦτ’ ἔθεσαν παρθένῳ Ἀρτέμιδι”, no entanto aqui, como em outras passagens, ἔθεσαν pode simplesmente significar “erigiu, construiu, fez”, já que, pelo caráter do monumento, seria mais do que óbvio a qualquer um que o contemplasse que se tratava de uma oferenda votiva.

⁴⁶ Schneidewin, (1865): “Vulgo ἔθεσαν :codex ἀνέθεσαν. Hinc ἀνέθεν restitui, de qua forma v. Epigr. 117.2”.

⁴⁷ Ver texto e tradução no Apêndice A.

Capítulo 3

Os Bárbaros Chegam Hoje

εἴ τις ὑμῶν ὦ θεαταὶ τὴν ἐμὴν ἰδὼν φύσιν
εἶτα θαυμάζει μ' ὀρῶν μέσον διεσφηκωμένον,
ἥ τις ἡμῶν ἐστὶν ἢ 'πίνοια τῆς ἐγκεντρίδος,
ῥαδίως ἐγὼ διδάξω, κἂν ἄμουςος ἦ τὸ πρὶν.
ἐσμέν ἡμεῖς, οἷς πρόσεστι τοῦτο τοῦρροπύγιον,
Ἄττικοὶ μόνοι δικαίως ἐγγενεῖς αὐτόχθονες,
ἀνδρικώτατον γένος καὶ πλεῖστα τήνδε τὴν πόλιν
ὠφελῆσαν ἐν μάχαισιν, ἥνικ' ἦλθ' ὁ βάρβαρος,
τῷ καπνῷ τύφων ἅπασαν τὴν πόλιν καὶ πυρπολῶν,
ἐξελεῖν ἡμῶν μενοινῶν πρὸς βίαν τάνθρηνια
εὐθέως γὰρ ἐκδραμόντες ξὺν δορὶ ξὺν ἀσπίδι
ἐμαχόμεσθ' αὐτοῖσι, θυμὸν ὀξύνην πεπωκότες,
στὰς ἀνὴρ παρ' ἀνδρ', ὑπ' ὀργῆς τὴν χελύνην ἐσθίων.
ὑπὸ δὲ τῶν τοξευμάτων οὐκ ἦν ἰδεῖν τὸν οὐρανόν.
ἀλλ' ὅμως ἐωσάμεσθα ξὺν θεοῖς πρὸς ἐσπέραν.
γλαῦξ γὰρ ἡμῶν πρὶν μάχεσθαι τὸν στρατὸν διέπτετο:
εἶτα δ' εἰπόμεσθα θυunnάζοντες ἐς τοὺς θυλάκους,
οἱ δ' ἔφευγον τὰς γνάθους καὶ τὰς ὀφρῦς κεντούμενοι:
ὥστε παρὰ τοῖς βαρβάροισι πανταχοῦ καὶ νῦν ἔτι
μηδὲν Ἀττικοῦ καλεῖσθαι σφηκὸς ἀνδρικώτερον.¹

Aristófanes, *Vespas*, 1071-90.

3.1 O Fragmento XX FGE

(a) ἀνδρῶν τῶνδ' ἄρετῇ [c ἔσται κλέ]ος ἄφθι [τον] αἰεὶ

[.]ρ[] νέμωσι θεοί·

¹ “Se algum de vós, ó espectadores, à minha forma contemplando | se surpreende de me ver com uma bunda de vespa | ou [pergunta-se] qual que seja o propósito desse ferrão | eu explico rapidinho, para que alguém não continue ignorante como antes: | Somos nós, que vestimos esse rabo, | os únicos áticos que verdadeiramente brotamos da própria terra, | raça mais macha que existe, a quem esta cidade muito usou | aproveitando-nos nas batalhas. Quando veio o bárbaro | soprando fumo e fogo sobre a cidade e a tudo queimando, | desejando ardentemente tomar pela força nossos ninhos | direto saímos correndo com lança, com escudo | e contra eles nos batemos, guerrenado, coração bêbado [de um vinho] forte, | e assim ficamos, um homem noutro apoiado; | de raiva, os beiços mordendo. Sob a chuva de flechas, não se dava a ver o céu | mas juntos e com a ajuda dos deuses, os expulsamos à tardinha, | sim... uma coruja, antes da batalha, percorreu voando nosso exército | Daí nós os perseguimos, espetando-os em suas ancas como se fossem peixinhos | e eles dispararam, só para que os furássemos em seus olhos e mandíbulas. | Assim, entre os bárbaros de todo lugar, e até os dias de hoje | comenta-se que nenhuma vespa é mais macha que aquela da Ática.”

ἔσχον γὰρ πεζοί τε [καὶ] ὠκυπόρων ἐπὶ νηῶν

Ἑλλά[δα μ]ὴ πᾶσαν δούλιον ἡμαρ ἰδεῖν.

(b) ἦν ἄρα τοῖς ἀδάμ[αντος ὑπέρβιον ἦτορ] ὅτ' αἰχμήν

στήσσαν πρόσθε πυλῶν αν[

ἀγχίαλον πρῆσαι ρ[c. xix litt.]

ἄστυ, βίαι Περσῶν κλινάμενο[ι προμάχους].

Destes homens a fama da virtude será imperecível sempre,

porquanto concedam os deuses []:

pois evitaram, tanto em terra quanto sobre naves velozes,

que a Grécia toda visse o dia da escravidão.

Era-lhes por certo adamantino o soberbo coração, quando a lança

ergueram à frente dos portões []

[] queimar a costeira

cidade, à força rechaçando os guerreiros persas.

3.2 Edição e Fortuna Crítica

Esses epigramas são conhecidos desde 1855, embora seus textos tenham sofrido diversas alterações, na medida em que novas descobertas arqueológicas permitiram preencher as lacunas existentes no monumento original, severamente danificado pelo tempo². A bibliografia, extensa mesmo nos primeiros anos, pode ser dividida em

² O pedaço direito de uma primeira estela, IG I³ 503 (I.G. I, p. 177 nº 333, IG I² 763 – a partir daqui, fr. 1) foi encontrado no quintal de uma casa na rua de Adriano, à nordeste da Acrópoles, em Atenas. Foi

três fases principais³: A primeira indo de 1855 até 1932⁴, de pouca importância, devido às imensas modificações a que edições posteriores foram submetidas; a segunda, cobrindo os anos de 1932 até 1956⁵, de certa relevância principalmente pelos artigos de J. H. Oliver, comentando a descoberta do lado esquerdo da base, em 1932, e de F. Jacoby⁶, que sumariza e avalia o desenvolvimento da crítica até aquele momento. Finalmente a terceira fase⁷, a partir de 1956, com descoberta de uma cópia do século IV⁸, contendo fragmentos do que seriam os três últimos versos de (a), embora uma nova geração de epigrafistas, baseando-se em novos estudos da pedra, tenha colocado em dúvida sua pertinência ao grupo anterior, como teremos oportunidade de analisar mais detalhadamente nos parágrafos seguintes.

O texto canônico do epigrama XX de Simônides precisou de quase cem anos para ser estabelecido. Originalmente poderia ser lido na base de uma estela de cerca de 100-105 cm de largura por 91 cm de comprimento. No fragmento de mármore de 1855 estava preservado algo como 1/3 do conteúdo atual, sendo que os

publicado primeiramente por A. R. Rangabé, *Antiquités Helléniques*, II (1855), p. 597, nº 784b. O pedaço esquerdo, IG I³ 504 (fr. 2), fazia parte das fundações de uma casa, na região da antiga Agora, e teve seu texto editado por J. H. Oliver (1933).

³ Meiggs & Lewis (1969). Valho-me em grande parte das referências bibliográficas apresentadas por Jacoby (1945).

⁴ A.R. Rangabé, *Antiquités Helleniques*, II, p. 597, nº 784b; IG I, 333 (supl. p. 40); Hiller, IG I², 763; Kaibel, *Epigr. Gr.*, 749; Roberts, *Introd. to Greek Epigraphy*, I, 64; Roberts-Gardner, 177; E. Hoffmann, *Syll. Epigr. Graec.*, 266; Geffcken, *Griech. Epigramme*, 1916, 63; H. von Gärtringen, *Histo. Griech. Epigramme* (1926), 11; A. Kirchhoff, *Monabster Akad. Berl.* (1896), pp. 412ss.; Michaelis, *Anth. Mitt.*, II, 1877, p. 92; Winter, *Arch. Jahrb.* VII, 1893, pp. 487 ss.; A. Wilhelm, *Ath. Mit.*, XXIII, 1898, pp. 487ss.; Bormann, *Festschr. Gomperez* (1902), pp. 474ss.; L. Weber, *Philol.*, LXXVI, 1920, pp. 60ss.

⁵ J.H. Oliver, *Hesperia*, II, 1933, pp. 480ss.; *idem*, *AJP*, LVI, 1935, pp. 193ss.; *idem*, *Hesperia*, V, 1936, pp. 225ss.; *idem*, *AJA*, XLIV, 1940, pp. 483ss.; J.L. Myers, *Antiquity*, VIII, 1934, pp. 176ss.; A. Wilhelm, *Anzeiger Ak. Wien*, Ph. Hist. K1, LXXI, 1934, nº10, pp. 89ss.; H. von Gärtringen, *Hermes*, LXIX, 1934, pp. 204ss.; *idem*, *Gnomon*, XII, 1936, pp. 293ss.; Peek, *Hermes*, LXIX, 1934 (1935), tab. 9, nº18; C.M. Bowra, *Greek Lyric Poetry*, 1936, pp. 355ss.; A.S. Arvanitopoulos, *Ἑλλην. Ἐπιγραφική*, 1937, p. 118.; E. Lowey, *Sb. Akad. Wien*, CCXVI, 1937, vol. 4, pp. 6ss.; Friedländer, *Studi It.*, N.S. XV, 1938, p. 93, nota 2; Raubitscheck, *AJA*, XLIV, 1940, pp. 53ss.; F. Jacoby, *Hesperia*, 1945, vol.14, nº3, pp. 157-211.

⁶ Jacoby (1945).

⁷ W. Peek, *Hermes*, vol. 88 1960; W.K. Pritchett, *Marathon*, Univer. of Cal. Publ. in Class. Arch. 4.2 (1960); Meiggs & Lewis, *Greek Historical Inscriptions*, 1960; D.L. Page *Epigrammata Graeca* Oxford Univ. Press, 1975; *idem*, *Further Greek Epigrams*, Cambridge Univ. Press, 1981, pp. 219ss.

⁸ Meritt, B. D., *The Aegean and the Near East: Studies presented to Hetty Goldman*, 1956, p. 268, M-L 26 (fr. 3).

dísticos estendiam-se desde o centro, em direção à margem direita da pedra, até desaparecerem numa área totalmente erodida; a borda superior, da mesma forma, havia despedaçado-se em alguns pontos. A parte esquerda, entretanto, fora melhor preservada, apresentando $\frac{1}{4}$ da inscrição ainda legível, cujos caracteres haviam sido talhados em uma banda de cerca de 5,5 cm de espessura no topo da base e a 2,5 cm de cada borda, formando uma margem lisa em cujo interior central, sob o epigrama (a), fora aplicada uma espécie de decoração que procurava imitar a superfície irregular da rocha, um tratamento especial que deixa claro seu propósito: adornar um monumento destinado a lembrar um evento importante em algum local de proeminência pública. Sabemos, através de outros exemplares do mesmo período, que a superfície lisa do mármore era costumeiramente mantida em áreas não inscritas, o que é compreensível se considerarmos que a diferença de preço entre uma estela simples e outra decorada deveria ser significativa em virtude da técnica e habilidades adicionais requeridas do artesão para a confecção da última⁹.

De acordo com as evidências arqueológicas, os dois pares de linhas foram gravadas em bandas distintas, paralelas e separadas por uma distância de 1,6 cm, sendo que cada uma perfazia um epigrama completo. Devido ao péssimo estado de conservação do fragmento mais antigo, uma característica singular, e sem precedentes na história da epigrafia grega, ainda não houvera sido notada até 1932, quando a parte esquerda foi encontrada: a segunda inscrição fora gravada após a decoração já ter sido executada e, provavelmente, quando o monumento já se encontrava em seu lugar definitivo. Isso fica claro ao observar-se fotos do mármore, onde se nota que a segunda faixa encontra-se num plano mais abaixo da superfície,

⁹ Até mesmo em virtude do risco implícito de danificar permanentemente o bloco já talhado.

evidentemente porque quem quer que a tenha feito precisou retirar um pedaço da decoração sob o primeiro dístico para poder inscrever-lhe os caracteres.

Figura 4 - Fr. 2 (IG³, fr. 504), *apud* Oliver (1933).

Kirchhoff foi o primeiro a observar que os as letras de (a), no fragmento de 1855, eram distintas daquelas de (b), posição reforçada por Oliver em 1932¹⁰ acerca do lado esquerdo, embora aí não haja uma diferença aparente entre as formas da escrita de uma área e de outra. O que chama a atenção, nesse caso – e que talvez tenha servido para inspirar a idéia de dois artesões para cada parte – é o modo como estão dispostos os dísticos: o superior é estíquico e foi decididamente planejado para ocupar o espaço no qual se encontra, como soía, aliás, acontecer quando do uso dessa técnica¹¹; o inferior, ao contrário, revela uma disposição ligeiramente não-estíquica, ou quase-estíquica, na qual as letras da linha superior

¹⁰ Kirchhoff (1896), Oliver (1933).

¹¹ Geralmente o artista ou gravador desenhava com carvão ou giz uma grade quadriculada sobre a pedra, onde cada quadrado correspondia a uma letra, podendo-se prever de antemão o total de espaço necessário para todo o texto.

não se alinham com aquelas da linha inferior, o que, entre outras coisas, torna a tarefa de decidir quantas letras existiam em cada lacuna mais complicada. Seguramente, admitindo-se que as inscrições tenham sido gravadas por uma mesma pessoa¹², o intervalo de tempo entre as duas não poderia ser muito grande, forçosamente devendo encaixar-se no período de vida do artista comissionado para efetuar o primeiro dístico. Levando-se em consideração que o primeiro epigrama parece referir-se à Batalha de Salamina, e que, como já mencionamos, ele precede o segundo, atribuído à Maratona, é possível estabelecer um *terminus a quo*, ou seja, 480 a.C.¹³.

Figura 5 - Fr. 1 (IG I³, 503), *idem* Figura 3.

É claro não podemos ignorar levemente a hipótese defendida pela maior parte dos especialistas, i.e, a de que os dísticos não foram inscritos pela mesma mão e que, portanto, poderiam estar tão afastados um do outro no tempo quanto o permitido pela evidência epigráfica. O importante ao lidar com tal tipo de

¹² Como tentarei demonstrar ao longo desse capítulo.

¹³ Page(1975), p. 16 n. (b) “*ambigitur utrum c. 490-89 an 480-79 litt. incisae sint.*” Ou seja, se logo após a batalha de Maratona ou de Salamina.

interpretação é ter em mente o princípio científico – já transformado em clichê, mas, não obstante, de extrema utilidade – conhecido como “lâmina de Ockham”¹⁴, segundo o qual, dentro de um universo de soluções para um determinado problema, aquela mais simples deve ser a preferida. Uma vez que a teoria aludida apóia-se exclusivamente na análise subjetiva da caligrafia utilizada na pedra para suportar seus argumentos, ela deve ser capaz de fazer uso desse critério de modo coerente, o que não parece ocorrer, uma vez que seus defensores são unânimes ao afirmar que, embora estejam convencidos de que os epigramas tenham sido lavrados por pessoas diferentes, seria impossível precisar ou, pelo menos fornecer uma estimativa confiável, do tempo decorrido entre a gravação de um epigrama e outro¹⁵, quando deveria ocorrer justamente o oposto.

Como sabemos, é possível datar inscrições particulares através da evidência caligráfica somente quando seus estilos podem ser associados, com boa margem de segurança, a um período estilístico bem determinado, como aquele em voga entre os anos 500-480. Por outro lado, é mais difícil datar inscrições relativamente, como no nosso caso, porque então será preciso que elas pertençam a períodos distintos para que se preserve a acuidade do cálculo; no entanto, mesmo pequenas variações de estilo só ocorrem em lapsos consideráveis de tempo, medidos em décadas, senão séculos¹⁶. Dessa foram, restringindo-se o intervalo entre as duas gravações a um período pequeno do ponto de vista epigráfico (de 10 a 20 anos), ficará cada vez mais difícil encontrarmos traços suficientemente particulares para que se possa

¹⁴ *Pluralitas non est ponenda sine necessitate.*

¹⁵ Oliver (1933), p. 484: “a different and inferior hand, but in characters that could not have been chronologically far separated from the first, if at all.”, (grifo meu). *Idem*, p. 486: “inscribed later, but as far as the lettering is concerned it might have been engraved simultaneously.”; *idem* (1940), p. 483: “a different but contemporary hand.”

¹⁶ As inscrições dos anos 500-480 só começam a apresentar diferenças notáveis em seu estilo a partir dos anos 420-400, quando – entre outros fatores – a disposição estíquica de caracteres entra em declínio.

estabelecer uma datação aceitável para cada uma delas. Ora, se traços específicos, dentro de um período onde um certo estilo está representado pela maioria das inscrições, tendem a se diluir em um padrão, ficará cada vez mais difícil encontrar peculiaridades suficientemente atípicas nas caligrafias que nos permitam discriminá-las com a precisão necessária para atribuí-las a artesões particulares¹⁷. E é justamente aí que jaz o paradoxo da hipótese a que aludimos, porque, se é possível dizer com certeza que as inscrições são contemporâneas é obrigatoriamente impossível dizer que elas não pertencem ao mesmo artesão, uma vez que a precisão da estimativa do período de tempo entre duas inscrições deve ser, para a maior parte dos casos e especialmente para este em questão, inversamente proporcional à semelhança exibida por seus respectivos estilos. Admitindo-se que pequenas alterações no *traço* das letras, mas não em suas formas, possam ser explicadas por hipóteses menos dramáticas¹⁸, a solução mais simples, aquela que envolve menos fatores, deveria ser a preferida, ou seja, a de que estamos lidando com um único artesão, cuja caligrafia no segundo dístico reflete as condições especiais na qual o mesmo foi executado; quais condições sejam essas, veremos mais tarde, quando tratarmos da temática do monumento.

¹⁷ Mesmo dentro de um único período estilístico é possível estabelecer critérios para classificar inscrições em categorias maiores, de possíveis (embora desconhecidos) autores particulares, nenhum dos quais aplicáveis no nosso caso. Por exemplo, formas de letras que costumam apresentar um registro sincrônico desde VI séc. até a década de 80 do V séc. são o B, o Θ o Σ, o P e o Φ. Os casos do Σ, que pode ser gravado com três (ζ) ou quatro (Σ) barras - sendo que o primeiro é a forma mais antiga, extinta na segunda metade do sé. IV - e do Θ, que aqui devemos descartar por aparecer apenas no segundo epigrama, l. 1, são decisivos para identificar mãos diferentes e, no entanto, eles não apenas se mantêm regulares em ambos os dísticos, como apresentam um *traçado* semelhante, o mesmo acontecendo com as outras letras mencionadas. Ver Meiggs (1966) e Woodhead (1992).

¹⁸ Como a proposta pelo próprio Oliver (1935), ainda que ele mesmo não se tenha dado conta, p. 194: *"the script displays less finish because of a less skillful stone-cutter, and probably because of the difficulty of working on a monument already in situ."* (sublinhado meu). Ora, um artesão menos qualificado em uma situação mais desfavorável, pela lei da multiplicação dos fatores, não produziria uma inscrição *ligeiramente* inferior, mas *claramente* inferior, não passível, em realidade, de comparar-se com o modelo que estaria tentando copiar.

Finalmente, em 1956, uma nova descoberta na antiga ágora nos forneceu o que *parece* ser uma cópia do séc. IV do mesmo monumento, embora bastante pequeno. Com ele pudemos ler o que seriam os três primeiros versos de (a), cruciais para a identificação do assunto tratado nesse primeiro epigrama que, até então, pensava-se fazer referência à batalha de Maratona. No entanto, como fica claro através de seu texto, os versos aludem não só a uma batalha por terra que, como já se sabia, adequava-se perfeitamente à campanha de 490, mas também a uma ofensiva “sobre naves velozes” (ὠκυπόρων ἐπὶ νηῶν), três palavras (formulares ademais) que acabaram por invalidar a maioria dos suplementos¹⁹ propostos para aquela lacuna, bem como as teorias que neles se apoiavam, a única exceção sendo H. von Gärtringen que, vinte e dois anos antes ²⁰, havia proposto, talvez acidentalmente, exatamente a solução agora aparentemente confirmada pela pedra, ainda que naquela época tenha sido desacreditado pela totalidade dos especialistas.

A crítica, no entanto, não deve ser culpada além da medida pela injustiça (se é que se pode chamar assim) cometida contra Gärtringen, porque então, considerando-se o estado do texto do epigrama superior, era praticamente impossível prever que, ao invés de confirmar os suplementos até então propostos com responsabilidade e cautela exemplares, a situação pudesse, na verdade, complicar-se ainda mais a partir da descoberta de uma nova evidência arqueológica como foi a de 1956 e, como sói ocorrer nesses caso e contra todas as expectativas, foi exatamente isso o que aconteceu. Esse episódio, vendo-se através de um prisma

¹⁹ Cito aqui os mais relevantes, em ordem cronológica: Meritt e Wade-Gery: πεζοὶ τὲ [ν βαρβαρόφρονον αὐτὲ]ν; Hiller (1934): πεζοὶ τε [καὶ ὠκυπόρον ἐπὶ νεο]ν; Mass: τε καὶ [ὠκυπόδον ἐπὶ πόλο]ν; Wilhelm: τὲ [ν ἄλκιμον ἄσιδος ἵππο]ν; Arvanitopoulos: τὲ [ν βάρβαρον ἀσίδα ἵππο]ν; Kaibel: Ἐλλά[δα μ]ῆ; Arvanitopoulos: . δούλιο[ν ἔμαρ ἰδεῖν δούλιον ἔμαρ ἔλεν].

²⁰ H. von Gärtringen (1934).

mais otimista, deve servir para lembrar-nos do perigo representado pela incorporação de suplementos em edições críticas²¹. Muitas vezes os colchetes que os encerram são facilmente esquecidos e passam a ser considerados como a possibilidade mais razoável para a lacuna em questão, servindo de base para análises docilmente adotadas por outros pesquisadores não expertos que, inadvertidamente, iniciam um ciclo de raciocínios circulares em cujo interior impera a lei estatística da multiplicação fatorial das probabilidades²². Essa cautela deve ser exercida, inclusive, no tratamento da evidência representada pelo fr. 3, como o faremos²³.

Todavia, antes de prosseguirmos em nossas considerações sobre o impacto da publicação do texto desse fragmento, bem como sobre as objeções que lhe foram feitas, e para que as considerações dos parágrafos seguintes possam ser melhor compreendidas, seria produtivo visualizarmos a estrutura (quase) diplomática²⁴ da evolução editorial dos epigramas, como a que se encontra mais abaixo. O texto de 1856 foi grafado em azul; o de 1932, mantido em preto e em negrito; o de 1956, em verde; a barra simples (|) serve para separar os fragmentos e a dupla (||) indica sobreposição entre os fr. 2 e 3, a qual foi colocada em vermelho para melhor leitura; finalmente, os pontos no primeiro fragmento (estíquico) indicam as letras faltantes.

²¹ Cf., ademais, a variante do fragmento III FGE no texto de Diodoro, discutida no capítulo 2, acima.

²² B.D. Meritt, *Epigraphica Attica*; Woodhead (1991), acerca da recuperação de textos epigráficos, pp. 67ss e Parsons (2001), pp. 61ss., sobre a subjetividade inerente à interpretação de lacunas em autores fragmentário. Seria o caso de ἀχνύθην, mencionado no capítulo 2?

²³ A numeração dos fragmentos já foi apresentada na nota 32 e 38, somente para lembrar o leitor: fr. 1 (1856), fr. 2(1932), fr. 3 (1956).

²⁴ Digo *quase* porque, embora valendo-me da convenção de não grafar diacríticos e longas, não existentes no original, eximo-me, por uma questão de clareza, de suprimir tanto os espaços não presentes na pedra quanto de manter as letras capitais que, como é de conhecimento geral, eram as únicas existentes na época.

ἀνδρῶν τῶνδ' ἄρετε[.] ος ἄφθι[. . .] αἰεῖ[:] [.] ρ[.] | νέμοσι θεοί

ἔχον γὰρ πεζοί τε [. . .] ὀκυπτόρον ἐπὶ νεῶ || ν || : ἡλλά[. . .] εἰ πᾶσαν δοῦλι || ο || ν ἔμαρ ἰδέν.

ἐν ἄρα τοῖς ἀδάμ[des. inc. litt.] ἥ ὅτ' αἰχμὲν στῆσσαμ πρόθε πυλὼν ἀν[des. inc. litt.]

ἀνχίαλομ πρῆσαι ῥ[des. inc. litt.] ἄστυ βίαι Περσῶν κλινάμενο[des. inc. litt.].

Visto dessa maneira, podemos perceber que, a bem da verdade, todos os três fragmentos compartilham de apenas dois pontos de intersecção. No caso dos fragmentos 1 e 2, o mesmo padrão de vazado sobre a decoração, onde foi gravado o segundo dístico, nos dá confiança suficiente para dizer que, não obstante o fato de não haver sobreposição de nenhuma letra, possuímos diferentes pedaços do mesmo monumento. O caso torna-se mais difícil e polêmico, no entanto, com relação ao fragmento 3 que, como está evidente, apresenta apenas duas letras em comum com o restante do conjunto. O primeiro a chamar a atenção para esse fato foi Pritchett²⁵, cujas observações sobre as possibilidades representadas na lacuna causada pela esfoliação da parte superior do fr. 1, devem ser por isso mesmo julgadas, segundo ele, independentemente do texto do fr. 3, o que consideramos uma atitude responsável e que, portanto, seguiremos aqui.

Antes de 1956, e da euforia que levou diversos editores, como Page²⁶, a incorporar o texto do fr. 3 ao primeiro epigrama, outros especialistas, a partir de Köhler²⁷ examinaram a pedra em busca de algum traço que pudera ter sido até então ignorado. Na tabela abaixo apresentamos as principais propostas²⁸:

²⁵ Pritchett (1964), pp. 50-5.

²⁶ Page (1975), (1981).

²⁷ Köhler (1873), in IG I, 333. Rangabé (1855), não tendo proposto nenhum suplemento.

²⁸ *Apud* Pritchett (1964), p. 51.

	1	10	11	12	13	14
Köhler (1855)	ι	N		P		
Bormann (1903)	/			P		ι
Hiller (1924)	ι	N		P		
Meritt ²⁹ (1933)		Π	E	P	ç	Q
Oliver (1933)			E	P	ç	
Oliver (1935)				P		
Meritt (1958)		Π	E	P	X	
Peek ³⁰ (1960)	⌒H	Π	E	P	T	
Meritt (1962)	⌒H	N	E	P	Γ	

Tabela 1 - Espaço ocupado pela letra a partir de αΙΕΙ

Antes de mais nada, devemos notar que há consenso sobre a letra que ocupa a posição 12, um *rô* que, de fato, aparece distintamente tanto nas fotografias quanto nos *squeezes* da pedra e, assim, pode ser aceito como certo. No que tange ao restante das letras, até hoje não parece haver um acordo entre os diversos autores que falaram sobre o assunto, nem sequer uma alternativa de leitura que se possa classificar como a mais provável e, realmente, nem poderia. Segundo minha própria análise, nenhuma outra letra pode ser postulada com segurança através do escrutínio meramente visual do mármore, que talvez tenha esgotado sua possibilidade de produzir resultados. Tomemos como exemplo o E da posição 11, a segunda letra com a qual um maior número de críticos concorda - o exame da superfície da rocha não revela qualquer marca que se pareça com aquela produzida com o cinzel; há, sem dúvida, algumas marcas intrigantes dentre as quais nenhuma,

²⁹ Oliver (1933), apud F. Jacoby (1945), p. 163, n. 1: "the P is quite clear. I think I can see the E and the Σ, but I am quite uncertain about the word."

³⁰ Peek, *ibidem*: "mir scheint Περσον völlig unmöglich, ich kann nach wiederholtem studium des Steins nur N///P erkennen."

todavia, que não possa ser explicada como tendo sido produzida por ações naturais ou alógenas ao processo de gravação. Igualmente, o N da posição 10, vistos por Köhler e Hiller, e que desaparecera de todos os textos e edições de 1933 até 1965 (somente para voltar a ser defendido por Meritt naquele ano), jamais deveria ter sido postulado (ou entrado para algumas edições) devido à franca ausência de qualquer vestígio epigráfico que pudesse sugerir sua existência; no entanto, o que vemos é que mesmo um especialista como Pritchett, reputado por sua diligência e austeridade, através de uma argumentação extremamente frágil³¹, parece defender, ainda que com maiores reservas que seu colega, a manutenção do N na versão canônica, algo que mais uma vez nos leva a concluir que, certas vezes, longas horas perdidas na contemplação de um determinado espécime, excesso de confiança em nosso próprio julgamento, ou o uso de técnicas no mínimo suspeitas, acabam por vir de encontro a uma maior precisão de análise.

Finalmente, fica claro que o exame de cada um dos suplementos propostos na tabela acima é dispensável, quando somente o uso de técnicas mais avançadas³² poderá ainda acrescentar algo de novo ao nosso conhecimento sobre a pedra. Além da posição 12, um observador imparcial seria obrigado a admitir que qualquer hipótese estaria embasada em mera conjectura sobre aquilo que poderia estar escrito à época da gravação, dada a extensão dos danos causados à margem direita da base. Outrossim, a presença ou não da pontuação (:) logo depois de αιεΙ, na posição 1, é verdadeiramente irrelevante, porque não há nenhuma dúvida se aí

³¹ Pritchett, *ibidem*: “If light is directed on the stone from above and to the left (as one faces it), one can see the traces which suggest a slating nu. I would read it as a dotted letter because the surface is very battered and the right stroke is represented by discoloration of the marble”.

³² Como, por exemplo, a análise com ultra-som, que pode revelar microfissuras produzidas pelo impacto do cinzel com o mármore, as quais se distribuíam ortogonalmente ao plano de impacto, produzindo uma espécie de imagem tridimensional das letras desaparecidas da superfície.

terminava o hexâmetro (e o período), sendo essa a única possibilidade permitida pela escansão.

Tendo deixado isso claro, podemos voltar nossa atenção para a delicada questão da junção entre os fragmentos 1 e 3, os quais, como já mencionamos, possuem apenas duas regiões comuns: um N, logo antes de :hελλα[, que se sobreporia ao N de ὀκυπορὸν ἐπὶ νεὼν[e um O, entre δούλι.[e]ν ἔμαρ ἰδέν. Na medida em que o primeiro *nu* deva ser lido como uma letra provável, porém não certa³³, restaria apenas *uma única* interseção entre os dois fragmentos na qual poderíamos confiar para associá-los, o que é muito pouco. Essa situação, já ruim, torna-se ainda mais precária quando analisamos o local que as tais letras ocupam: o N aparece no final de um período hexamétrico e, embora não conheçamos (pelo menos eu não conheço) estatísticas sobre a distribuição da freqüência dessa letra em tal posição, se levarmos em conta que uma palavra grega só pode terminar em -s, -n, -r ou consoantes duplas, aliado ao fato de que presença de um verbo transitivo a reger acusativo, ou mesmo de um *nu* prosódico, então é bastante provável que não demoraríamos a encontrar uma série de reconstruções igualmente plausíveis³⁴. Caso semelhante ocorre com o ômicron da segunda junção, embora aí duas observações sirvam para, talvez, justificar a manutenção do referido verso. Em primeiro lugar trata-se de uma fórmula padrão, encontrada em outros epigramas da

³³ E por essa razão aparece pontuada. Tanto na nas fotografias, quanto nos *squeezes* de papel, o que se pode notar é um traço diagonal, formando um ângulo de aproximadamente 30° para a direita, o que poderiam indicar N, Y ou, menos provavelmente, um Σ.

³⁴ Considerações que o otimismo, surpreendente aliás, dos últimos anos de Page não parece levar em consideração, *idem* (1981), p.224, n.(a) "*the chances against fortuitous concidence seem infinitely great.*"

época das guerras médicas (de Simônides ³⁵ ou não), tendo sido proposto anteriormente por Arvanitopoulos, Kaibel e Kirchhoff³⁶ e, como temos mais texto e menores possibilidades de variações - e ainda que o fr. 3 não faça par com o fr. 1 - um desfecho como o proposto pelos editores não deveria ser muito diferente, o que vale, em certa medida, também para o primeiro hexâmetro de (a), onde algo do tipo ἔσται κλέος ἄφθιτον αἰεὶ³⁷ parece ser inescapável, pelo menos até que uma nova evidência surja das constantes escavações na ágora e na região do Cerâmico.

Feitas essas considerações, o objetivo duplo dessa seção parece-nos cumprido, a saber: o de abrir e alargar vias para as discussões que se seguirão sobre a temática dos epigramas e os eventos a que podem se referir, e o de dirigir a atenção do leitor para o capcioso terreno da leitura dos suplementos, fazendo-o capaz de ver a fronteira que separa aquilo que é real, que se encontra na pedra, do produto da interpretação dos epigrafistas ou, mais ainda, das sutilezas e subjetividade dos editores, os quais, não raro, tomam todas as precauções possíveis para que leituras suplementares ou interpretativas, mormente úteis, sejam destacadas no texto através de um expediente complicado de sinais e pontuação que, infelizmente, são facilmente desconsiderados por pesquisadores ansiosos em fazer valer suas mais diversas teorias e desejos.

3.3 Tema, Ocasão e Classificação

³⁵ Cf. Sim. VII, X, XV, XVI, XVII. Ainda Hom. *Il.* 6:463, *Od.* 14:340, 17:323; Anth. Graec. App. 294:6; Teog. 1213; Esq. *Per.* 50, *Septem* 471, 793, *Agam.* 1226. Um sentido geral e um pouco saudosista é dado também por Isócrates em seu *Panegírico*.

³⁶ Arv. ἡελλό[δα μ]ῆ; Kaibel δοῦλιο[ν ἔμαρ ἰδέν]; Kirchhoff δοῦλιο[ν ἔμαρ ἡελέν].

³⁷ Proposto *exempli gratia* por Page (1975), p.15 n.(a) '*quamdiu viris fortibus laudes meritas tribunt dei*', e.g. ὄφρα καλῶν π[ρ]ομάχοις καλὰ νέμωσι θεοί.

No que se refere à classificação dessas inscrições, é certo que não eram epitáfios³⁸, i.e., epigramas que acompanham listas de baixas e que são gravados em uma lápide colocada próxima ao túmulo. Em primeiro lugar, a evidência do estilo afigura-se desencorajadora, uma vez que é quase uma regra para esse tipo de inscrição que sejam informados (através da boca dos mortos, da pedra ou mesmo da cidade natal³⁹) sobre o *local* da morte, para os sepultamentos realizados na cidade dos combatentes; ou sobre cidade de origem dos mortos (não raro também do local onde se deu a batalha), para as túmulos ou cenotáfios erguidos no estrangeiro, ambas informações faltantes nos epigramas em questão.

Em segundo lugar, pelo menos no que diz respeito a **(b)**, que deve referir-se à batalha de Maratona⁴⁰, sabemos por intermédio de Pausânias⁴¹ que as listas contendo os nomes dos mortos organizados segundo as tribos a que pertenciam foram erguidas ao lado do *Soros*⁴², mas, exceto por uma única e controversa passagem (que além do mais nos fornece um texto diferente do aqui analisado)⁴³, não há nenhuma indicação em nossas fontes de que as mesmas listas fossem acompanhadas por uma inscrição. Na verdade, é difícil imaginar o contrário – o que nos obrigaria a explicar o sistemático silêncio de autores como Tucídides,

³⁸ “*Epitaphs, into whatever form they are cast, seldom (if ever) leave any doubt that they are epitaphs*”, Jacoby (1945), p. 172. Uma afirmação cuja validade torna-se ainda maior para inscrições do fim do V e início do IV séculos.

³⁹ Por exemplo Sim. (Cap. 2), IX, VIII, XLIX FGE, respectivamente.

⁴⁰ Ver mais abaixo a discussão sobre o assunto dos epigramas.

⁴¹ Paus. *op. cit.* 1.32-3: *στῆλαι τὰ ὀνόματα τῶν ἀποθανόντων κατὰ φυλὰς ἐκάστων ἔχουσιν*.

⁴² Gr. *σωρός*, denominação da sepultura coletiva conhecida desde a era micênica, o *soros* (lat. *tumulus*) era uma cova comum sobre a qual empilhava-se uma grande quantidade de terra, de modo a formar uma espécie de colina artificial. Após a batalha, o nome começou a ser empregado em referência específica à sepultura dos guerreiros de Maratona, cujo local foi descoberto inicialmente por Schilemann em 1884 (H. Schilemann, *Das sogennante Grab der 192 Athener in Marathon*, ZfE 16, 85-88), embora a identificação definitiva só tenha acontecido após as escavações de Staës, em 1890.

⁴³ Licurgo *Oratio in Leocratem* 109.8. A qual, diga-se de passagem, cita um outro epigrama. Sobre isso e a possível identificação, defendida por Page (1981), do epigrama XXI como sendo o epitáfio que teria acompanhado as listas de mortos junto ao *soros*, veja a discussão sobre o mesmo.

Heródoto⁴⁴ ou, ainda, das coleções anônimas de inscrições funerárias compiladas durante o IV século, como as mencionadas por Filócoro⁴⁵, que teriam sido inevitavelmente incorporadas nas antologias de epigramas que sobreviveram, como por exemplo a *Antologia Palatina*, ou então na *Sylloge Simonidea*. Mesmo admitindo-se que a invasão persa da Ática em 480-79 pudesse ter destruído o monumento onde um suposto epitáfio estaria inscrito, ainda assim esse silêncio não parece justificado: a importância da batalha teria conferido celebridade instantânea a qualquer epigrama colocado no *Soros* e teria certamente evitado, através da transmissão oral, que seu conteúdo caísse no esquecimento.

A classificação de **(a)**, por outro lado, parece-nos automaticamente determinada pela de **(b)** e, portanto, aceitando-se o fato de que esta não pode ser um epitáfio, somos compelidos a admitir o mesmo para aquela, já que não seria razoável termos inscrições de caráter completamente diverso ocupando o mesmo espaço de uma estela, como, p. ex., um epitáfio e uma dedicatória, ou um epitáfio e um epigrama comemorativo, o que não faria sentido. Novamente, através de uma *reductio ad absurdum*, não poderíamos sequer postular que *qualquer uma* das inscrições tivesse um caráter funerário, uma vez que admiti-lo seria, do ponto de vista religioso da época (e também atual), algo sacrílego: como poderiam os atenienses reusar a lápide dos heróis mortos durante a segunda invasão persa, e que certamente marcaria o local onde os corpos estariam enterrados⁴⁶, para nela inscrever um epitáfio que fizesse menção aos *μαρathonομάχαι*, ainda que estas houvessem sido destruídas (quando sabemos que, de fato, não foram) em 490?

⁴⁴ Heródoto chega mesmo a registrar o número de mortos, 192, sem mencionar qualquer epitáfio.

⁴⁵ Como os *Ἐπιγράμματα Ἀττικά*, Filócoros, *FGH* 328 T, fr.1.9.

⁴⁶ Uma vez que tenhamos excluído a possibilidade de um cenotáfio, ver abaixo.

Para Oliver⁴⁷, no entanto, a solução parece simples: o “epitáfio” **(b)** não proviria de um monumento funerário erigido na planície de Maratona, nem qualquer um dos dois teria sido inscrito numa base que marcaria o local onde corpos (seja o dos mortos de 490, seja o dos de 480-79) estariam enterrados, mas ambos proviriam de um “cenotáfio” erguido na Acrópole ou no cemitério público⁴⁸, localizado no bairro dos ceramistas (conhecido como “Cerâmico”⁴⁹ desde a Antigüidade). De acordo com essa hipótese, o pronome demonstrativo οἷδε em ambos os dísticos⁵⁰, referir-se-ia a uma lista contígua de nomes que existira outrora sobre a base⁵¹.

Há, no entanto, pelo menos três dificuldades incontornáveis com relação a essa interpretação das evidências arqueológicas. Em primeiro lugar, é preciso lembrar que o termo *cenotáfio*⁵² tinha nessa época um caráter eminentemente técnico, seu uso sendo restrito às sepulturas daqueles cujos corpos não fora possível recuperar como, p.ex., os dos atenienses abatidos durante a expedição à Sicília ou daqueles que sucumbiram na batalha de Arginusa⁵³. Em segundo lugar, os atenienses, no período em que situamos os epigramas, ainda seguiam a prática

⁴⁷ Oliver (1933), (1936) e (1940).

⁴⁸ *Idem* (1933): p. 487-88, *passim*. “It did not [i.e. the monument], however, stand over a real grave, because the men who fell at Marathon were buried on the battle field. Of course there would have been also in Athens a monument for the dead heroes, and in the stone with the epigram we have now discovered part of it. (...) so for the men who died at Marathon the Athenians erected at Athens a monument, to which could be attached the worship of the great dead (Heroenkult) in the usual place, and which, on the Acropolis or together with the other monuments of the public cemetery, would constantly hold before the eyes of the Athenians the memory of those patriots who had given their lives for the city.” Novamente em 1940, p. 2: “The second epigram though engraved later than the first, nevertheless appeared on the original monument, which presumably stood in the public cemetery at the Ceramicus”.

⁴⁹ Γρεγο Κεραμεικός, o bairro dos ceramistas.

⁵⁰ vv.1(a) τῶνδ’, gen. plur.; vv.1(b) τοῖδ’ dat. plur. *Idem, ibidem* n. 47: “But the true character of the monument can be determined from the opening lines on the new fragment(...). The demonstrative pronoun (...), as used here, would be quite of place on a monument like a herm. A list of names must have accompanied the epigrams (...).”

⁵¹ Teremos oportunidade de examinar mais adequadamente essa questão filológica quando da análise do texto de ambos os epigramas.

⁵² κενotάφιον, lit. “túmulo vazio”.

⁵³ Paus. *op. cit.* 1.29, 11-12. Platão, *Menex.* 243c. Jacoby (1944) p. 40ss, n.11. Page (1981), p. 220, n.7.

pan-helênica de enterrar seus mortos no campo de batalha⁵⁴ ou, isso não sendo possível, então erigir cenotáfios que contivessem inscrições (ademais sujeitas às regras especificadas na *Introdução*), mas eles sempre o faziam ou *no local da morte* ou *ao longo das estradas* que para aí conduziam⁵⁵, jamais dentro dos limites da cidade de Atenas. Finalmente, o Cerâmico do final do quinto século, onde Oliver situa seu suposto “cenotáfio”, ainda não era usado para enterros públicos em 490-80, algo colocado em prática somente mais tarde, durante o período da democracia clisteniana⁵⁶.

Além do mais, desde a expedição dos atrasados espartanos ao campo de batalha, a fim de contemplar o feito heróico dos atenienses e de uns poucos platéios, o demo de Maratona tornara-se célebre local de peregrinação para todos aqueles que desejavam ver onde repousavam os homens cuja coragem havia “*salvo toda Grécia de ver o dia da escravidão*”. Após a batalha, fora instituído uma celebração anual no sopé do *soros*⁵⁷, em homenagem aos heróis mortos, para onde convergiam não somente os habitantes da metrópole e de suas colônias, mas de toda a Grécia, durante o período do culto funerário aos mortos (*Genesia*), no quinto

⁵⁴ Tradição que persistiria no resto da Grécia, como podemos ver pelo enterro comunitário dado os mortos de Querônéia. Ver discussão mais abaixo, acerca do *patrios nomos*.

⁵⁵ Xenof. *Anab.* 6.4.9: “καὶ τοὺς μὲν νεκροὺς τοὺς πλείστους ἐνθα περ ἔπενον ἐκάστους ἔθαψαν (ἤδη γὰρ ἦσαν πεμπταῖοι, καὶ οὐχ οἷον ἀναιρεῖν ἔτι ἦν)· ἐνίους δὲ τοὺς ἐκ τῶν ὁδῶν συνενεγκόντες ἔθαψαν ἐκ τῶν ὑπαρχόντων ὡς κάλλιστα· οὐκ δὲ μὴ εὗρισκον, κενοτάφιον αὐτοῖς ἐποίησαν μέγα καὶ στεφάνους ἐπέθεσαν”.

⁵⁶ O que coincide com a primeira lista de baixas de que dispomos, *IG*² I 928. A teoria de Wilamowitz (*Ar. u. Ath.* II, 1893, p. 292, n. 4) e E. Curtius (*Stadgesch.*, 1891, p. 119) de que o cemitério remontaria ao ano de 475 baseia-se na hipótese, obviamente equivocada, de que Címon o teria mandado construir durante reformas que conduziu em Atenas. Para uma discussão completa sobre o assunto, remeto o leitor a Jacoby (1944), p. 41ss e Parker (1997), 132ss.

⁵⁷ Maratônia? Ver mais abaixo, p. 111, a citação (a), retirada de um trecho de Dioniso de Halicarnasso que pode sugerir isso. Essa celebração, no entanto, não deve ser confundida (como parece tê-lo sido por Oliver, cf. n. 66 abaixo) com qualquer tipo de “Heroenkulten”, ainda mais se empregarmos a palavra “herói” com o mesmo significado do Grego ἥρωις, sobre isso ver Withley (1994), p. 214ss.

dia do Boedrômio⁵⁸. Some-se a isso o fato de os Jogos em Honra a Hércules, já tradicionais na região, terem visto sua importância aumentada após a guerra, porque lá as tropas gregas teriam acampado em um bosque sagrado ao herói⁵⁹. Seria estranho, portanto, que um túmulo vazio fosse dedicado aos combatentes no Cerâmico (ou mesmo em qualquer outro lugar da cidade) se as relíquias mortuárias - que na posteridade engendrariam uma espécie de culto local para a tetrápolis maratonense⁶⁰ - encontravam-se alhures⁶¹. Afinal, que interesse poderiam ter os cidadãos, ou mesmo eventuais turistas, em contemplar uma sepultura que eles sabiam nada conter, quando poderiam facilmente ir direto ao local onde os corpos repousavam, principalmente no dia dos festivais mencionados, quando a cidade certamente esvaziava-se?

⁵⁸ O Terceiro mês do calendário ático, que começava como o Hekatombéio (1 de julho). Levando-se em consideração que os seis primeiros meses tinham 30 dias cada (πλήρεις μῆνες) e os seis últimos, 39 (κοῖλοι μῆνες), o 5º dia do Boedrômio deveria situar-se entre 1-10 de agosto de nosso calendário.

⁵⁹ Ver IG I³ 2, para evidência epigráfica. Igualmente Herod. 6:11-12. Jacoby (1944), Parker (1997), p. 48ss., 187 e 246, n.101 e 270. Herod. 6:108: Ἀθηναίοισι δὲ τεταγμένοις ἐν τεμένει Ἡρακλέος ἐπὶ ἡλθον βοηθέοντες Πλαταιέες πανδημεί. Outras evidências da existência desse festival são: Arist. Const. de Atenas 54.1.7: κληροῖ δὲ καὶ ἐτέρους δέκα, τοὺς κατ' ἐνιαυτὸν καλουμένους, οἱ θυσίας τέ τινας θύουσι, καὶ τὰς πεντετηρίδας ἀπάσας διοικοῦσιν πλὴν Παναθηναίων. εἰς δὲ πεντετηρίδες μία μὲν ἢ εἰς Δῆλόν ἐστι δὲ καὶ ἐπτετηρίς ἐνταῦθα, δευτέρα δὲ Βραυρώνια, τρίτη δ' Ἡράκλεια, τετάρτη δ' Ἐλευσίνα; Pind. Pit. 8.78-80: Μεγάροις δ' ἔχεις γέρας, / μυχῶ τ' ἐν Μαραθῶνος, Ἥρας τ' ἀγῶν' ἐπιχώριον / νίκαις τρισαῖς, Ὀριστόμενες, δάμασσε ἔργῳ. Plut. De gloria Athen., 349E: ἄλλ' ἕκτῃ μὲν ἱσταμένου Βοηδρομιῶνος ἐσέτι νῦν τὴν ἐν Μαραθῶνι νίκην ἢ πόλις ἐορτάζει. De Herod. malign. 862A: οὐδὲ τὴν πρὸς Ἄγρας πομπὴν ἱστόρηκας, ἣν πέμπουσι ἔτι νῦν τῇ Ἑκάτῃ χαριστήρια τῆς νίκης ἐορτάζοντες. Paus. 1.32-4: ἐβόνται δὲ οἱ Μαραθῶνιοι τούτους τε οἱ παρὰ τὴν μάχην ἀπέθανον ἥρωας ὀνομάζοντες καὶ Μαραθῶνα ἀφ' οὗ τῷ δήμῳ τὸ ὄνομα ἐστὶ καὶ Ἡρακλέα, φάμενοι πρῶτοις Ἑλλήνων σφίσις Ἡρακλέα θεὸν νομισθῆναι. Ver especialmente Parker, *op. cit.* n. 56, p. 152 e seg.

⁶⁰ Parker, *idem*, p. 111. Tetrápolis: Maratona, Tricorintos, Oinoé, Probalintos.

⁶¹ Jacoby (1945), p. 175: "(...) it is inconceivable that they [the Athenians] could have buried them at two places at the same time, and called one of the graves a cenotaph (...)". Oliver (1933), p. 488 cita ainda, como evidência de sua teoria, os fr. 11 e 12 FGE, que serviriam de paralelo para o caso em análise, porque demonstrariam que os coríntios, como os atenienses, também haveriam erguido (respectivamente) um monumento funerário sobre os corpos dos soldados mortos, na própria ilha de Salamina, e um "cenotáfio", no Istmo. Isso nos leva a crer que o uso da palavra "cenotáfio" em seu texto ou é por demais liberal para ser levado à sério ou é surpreendentemente equivocado.

A idéia de um “cenotáfio” ou de qualquer outro monumento funerário (principalmente do tipo que engendraria uma espécie de culto *ad hoc*) parece ser, a bem da verdade, uma tentativa frustrada de tentar conciliar, antes de mais nada, o conteúdo dos epigramas – seu texto e alusões históricas – aos distintos locais onde os fragmentos foram encontrados (com se devesse haver, *a fortiori*, alguma relação entre as duas coisas) e, então, de tentar resolver o aparente paradoxo ocasionado pela descoberta do que seriam “epitáfios” ou “inscrições funerárias” que fizessem alusão os guerreiros de Maratona⁶² quando sempre se soube, pelo menos através de três⁶³ fontes distintas, que aqueles 192 atenienses e platéios mortos haviam sido enterrados na própria planície onde foram vitimados.

Foi assim, para lidar com a primeira parte do problema, que Leo Weber, influenciado pela teorias heterodoxas de Alfred von Domaszewski⁶⁴, propôs em 1917 que as inscrições proviriam de uma espécie de *Siegesallee* outrora existente sob a Colunata de Hermes, na Ágora, e mencionada, *en passant*, por Ésquines⁶⁵, com relação aos epigramas (Sim. XL FGE) que Címon lá mandara inscrever após sua vitória inaugural sobre os rebeldes de Éione. Segundo ele, a semelhança entre os dois monumentos era por demais conspícua para ser ignorada e, certamente, deveria ser levada em conta no estudo dos epigramas. Criticado duramente por seus pares, contudo, suas idéias acabaram, mais tarde, caído em descrédito. De maneira semelhante, mas explorando o outro viés do problema, Oliver, que fora junto com Jacoby um dos críticos mais ferrenhos de Weber, chegou a conclusão, ao editar o

⁶² Até 1956 acreditava-se que ambos os epigramas referiam-se à Batalha de Maratona.

⁶³ Tucid. 2.34.5, Paus. 1.29.4 e 1.32.3 e, indiretamente, Licurgo *Orat. In Leoc.* 109.8 que, aliás nos oferece um texto para o “epitáfio” colocado junto às listas dos mortos, em Maratona, que teremos a oportunidade de analisar no próximo capítulo.

⁶⁴ Domaszewski, *Sb. Heidelberg*, 1914, nº.10.

⁶⁵ Esq. *Ctes.*, 183. Não me aprofundarei aqui nessa questão, teremos oportunidade de examiná-la com completamente quando tratarmos desses epigramas.

texto dos dois fragmentos da base, em 1933, que havia compreendido finalmente a “verdadeira” natureza das inscrições ⁶⁶, desenvolvendo a hipótese por nós anteriormente mencionada.

Quanto a esse último, é evidente, ainda que não mencione explicitamente, que deve ter sido bastante influenciado, na construção de seu argumento, por uma passagem da famosa *Oração Fúnebre de Péricles*, na qual o costume ateniense (*patrios nomos*) de enterrar os mortos de guerra no cemitério público é contrastado com o tratamento “excepcional” conferido aos guerreiros de Maratona ⁶⁷:

“ἐν δὲ τῷ αὐτῷ χειμῶνι Ἀθηναῖοι τῷ πατρίῳ νόμῳ χρώμενοι δημοσίᾳ ταφὰς ἐποιήσαντο τῶν ἐν τῷδε τῷ πολέμῳ πρώτων ἀποθανόντων τρόπῳ τοῖωδε· τὰ μὲν ὅσῃ προτίθενται τῶν ἀπογενομένων πρότρίτα σκηνὴν ποιήσαντες, καὶ ἐπιφέρει τῷ αὐτοῦ ἕκαστος ἢ τι βούληται· ἐπειδὴν δὲ ἡ ἐκφορὰ ἦ, λάρνακας κυπαρισσῖνας ἄγουσιν ἅμαξαι, φυλῆς ἐκάστης μίαν· ἔνεστι δὲ τὰ ὅσῃ ἡς ἕκαστος ἦν φυλῆς. μία δὲ κλίνη κενὴ φέρεται ἐστρωμένη τῶν ἀφανῶν, οἳ ἂν μὴ εὐρεθῶσιν ἐς ἀναίρεσιν. Συνεκφέρει δὲ ὁ βουλόμενος καὶ ἀστῶν καὶ ξένων, καὶ γυναῖκες πάρεισιν αἱ προσήκουσαι ἐπὶ τὸν τάφον ὀλοφυρόμεναι. τιθέασιν οὖν ἐς τὸ δημόσιον σῆμα, ὃ ἐστὶν ἐπὶ τοῦ καλλίστου προαστείου τῆς πόλεως, καὶ αἰεὶ ἐν αὐτῷ θάπτουσι τοὺς ἐκ τῶν πολέμων, πλήν γε τοὺς ἐν Μαραθῶνι· ἐκείνων δὲ διαπρεπὴ τὴν ἀρετὴν κρίναντες αὐτοῦ καὶ τὸν τάφον ἐποίησαν. ἐπειδὴν δὲ κρύψωσι γῇ, ἀνὴρ ἡρμῆνος ὑπὸ τῆς πόλεως, ὅς ἂν γνώμη τε δοκῇ μὴ ἀξύνετος εἶναι καὶ ἀξιῶσει προήκη, λέγει ἐπ’ αὐτοῖς ἔπαινον τὸν πρέποντα· μετὰ δὲ τοῦτο ἀπέρχονται. ὦδε μὲν θάπτουσιν· καὶ διὰ παντὸς τοῦ πολέμου, ὁπότε ξυμβαίῃ αὐτοῖς, ἐχρῶντο τῷ νόμῳ.”

“Nesse mesmo inverno, os Atenienses, obedientes à lei pátria (τῷ πατρίῳ νόμῳ) e às expensas do povo, erigiram as sepulturas daqueles que primeiro morreram na guerra. [Isso costuma ser feito] da seguinte forma: três dias antes [das exéquias], uma tenda é construída, na qual são expostas as ossadas dos mortos, e cada familiar traz as oferendas que assim desejar. Então, durante a procissão, urnas de cipreste contendo os ossos de cada um segundo sua tribo são levadas sobre carroças, numa das quais há uma plataforma vazia exposta pelos desaparecidos, cujos corpos não fora possível recuperar. Acompanha a procissão aquele que assim desejar, cidadão ou estrangeiro, e lá estão presentes as esposas dos

⁶⁶ Em suas próprias palavras, *idem* (1933), p. 487: “But the true character of the monument can be determined from the opening words of the new fragment, etc. (...)”

⁶⁷ Tucíd. 2:34-5.

falecidos, a quem cabe lamentarem-se sobre o túmulo. Este encontra-se no subúrbio mais belo da cidade, onde eles sempre enterram os mortos de guerra, exceto os de Maratona: aqueles, por terem sua conspícua virtude reconhecida, no lugar mesmo [onde caíram] foi lhes dado sepultura. Uma vez enterrados os corpos, um homem é escolhido pela cidade, de manifesta sabedoria e reputação, digno de apresentar-se, e sobre eles pronuncia um elogio adequado, após o quê todos vão embora. Segundo essas observâncias os enterravam e, durante toda a guerra assim procediam, sempre que a ocasião se lhes apresentava.”

Baseando-se na frase καὶ αἰεὶ ἐν αὐτῷ θάπτουσι τοὺς ἐκ τῶν πολέμων (“onde eles sempre enterram os mortos de guerra”), ele pode ter desenvolvido a idéia - mais tarde adotada por Raubitschek, Avarnitopoulos e Paul Maas - segundo a qual, embora os mortos de Maratona houvessem sido sepultados no campo de batalha, os atenienses teriam igualmente lhes dedicado um cenotáfio no Cerâmico e seus nomes estariam inscritos em uma estela ou estelas⁶⁸ cujo o objetivo peculiar seria o de cumprir a lei (νόμος) aludido na passagem acima, a qual, de acordo com algumas interpretações, remontaria ao tempo de Sólon. Todavia, por mais razoável e crível que esse testemunho de Tucídides possa nos parecer, ele não se conforma com aquilo que sabemos através de outras fontes e de evidências arqueológicas sobre o período em questão.

Em primeiro lugar, opõem-se-lhe o testemunho de duas outras fontes do século I a.C. igualmente fidedignas e que são contundentes em nos informar que foi somente após as Guerras Médicas que os jogos funerários e a oração fúnebre foram incorporados ao *nomos*, estabelecendo uma outra maneira de honrar os falecidos. Vejamo-las:

(a) “ὅτι δὲ Ῥωμαίων ἐστὶν ἀρχαῖον εὖρεμα τὸ παρὰ τὰς τάφους τῶν ἐπισήμων ἀνδρῶν ἐπαίνους τῆς ἀρετῆς αὐτῶν λέγεσθαι καὶ οὐχ Ἕλληνες αὐτὸ κατεστήσαντο πρῶτοι, παρὰ τῆς κοινῆς ἱστορίας οἶδα

⁶⁸ Oliver (1933), p. 488.

μαθών, ἣν ποιητῶν τε οἱ παλαιότατοι καὶ συγγραφέων οἱ λογίστατοι παραδεδώκασι. ἀγῶνας μὲν γὰρ ἐπιτάφίους τιθεμένους ἐπὶ τοῖς ἐνδόξοις ἀνδράσι γυμνικούς τε καὶ ἵππικούς ὑπὸ τῶν προσκηόντων ἱστορήκασι, ὥς ὑπὸ τ᾽ Ἀχιλλέως ἐπὶ Πατρόκλῳ καὶ ἔτι πρότερον ὑφ᾽ Ἡρακλέους ἐπὶ Πέλοπι· ἐπαίνους δὲ λεγόμενους ἐπ' αὐτοῖς οὐ γράφουσιν ἔξω τῶν Ἀθηνάσι τραγωιδιοποιῶν οἱ κολακεύοντες τὴν πόλιν ἐπὶ τοῖς ὑπὸ Θησέως θαπτομένοις καὶ τοῦτ' ἐμύθευσαν. ὅψε γὰρ ποτε Ἀθηναῖοι προσέθεσαν τὸν ἐπιτάφιον ἔπαινον τῷ νόμῳ, εἴτ' ἀπὸ τῶν ἐπ' Ἀρτεμίδῳ καὶ περὶ καλαμῖνα καὶ ἐν Πλαταιαῖς ὑπὲρ τῆς πατρίδος ἀποθανόντων ἀρξάμενοι, εἴτ' ἀπὸ τῶν περὶ Μαραθῶνα ἔργων. ὕστερεῖ δὲ καὶ τὰ Μαραθῶνια τῇ Βρούτου ταφῆς, εἰ δὴ ἀπὸ τούτων πρότων ἤρξαντο οἱ ἔπαινοι λέγεσθαι τοῖς ἀπογενομένοις, ἐκκαίδεκα ἔτεσιν”.⁶⁹

“Pois é dos Romanos a antiga invenção de proferir, junto às lápides de homens ilustres, um elogio à sua virtude. Não foram os gregos os primeiros a instituir esse [costume], isto sei por tê-lo aprendido da história comum passada pelos mais antigos poetas e mais eruditos dentre os historiadores. Os quais, de fato, relatam que os jogos fúnebres foram estabelecidos pelos parentes de insignes varões, infantes e cavaleiros, como no caso de Aquiles para com Pátroclo ou, antes deste, de Hércules em relação a Pélops; os elogios por eles proferidos, todavia, não foram escritos [para a posteridade], exceto aqueles dos tragediógrafos, inventados para o povo de Atenas, que adulavam a cidade com o fantasioso elogio de Teseu àqueles por ele sepultados. Pois foi bem mais tarde, não se sabe quando exatamente, que os atenienses adicionaram a oração fúnebre à lei, talvez começando com aqueles que morreram pela pátria na batalha de Artemísia, Salamina, ou Platéia, ou, quem sabe, após o feito de Maratona. Em verdade, o sepultamento de Bruto precede em dezesseis anos à Maratônia⁷⁰, após a qual os atenienses certamente começaram a proferir orações fúnebres sobre os mortos”.

(b) “ὁμοίως δὲ καὶ ὁ τῶν Ἀθηναίων δῆμος ἐκόσμησε τοὺς τάφους τῶν ἐν τῷ Περσικῷ πολέμῳ τελευτησάντων, καὶ τὸν ἀγῶνα τὸν ἐπιτάφιον τότε πρῶτον ἐποίησε, καὶ νόμον ἔθηκε λέγειν ἐγκώμια τοῖς δημοσίᾳ θαπτομένοις τοὺς προαιρεθέντας τῶν ρητόρων.”⁷¹

“Da mesma forma, o povo de Atenas decorou as lápides daqueles que morreram nas Guerras Persas e, naquele período, pela primeira vez organizaram jogos fúnebres, também [foi a primeira vez na qual] a lei determinou que um orador [previamente] escolhido proferisse um encômio em nome daqueles sepultados às expensas públicas”.

Além desses testemunhos, que lançam séria dúvida sobre se a lei aludida por Tucídides já existia na forma por ele descrita à época das inscrições que ora

⁶⁹ Dion. Hali. *Ant. Rom.* 5.17.4

⁷⁰ Festival que ocorria todo ano no demos de Maratona, para lembrar os heróis mortos em 490.

⁷¹ Diod. Sic. 11.33.3

comentamos⁷², há outras dificuldades em seu texto. As provas requerem uma argumentação extensa e complicada, que em muito extrapolariam o objetivo desse capítulo; além disso, o assunto já foi extensivamente explorado por Jacoby em seu artigo de 1944 que leva justamente o título de *Patrios Nomos*⁷³, para onde remeto o leitor interessado numa discussão completa da questão. Aqui seria suficiente sublinhar alguns pontos, entre os quais o fato de que Maratona não teria sido a única exceção ao costume aludido em Tucídides, caso aceitássemos a hipótese de ele ter sido instituído por Sólon já em sua forma definitiva, o que não parece ser o caso⁷⁴. Os atenienses mortos em 506 a.C. no Euripo⁷⁵ não foram transportados para casa, mesmo com a vitória de Atenas sobre a coalizão tebana, que lhes garantiria fácil acesso à região, disponibilidade de contingente e tempo para resgatar os corpos. Não foram igualmente sepultados na cidade os corpos dos soldados mortos em Platéia, e suas lápides ainda podiam ser vistas na época de Pausânias, ao longo dessa estrada⁷⁶, que também relata serem os primeiros cidadãos lá sepultados os mortos da Batalha de Drabescos, na Trácia⁷⁷, por volta do ano 465/63.

⁷² Parker (1997), p. 132: “*It seems he was wrong in this [i.e., que os μαραθωνομάχαι eram uma exceção ao costume] and until after the Persian Wars the Athenians, normally, like the other Greeks, interred their dead on the field*”. A mesma posição é defendida por Jacoby (1944), ver nota abaixo.

⁷³ Jacoby (1944). A crítica de A. W. Gomme à posição de Jacoby tecida em seu comentário acerca da passagem supracitada de Tucídides perdeu totalmente sua relevância após a brilhante análise de W. K. Pritchett (1985), p. 249-50.

⁷⁴ Talvez o *nomos* fosse um desenvolvimento dos ritos funerários oriundo das reformas clistenianas, pelo menos sabemos que havia um túmulo (real ou não) de Clístenes no Cerâmico. Ver nota 61.

⁷⁵ Sim. FGE II, cf. Capítulo 2, acima.

⁷⁶ Paus. 1.29.4: “κατὰ δὲ τὴν ἔσδοον μάλιστα τὴν ἐς Πλάταιαν τάφοι τῶν πρὸς Μήδους μαχεσαμένων εἰσί. τοῖς μὲν οὖν λοιποῖς ἔστιν Ἑλλήσι μνημα κοινόν: Λακεδαιμονίων δὲ καὶ Ἀθηναίων τοῖς πεσοῦσιν ἰδίᾳ τέ εἰσιν οἱ τάφοι καὶ ἐλεγείᾳ ἔστι σιμωνίδου γεγραμμένα ἐπ’ αὐτοῖς.”

⁷⁷ Paus. 1.29.4-5: πρῶτοι δὲ ἐτάφησαν οὐς ἐν Θράκη ποτὲ ἐπικρατοῦντας μέχρι Δραβησκοῦ τῆς χώρας Ἡδωνοὶ φονεύουσιν ἀνέλπιστοι ἐπιθέμενοι: [5] λέγεται δὲ καὶ ὡς κεραυνοὶ πέσκειν ἐς αὐτούς. A meu ver a interpretação adjetiva de πρῶτοι, significando “os primeiros que são vistos ao entrar-se no Cerâmico” em detrimento do óbvio sentido adverbial “os primeiros a serem enterrados” é inaceitável e incompreensível, além de ser uma verdadeira agressão contra o texto de Pausânias.

Evidentemente, as razões de Tucídides para situar a origem de uma lei, cuja data ele desconhece, em um tempo imemorial e a para atribuí-la à figura de Sólon, o *nomothétes* por excelência⁷⁸, são mais do que compreensíveis, e dificilmente podem ser vistas como uma exceção no mundo antigo, onde a ancestralidade de um costume era considerada a mais importante chancela de sua autoridade. O que transparece, todavia, através da comparação desse excerto da *Guerra do Peloponeso*, e das características práticas funerárias lá descritas, com informações semelhantes oriundas de fontes documentais, como Heródoto, Pausânias e outros historiadores mais tardios é justamente o contrário daquilo que somos levados a pensar, ou seja, que o tratamento dispensado aos heróis de Maratona constituía a regra e não a exceção⁷⁹.

Na verdade, a teoria mais comumente aceita atualmente⁸⁰ é a de que o *nomos* deve ter-se desenvolvido por etapas a partir do costume pan-helênico de sepultamento em comum, cujo declínio deve ter iniciado na passagem do VII para o VI século, quando Sólon teria passado leis proibindo as demonstrações exageradas de luto e o luxo dos funerais particulares⁸¹, que se tornaram progressivamente mais

⁷⁸ Como parece confirmar o escoliasta acerca de Tuc. 35.1 “οἱ μὲν πολλοὶ τῶν ἐνθάδε ἤδη εἰρηκόντων ἐπαινοῦσι τὸν προσθέντα τῷ νόμῳ τὸν λόγον τόνδε, ὡς καλὸν ἐπὶ τοῖς ἐκ τῶν πολέμων θαπτομένοισι ἀγορεύεσθαι αὐτόν”; Escoliasta: τὸν προσθέντα τὸν νομοθέτην· τὸν κόλωνα.

⁷⁹ Alguns (Stupperich, *Staatsbegräbnis*, 222, apud Parker (1997) citam Paus. 1.29.6-7 como evidência de que sepultamentos no cemitério público já ocorriam antes de 470, no entanto no caso dos mortos na guerra entre Atenas e Egina (505-481), é improvável que os eginenses permitissem que o inimigo fosse enterrado em seu território, um acordo devendo ter sido feito pelos atenienses para que os mortos na ilha pudessem ser trazidos para casa, onde poderiam ter recebido funeral em outro lugar para, somente mais tarde - p. ex. após ou mesmo *durante* a inauguração do Cerâmico – serem transportados para o túmulo visto por Pausânias. No caso de Clístenes, talvez por também ser visto como o idealizador do *nomos* por alguns, assim como Sólon, poderia ter sido transportado de uma tumba antiga para o cemitério público.

⁸⁰ Ver Parker, *op. cit.*, p. 134ss.

⁸¹ Cícero, *Leis*, 2.64-5: “*Postea qu<o>m, ut scribit Phalereus <Demetrius>, sumptuosa fieri funera et lamentabilia coepissent, Solonis lege sublata sunt, quam legem eisdem prope uerbis nostri decem uiri in decimam tabulam coniecerunt. Nam de tribus reciniis et pleraque illa Solonis sunt. De lamentis uero expressa uerbis sunt: 'Mulieres genas ne radunto neue lessum funeris ergo habento.' De sepulcris*

escassos. Após a expulsão dos tiranos e o estabelecimento das reformas de Clístenes, *circa* 508, é possível que tenha havido um avanço no sentido de se restringir ainda mais os sepultamentos privados e de se expandir e promover o enterro heróico daqueles que perderam a vida lutando por sua cidade. Conseqüentemente, não seria coincidência que o primeiro funeral em comum, pago pelo povo (δημοσίᾳ, veja mais abaixo), seja aquele datado de 506, como já vimos, no

Capítulo 2.

Talvez (e não há como evitar os “talvezes” em qualquer teoria que tente explicar a evolução dos costumes funerários atenienses) o conteúdo programático da visão clisteniana para uma Atenas cada vez mais isonômica encontrasse dificuldades em coadunar-se com o caráter evidentemente aristocrático que os funerais privados⁸² representavam. Desse modo, a distinção funerária anteriormente aplicável aos guerreiros arcaicos que houvessem demonstrado grande coragem nas guerras do passado passava a ser acessível também àqueles cidadãos comuns que, por sua coragem e virtude bélicas, ganhavam acesso a uma espécie de imortalidade conferida pela fama e pelas inscrições em seus túmulos. Ao mesmo tempo, e para que o galardão mencionado fosse destacado como um privilégio conferido pelo Estado, os rituais particulares de sepultamento podem ter sido reduzidos a um

autem nihil est apud Solonem amplius quam 'ne quis ea deleat neue alienum inferat', poenaque est, 'si quis bustum (nam id puto appellari τύμβον) aut monumentum' inquit 'aut columnam uiolarit, deiecerit, fregerit'. Sed post aliquanto propter has amplitudines sepulcrorum, quas in Ceramico uidemus, lege sanctum est, 'ne quis sepulcrum faceret operosius quam quod decem homines effecerint triduo', neque id opere tectorio exornari, nec 'hermas' hos quos uocant, licebat imponi nec de mortui laude nisi in publicis sepulturis, nec ab alio nisi qui publice ad eam rem constitutus esset dici licebat. Sublata etiam erat celebritas uirorum ac mulierum, quo lamentatio minueretur; <auget> enim luctum concursus hominum”.

⁸² Parker (1997), p. 135: “It remains striking, however, that the sculpted monument, that potent device of élite display, should disappear as it did just in the early years of the democracy. If this was Cleisthenes work, it was his most direct attack upon symbols of the old order”. Não há, no entanto, motivos para acreditar que a reforma tenha sido introduzida pelo próprio Clístenes, uma exigência, aliás, irrelevante do ponto de vista metodológico: certamente seus herdeiros políticos aperfeiçoaram suas reformas ao longo do tempo.

expediente privado, de pequenas dimensões, centrados no âmbito da família (*genos*, *fratrias*, *tribos* e etc) e de pouca repercussão pública. A partir do início do século V, quem quer que desejasse uma lápide adornada com alto-relevos e epigramas de poetas famosos como Simônides deveria arriscar sua vida pelo bem comum (τῇ κοινονίᾳ τῶν πολιτῶν). Isso, pelo menos, é o que transparece no epitáfio dos heróis do Euripo (II FGE), quando essa idéia começava a ganhar força.

Após as Guerras Médicas (e de certa forma como um meio de comemorá-las) é que veríamos o desenvolvimento completo do costume ou *nomos*, com a transformação do antigo Cerâmico em um local de comenda pública ao herói democrático, a instituição dos jogos em honra à memória dos mortos e a oração fúnebre, o quais promoveriam cada vez mais a imagem da “boa morte” (καλῶς θνήσκειν)⁸³ e a concepção segundo a qual aqueles que davam suas vidas pela defesa da pátria eram, no princípio, varões excelentes; conceito que evoluiria para o de homens que deveriam ter alguma participação com o divino, semi-deuses e, finalmente, já no século IV, heróis no mais amplo sentido da palavra, cujo culto honorífico era uma das mais importantes atribuições do Estado⁸⁴.

Desse modo, se o único costume que tornaria aceitável a colocação de um “cenotáfio” em Atenas (seja na Acrópole, na Ágora ou no Cerâmico) ainda não estava em vigor quando a base que nos forneceu os epigramas fora gravada e se nem mesmo o Cerâmico, onde um monumento do tipo aludido por Oliver poderia estar mais provavelmente localizado, ainda não era utilizado para enterros públicos, não nos resta outra alternativa senão admitir que as idéias por ele esposadas em

⁸³ Cf. Sim. VIII FGE.

⁸⁴ Boedeker (2001), Whitley (1994).

seus artigos de 1933 a 40 são completamente inadequadas para explicar a natureza do monumento em questão. O grande problema em toda a argumentação da hipótese do “cenotáfio” ou da *Siegesallee* é que, em momento algum, parece ter ocorrido a esses autores que as duas possibilidades mencionadas não eram as únicas (e nem as melhores) alternativas possíveis para explicar a natureza das inscrições; e, no entanto, uma vez expostas, essas idéias tornaram-se uma espécie de *Furiae*, perseguindo aqueles que as geraram e cegando-os para qualquer outra alternativa, por mais razoável que essa pudesse lhes parecer. E há, de fato, alternativas melhores que expliquem as peculiaridades desses epigramas e o porquê de terem sido gravados em uma mesma estela, cada um em um momento diferente. O mérito de nos mostrar todas essas possibilidades e de aclarar, por assim dizer, a atmosfera nebulosa produzida pelas idéias obsessivas de Oliver e outros deve-se inegavelmente a F. Jacoby, que em seu artigo de 1945 prestou, com sua erudição, uma contribuição inestimável para o avanço e a renovação da discussão acerca dessas questões, ainda que seu texto sofra um pouco com as limitações da arqueologia de então e com as descobertas que viriam a ser feitas nos anos vindouros.

Desse modo, partindo dessa argumentação negativa em direção a uma argumentação investigativa, positiva, vemos que, à luz das considerações anteriores, fica claro que, se os epigramas não são nem epitáfios, nem foram inscritos em um cenotáfio a ser colocado no Cerâmico, só são possíveis duas outras formas de monumento concebíveis para a época e que condizem com o aspecto geral das inscrições: um memorial de guerra ou uma oferenda votiva⁸⁵. Da última

⁸⁵ Jacoby (1945), p. 171, n.53: “If it was not a grave (...) it must have been a public dedication”. Os diferentes tipos de monumentos foram discutidos na *Introdução*.

temos um exemplo na estela, ou do que restou dela, constando a inscrição titular da oferta dos atenienses em Delfos pela vitória em Maratona. São, na verdade, oito pedaços de pedra calcária de um mesmo conjunto encontrados perto do muro meridional do tesouro dos atenienses, em Delfos⁸⁶ e, embora essa seja uma cópia do III séc., o original deve datar de logo após o embate. O texto reconstruído diz o seguinte:

Ἀθηναῖοι τ[ο]ῖ Ἀπόλλων[ι ἀπὸ Μέδ]ον ἀκ[ροθ]ίνια τες Μαραθ[ο]νι μ[άχε]ς.

Os atenienses [dedicam] a Apolo as primícias tomadas dos Medos na batalha de Maratona.

Com base nisso, poderíamos nos perguntar se uma inscrição titular semelhante a esta não poderia ter feito parte da estela colocada sobre a base dos epigramas **(a)** e **(b)**⁸⁷. As evidências, até aqui pelo menos, sugerem uma grande probabilidade de esse ter sido exatamente o caso. Isso explicaria, ademais de modo mais satisfatório⁸⁸, o uso problemático do pronome οἶδε, que assim poderia ser entendido como um anafórico referenciando um sujeito (p. ex. Ἀθηναῖοι) anteriormente mencionado na legenda, ou mesmo uma figura (ou figuras) em alto relevo, esculpida entre o topo da estela e sua sustentação, de acordo com as considerações feitas anteriormente⁸⁹. No entanto, antes de aceitarmos tranquilamente essa interpretação, há que se considerar outras possibilidades que, embora menos prováveis, certamente não devem ser ignoradas.

⁸⁶ Meiggs-Lewis (1969) nº 19, p. 35.

⁸⁷ Jacoby (1945), p 171, n. 53; Page (1981), p. 223.

⁸⁸ Sem precisarmos recorrer à teoria de um cenotáfio e de listas de baixas, como em Oliver.

⁸⁹ Ver Introdução. Não há porque se pensar que os monumentos públicos sofressem a mesma restrição solônica de austeridade que os privados, na verdade, o oposto parece ser o caso.

Figura 6 - Reconstrução da estela contendo o epigrama XXI FGE, apud Oliver (1936), p. 227.

Em 1940, Raubitschek⁹⁰ chamou a atenção para um corte retangular (17x30x7 cm) na pedra, à frente do encaixe principal, algo que havia passado despercebido até então. Para ele, esse soquete poderia ter alguma relação com o segundo epigrama, que faria menção a uma “Batalha de Falero”⁹¹, iniciada logo após o retorno apressado dos gregos desde Maratona para impedir que os persas atacassem no então porto de Atenas. Oliver⁹², porém, comentando o artigo de

⁹⁰ Raubitschek (1940), p. 56ss.

⁹¹ Jamais mencionada pelas fontes histórico-literárias.

⁹² Oliver (1940).

Raubitschek, diz ser extremamente difícil datar esse segundo corte ⁹³, embora ratifique sua existência. Supondo-se que seja antigo, continua, dificilmente poderia servir de encaixe para outra estela, menor que a primeira, porque, além de não existir espécime semelhante em todo inventário epigráfico de que dispomos, a simetria natural do monumento ficaria prejudicada, algo certamente inaceitável para os padrões da época, principalmente em um monumento que deveria ter gozado de grande importância pública. Admite, no entanto, que ao contrário de um segundo bloco de mármore, uma escultura ou estátua margeando uma lista principal de nomes pode, de fato, ter feito parte do conjunto ⁹⁴. Um monumento desse tipo, e do mesmo período que o anterior, é a oferenda do polemarco Calímaco à Νίκη (Vitória) ⁹⁵ mandada construir, ao que tudo indica, por seu sobrinho, após a batalha onde o tio perecera ⁹⁶:

(a) Καλλίμαχος μ' ἀνέθηκεν Ἀφιδναῖος τὰ θεναῖαι
 ἄγγελον ἀθανάτων οἱ οὐρανὸν εὐρὺν ἔχουσιν
 ὅς στέσας πολέμαρχος Ἀθηναίων τὸν ἀγῶνα
 τῶν Μήδων τε καὶ Ἑλλήνων <θ>άνε δούλιον ἦμαρ
 πασιδὲν Ἀθηναίων Μαραθῶνος ἐν ἄλσει ἀμύνον. ⁹⁷

Calímaco, do clã de Afídnas, me dedicou a Atená:
 Mensageiro Imortal que habita o vasto céu,
 erigiu-me o polemarco dos Atenenses, morto
 na luta entre Medos e Gregos. No vale de Maratona
 afastou dos filhos atenienses o dia da escravidão.

No caso dos nossos epigramas, no entanto, uma imagem, ao contrário de uma estela, não requereria um soquete para o encaixe de uma plataforma de pedra,

⁹³ id. p.483: "it might be ancient, but it might also be mediaeval."

⁹⁴ Oliver (1940), p. 3: "It would have been more reasonable to assume that, if ancient, the cutting was connected with some sort of sculptural or architectural, here flanking the upright block as decorations frequently crowned or covered widely the surface of a humbler grave stele."

⁹⁵ Meiggs-Lewis (1969), p. 33, nº 18. Provavelmente mandado erigir por seu filho, uma vez que o polemarco, juntamente com o irmão de Ésquilo, foi morto durante a batalha de Maratona, quando os gregos investiam contra os navios persas, Herod. 6:109,114.

⁹⁶ Herod. 6.114.

⁹⁷ DAA 13.

pois geralmente aquelas eram colocadas diretamente sobre a base principal, sem nada que as fixasse fisicamente além de seu próprio peso; além disso, dificilmente tinham um caráter marginal, como parece ser o caso para segunda fenda. Um alto relevo dedicado à Atená, Ártemis ou a Apolo seria mais apropriado⁹⁸. Há vários eventos de natureza lendária associados tanto com a batalha de Maratona quanto com a de Salamina que poderiam inspirar oferendas votivas desse tipo.

Em Aristófanes⁹⁹ vemos um veterano de guerra contar uma história segundo a qual uma coruja, símbolo de Atená, fora vista sobrevoar o exército grego em direção ao acampamento persa momentos antes da batalha, algo que inspirara o áugure a proclamar inevitável a vitória dos atenienses e a necessidade de um ataque iminente. O testemunho de Xenofonte¹⁰⁰, outrossim, nos diz, que durante o sacrifício habitual à Ártemis Selvagem¹⁰¹, defronte às fileiras, o polemenco prometera sacrificar àquela uma cabra por cada inimigo morto. Após a contagem dos corpos, foram computadas 6400 baixas no exército de Dátis, e, como evidentemente não havia vítimas sacrificiais suficientes, os atenienses tiveram de pagar a promessa em parcelas de 500 cabras por ano. Finalmente, Heródoto¹⁰² parece insinuar, numa

⁹⁸ Jacoby (1944), p. 176: "If the Athenians in 490 B.B. wished for a commemorative monument for Marathon in the town itself, and we know now that they did, a victory monument was indicated, and for such a monument there was only one form possible in this age – a votive offering to a god or gods".

⁹⁹ Cf. epígrafe de Aristófanes no início deste capítulo. Uma história semelhante é contada por Plutarco, *Them.* 12.1.1, acerca da batalha de Salamina, quando a coruja teria alçado vôo da proa do navio de Temístocles em direção aos exércitos de Xerxes.

¹⁰⁰ Xen. *Anab.* 3.2.12: καὶ εὐξάμενοι τῇ Ἀρτέμιδι ὀπόρους κατακάνοιεν τῶν πολέμιων τοσαύτας χιμαίρας καταθύειν τῇ θεῷ, ἐπεὶ οὐκ εἶχον ἱκανὰς εὐρεῖν, ἔδοξεν αὐτοῖς κατ' ἑνιαυτὸν πεντακοσίας θύειν, καὶ ἔτι νῦν ἀποθύουσιν.

¹⁰¹ Sabemos (Plut. *Them.* 22.1) que Temístocles dedicara um templo à Ártemis no demo de Melite, mais tarde transformado em um lixão público, para onde eram levados os corpos e pertences dos criminosos condenados à força pelo Areópago. Nesse templo, segundo Plutarco, havia inclusive um busto do general no local.

¹⁰² Herod. 6.118.1-3.

passagem algo deslocada em sua narrativa, que fora Apolo¹⁰³ o deus responsável pela ruína dos persas. Em seu relato, Dátis, o comandante da marinha persa, teria tido um sonho durante a escala em Miconos, no caminho de volta à Pérsia, que o motivara a promover uma busca em todos os barcos, ao final da qual uma imagem dourada do deus fora encontrada em uma das trirremes fenícias. Ele a teria levado imediatamente de volta para Délos e instruído os habitantes da ilha a devolvê-la ao Délio, em Tebas, o que aconteceria somente vinte anos mais tarde, devido à ordem de um oráculo.

Uma oferenda votiva ou um memorial de guerra poderiam ser igualmente motivados por disputas políticas, já que estas constituíam uma das principais formas de propaganda e auto-promoção da época, especialmente nesse período, quando facções ideologicamente opostas lutavam pela liderança da cidade através da influência exercida sobre o δῆμος¹⁰⁴, guiado, normalmente, pelas idéias difundidas por generais e demagogos ávidos de glória. Obviamente, uma investigação nessa direção requer que analisemos conjuntamente os próprios eventos a que podem aludir os epigramas.

Antes de 1932, havia consenso entre os especialistas que as duas inscrições tratavam de um único acontecimento, a Batalha de Maratona. As coisas complicaram-se, todavia, com a descoberta do fr. nº3 e a inserção do suplemento¹⁰⁵

¹⁰³ Pausânias (10.12.1) descreve um cavalo de bronze, supostamente representando o Cavalo de Tróia, enviado pelos Argivos à Delfos em cuja base estaria gravado em alto relevo a figura de Miltíades circundado por aquelas de *Atená* e Apolo.

¹⁰⁴ Sobre isso, ver Finley (1964) e (1984). Não me aprofundarei na estimulante, embora controversa, discussão acerca da dinâmica partidária de Atenas no séc. V, que nos levaria muito além da discussão a que nos propomos nesta seção. Cf. *Capítulo 1, Texto e Contexto*.

¹⁰⁵ Embora oriundo do mesmo local que os fragmentos anteriores, as relações do fr. nº 3 com os outros, mais antigos, ainda são motivo de discussão entre os especialistas e, por isso, sempre que me referir ao seu texto tratá-lo-ei como “suplemento”, para que fique claro ao leitor que sua pertinência à versão canônica do texto está longe de ser irrefutável.

[καὶ] ὀκυπόρων ἐπὶ νεῶν, jogando um balde de água fria na acirrada discussão e forçando uma reviravolta completa nas análises da literatura especializada, que até então parecia ter plena confiança de, pelo menos, poder afirmar com segurança qual seria o momento histórico aludido nos epigramas.

A primeira e mais óbvia dificuldade trazida pela inserção desse suplemento no texto de 1932 está no fato de que os atenienses, em 490, não dispunham de navios suficientes com os quais pudessem combinar uma investida por terra e mar, e não haveria tempo para pedir ajuda a seus aliados¹⁰⁶, que dispunham de uma frota mais desenvolvida, até o desembarque dos persas em Cinosargues. Conseqüentemente a frase [καὶ] ὀκυπόρων ἐπὶ νεῶν, no primeiro dístico, não poderia referir-se Maratona, já que lá os gregos haviam lutado apenas na planície e, embora tivessem feito com que a infantaria persa recuasse até a praia, subindo mesmo em seus navios com o intuito de queimá-los, dificilmente poderíamos tomar aquela expressão como querendo significar esse momento da guerra, porque esse verso, de caráter formular, e ademais bastante raro na literatura supérstite¹⁰⁷, é usado com relação aos navios aliados, com os quais se enfrenta um inimigo, e nunca o contrário. A conclusão mais razoável é que **(a)** deve fazer menção ou à totalidade da guerra, Maratona e Platéia sendo representada pelo substantivo πεζοί (pezoí), “infantaria”,

¹⁰⁶ Como Corinto, por exemplo, que nessa época mantinha relações diplomáticas amigáveis com Atenas, tendo inclusive emprestado uma frota de vinte navios para a guerra contra a Egina, segundo nos conta Heródoto 6.89-90: μετὰ ταῦτα καταλαμβάνει μὲν κατὰ τὰ συνεθήκατο Ἀθηναίοισι ὁ Νικόδρομος τὴν παλαιὴν καλεομένην πόλιν, Ἀθηναῖοι δὲ οὐ παραγίνονται ἐς δέον: οὐ γὰρ ἔτυχον εἶναι νέες σφί ἀξιόμαχοι τῆσι Αἰγινητέων συμβαλεῖν. ἐν ᾧ ὦν Κορινθίων ἐδέοντο χρῆσαι σφίσι νέας, ἐν τούτῳ διεφθάρη τὰ πρήγματα. οἱ δὲ Κορίνθιοι, ἦσαν γὰρ σφί τοῦτον τὸν χρόνον φίλοι ἐς τὰ μάλιστα, Ἀθηναίοισι διδοῦσι δεομένοις εἴκοσι νέας, διδοῦσι δὲ πενταδράχμους ἀποδόμενοι: δωρεὴν γὰρ ἐν τῷ νόμῳ οὐκ ἐξῆν δοῦναι. ταύτας τε δὴ λαβόντες οἱ Ἀθηναῖοι καὶ τὰς σφετέρας, πληρώσαντες ἐβδομήκοντα νέας τὰς ἀπάσας, ἔπλεον ἐπὶ τὴν Αἴγιναν καὶ ὑστέρησαν ἡμέρη μίῃ τῆς συγκειμένης.

¹⁰⁷ Ver a seção B: Texto e Contexto, comentário ao verso H2.

enquanto Artemísia, Salamina e Micale estão lembradas pela ação em “naves velozes”; ou, de outra feita, somente à Salamina, onde πεζοί lembraria a escaramuça liderada por Aristides na ilha de Psitaléia, que gozara de grande fama na época.

A pergunta que imediatamente impõe-se a partir dessas observações, no entanto, é por qual motivo os atenienses, em 480-79, quando o inimigo fora derrotado em Salamina, ou, menos provavelmente, após a vitória final em Platéia e Micale, teriam mandado erigir uma espécie de memorial de guerra ou oferenda votiva que celebrasse a virtude daqueles que lutaram durante a segunda invasão persa para, logo em seguida, numa ação sem precedentes, haverem desfigurado o monumento, mandando-lhe adicionar, sobre a decoração já pronta e com a base *in situ*, um outro epigrama que, inquestionavelmente, lembrava as ações heróicas dos atenienses e platéios que haviam salvo a cidade de Atenas de ser queimada?

Uma possibilidade seria supor que o segundo epigrama deveria fazer parte de um monumento comemorando a Batalha de Maratona, destruído em 480 quando a Acrópole fora incendiada¹⁰⁸, e que, devido à pressão de facções políticas opostas à nova elite marítima de Atenas, teria sido posteriormente regravado na base de que hoje dispomos (e no qual **(a)** já estava inscrito)¹⁰⁹. Outra, seria supor que nem o epigrama **(b)**, nem um monumento que o contivesse, existiriam antes de 480, mas que somente após ter sido erigido um memorial comemorando a vitória em

¹⁰⁸ Onde perecera também, entre inúmeros outros monumentos, aquele que exibia o Fr. III FGE, visto no Cap. 2.

¹⁰⁹ Circa 479. Dificilmente monumentos destruídos eram restaurados em sua totalidade, como o foi, por exemplo, o dos Tiranícidias (Sim. I FGE). Acerca disso, Jacoby (1945), p.178: “(...) *restorations of public monuments, as opposed to buildings, were apparently the exception, not the rule*”.

Salamina, é que um novo dístico fora composto que desse maior relevo à vitória em Maratona, relegada agora a uma mera palavra (πεζοί)¹¹⁰.

Seria errôneo, de fato, pensar que após Salamina os grandes feitos de Maratona pudessem ter sido obliterados da memória ateniense pelas ações das últimas batalhas e que um monumento que contivesse um epigrama como **(a)**, de caráter abertamente pan-helênico, fosse capaz de passar despercebido, sem gerar protestos, senão por parte do próprio povo, pelo menos por parte dos veteranos de batalha e, principalmente, por parte dos membros do partido conservador e setores aristocráticos da sociedade¹¹¹. Na verdade, sabemos que isso não ocorreu e que a batalha de Maratona manteve-se como o paradigma da suprema virtude e coragem do cidadão ateniense não só durante as Guerras Médicas, mas também durante a ascensão, ápice e posterior decadência da hegemonia marítima de Atenas, como padrão de comparação com outros povos helênicos. Na verdade, o feito de Atenas tornar-se-ia um *tópos* recorrente nas Orações Fúnebres do V-IV séculos, bem como nos discursos proferidos pelos embaixadores atenienses sempre que esses precisavam lembrar aos outros gregos do débito que tinham com Atenas por ter-lhes livrado de uma vida na servidão.

Acerca disso será suficiente citar apenas dois exemplos, ilustrativos de nossa afirmação. O primeiro deles, relatado por Heródoto, imediatamente antes da Batalha

¹¹⁰ Nossa opinião está em grande acordo com aquele expressa por Jacoby (1945), p. 177, exceto que o grande erudito atribuía (por falta de evidência adicional, na época) os dois epigramas à Maratona. Sua opinião merece ser citada na íntegra: "*There is no obvious difference in the point of view taken by the two epigrams – the first and earlier one estimating the consequences of the valour of the Athenians for the whole of Greece, the second and later one putting Athens in the foreground and stressing the fact that by this valour the town itself was saved from destruction. It appears at least arguable that the general view taken by the (first?) poet did not satisfy public feeling and raised adverse comment on a poem which seemingly had forgotten the main point, the saving of Athens from the fate of Eretria. There may even have been some political antagonism against the 'Panhellenic' view-point of the first epigram. In any case, the authorities complied with public feeling and caused the second epigram to be inscribed subsequently*".

¹¹¹ Principalmente da classe mais abastada os *pentecosiamedimnoi* e, evidentemente, dos *hippeis*.

de Platéia, quando da disputa com Tegea pelo flanco esquerdo do exército aliado e, portanto, da vice-liderança na batalha. O segundo, um pouco antes da guerra do Peloponeso, por ocasião da arbitragem promovida por Esparta na questão entre Corinto e Atenas por conta do cerco promovido por essa última à cidade de Potidéia. Vejamo-los¹¹²:

ἡμῖν δὲ εἰ μηδὲν ἄλλο ἐστὶ ἀποδεδεγμένον, ὥσπερ ἐστὶ πολλά τε καὶ εὖ ἔχοντα εἰ τεοῖσι καὶ ἄλλοις Ἑλλήνων, ἀλλὰ καὶ ἀπὸ τοῦ ἐν Μαραθῶνι ἔργου ἄξιοι εἰμὲν τοῦτο τὸ γέρας ἔχειν καὶ ἄλλα πρὸς τούτῳ, οἵτινες μοῦνοι Ἑλλήνων δὴ μουνυμαχέσαντες τῷ Πέρσῃ καὶ ἔργῳ τοσοῦτῳ ἐπιχειρήσαντες περιεγενόμεθα καὶ ἐνικήσαμεν ἔθνεα ἕξ τε καὶ τεσσεράκοντα. ὅρ' οὐ δίκαιοι εἰμὲν ἔχειν ταύτην τὴν τάξιν ἀπὸ τούτου μούνου τοῦ ἔργου;

Nós, se nada mais se nos fosse creditado – ainda que nos pertença, mais que a qualquer outro dentre os gregos, o reconhecimento de muitas boas ações – e se tivéssemos a nosso favor somente o trabalho empreendido em Maratona, ainda assim seríamos dignos de receber esta honra que reclamamos e, na verdade, muitas outras. Porque, de fato, somente nós, dentre os gregos, lutamos sozinhos contra a Pérsia e, por meio de nossos esforços, subjugamos e vencemos, obtendo a supremacia na batalha, quarenta e seis nações. Não somos nós, portanto, dignos para ocupar a posição que queremos em virtude dessa única empreitada?

καὶ τὰ μὲν πάνυ παλαιὰ τί δεῖ λέγειν, ὧν ἀκοαὶ μᾶλλον λόγων μάρτυρες ἢ ὅψις τῶν ἀκουσόμενων; τὰ δὲ Μηδικὰ καὶ ὅσα αὐτοὶ ξύνιστε, εἰ καὶ δι' ὅχλου μᾶλλον ἔσται αἰεὶ προβαλλομένοις, ἀνάγκη λέγειν: καὶ γὰρ ὅτε ἐδρῶμεν, ἐπ' ὠφελίᾳ ἐκινδυνεύετο, ἥς τοῦ μὲν ἔργου μέρος μετέσχετε, τοῦ δὲ λόγου μὴ παντός, εἴ τι ὠφελεῖ, στερικώμεθα. ῥηθήσεται δὲ οὐ παραιτήσεως μᾶλλον ἔνεκα ἢ μαρτυρίου καὶ δηλώσεως πρὸς οἷαν ὑμῖν πόλιν μὴ εὖ βουλευομένοις ὁ ἀγὼν καταστήσεται. φαμὲν γὰρ Μαραθῶνι τε μόνοι προκινδυνεῦσαι τῷ βαρβάρῳ καὶ ὅτε τὸ ὕστερον ἦλθεν, οὐχ ἱκανοὶ ὄντες κατὰ γῆν ἀμύνεσθαι, ἐςβάντες ἐς τὰς ναῦς πανδημεῖ ἐν σαλαμῖνι ξυνναυμαχεῖν, ὅπερ ἔσχε μὴ κατὰ πόλεις αὐτὸν ἐπιπλέοντα τὴν Πελοπόννησον πορθεῖν, ἀδυνάτων ἂν ὄντων πρὸς ναῦς πολλὰς ἀλλήλοισι ἐπιβοηθεῖν.

Mas por que falar de fatos antigos, dos quais a audiência é conhecedora mais através de relatos do que da própria experiência? Sobre as Guerras Médicas que vós bem conheceis – e ainda que este assunto seja sempre trazido à tona - é preciso falar, pois quando nos arriscamos, pelo bem comum, vós tivestes participação numa parte do resultado e, se algo lucrastes, não nos priveis agora de toda a fama. Isto sendo dito não na forma de uma súplica, mas

¹¹² Herod. 9.27 e Tucíd. 1.73, respectivamente.

certamente com a autoridade de um testemunho e de uma evidência, para que bem saibais a que tipo de cidade, em caso de não serdes bem aconselhados, haveis de impor a guerra. Lembrai-vos de que sozinhos, de nossa própria iniciativa, arriscamo-nos a lutar em Maratona, contra o bárbaro, e foi somente no último instante, quando então já não éramos mais suficientes para, por terra, o afastar, que embarcamos em navios todo o povo em direção à Salamina para lá fazer frente numa batalha naval comum, que foi exatamente o que o preveniu de zarpar em direção ao Peloponeso e queimar suas cidades, quando éreis todos incapazes de unir vossas esquadras em mútua assistência.

Juntem-se a esses testemunhos, ainda, aquelas opiniões expressas por Isócrates, no *Panegírico*, e as de outros oradores, dramaturgos e prosadores áticos desde o século V até o tempo de Alexandre¹¹³.

De fato, como acabamos de ver, a carência de evidências arqueológicas e epigráficas sobre a batalha de Maratona não faz jus, e não deve servir para julgar, a importância que a mesma tinha para os atenienses. Essa lacuna da história epigráfica e arqueológica ateniense, na qual certamente desapareceram os vestígios da glória e das celebrações dos anos entre 490-80 e cuja *Charíbdís* teria reclamado os epigramas que ora estudamos, não fosse por um feliz golpe da sorte, serve, paradoxalmente, como uma testemunha do imenso êxito e da grande fama que a batalha ocupou no imaginário não só de Atenas, mas de toda a Pérsia, pois, se por um lado, temos o testemunho do orgulho patriótico, verificável em textos como os acima, do outro lado temos o imenso ódio e sentimento de vingança causado nos bárbaros, cuja retribuição, refeetida na ampla destruição de monumentos públicos promovida em 480-79, geraria um enorme trauma de guerra no povo de Atenas.

Seria não só improvável, mas igualmente inacreditável, que os persas, em 480, ao avançarem desde a Tessália, pela Beócia e em direção à Maratona e à Ática, pudessem contemplar passivamente, durante todo o período em que

¹¹³ 84 e seg. e *passim*.

permaneceram na Grécia, os diversos ícones que celebravam sua derrota¹¹⁴, ainda mais quando pensamos na extensão da destruição da cidade de Atenas e da Acrópole¹¹⁵, alvo especial por representar o antigo inimigo que, durante a Revolta Jônica, ajudara a queimar a cidade de Sárdis¹¹⁶ até suas fundações. É quase certo, na medida em que tais hipóteses podem sê-lo, que um monumento que contivesse a segunda inscrição¹¹⁷ teria sido destruído por Xerxes durante o saque e queima da Acrópole.

Seja como for, é provável que o entusiasmo gerado pela vitória em Salamina pudesse ter ajudado os aliados de Temístocles a convencer o Conselho (Βουλή) ou o Polemarco¹¹⁸ para que fosse erguido um monumento de guerra, memorial ou oferenda votiva, contendo **(a)**, cujo teor, compreensivelmente, teria causado fortes protestos e comoção não só por parte da geração dos μαραθωνομάχαι e do partido conservador, liderado por Aristides e Címon, como do próprio povo de Atenas, em cuja memória ainda estavam presentes os feitos heróicos de seus filhos, maridos e

¹¹⁴ A destruição seguia a movimentação dos exércitos de Xerxes, ver. Herod. 8.49ss, que chegou à Ática quatro meses depois de cruzar o Helesponto, no arcontado de Calíades. Sobre relato da destruição da Acrópole ver Herod. 8.52ss. A escassez de monumentos públicos, ademais, é francamente contrastada pela abundância de inscrições particulares, o que levanta a suspeita de uma contra-propaganda persa durante esse evento.

¹¹⁵ Como comprovado pelas relíquias enterradas ritualmente no que hoje é conhecido como *Perserschutt*, escavado pela primeira vez por C.E.S. Beulé em 1863-66. Outras invasões que levaram à queima da cidade de Atenas e ao uma possível destruição de seus monumentos ocorreram durante a invasão de Felipe V da Macedônia, e do General Romano Sulla, durante as Guerras Sociais, na década de 80 do séc. I a. C.

¹¹⁶ Herod. 5.199-104.

¹¹⁷ Oliver (1933), p. 486: “A monument commemorating the battle of Marathon would have been conspicuous, and when the Persians came to Athens in they would not have been likely to stare at the inscription all winter long, so that it presumably did not survive the destruction of Athens in 480, certainly not the final destruction in 479. Precisely the inscribed base would have been the offensive part of the monument”.

¹¹⁸ Ambos com poderes para erigir memoriais de guerra sem a necessidade da aprovação da Assembléia (Ἐκκλησία), ver Arist. *Const. de Atenas* 47.1 e 58.1. Um exemplo interessante, ainda que tardio, dessa função religiosa do polemarco aparece em Xen. *Helênica* 4.3.20-21: τότε μὲν οὖν, καὶ γὰρ ἦν ἤδη ὀψέ, δειπνοποιοῦντες ἐκοιμήθησαν. πρῶ δὲ Γῦλιν τὸν πολέμαρχον παρατάξαι τε ἐκέλευε τὸ στράτευμα καὶ τροπαῖον ἵστασθαι, καὶ στεφανοῦσθαι πάντας τῷ θεῷ καὶ τοὺς αὐλητὰς πάντας αὐλεῖν

amigos, cuja coragem, heroísmo e célebres façanhas haviam sido injustamente diluídos e reduzidos pela menção a uma única palavra que os lembrasse (πεζοί).

Pior ainda, o caráter abertamente pan-helênico (Ἑλλά[δα μ]ῇ πᾶσαν) com que o epigrama terminava deve ter causado um mal-estar político difícil de resolver. Assim, é provável que, para diminuir a repercussão pública gerada pelo escândalo, as autoridades devam ter mandado inscrever um novo epigrama que fizesse referência explícita à batalha de Maratona e à sua importância não só para a cidade de Atenas, mas também para toda a Grécia. Esse epigrama teria sido, evidentemente, a inscrição **(b)**.

3.4 Texto e Contexto

3.4.1. Metro

Abaixo mostramos o esquema métrico para os epigramas em questão, as duas unidades principais, são, novamente, o dístico elegíaco.

(a)

H1 — — | — ∪ ∪ | — || — | — ∪ ∪ | — ∪ ∪ | — —
 P1 [— — — —] ∪ — ∪ ∪ —
 H2 — — | — — | — ∪ || ∪ | — ∪ ∪ | — ∪ ∪ | — —
 P2 — ∪ ∪ — — — || — ∪ ∪ — ∪ ∪ —

(b)

H3 — ∪ ∪ | — ∪ ∪ | — ∪ || ∪ | — ∪ ∪ | — ∪ ∪ | — —
 P3 — — — ∪ ∪ — || [— —]
 H4 — ∪ ∪ | — — | — || [— — — —]
 P4 — ∪ ∪ — — — || — ∪ ∪ — ∪ ∪ —

No primeiro epigrama, vemos que a cesura em 1(a) ocorre na posição pentemímere (i.e., logo após a longa do terceiro dátilo), causando, em associação com o movimento lento e majestoso do início do verso, um forte efeito suspensivo que prepara o ouvinte para a fórmula de grande apelo emocional ἀρετῆ[ς ἔσται κλέ]ος ἄφθι[τον] αἰεί. Do segundo verso, pouco foi preservado para se tentar uma reconstituição métrica, mas em 3(a) observamos o retorno de um ritmo ainda mais lento (8 *morae*, contra 6 de 1(a)), cujo objetivo não pode ser outro senão o de contrastar o andar pesado da infantaria, retratada no primeiro hemistíquio, com a velocidade e leveza (ὠκυπόρων) dos navios, no segundo. Estes deslizam sobre uma série de três dátilos interrompida apenas pelo espondeu final do verso. A cesura, na posição conhecida na antiguidade como κατὰ τρίτον τροχαῖον (i.e., no terceiro troqueu), confere um ritmo de marcha ao andamento de todo o hexâmetro. Em 4(a) temos uma cesura masculina (pentemímere) novamente, logo após a oração dependente de ἔχον e sujeito acusativo do infinitivo ἰδεῖν, viz., Ἐλλά[δα μ]ὴ πᾶσαν, o que a põe em evidência, numa espécie de tópico frasal a ser destacado do resto da composição, algo que serve para lembrar o leitor de que a ação desses homens, ora comemorados, assegurou a salvação da Grécia inteira.

No segundo epigrama a estrutura rítmica apresenta-se bem mais simples, mas não menos significativa. A forte assertiva (ῆν ἄρα) e a cesura na posição feminina, dão destaque ao colorido (e raro) adjetivo ὀδάμαντος, que assim fica em suspenso até que seu objeto nos seja revelado, “soberbo coração”. A vírgula acrescentada em algumas versões da edição, e que aparece logo após ῆτορ, deve ser descartada, pois é desnecessária para a prosódia do verso e, na verdade,

enganosa, uma vez que não há qualquer tipo de pausa nessa posição (há na verdade, uma forte ligação entre o *rô* e o início do *ômega* aspirado). Em 2(b) é bastante provável que o primeiro cólon terminasse logo após *πυλῶν*, o que se conformaria com o sentido e o ritmo inicial do primeiro espondeu: os atenienses fixam firmemente seus pés em frente aos portões de Atenas para lá perderem sua vida, salvarem a cidade ou morrerem na empreitada. Semelhante a 2(a), 3(b) encontra-se bastante mutilado para tentarmos qualquer interpretação, todavia é notável o quanto o ritmo pesado sobre o infinitivo aoristo de *πέρθω*, *πρήσαι*, confere dramaticidade ao verso. Finalmente, em 4(b), temos a cesura novamente na posição pentemímere que, como em 4(a), acentua o substantivo genitivo plural *Περσῶν*, “dos persas” e aqui, como alhures, o ritmo parece ter uma função decisiva na coloração do significado: tanto o complemento do objeto “dos persas”, como o próprio início do verbo **κλίνομαι* e, principalmente, a parte final do advérbio *βίᾱ*, encontram-se encapsulados em um movimento rítmico que claramente quer demonstrar o esforço empreendido pelos atenienses para pôr em cheque as hordas e a fúria dos guerreiros bárbaros.

3.4.2 Comentário interlinear

H1 - ἀνδρῶν τῶνδ' ἄρετῇ[ς ἔσται κλέ]ος ἄφθι[τον] αἰεῖ:

(a) ἀνδρῶν τῶνδ': O pronome οἷδε, aqui usado no genitivo plural, τῶνδε, é comum entre epítafios e inscrições tumulares, onde aponta para os nomes inscritos em listas que lhe são próximas. No entanto, como foi discutido nas seções anteriores, o monumento no qual os epigramas aparecem não deveria ser uma sepultura, nem tinha qualquer caráter funerário, como por exemplo, em um cenotáfio. A que homens

refere-se, então, o anafórico em questão? Muito provavelmente ao sujeito de uma inscrição titular do tipo Ἀθηναῖοι τῇ θεᾷ ἀκροθίνια ἀπὸ τῶν Μήδων ἀνέθεσαν¹¹⁹, ou, ainda, a um alto relevo desenhado entre a inscrição mencionada e a base do monumento no qual estaria representada uma fase da batalha ou, mais simplesmente, hoplitas em formação de guerra¹²⁰.

(b) ἀρετῇ[ς ἔσται κλέ]ος ἄφθι[τον] αἰεί: Aqui deveríamos chamar a atenção para o fato de que a leitura ἔσται κλέος ἄφθιτον resta na confiança que se deposita na pertinência do fr. 3 (de 1956) com o grupo de fr. 1-2¹²¹. Antes da descoberta daquele, os suplementos propostos para essa lacuna, no entanto, não eram muito diferentes, ἀρετῆς λάμψει κλέος ἄφθιτον Wilhelm (1934) e Peek (1934), ἀρετὴ cχέει κλέος ἄφθιτον Bowra (1936), ἀρετὴ διαείδεται ἔχκοχος Avarnitopoulos (1937) e, se não for exatamente isso que se encontrava no original, deve ter sido algo bastante próximo. A frase é famosa, ocorrendo pela primeira vez na fala de Aquiles, *Iliada* 9.413, “ὥλετο μὲν μοι νόστος, ἀτὰρ κλέος ἄφθιτον ἔσται”¹²² na mesma posição (heptemímere, i.e., após a longa do quarto dátilo)¹²³.

P2 - [.]ρ[] νέμωσι θεοί

¹¹⁹ Page (1981), p. 223 e Jacoby (1945), p 171, n. 53.

¹²⁰ Como no vaso de Chigi, encontrado na Etrúria, c. 650 a. C., hoje na Univ. da África do Sul, em Pretória.

¹²¹ Ver seção A.

¹²² “perece-me o retorno à pátria, mas minha fama será imorredoura”. Para um estudo sobre essa expressão, cf., principalmente, Finkelberg (1986) e (2007), Edwards (1988) e Volk (2002).

¹²³ Para outras ocorrências, seguidas de uma discussão completa, ver o capítulo “O Vocabulário Heróico”, p. XX.

O sentido geral deve ter sido aquele proposto por Page¹²⁴ em 1975: “*quamdiu uiris fortibus laudes meritas tribuente dei*”, ou, de acordo com o suplemento proposto por ele “ὄφρα καλῶν π]ρ[ομάχοις καλὰ νέμωσι θεοί”, o qual diversas vezes aparece citado por outros autores como se fizesse parte do texto original, quando se trata apenas de um suplemento, bastante provável a bem da verdade, mas ainda assim uma suposição. Meritt, por exemplo, propusera “οἱ δὲ ἄν ὑπὲρ χυνῶν κληρὰ νέμωσι θεοί”, cujo οἱ δὲ ἄν (ἄν empregado com subjuntivo generalizante). Page classifica, talvez com razão, como “incompatível” com a especificidade da expressão ἀνδρῶν τῶνδ’. O uso do verbo νέμω (conspícuo nesse verso, já que o significado de “distribuir” ou “retribuir” (e daí o conceito de νέμεσις) lhe é primitivo, indicando uma prerrogativa específica dos deuses, embora seu uso nessa acepção seja poético, aparecendo algumas vezes em Hesíodo, Homero e outros autores¹²⁵, é possível encontrar exemplos mesmo em prosadores do V século, onde fica claro o objeto da distribuição promovida pela divindade: καλὰ e κακά, bens e tribulações, como, por exemplo, em Aristóteles, *Magna Moralia* 1.33.4: “ὅταν γὰρ τῶν μὲν ἀγαθῶν τὰ μείζω αὐτοῖς νέμωσι, τῶν δὲ κακῶν τὰ ἐλάττωνα, ἅνισον τοῦτ’ ἐστί, καὶ οὕτως ἀδικεῖν καὶ ἀδικεῖσθαι οἴονται”, ou em Plutarco *Ad Principem Interuditum* 780-D9, “ἀληθέστερον δ’ ἂν τις εἴποι τοὺς ἄρχοντας ὑπηρετεῖν θεῷ πρὸς ἀνθρώπον ἐπιμέλειαν καὶ σωτηρίαν, ὅπως ᾧ θεὸς δίδωσιν ἀνθρώποις καλῶν καὶ ἀγαθῶν τὰ μὲν νέμωσι τὰ δὲ φυλάττωσιν ”

¹²⁴ Page (1975), p. 16, n. XX(a). Em 1981, ele escreveu no FGE, p. 220: “*The general sense may have been something like ‘(their fame will last forever), so long as the gods grant glory to heroic men’.*”.

¹²⁵ Como, por exemplo, Od. 2.136-7 (...) νέμεσις δέ μοι ἐξ ἀνθρώπων/ ἔσσεται.

H2 - ἔσχον γὰρ πεζοί τε [καὶ] ὠκυπόρων ἐπὶ νηῶν:

Em Homero os dois substantivos não aparecem combinados. Πεζοί aparece 5 vezes na *Iliáda* e apenas 2 vezes na *Odisséia* ¹²⁶, normalmente na expressão πεζοὶ θ' ἵππῆές τε, *infantaria e cavaleiros*. Ὀκύπορος, por outro lado, é o epíteto por excelência para navios, ocorrendo 9 vezes na *Iliáda*, 3 vezes na *Odisséia* e 1 vez nos hinos homéricos ¹²⁷. Uma expressão semelhante ocorre nos *Persas* vv. 19-21, de Ésquilo, mas para descrever o exército de Xerxes, “τοὶ μὲν ἐφ' ἵππων. | τοὶ δ' ἐπὶ ναῶν, πεζοὶ τε βάδην | πολέμου στίφος παρέχοντες” ¹²⁸.

A expressão serviu para que Raubitschek, em 1940 ¹²⁹, levantasse a questão se não seria possível que esse epigrama também tivesse sido gravado em homenagem aos soldados mortos durante uma “segunda fase da batalha de Maratona”, em uma escaramuça em Falero (o então porto de Atenas), a que aludimos anteriormente. A hipótese de Raubitschek seria a de que os atenienses, tentando evitar que os persas, navegando através do cabo Súnio, desembarcassem em Cinosargues, na cidade de Atenas, para lá teriam corrido após o combate, a fim de interceptá-los. Não há, contudo, qualquer menção nas fontes antigas de que tal batalha tenha, de fato, existido e não seria provável que um evento dessa importância fosse negligenciado por Heródoto. Além disso, de acordo com Plutarco, os persas talvez tenham sido arrastados em direção ao golfo Sarônico, não por sua própria vontade, ou para invadir a cidade a partir de Falero, por meio de um suposto

¹²⁶ Il. 2.810, 8.59, 11.150, 11.529, 12.59; Od. 6.319, 24.70.

¹²⁷ Il. 1.421, 488, 2.351, 10.308, 320, 442, 12.156, 13.58, 110; Od. 4.708, 5.176, 14.320; *Hino Homérico aos Dióscuros*, vv. 7.

¹²⁸ “*Alguns sobre cavalos, outros em navios, outros a pé seguiam, em densas fileiras de guerra.*” Cf. a expressão semelhante no *Capítulo 4*, 4.2.2(a).

¹²⁹ Raubitschek (1940), p. 58.

acordo com os alcmeônidas, mas na verdade devido às correntes marinhas contrárias e aos ventos que os teriam levado em direção à Atenas¹³⁰:

ἐπεὶ δὲ τρεψάμενοι τοὺς βαρβάρους ἐνέβαλον εἰς τὰς ναῦς καὶ πλέοντας οὐκ ἐπὶ νήσων ἑώρων, ἀλλ' ὑπὸ τοῦ πνεύματος καὶ τῆς θαλάσσης εἶσω πρὸς τὴν Ἀττικὴν ἀποβιαζομένους, φοβηθέντες μὴ τὴν πόλιν ἔρημον λάβωσι τῶν ἀμυνομένων, ταῖς μὲν ἐννέα φυλαῖς ἡπείγοντο πρὸς τὸ ἄστυ καὶ κατήνυσαν αὐθιμερόν.¹³¹

“Após fazer os bárbaros recuar e embarcar em seus navios, perceberam que estes não navegavam em direção às ilhas, mas que, forçados sob o arrasto do vento e do mar, adentravam a Ática, temerosos, então, que ao encontrar a cidade vazia o inimigo pudesse tomá-la, as nove tribos seguiram em marcha para a cidade, alcançando-a no mesmo dia.”

ἀνατέτραπται δὲ τῆς νίκης τὸ μέγεθος καὶ τὸ τέλος εἰς οὐδὲν ἥκει τοῦ περιβοήτου κατορθώματος, οὐδ' ἄγών τις ἔοικεν οὐδ' ἔργον γεγονέναι τοσοῦτον, ἀλλὰ πρόσκρουσα βραχὺ τοῖς βαρβάροις ἀποβάσιν (ὥσπερ οἱ διακύροντες καὶ βασκαίνοντες λέγουσιν), εἰ μετὰ τὴν μάχην οὐ φεύγουσι κόψαντες τὰ πείσματα τῶν νεῶν, τῷ φέροντι προσωτάτω τῆς Ἀττικῆς ἀνέμῳ παραδόντες αὐτούς, ἀλλ' αἶρεται μὲν ἀσπίς αὐτοῖς προδοσίας σημεῖον, ἐπιπλέουσι δὲ ταῖς Ἀθήναις ἐλπίζοντες αἰρήσειν, καὶ καθ' ἡσυχίαν Κούνιον κάμψαντες ὑπεραιωροῦνται Φαλήρων οἱ δὲ πρῶτοι καὶ δοκιμώτατοι τῶν ἀνδρῶν προδιδόασιν ἀπεγνωκότες τὴν πόλιν. (...) τοῦτο δ' ἀμήχανον μὲν ἦν γενέσθαι, νενικηκότων κατὰ κράτος τῶν Ἀθηναίων· γεγόμενον δ' οὐκ ἂν ὑπὸ τῶν βαρβάρων συνώφθη, φυγῇ καὶ πόνῳ πολλῷ καὶ τραύμασι καὶ βέλεσιν εἰς τὰς ναῦς ἐλαυνομένων καὶ ἀπολιπόντων τὸ χωρίον, ὥς ἕκαστος τάχους εἶχεν.¹³²

“[Heródoto] despreza a grandeza e a finalidade da vitória e reduz a nada a fama de seu esplendoroso sucesso, pois a ninguém pareceria ter havido uma batalha ou um esforço tão magnífico, mas tão somente uma breve escaramuça após o desembarque dos bárbaros (que agitavam-se em seu desejo de vingança, segundo contam), se durante a batalha não tivessem fugido desesperados, rompendo os laços que mantinham atracados seus navios, e se não tivessem sido trazidos, a sotavento e contra sua vontade, às proximidades da Ática, mas se, pelo contrário, havendo-se lhes erguido um escudo em sinal da traição [sc. dos alcmeônidas], tivessem zarpado com o propósito de tomar Atenas e , ao contornar o Cabo Súnio em direção a Falero,

¹³⁰ Os ventos conhecidos como *Meltemi*, que se originam por convecção a partir das montanhas do Peloponeso, sopram intensamente (acima de 45 nós) na direção sudeste, especialmente durante agosto, época da batalha, o que teria levado os navios direto para a costa ateniense. Esses mesmos ventos, no entanto, têm sua força diminuída ao anoitecer, o que teria aprisionado os navios em uma calmaria. É provável que tanto os atenienses quanto os persas tenham passado a noite em vigília e, quando pela manhã o vento começou a soprar favoravelmente, isto é, no sentido nordeste, os últimos devem ter partido.

¹³¹ Plut. *Arist.* 5.4.

¹³² Plut. *De Herodoti Malignitate*, 862: D6-F6.

os mais nobres e confiáveis dentre os cidadãos lhes tivessem entregado a cidade de seu próprio acordo. (...) Não é possível que isso tenha ocorrido, uma vez que eles foram derrotados pela superioridade dos Atenienses. Não houve qualquer conjuração com os bárbaros, mas estes foram postos em fuga através de muito trabalho, muitas feridas e muitas lanças e, apressando-se em direção à suas naus, abandonaram o local, cada um correndo o mais rápido que podia”.

Embora as evidências sejam poucas, πεζοί τε καὶ ὠκυπόρων ἐπὶ νηῶν deve ter sido uma expressão bastante comum, principalmente em epigramas, já que em 468, a crer-se na autenticidade da citação na *Antologia Palatina* 7.258, encontramos a gravada em uma lápide, no Cerâmico¹³³, que Címon mandara erigir sobre os corpos daqueles que morreram na batalha contra os persas na Panfília, às margens do rio Eurimedo (Sim. FGE 46):

οἶδε παρ'Εὐρυμέδοντά ποτ'ἀγλαὸν ὥλεσαν ἦβην
μαρνάμενοι Μήδων τοξοφόρων προμάχοις
αἰχμηταί, πεζοί τε καὶ ὠκυπόρων ἐπὶ νεῶν,
κ[αλλιστον δ'ἀρετῆς μνημ'ἔλιπον φθίμενοι.

Estes junto ao Eurimedo arruinaram a luzente juventude
Lanceiros contra persas portiflecheiros resistindo
Por terra e sobre naves velozes; perecendo, no entanto,
Belíssimo monumento de virtude nos legaram.

P2 - Ἐλλά[δα μ]ὴ πᾶσαν δούλιον ἡμαρ ἰδεῖν

A perda da liberdade era o que os gregos mais temiam e é um tema recorrente em todos os epigramas dessa época, atribuídos à Simônides ou não. Os atenienses consideravam-se naturalmente livres, porque viviam em uma democracia, onde o povo, na figura da Assembléia (Ἐκκλησία), era o verdadeiro órgão administrativo da cidade; como contrapartida, os persas eram todos sujeitos à autoridade do rei e, por

¹³³ Paus. 1.29.14.

isso mesmo, escravos, não importando a posição que pudessem ocupar dentro da nobreza da corte persa.

H3 - ἦν ἄρα τοῖς ἁδάμαντος ὑπέρβιον ἦτορ:

(a) ἦν ἄρα: a partícula ἄρα, de valor *expletivo*, deve ser lida com referência à oração adverbial ὅτ' αἰχμήν/ στήσαν κτλ. e não como se fosse uma conjunção adverbial consecutiva, conclusiva ou afirmativa¹³⁴ que estabelecesse qualquer relação com o epigrama anterior, seja sintática ou semântica, razão pela qual, ademais, não é acompanhado do conetivo δέ, ἦν δ' ἄρα, como seria de se esperar, caso isso ocorresse.

(b) τοῖς ἁδάμαντος ὑπέρβιον ἦτορ: τοῖς εἰσ equivale a τοῖςδε, o zeta é uma consoante dupla que foi inventada (segundo alguns testemunhos, por Simônides¹³⁵) para representar o fonema /zd/ ou /sd/ e não, como se costuma pensar, e pronunciar, o fonema /dz/, embora esta última tenha sido a forma mais comum no Ático tardio. ἁδάμαντος, gen. sing. ἁδάμας, literalmente, “in-domável” (cf. latim *indomitus*), derivado de *δαμάω (< δαμάζω). Por metonímia o adjetivo veio a ser utilizado como sinônimo de coisas que não podem, ou que são muito difíceis, de ser quebradas (e daí “inquebrantável”), como o diamante, o bronze e, tardiamente, o ferro¹³⁶. A tradução que verte ἁδάμαντος por “de aço” é inexata, a fabricação do aço exigia uma tecnologia que permitisse aquecer o ferro acima de 800° C, para que se lhe fosse adicionado carbono, algo muito além das possibilidades dos ferreiros até o

¹³⁴ Todo esse campo semântico sendo coberto pela polissemia de ἄρα. Compare com ἦ do FGE I.

¹³⁵ Suda, Σ – 439: “προσεξεῖρε δὲ καὶ τὰ μακρὰ τῶν στοιχείων”.

¹³⁶ Veja discussão sobre o radical desse vocábulo no Cap. 2, *Texto e Contexto*, H2(b).

início da idade média. Normalmente qualifica objetos fabricados pelos deuses, como, por exemplo, a cimitarra produzida por Gaia, na *Teogonia*¹³⁷, ou os grilhões fabricados por Hefesto que deveriam fixar prometeu nas encostas do Cáusaso¹³⁸; além disso é freqüentemente associado ao θυμός ou à φρήν, tanto em sentido negativo (insensibilidade, brutalidade e etc.), como para qualificar os Gigantes, as Górgonas e os homens da Idade do Ferro de Hesíodo¹³⁹, quanto no sentido positivo (denotando coragem, virilidade, firmeza de caráter), quando o vemos associado, como aqui, à Hércules e a outros heróis, principalmente. Ὑπέρβιον (cf. latim “*superb-us*”), por outro lado, já faz parte do suplemento proposto pelos editores, mas as opções não são muitas, nem melhores: τοῖςζ’ἀδάμαντι πεφραγμένον ῥήτορ, Hiller e Maas (1933), τοῖςζ’ἀδάμαντος ἐνὶ φρεσὶ θυμός, Wilhelm (1934)¹⁴⁰, o inacreditável suplemento de Maas (1934) τοῖςζ’ἀδάμαντος ἔσο κέαρ, οἳ ῥά ποτ’ αἰχμήν¹⁴¹ e, finalmente, a não menos absurda sugestão de Avarnitopoulos (1937), τοῖς(τ’) ἀδάμαστον ἐνὶ φρεσὶ θάρκος ὅτ’.

P3 - ὅτ’αἰχμήν | στήσαν πρόθε πυλῶν αν[

Normalmente os gregos são contrastados com os persas através do armamento característico de cada exército. Assim, os hoplitas vangloriavam-se por usar pouca (ou nenhuma) roupa, à parte do capacete e grevas, deixando seu corpo varonil, e

¹³⁷ Hes. *Teogonia*, vv. 161, 188,

¹³⁸ Esq. *Prometeu Acorrentado*, vv.6, 64 e 148

¹³⁹ Hes. *Trabalhos e Dias*, 147.

¹⁴⁰ Segundo Page (1975), p. 16: “spatium excedit τοῖςζ’ἀδάμαντος ἐνὶ φρεσὶ θυμός, quod suppl. Wilhelm”.

¹⁴¹ Jacoby (1945), p. 163: “*qui de hac supplementi via omnino subitans proposuit [sequitur supplementum] contra lapidem, in quo primae litterae vestigia excludunt Π, indicant H vel I, testantibus Oliver, Wade-Gery, Meritt, Peek*”

adaptado à batalha pelas inúmeras competições e jogos esportivos, à mostra, preocupando-se em proteger apenas o flanco esquerdo (o direito era responsabilidade do companheiro ao lado¹⁴²) com um escudo que diminuía cada vez mais para dar lugar a uma maior mobilidade das tropas¹⁴³. Além disso, carregavam lanças, ἔγχος, a que se referiam, por metonímia, como αἰχμή, “a ponta”, porque esta era, de fato, a ponta de bronze afixada ao final da δόρυ, a haste. Normalmente essa lança era do tipo longo, para combate corpo a corpo, embora haja indícios de que os soldados pudessem dispor, no caso de perda ou quebra da lança principal, de uma espécie de dardo (ἄκων), próprio para ser arremessado contra o inimigo¹⁴⁴, após o que ainda dispunham do escudo como último recurso, ou as próprias mãos¹⁴⁵. Os persas e medos, por outro lado, iam para a batalha com suas melhores roupas, geralmente adornados de jóias, aqueles vestindo as calças xadrez e os turbantes coloridos que tanto escandalizavam os gregos¹⁴⁶, ao passo que os medos usavam uma espécie de saia mais curta de couro e toucas pontudas de feltro. Além de dardos e cimitarras, sua arma mais peculiar era o arco-e-flecha, que causavam pavor principalmente entre os soldados gregos menos favorecidos, os πελταστοί, que dispunham somente de fundas, como equipamento ofensivo, e dos próprios pés, como defesa, sendo que a maioria acabava atingido mortalmente pelas costas, um fim dos mais vergonhosos para a família do morto. Dessa feita, os gregos denominavam-se ἀγχέμαχοι, os que lutam de perto, face à face, δουρικλυτοί,

¹⁴² Plut. *Mor.* 220. A2.

¹⁴³ Alguns carregavam ainda pequenas adagas recurvas, μάχαιραι, embora seu uso não fosse muito difundido.

¹⁴⁴ Talvez guardada sob o escudo, presa pelas alças do mesmo, se pudermos confiar na falange representada no friso superior do vaso de Chige, ver n. 216.

¹⁴⁵ Os gregos eram ótimos pugilistas, sendo essa uma atividade esportiva muito valorizada justamente por seu valor bélico.

¹⁴⁶ Herod. 5.49.

renomados pelo uso da lança¹⁴⁷, ao passo que os bárbaros eram descritos como τοξοφόροι, os que carregam arco e flecha, χρυσόφοροι, adornados de ouro, ἵππομάχοι, os que lutam sobre cavalos etc. Segundo esse padrão, é bastante provável que o suplemento proposto por Wilhelm (1934) ὅτ' αἰχμήν/ στῆσαν πρόθε πυλῶν ἀν[τί]α τοξοφόρων¹⁴⁸, seja correto, exceto por uma pequena mudança, a de τοξοφόρων para τοξοφόρους (veja razões em *Texto e Contexto*, H2, abaixo). Outros suplementos propostos para essa frase foram ἀντία μυρίασιν, Kirchhoff (1896), ἀντιβίος ἔχον, ἀντία ἱσταμένου (μαιομένον, ἐπέσσυμενον), ἄγρον ἐπέσσυμένοις, Peek (1934), ἀντία δυσμενέον, Avarnitopoulos (1937), e o engenhoso (= IG I2, 78) ἄνδρες ἀρείθοοι de Peek (1934).

Como dito na seção em que discutimos o metro desse epigrama, o ritmo desse verso é bastante dramático, a cesura impondo-se como uma barreira que separasse, de um lado, os gregos e, de outro, os persas. A expressão “em frente aos portões” foi igualmente usada por Raubitschek para apoiar sua teoria de uma batalha em Falero, já que aí estavam situados os portões da cidade que davam para Cinosargues, em um ginásio onde cidadãos e estrangeiros reuniam-se para se exercitar, mas é improvável, pelas razões já expostas, que haja qualquer validade nessa interpretação.

¹⁴⁷ Esq. Persas, vv. 85.

¹⁴⁸ “quando a lança ergueram frente aos portões contra os portiflecheiros.”

Figura 7 - Batalha de Maratona, os gregos estão representados em azul e os persas em vermelho. Triângulos = acampamentos; losangos = frota persa. Note como a frota persa teria sido desviada para o porto de Falero, ao tentar navegar para o leste.

“Em frente aos portões” poderia significar simplesmente que os atenienses não esperaram os persas chegar e os sitiarem na cidade, mas que *expuseram-se* aos perigo (προκινδυνεύσαι τῷ βαρβάρῳ, ver o excerto de Tucídides mais acima) para desafiarem o invasor em Platéia, pois já haviam sido informados do destino terrível a que fora submetida Erétria. Outra possibilidade é que essa expressão se refira ao estreito formado pelo monte Agrilike e a praia, através do pântano de Brexissa, cujo caminho era um dos mais curtos para se chegar à cidade e onde o exército de Miltíades deve ter acampado com suas tropas, ou então ao estreito formado pelo

vale que corre entre os montes Himeto e Pentélico, outro caminho para Atenas, ainda que mais longo (veja fig. 6, acima).

H4 - ἀγχίαλον πρῆσαι ρ[c. *xix litt. desunt*]/ ἄκτυ:

Segundo a lição de Page¹⁴⁹ ἀγχίαλος, ainda que seja um epíteto comum para ilhas¹⁵⁰ e raro para cidades, adéqua-se perfeitamente à cidade de Atenas, tão próxima do mar e cercada por altas cadeias de montanhas. O epíteto aqui é usado, pelo menos, com mais propriedade do que em Baquílides 4.14, onde se diz o mesmo de Crisa, que ficava a alguns quilômetros para o interior, na região montanhosa de Delfos. Talvez o fato de que se possa ver o mar desde algumas cidades situadas em platôs (como Atenas) ou em regiões elevadas seja o que realmente conte para ser classificadas como ἀγχίαλος, devido à sensação, causada no expectador, de se estar cercado pelo mar. Ἄκτυ, por outro lado, deve ser o objeto de ἀγχίαλον, ainda que isso implique em um acavalamento entre o hexâmetro e o pentâmetro (muito menos dramático e incomum do que se preferíssemos ler, como alguns editores, ἀγχιάλων em concordância com πρόθε πυλῶν¹⁵¹), o que nos leva a acreditar que, na lacuna perdida, deveria haver um verbo na terceira pessoa do plural, sujeito do participio κλινόμενοι que efetivamente indicasse a ação tomada

¹⁴⁹ Page (1981), p. 221ss.

¹⁵⁰ *Hino à Apolo*, vv. 32; *Esq. Persas*, 886 (Lemnos e outras); Sófocles *Ájax*, vv. 135 (Salamina), *Geminius* 9.288.3 (=PG 2350) (Salamis) e *Quinto de Esmirna* 13.467 (Tênedos). O sentido de “cidade costeira”, no entanto, já aparece em *Homero Il.* 2.640, com relação à Calcídia e em 2.697, para uma cidade do sudeste da Tessália, Ántro.

¹⁵¹ Page (1981), p. 224: “There are two very serious objections to this. First, sentence-end or at least clause-end almost always coincides with pentameter-end in early epigrams; of the few exceptions, none is comparable with the alleged carry over of a single relatively unimportant word into the hexameter. Secondly, if πρῆσαι ῥ[begins a new clause, that clause was either in asyndeton or had a postponed connective; both alternatives are quite alien to the style of the epigram in the sixth and fifth century”.

pelos atenienses para evitar que a cidade de Atenas fosse queimada. Como o “ρ”, onde começa a lacuna, é garantido por 12 dentre 12 especialistas que analisaram a pedra¹⁵², o verbo em questão deve ser aquele proposto por Page, ἔρύω, que, segundo a definição do LSJ, tem o sentido de “defender”, “proteger”, “liberar”, “livrar”, o suplemento proposto sendo então ἀντὶα δ’ ἰέμενους | ἀγχίαλον πρῆσαι ῥύσαντ’ ἔρικυδῆς Ἀτηνᾶς | ἄστυ κτλ., onde substituiríamos, à luz das considerações feitas em P3, ἰέμενους por τοξοφόρους, obtendo: ἀντὶα τοξοφόρους | ἀγχίαλον πρῆσαι ῥύσαντ’ ἔρικυδῆς Ἀτηνᾶς | ἄστυ κτλ. Outros suplementos prováveis aludidos são, ῥυσιπτόλιος μεμαότον Hiller e Meritt, ῥυσαντο δὲ Τριτογενείας Peek, ῥα τὸ Κέκροπος οὐκ ἔπετρεψσαν, Avarnitopoulos.

P4 - βία Περσῶν κλινόμενο[ι προμάχους]

O maior problema do verso reside exatamente na lacuna após κλίνομαι. Segundo Page, o emprego desse verbo com esse sentido é homérico (p. ex. Il. 5.37, Τρῶας δ’ ἔκλιναν Δαναοί), embora admita não tê-lo encontrado em nenhum outro lugar na voz média; por essa razão, igualmente, descarta o suplemento de Wilhelm, que havia proposto, no lugar de προμάχους, δύναμιν ou στρατιάν (aquele, ademais usado em Sim. XXI FGE com um verbo de sentido semelhante, στόρνυμι, “espalhar” e, por extensão, “enfraquecer”, “aviltar”, “minificar” e etc.) sob o argumento de que κλίνω nessa acepção exige um objeto concreto, não abstrato. No entanto, segundo o LSJ, na voz média, o verbo pode ser empregado *metaforicamente* com o

¹⁵² Ver seção A, p. 8.

significado de “decrecer”, “diminuir”, “fazer enfraquecer”, “descolorir” etc., de um modo muito semelhante que *declinō* em Latim ¹⁵³. Outrossim, aplica-se especialmente à cor que começa esmaecer, principalmente a cor da pele ou de algum órgão ¹⁵⁴, que, segundo nossa opinião, representa o caso em questão. Seria uma metáfora engenhosa por parte do poeta para descrever o que acontecera aos guerreiros persas ao verem os atenienses dispararem contra eles na planície de Maratona ¹⁵⁵: o inimigo empalidecera e, junto com a cor de suas faces, fora-se também a sua força e vontade de lutar (δύναμιν). Essa interpretação ademais estaria em pleno acordo com aquilo que lemos em Heródoto:

ὥς δέ σφι διετέτακτο καὶ τὰ σφάγια ἐγίνετο καλά, ἐνθαῦτα ὥς ἀπείθησαν οἱ Ἀθηναῖοι δρόμῳ ἵεντο ἐς τοὺς βαρβάρους. ἦσαν δὲ στάδιοι οὐκ ἐλάσσονες τὸ μεταίχμιον αὐτῶν ἢ ὀκτώ. οἱ δὲ Πέρσαι ὀρέοντες δρόμῳ ἐπιόντας παρεσκευάζοντο ὥς δεξόμενοι, μανίην τε τοῖσι Ἀθηναίοισι ἐπέφερον καὶ πάγχυ ὀλεθρίην, ὀρέοντες αὐτοὺς ὀλίγους καὶ τούτους δρόμῳ ἐπαιγομένους, οὔτε ἵππου ὑπαρχούσης σφι οὔτε τοξευμάτων. [3] ταῦτα μὲν νυν οἱ βάρβαροι κατείκαζον: Ἀθηναῖοι δὲ ἐπεῖτε ἀθρόοι προσέμιξαν τοῖσι βαρβάροισι, ἐμάχοντο ἀξίως λόγου. πρῶτοι μὲν γὰρ Ἑλλήνων πάντων τῶν ἡμεῖς ἴδμεν δρόμῳ ἐς πολέμιους ἐχρήσαντο, πρῶτοι δὲ ἀνέσχοντο ἐσθῆτά τε Μηδικὴν ὀρέοντες καὶ τοὺς ἄνδρας ταύτην ἐσθιμένους: τέως δὲ ἦν τοῖσι Ἑλλήσι καὶ τὸ οὔνομα τὸ Μήδων φόβος ἀκοῦσαι.

Uma vez dispostas as tropas e os sacrifícios tendo sido propícios, foi então que os atenienses dispararam, correndo pelo caminho em direção aos bárbaros, uma distância não menor que oito estádios. Os persas, vendo que se aproximavam, prepararam-se para recebê-los. Uma loucura que os conduzia ao aniquilamento havia tomado conta daqueles atenienses, presumiram os bárbaros, vendo-os correr através da planície, sem possuir cavalos, nem arqueiros. Mas logo em seguida os atenienses em bandos misturaram-se ao inimigo, e naquele dia lutaram uma batalha digna de ser contada. Eles foram os primeiros dentre todos os gregos que sabemos terem disparado um ataque correndo pela planície, e os primeiros que tiveram a coragem de se manter firmes frente às vestimentas médicas e aos homens

¹⁵³ Como, p. ex., em Cícero, *Leis*, 1.21 “quantum in Italiam declinaverat belli” ou Cícero, *Sest.* 34 “declinasse me paululum et praesentes fluctus fugisse”.

¹⁵⁴ Uso peculiar ao ático, como vemos em Arist. *Fisiogn.* Οἱ δὲ μὴ ἄγαν μέλανες ἀλλὰ κλίνοντες πρὸς τὸ ξανθὸν χρῶμα εὐψυχοί.

¹⁵⁵ Herod. 6.112.

que as usavam: pois até aquele momento a própria palavra “medos” significava “medo” aos ouvidos atenienses.

Capítulo 4

Maratona por testemunha

ὦ πάλαι ποτ' ὄντες ἡμεῖς ἄλκιμοι μὲν ἐν χοροῖς,
 ἄλκιμοι δ' ἐν μάχαις,
 καὶ κατ' αὐτὸ δὴ τοῦτο μόνον ἄνδρες
 ἀλκιμώτατοι:
 πρὶν ποτ' ἦν πρὶν ταῦτα, νῦν δ'
 οἷχεται, κύκνου τ' πολιώτεραι δὴ
 αἶδ' ἐπανθοῦσιν τρίχες.
 ἀλλὰ κακὰ τῶν λειψάνων δεῖ
 τῶνδε ῥώμην νεανικὴν χρεῖν:
 ὥς ἐγὼ τοῦμὸν νομίζω
 γῆρας εἶναι κρεῖττον ἢ πολλῶν
 κικίννους νεανίων καὶ
 σχῆμα κεῦρυπρωκτίαν.¹

Aristófanes, *Vespas*, 1060-70

4.1 - Epigrama XXI FGE

Ἑλλήνων προμαχοῦντες Ἀθηναῖοι Μαραθῶνι
 χρυσοφόρων Μήδων ἐστόρεσαν δύναμιν

Os atenienses lutando à frente dos Gregos em Maratona
 o poderio dos auríferos medos assolaram.

4.2 Edição e Fortuna Crítica

A fonte mais antiga do fragmento XXI FGE aparece no discurso do orador e pretérito prefeito de Atenas, Licurgo², em uma moção contra um comerciante de nome Leócrates. A hipótese do texto, segundo os escoliastas, seria a seguinte: após

¹ “Oh! Outrora fomos grandiosos na dança | grandiosos nas lutas | a esse respeito, na verdade, fomos os maiores dentre os homens | Mas isso foi antes, são coisas de outrora | que agora já se foram!! Esses nossos cabelos estão mais brancos que o cisne. | Mas do que sobrou, devemos juntar uma força juvenil | porque, para mim, pelo menos, acredito | ser a velhice melhor do que os muitos | cachos dos jovens e | do que sua moda desavergonhada”.

² Licurgo, 396-23 BC, filho de Licofron, do clã Eteobutadae e discípulo de Isócrates.

a decisiva derrota dos atenienses em Queroneia para as tropas de Felipe da Macedônia, em 338, Licurgo conseguira passar uma lei proibindo qualquer cidadão de deixar Atenas, não importando o motivo. Leócrates, no entanto, sabendo com antecedência da derrota, teria fugido com sua família primeiro para Rodes e, algum tempo depois, para Mégara. Após oito anos, tendo voltado à cidade, foi processado por Licurgo por deserção. Contudo, como os decretos haviam entrado em vigor após sua partida, os juizes o absolveram da acusação, apoiados no princípio da irretroatividade da lei. No excerto que se segue, o orador compara a virtude dos ancestrais que lutaram nas guerras médicas, voluntariamente permanecendo e encarando o perigo, ainda que isso significasse a morte, à baixeza e covardia de Leócrates em abandonar seus concidadãos em um momento de extrema necessidade, quando um inimigo não menor que os do passado tentava, mais uma vez, sobrepor a tirania e a monarquia à democracia ateniense:

“οἱ μὲν γὰρ πρόγονοι τοὺς βαρβάρους ἐνίκησαν, οἱ πρῶτοι τῆς Ἀττικῆς ἐπέβησαν, καὶ καταφανῆ ἐποίησαν τὴν ἀνδρείαν τοῦ πλούτου καὶ τὴν ἀρετὴν τοῦ πλήθους περιγιγνομένην: Λακεδαιμόνιοι δ' ἐν Θερμοπύλαις παραταξάμενοι ταῖς μὲν τύχαῖς οὐχ ὁμοίαις ἐχρήσαντο, τῇ δ' ἀνδρείᾳ πολὺ πάντων διήνεγκαν. τοιγαροῦν ἐπὶ τῶν ἡρίοις† {τοῦ βίου} μαρτύρια ἔστιν ἰδεῖν τῆς ἀρετῆς αὐτῶν ἀναγεγραμμένα ἀληθῆ πρὸς ἅπαντας τοὺς Ἕλληνας, ἐκείνοις μὲν:

ὦ ξεῖν', ἀγγέλειν Λακεδαιμονίοις ὅτι τῇδε
κείμεθα τοῖς κείνων πειθόμενοι νομίμοις,

τοῖς δ' ὑμετέροις προγόνοις:

Ἑλλήνων προμαχοῦντες Ἀθηναῖοι Μαραθῶνι
χρυσοφόρων Μήδων ἐστόρεσαν δύναμιν.

ταῦτα, ὦ Ἀθηναῖοι, καὶ μνημονεύεσθαι καλὰ καὶ τοῖς πράξασιν ἔπαινος καὶ τῇ πόλει δόξα αἰμνηστος. ἀλλ' οὐχ ὁ Λεωκράτης πεποίηκεν, ἀλλ' ἐκὼν τὴν ἐξ ἅπαντος τοῦ αἵωνος συνηθροισμένην τῇ πόλει δόξαν κατήσχυεν. ἐὰν μὲν οὖν αὐτὸν ἀποκτείνητε, δόξετε πᾶσι τοῖς Ἕλλησι καὶ ὑμεῖς τὰ τοιαῦτα τῶν ἔργων μισεῖν: εἰ δὲ μή, καὶ τοὺς προγόνους τῆς παλαιᾶς δόξης ἀποστερήσετε καὶ τοὺς ἄλλους πολίτας μεγάλα βλάψετε. οἱ γὰρ ἐκείνους μὴ θαυμάζοντες τοῦτον πειράσσονται

μιμείσθαι, νομίζοντες ἐκεῖνα μὲν παρὰ τοῖς παλαιοῖς εὐδοκιμεῖν, παρ' ὑμῖν δ' ἀναΐδειαν καὶ προδοσίαν καὶ δειλίαν κεκρίσθαι κάλλιστον”.³

“Esses nossos antepassados, portanto, venceram os bárbaros, aqueles primeiros a adentrar a Ática, e conspicuamente fizeram superiores à riqueza, a [sua] coragem e ao número [do exército inimigo] a [sua] virtude: De sua parte, os lacedemônios em combate foram partícipes de uma sorte sem igual e em sua virilidade a todos outros em muito ultrapassaram. E por isso mesmo, sobre os túmulos {de suas vidas?} há o testemunho verdadeiro de sua virtude escrito para ser visto por todos os gregos, [que diz], para os espartanos:

*Estrangeiro, dize aos lacedemônios que aqui
jazemos, obedientes às suas leis,*

e para os nossos antepassados:

*Os atenienses à frente dos gregos em Maratona
o poderio de auríferos medos aviltaram.*

essas [linhas], ó Atenienses, é belo lembrar, bem como o louvor a essas ações e a glória imortal para cidade. Mas isso não foi o que fez este Leócrates: ao contrário, de sua própria vontade, rebaixou à ignomínia toda a fama recolhida pela cidade durante todos esses anos. Portanto, se de fato o condenardes à morte, mostrareis a todos os gregos que vós também abominais tais atos; caso contrário, a nossos ancestrais privareis de sua veneranda fama e aos outros cidadãos grandemente prejudicareis, uma vez que aqueles que não honram nossos ancestrais tentarão imitar a mesma coisa, pensando que aquilo que pelos antigos era tratado com muito respeito, por vós é preterido pela vergonha, traição e baixeza, que julgais mais belas”.

A segunda fonte que temos para o dístico referido por Licurgo, provém do rétor Aristides, do II séc., em um tratado intitulado Περὶ τοῦ παραφθέγματος, ou “Sobre os Apostos”, no qual encontramos um pentâmetro diferente:

Ἑλλήνων προμαχοῦντες Ἀθηναῖοι Μαραθῶνι
ἔκτειναν Μήδων ἑννέα μυριάδας.

*Os atenienses à frente dos gregos em Maratona
noventa miríades de medos destruíram.*

pentâmetro esse que se repete no *Dicionário Suda* (X séc.), com uma pequena alteração, ao invés de ἑννέα temos, εἴκοσι ou seja, 200 mil⁴:

³ Licurgo, *In Leocratem*, 1. 108-110.

“Ποικίλη· στοά ἐν Ἀθήναις ἔνθα ἐγράφησαν οἱ ἐν Μαραθῶνι πολέμησαντες, εἰς οὓς ἔστιν ἐπίγραμμα τόδε· Ἑλλήνων προμαχοῦντες Ἀθηναῖοι Μαραθῶνι ἔκτειναν Μήδων εἴκοσι μυριάδας”.

“Colorida: colunata em Atenas onde foram pintados os [soldados] lutando em Maratona, para os quais há o seguinte epigrama: Os atenienses à frente dos gregos em Maratona, duzentas miríades de medos destruíram”.

Como já foi argumentado por Page⁵, é muito improvável que as versões de Aristides e do *Suda* sejam as originais. Em primeiro lugar porque seria inacreditável que Licurgo pudesse citar de forma tão inexata ou alterada o texto de um epigrama famoso e muito bem conhecido (ἔστιν ἰδεῖν (...) ἀληθῆ πρὸς ἅπαντας τοὺς Ἑλλήνας); em segundo lugar porque, mesmo admitindo-se um erro tão grosseiro de sua parte, o pentâmetro pareceria algo exagerado mesmo para uma audiência ateniense⁶, já que todos os persas mortos em combate haviam sido contabilizados⁷ e, ainda que o número total dos inimigos pudesse ter sido exagerado por vários autores a fim de engrandecer o feito ateniense⁸, o caso obviamente teria sido diferente com relação às efetivas baixas inimigas, para as quais uma variação de 83.000 ou, no caso do *Suda*, 193.000 mortos a mais em relação à cifra oficial soaria por demais fantástico.

⁴ *Suda* Π:3079.1. O pentâmetro com o número εἴκοσι (eikosi) aparece igualmente citado no escólio a Aristides como apresentado no *cod. Paris D*, editado por Frommel, embora esteja ausente nas outras quatro versões utilizadas por Dindorf (1829) para a edição dos textos daquele gramático, o que levou Marcus Boas, *apud* Page (1981), p 228, n.1, a dizer que “*ea res arguere mihi uidetur hoc scholion non ad Scholiorum Aristideorum archetypum recurrere, sed deberi Scholiastae recentiori*”.

⁵ Page (1981), pp. 229ss.

⁶ Os atenienses, no entanto, pareciam famosos pelos “exageros” históricos cometidos em seus monumentos comemorativos, como fica evidente na anedota de Plutarco na *Antologia Lacônica*, 232E:15-17: “ἐπεὶ τὸ ἰδὼν τις ἐν πίνακι γραπτῷ Λάκωνας ὑπ’ Ἀθηναίων σφαττομένους ἔλεγεν ἀνδρεῖοι γ’ Ἀθηναῖοι Λάκων ὑποτυχῶν ἐν τῷ πίνακι εἶπε”. Cf. também Taylor (1998), p. 228-30.

⁷ Heródoto, 6400 (Herod. 6.117), Xen., *Anab.* 3.2.12

⁸ Por exemplo, Sim. XXII (a) FGE.

Além disso, é totalmente desaconselhável desprezar o testemunho de Licurgo pelo de outras fontes bem mais tardias e menos confiáveis, como o faz Boas⁹ em sua teoria sobre as diferentes versões, na qual explica que a origem arquetípica do pentâmetro no escólio de Aristides e no dicionário bizantino proviria de um trabalho perdido de Éforo, via Justino¹⁰. Mas, a crer-se nisso, como poderíamos explicar um acontecimento já confuso por outro ainda mais misterioso, a saber, o de existirem no séc. IV duas versões distintas do pentâmetro de um epigrama tão famoso¹¹?

Seria mais simples admitir que, qualquer que tenha a sido a fonte arquetípica de Aristides utilizada tanto pelo seu escoliasta quanto pelo *Suda*, ela deve ter incorporado uma forma corrupta do pentâmetro (aquela que registrava 200.000 medos mortos), o que teria propagado o erro entre todos aqueles autores que dela se utilizaram, como, talvez, o próprio autor do *Suda* e aquele do *codex D* (Paris). Conseqüentemente, o número de 90.000 mortos do Περὶ τοῦ παραφθέγματος, ao invés de ser creditado como um possível *lapsus calami* do escriba, talvez possa ter sido, de fato, uma tentativa de correção de sua parte àquilo que, com toda razão, ter-lhe-ia parecido um montante absurdo (εἴκοσι μυριάδες!), mas, sob nenhuma condição, poderíamos atribuir um erro tão grosseiro a um historiador reputado em toda a Antigüidade justamente por sua precisão, como Éforo.

4.3 Classificação, assunto e ocasião

⁹ Boas, *De Epig. Sim.*, 1906, *apud* Page (1981), p. 229.

¹⁰ Justino, 2.9.20.

¹¹ Como prova uma imitação do mesmo encontrado em Guítio, na Lacônia, IG V: 1.1188, Ἑλλήνων προμαχοῦντες Ἀθηναίων πολεμηταί | ναυσί τε καὶ πεζῶν πλῆθε<ι> ἀμυνόμενοι, em adição a um pentâmetro completamente diferente.

A despeito da confiança de Page¹² de que o fr. XXI FGE fora o epigrama funerário que acompanhava as listas de baixas em Maratona, não parece haver indícios contundentes que provem seus argumentos. Em primeiro lugar, como já observara Jacoby¹³, o texto nada diz sobre as condições da morte dos guerreiros a que possivelmente faria referência, nem como se dera seu sepultamento, o que é raro¹⁴. A posição adotada por Page segundo a qual esse epigrama teria o mesmo direito de ser encarado como uma verdadeira inscrição quanto o também vago XXII(a)¹⁵ FGE é válida até o ponto em que se mantém fiel à analogia estabelecida entre os dois textos, ou seja, de que ambos marcam (ou apontam para) um campo de batalha, mas é falha na medida em que nenhum deles é um *epitáfio colocado em contigüidade a uma lista de baixas*, como ele parece querer implicar.

No caso do XXII(a), o advérbio τῇδε demonstra uma relação de proximidade entre a estela na qual o epigrama estaria inscrito e o local por ela marcado, atuando como um verdadeiro índice, de todo modo apropriado à sua função, mas o mesmo não ocorre com o XXI FGE, já que ao explicitar o local da batalha e da morte fica implicado que aqueles mencionados no texto encontravam-se alhures, separados da inscrição que os lembrava. Se imaginássemos o contrário, deveríamos estar dispostos a aceitar uma situação bastante incomum: a de que um leitor hipotético da inscrição, à época em que ela encontrava-se no sítio original, não teria qualquer outro meio de se informar sobre onde estaria eventualmente pisando, o que faria jus

¹² Page (1981), p. 227-8. “*The answer to this [sc. to its being denied as an epitaph by Jacoby] is brief and conclusive: we do find a poetical epigram on Marathon in one of the authors of the fourth century, and Lycurgus is indeed the choice. Jacoby was required to prove, and he has failed to do so, that the epigram quoted by Lycurgus could not not have served as an epitaph, standing on the Soros by the casualty-lists*”.

¹³ Jacoby (1945), p. 160.

¹⁴ Na verdade, é comum que sejamos informados sobre ambos através do epigrama.

¹⁵ Para o texto e comentário desse fragmento, ver o Cap. 3, item 3.1 *et. seq.*

à indicação desse local na pedra. Todavia seria muito improvável, em primeiro lugar, que essa pessoa não se importasse em conhecer o caminho a percorrer antes de iniciar sua jornada. Em segundo lugar, todas as estradas da Grécia, e principalmente aquelas da Ática, eram marcadas por *hóroi*, ou pedras divisórias em cujas faces inscreviam-se os limites entre os seus diferentes demos e regiões, algo que mesmo um turista accidental dificilmente poderia ignorar.

Outro argumento de Jacoby que Page não conseguiu rebater satisfatoriamente é o de que qualquer epitáfio colocado junto às listas presentes no *Soros* deveria estabelecer uma conexão entre si mesmo e os nomes nelas contidos, o que é comumente feito através do uso de um pronome demonstrativo do tipo οἷδε . No entanto, vemos que, contrariando a regra de ouro da braquilogia, tão cara aos epigramas, o poeta preferiu mencionar explicitamente quais eram os lá enterrados utilizando o “supérfluo” substantivo Ἀθηναῖοι. A menos, evidentemente, que o substantivo não fosse totalmente supérfluo, o que poderia ocorrer caso houvesse a necessidade real de se distinguir entre os guerreiros atenienses, os platéios e o inimigo, algo que, no entanto, não seria adequado para uma inscrição tumular a ser colocada no local onde se sabia que somente atenienses haviam lutado, mas talvez o fosse para alguma espécie de *hermai*, oferenda votiva ou mesmo uma pintura, como aquelas existentes na Colunata Colorida (*Stoa Poikilé*)¹⁶ da qual nos fala o *Suda*, na passagem já aludida parágrafos acima.

4.3.1 A Hipótese Poikile

Pouco restou da Colunata Colorida para que possamos afirmar com certeza qualquer coisa sobre sua estrutura que já não nos tenha sido revelado pelos

¹⁶ Hipótese defendida pela primeira vez por Goetling (1859).

testemunhos literários. Até 1949 não havia sequer evidências arqueológicas que ela um dia tivesse existido. Foi durante os trabalhos de reconstrução da Colunata de Átalos (datada do período romano), ao demolir-se um muro paralelo ao antigo aqueduto para que os tratores da obra pudessem passar, que vieram à superfície fragmentos de calcário e mármore (oriundos de Egina e do Pireu) de um prédio que existira no substrato. Mais tarde, através da localização e da identificação de elementos de ordem dórica¹⁷ de blocos usados na construção das paredes e de um único e pequeno remanescente de coluna jônica, pôde-se chegar à conclusão de que o edifício em questão só poderia ser a Colunata conhecida na Antigüidade como Poikîlê, ou seja, Colorida¹⁸.

Thompson, primeiramente, e Meritt¹⁹, em seu estudo original dos remanescentes arquitetônicos, chamou a atenção para pequenos orifícios nos blocos das paredes (3-7 mm e 10-15 mm Ø) regularmente espaçados, muitos dos quais ainda apresentavam resquícios de ferrugem e outros mantinham mesmo seus pinos intactos. É possível, segundo ambos os especialistas, que esses pinos houvessem servido para sustentar uma estrutura na qual painéis poderiam ter sido afixados. Até então havia dissensão entre vários pesquisadores se as pinturas haviam sido realizadas diretamente sobre as paredes da Colunata (uma espécie de afresco) ou se sobre painéis de madeira. Corrobora, no entanto, a segunda hipótese, o testemunho do bispo Sinésio que, por volta do ano 400 d.C., em duas de suas

¹⁷ Um fuste de uma coluna sulcada, a anta de um capitel, uma arquitrave, um triglifo, e uma cornija horizontal. Thompson, 1949, p. 327 e seg.

¹⁸ Para o relatório inicial da descoberta, Thompson, 1949, p.327 e seg. e Wycherley, 1953. Para um estudo detalhado dos achados arqueológicos, Meritt 1970. Sobre a influência das pinturas nos relevos do friso do Partéon, Harrison, 1972. Sobre a discussão acerca da batalha (Oinoé) que estaria representada pela primeira pintura, Taylor, 1998. Para as escavações subsequentes na Ágora de Atenas que tenham alguma relação com a Colunata Colorida Shear, 1970, 1971, 1973, 1975, 1978, 1984 e 1994.

¹⁹ *Op. cit.* n. acima; Thompson, p. 327 e seg. e Meritt *idem*, p. 235 e seg., 249 e seg. e 257 e seg.

epístolas, referia-se aos painéis como κανίδες - ou seja, placas de madeira - e prosseguia comentando o estado decadente do pórtico, onde as famosas cenas de batalhas já não mais se encontravam, removidas por um dos procônsules de Atenas²⁰.

Sobre a pintura em si, temos em Pausânias a única descrição, que reproduzo desde já, devido a sua importância para a descrição que se seguirá (Paus. 1.15.1 -4):

αὕτη δὲ ἡ στοὰ πρῶτα μὲν Ἀθηναίους ἔχει τεταγμένους ἐν Οἰνόῃ τῆς Ἀργείας· ἐναντία Λακεδαιμονίων· γέγραπται δὲ οὐκ ἐς ἀκμὴν ἀγῶνος οὐδὲ τολμημάτων ἐς ἐπίδειξιν τὸ ἔργον ἤδη προῆκον, ἀλλὰ ἀρχομένη τε ἡ μάχη καὶ ἐς χειῖρας ἔτι κυνιόντες. ἐν δὲ τῷ μέσῳ τῶν τοίχων Ἀθηναῖοι καὶ Θησεὺς Ἀμαζόσι μάχονται. μόναις δὲ ἄρα ταῖς γυναιξὶν οὐκ ἀφήρει τὰ πταίσματα τὸ ἐς τοὺς κινδύνους ἀφείδες, εἴ γε Θεμισκύρας τε ἀλούσης ὑπὸ Ἡρακλέους καὶ ὕστερον φθαρείσης σφίσι τῆς στρατιᾶς, ἣν ἐπ' Ἀθήνας ἔστειλαν, ὅμως ἐς Τροίαν ἦλθον Ἀθηναῖοις τε αὐτοῖς μαχομένοι καὶ τοῖς πᾶσιν Ἑλλήσιν. ἐπὶ δὲ ταῖς Ἀμαζόσιν Ἑλληνέες εἰσὶν ἡρηκότες Ἴλιον καὶ οἱ βασιλεῖς ἡθροισμένοι διὰ τὸ Αἴαντος ἐς Κασσάνδραν τόλμημα· καὶ αὐτὸν ἡ γραφὴ τὸν Αἴαντα ἔχει καὶ γυναικας τῶν αἰχμαλώτων ἄλλας τε καὶ Κασσάνδραν. τελευταῖον δὲ τῆς γραφῆς εἰσὶν οἱ μαχεσάμενοι Μαραθῶνι· Βοιωτῶν δὲ οἱ Πλάταιαν ἔχοντες καὶ ὅσον ἦν Ἀττικὸν ἴασι ἐς χειῖρας τοῖς βαρβάροις. καὶ ταύτη μὲν ἐστὶν ἴσα <τὰ> παρ' ἀμφοτέρων ἐς τὸ ἔργον· τὸ δὲ ἔσω τῆς μάχης φεύγοντές εἰσὶν οἱ βάρβαροι καὶ ἐς τὸ ἔλος ὠθοῦντες ἀλλήλους, ἔσχαται δὲ τῆς γραφῆς νῆες τε αἱ Φοίνισσαι καὶ τῶν βαρβάρων τοὺς ἐσπίπτοντας ἐς ταύτας φονεύοντες οἱ Ἕλληνες. ἐνταῦθα καὶ Μαραθῶν γεγραμμένος ἐστὶν ἥρως, ἀφ' οὗ τὸ πεδῖον ὠνόμασται, καὶ Θησεὺς ἀνιόντι ἐκ γῆς εἰκασμένος Ἀθηνᾶ τε καὶ Ἡρακλῆς· Μαραθωνίοις γάρ, ὡς αὐτοὶ λέγουσιν, Ἡρακλῆς ἐνομίσθη θεὸς πρῶτοις. τῶν μαχομένων δὲ δῆλοι μάλιστα εἰσὶν ἐν τῇ γραφῇ Καλλίμαχος τε, ὃς Ἀθηναίοις πολεμαρχεῖν ἤρητο, καὶ Μιλτιάδης τῶν στρατηγούντων, ἥρως τε Ἐχέτλος καλούμενος, οὗ καὶ ὕστερον ποιήσομαι μνήμην. ἐνταῦθα ἀσπίδες κεῖνται χαλκαῖ, καὶ ταῖς μὲν ἐστὶν ἐπίγραμμα ἀπὸ <κ>κιωναίων καὶ τῶν ἐπικούρων εἶναι, τὰς δὲ ἐπαληθιμμένας πίσσῃ, μὴ σφᾶς ὅ τε

²⁰ Ep. 54: διότι τεθέανται τὴν ἀκαδήμειάν τε καὶ τὸ Λύκειον καὶ τὴν ἐν ἡ Ζήνων ἐφιλοσόφει Ποικίλην ἣ ὁ γὰρ ἀνθύπατος τὰς κανίδας ἀφείλετο, ἔπειτα ἐκώλυσε αὐτοὺς ἐπὶ σοφίᾳ μεῖζον φρονεῖν.” e 135: “(...) καὶ νῆ Δία τὴν ποικίλην στοάν, τὴν ἐπώνυμον τῆς Χρυσίππου φιλοσοφίας, νῦν οὐκέτ' οὕσαν ποικίλην, ὁ γὰρ ἀνθύπατος τὰς κανίδας ἀφείλετο, αἷς ἐγκατέθετο τὴν τέχνην ὁ ἐκ Θάσου Πολύγνωτος”.

χρόνος λυμήνεται καὶ <ό> ἶός, Λακεδαιμονίων εἶναι λέγεται τῶν ἀλόντων ἐν τῇ Σφακτηρίᾳ νήσῳ.

“Esta é a Colunata que tem, primeiramente, os Atenienses dispostos na Argiva Oinoé contra os Lacedemônios: está pintada não para mostrar a acme da luta ou as demonstrações de coragem, com a lide já adiantada, mas a batalha começando e as fileiras reunindo-se. [2] No meio da parede, os atenienses e Teseu lutam com as Amazonas. Sem dúvida, com as mulheres não ocorre de seus fracassos lhes tirar o apetite pelo perigo: mesmo [a cidade de] Temíscira havendo sido subjugada por Hércules - seu exército finalmente perecendo ao disporem-se contra Atenas - não obstante foram à Tróia lutar contra esses mesmos Atenienses e todos os gregos. Logo após as Amazonas, estão os gregos que tomaram Ilíon e aí reúnem-se os reis em virtude do ultraje de Ajax à Cassandra. O próprio Ajax, bem como as mulheres de todos aqueles domados pela lança, essas outras junto à Cassandra, tem-nos a pintura. [3] Em seu final, os que lutaram em Maratona: aqueles dentre os Beócios vindos de Platéia e o [resto] dos áticos a irem em direção às fileiras de bárbaros. Quanto à luta, parecem estar na mesma para ambos os lados [nesse momento]. No periferia, o estrangeiro foge em direção ao pântano e empurram-se uns aos outros; já na última parte estão as naus fenícias, onde os gregos abatem aqueles dentre os bárbaros que se jogam na direção delas, [tentando escapar]. Aí também está figurado o herói Maratono, a partir do qual a planície foi nomeada; Teseu foi pintado a soerguer-se da terra, bem como Atená e Hércules (os maratonenses foram os primeiros, como aliás eles mesmo contam, para os quais Hércules foi revelado como [sendo] um deus). Dentre os beligerantes, os mais conspícuos na pintura são Calímaco, que foi escolhido para chefiar os atenienses na qualidade de senhor-da-guerra; Miltíades, dentre os generais, e o herói chamado Arador, de quem farei menção mais à frente. [4] Lá dentro jazem ainda escudos de bronze, e para esses há um epigrama [que diz serem os mesmos] dos Siciões e seus aliados. Outros ainda estão cobertos com piche, a fim de que a passagem do tempo e a ferrugem não os arruíne, diz-se que são dos Lacedemônios, tomados na ilha de Esfactéria.”

O problema representado pelo verbete do Suda, segundo Page, é que aquele não diz *explicitamente* que o dístico em questão fora escrito *para* (ou *sobre*) estas cenas, mas sim que, para os soldados que lutaram em Maratona (οἱ ἐν Μαραθῶνι πολεμήσαντες), havia um epigrama (XXI FGE) *que os celebrava*, o que poderia implicar apenas o fato de o dístico ser muito conhecido entre os atenienses e freqüentemente citado por eles e por isso digno de nota ao mencionar-se uma representação da batalha. No entanto, não podemos ignorar que οὗς nos remete à (1) τοὺς [ἔνθα] ἐγγραμμένους ἐν πολέμῳ πολεμησαμένους e não à (2) τοὺς ἐν

πολέμῳ οἱ ἐπολεμήσαν²¹, o que implicaria que o objeto da preposição (mas não o do epigrama) não era os soldados reais, aqueles que lutaram na guerra (ou seus corpos, sepultados em Maratona), mas sim sua *representação* (γραφή), na batalha, *através* da pintura. De fato, nada obsta que a frase εἰς οὐκ ἔστιν ἐπίγραμμα τόδε possa (ou deva) também ser entendida sem maiores dificuldades como (1) εἰς οὐκ [ἀναγεγραμμένον] ἔστιν [αὐτῇ] ἐπίγραμμα τόδε ou (2) εἰς οὐκ [ἔνθα εἰκαμένους] ἔστιν ἐπίγραμμα τόδε e não apenas em grego, mas também em português²². Bem considerado, seria bastante natural que o autor do *Suda* dispensasse o uso do locativo *no próprio tópico que detalhava* o mesmo assunto que seria expresso por esse locativo (ou advérbio, no caso de 2), uma vez que aquele poderia ser facilmente dedutível a partir do contexto delimitado na entrada do léxico²³. Finalmente, poderíamos dizer que, a menos que consideremos algum tipo de relação entre o epigrama e a pintura, no texto do *Suda*, a menção àquele parecerá não só desnecessária, mas mesmo epentética.

No que diz respeito à reserva de Page em aceitar o caráter epigráfico dos versos²⁴ devemos nos perguntar que outro tipo de inscrição seria possível nesse caso? Sua crítica do uso do indicativo aoristo de στορέννυμι em detrimento de uma

²¹ Lit. (1) “aqueles (lá dentro) pintados lutando na guerra” ao invés de (2) “aqueles que lutaram na guerra”.

²² Ou inglês. Não esquecendo que o significado principal de εἰς, derivado de *έντε (como visto, por exemplo, em έντός), é “dentro, lá dentro”. Ver Liddell-Scott *sub* γράφω, para os exemplos relevantes, quando este verbo é acompanhado da preposição εἰς na voz passiva, com o significado principal de “inscrever, gravar *junto a algo*”.

²³ *Scribitur ad narrandum, non ad probandum*. Aqui a cautela de Page parece-nos extrema, senão mesmo falaciosa. Afinal, como poderia exigir-se do autor do *Suda* que pudesse antecipar o rígido ceticismo dos exegetas modernos, de modo a escrever tudo em minúcias?

²⁴ Page (1981): “It does seem improbable, however, that a verse-inscription accompanying the Stoa-painting would have taken the form of the Epigram quoted by Lycurgus, especially with its tense in the past”.

forma de presente histórico, carece completamente de sentido. Na cena de Maratona, segundo a descrição de Polignoto, ainda que fosse possível, de um lado, ver os principais líderes atenienses lutando, a batalha estava, *desde o ponto de vista de um observador da pintura*, para o qual os resultados da guerra eram já conhecidos, decidida; que possibilidade de vitória haveria para aqueles persas lá vistos a afundarem-se cada vez mais no pântano de Brexissa ou sendo massacrados contra os navios, para onde tentavam fugir? Claramente sua *potência* (δύναμις), sua *capacidade de ataque*, havia sido aniquilada. E que outro tempo verbal poderia expressar uma ação acabada de um ponto de vista panorâmico que privilegiasse o resultado mais do que o processo da ação? A nosso ver, o uso do aoristo nesse caso é mais do que justificado, é inquestionavelmente necessário²⁵. Outro ponto importante para qual devemos voltar nossa atenção, e que parece ter escapado à análise de Page, é que esse epigrama não era uma *assinatura*, tal qual o exemplo invocado por ele como paradigma, de um dístico que pudesse eventualmente acompanhar um painel²⁶, a saber, a inscrição atribuída por Pausânias à Simônides no famoso Salão (λέκχη) dos Cnídios em Delfos²⁷, também obra de Polignoto. A passagem diz:

κάθηται δὲ καὶ ἐπὶ <τοῦ> ὄνου παιδίον μικρόν. κατὰ τοῦτο τῆς
γραφῆς καὶ ἐλεγείον ἐστὶ Σιμωνίδου:

γράψε Πολύγνωτος, Θάσιος γένος, Ἀγλαοφῶντος
υἱός, περθομένην Ἰλίου ἀκρόπολιν.

*e sentado sobre o asno está um pequeno juvenzinho. Ao longo
dessa parte da pintura há ainda um dístico elegíaco de Simônides:*

²⁵ Assim Smith, § 1927: *Complexive aorist*: “[it] is used to survey at a glance the course of a past action from beginning to end. (...) it may sum up the result of a preceding narrative.” A narrativa, e o contexto, nesse caso, seriam a própria pintura. Não bastasse isso, um rápido exame nas coletâneas de epigramas (FGE, EG e etc.) facilmente nos revelaria o quão comum é o uso do aoristo nessas composições.

²⁶ Page (1981), p. 227.

²⁷ Sim. FGE XLVIII *passim* Pausânias 10.25.7.

*pintou Polignoto, da tribo Tásia, de Aglaofão
o filho, a cidade alta de Ilíon em chamas.*

Acerca desse exemplo, está evidente que o uso do participio presente descreve o *que* o artista pintou e *como* preferiu representar aquilo que pintou, ou seja a cidade alta de Ilíon *no momento em que queimava*, sem fazer sobre isso maiores considerações. No XXI FGE, ao contrário, Simônides, ou o poeta que lhe tomou o nome, resume, através do aoristo de completude, um olhar panorâmico e retrospectivo sobre três partes delineadas no painel: (1) o início do embate, quando o equilíbrio de forças ainda (μέν) vige (ἔστιν ἴσα <τὰ> παρ' ἀμφοτέρων), logo depois (δέ) (2) Miltíades e Calímaco liderando a ofensiva e exortando os soldados a atacarem²⁸, (3) os persas sucumbindo no pântano, de um lado, e sendo abatidos junto às naus, de outro²⁹.

A fraseologia do epigrama, além do mais, casa perfeitamente com a descrição da cena da batalha. Naquele, como já havíamos chamado a atenção do leitor, sobressai-se o “pleonástico” Ἀθηναῖοι, que agora descobrimos não tão supérfluo, já que a necessidade de distinguir entre os beócios de Platéia (Βοιωτῶν δὲ οἱ Πλάταιαν) e todos os outros que eram áticos (καὶ ὅσων ἦν Ἀττικὸν) e que também tomaram parte na batalha, parece agora mais justificada. Não há porque duvidar, além do mais, de que outras figuras históricas, também atenienses, tenham sido representadas por Polignoto, à parte dos famosos generais já mencionados. Talvez logo após Miltíades viessem membros de seu clã, os Lacíadas, já que sabemos que

²⁸ Corn. Nepos *Miltíades* 6.3: *namque huic Miltiadi, qui Athenas totamque Graeciam liberarat, talis honos tributus est, in porticu, quae Poecile vocatur, cum pugna depingeretur Marathonía, ut in decem praetorum numero prima eius imago poneretur isque hortaretur milites proeliumque committeret.*

²⁹ Harrison (1972), p. 363: “The painting is a kind of trilogy in which the successive dramas are named ‘Miltiades’, ‘Kallimachos’ and ‘Kynegeiros’ or ‘attack’, ‘victory’ and ‘pursuit’.” Opinião dividida com Immerwahr, *passim*, p. 363.

assim eram distribuídos as fileiras e, logo após esses, um destacamento de beócios e/ou de outros habitantes da Ática. O mesmo deveria valer para os soldados de Calímaco (ou Aristides). Todos eles, no entanto, eram liderados pelos atenienses, algo sumariado pelo início do primeiro hexâmetro “Ἑλλήνων προμαχοῦντες”, o que faria o quadro do primeiro dístico. A cena lúgubre dos persas mortos pelo caminho, sendo dizimados junto aos navios ou afundando-se no pântano, responderia pelo segundo, e isso de qualquer versão que se escolha, ἐστόρεσαν δύναμιν ou ἔκτειναν Μήδων ἑννέα μυριάδα.

Tendo isso em mente, voltemos ao texto de Licurgo, no qual lemos que tanto o epitáfio dos espartanos quanto a inscrição sobre a batalha em Maratona desfrutavam de uma posição proeminente, tal que pudessem ser vistos não só pelos seus respectivos concidadãos, lacônios ou atenienses, mas *por todos os gregos* (ἅπαντας τοὺς Ἕλληνας), o que faz pensar.

No que se refere aos primeiros, a frase faz sentido, já que foram enterrados no exato local onde caíram, i.e., a estrada através do desfiladeiro das Termópilas³⁰, o que tornaria quase impossível (ou irresistível) a qualquer viajante de passagem por aí ignorar as três estelas mandadas erigir pelos Anfictíones. Mas e quanto aos atenienses? Como explicaríamos o caráter evidentemente pan-helênico adquirido pela inscrição que os celebrava, como sugere o orador? Evidentemente, esta deveria gozar de destaque proporcional e, sendo assim, a Colunata Colorida impõe-se como uma alternativa bastante razoável, não só em virtude de sua fama e

³⁰ Única ligação entre o sudeste e o nordeste da Grécia e que ficava justamente no entroncamento das estradas que iam e vinham do Oráculo de Delfos em direção à Tessália e a Ática, passando pela Beócia.

antigüidade, mas também da posição que ocupava: logo na entrada da cidade, junto ao Dípilos, ou “Portão Duplo”, na Ágora, ao norte da Acrópole.

O vale do rio Erídanos sempre foi uma área bastante importante não só para Atenas e para os atenienses, mas igualmente para os estrangeiros que chegavam à cidade através da entrada norte, a mais movimentada³¹, já que o maior complexo de prédios públicos aí se concentrava. Defronte ao edifício da Colorida situava-se a Colunata do Rei (Στοὰ Βασιλείου) que, como o próprio nome diz, servia de abrigo ao “rei anual” de Atenas³² e era adornada por esculturas de figuras míticas. Atrás desta estava a Stoa de Zeus, onde podiam ser observadas outras cenas famosas pintadas por Eufanor (metade do IV séc.), como, por exemplo, a batalha de Mantinéia, a captura de Cadméia, a derrota espartana em Leuctra e etc³³. Justamente entre esses conjuntos arquitetônicos passava a Via Panatenaica, que derivava seu nome da procissão religiosa que a percorria durante a Grande Panatenáia (Παναθήναια)³⁴, o evento que congregava não só os habitantes da Ática, mas de todas as outras regiões da Grécia³⁵. À noroeste via-se um dos extremos da praça do mercado e a profusão de esculturas e santuários encontrados durante a escavação de 1971 demonstram a importância pública (e publicitária) dessa área³⁶. Deste ponto partiam ainda rotas para o sul e o leste da cidade. Perto da Stoa do Rei ficava, ainda, o Altar

³¹ Tendo sido o caminho feito por Pausânias, como observa-se através de sua descrição no livro 1 da *Periegesis*.

³² Paus. 1.3.1-4. O “rei” (βασιλεύς), após a instituição da democracia, detinha apenas um poder de cunho religioso e cerimonial.

³³ Paus. 1.3.4.

³⁴ Sobre a Via Panatenaica e as recentes descobertas arqueológicas: Shear 1971.

³⁵ Na verdade, outros festivais realizavam procissões através da via Panatenaica, o que mantinha a Colunata Colorida em constante exposição. Durante a Grande Dionísia, uma estátua do deus era carregada até o Eleusínio, ao sopé da Acrópolis, do lado oposto à Ágora; durante o Festival de Zeus Olímpio, a mesma rota era usada para chegar-se ao extremo sul da cidade, no Olímpio. Além disso, a corrida de tochas da Panatenáia (bem como outras corridas) tinha como ponto de partida os Dípiloi, estendendo-se até a Acrópolis. Veja Robertson 1998, p. 9 e seg..

³⁶ Shear, 1971, p. 6.

dos Doze Deuses, mandado erigir pelo jovem Pisístrato, c. 521-20 e, à nordeste dali, o altar de Afrodite Urânia, outro ponto de congregação de habitantes locais e viajantes³⁷.

Figura 8 - Vista aérea da Ágora, com a localização das Colunatas: A= Colunata Colorida; B = Colunata de Hermes; C = Altar dos Doze Deuses; D = Colunata do Rei; E = Colunata de Zeus; F = Templo de Afrodite Urânia; G = Estátuas dos Heróis Epônimos; H = Colunata do Sul; I = Templo de Hefesto.

Finalmente, devido ao modo como fora construída (com o pórtico onde ficavam as pinturas voltada para o sul), a Colunata Colorida deveria imediatamente saltar aos olhos dos visitantes, seja pela combinação poderosa de uma imponência dórica exterior aliada a colunas jônicas no interior, seja pela deslumbrante

³⁷ Ammerman (1996), p. 3 “a focal point not only for the Agora, but also for the city of Athens and even for the whole of Attica”.

decoração. Seria provavelmente o primeiro local de parada de qualquer um que adentrasse a cidade através do Dípilos e, por assim dizer, um cartão de visitas aos gregos de outras localidades. Somente isso bastaria para explicar o porquê de ter sido escolhida como o local de poetas, filósofos e sofistas, que ali se agrupavam para beneficiarem-se da visibilidade que lhes era oferecida através da fama da construção e, principalmente, das pinturas que abrigava ³⁸.

Figura 9 - Vista aérea de Atenas: A = Cerâmico; B = Dípilon, para a Academia; C = Caminho do Pireu; D = Rota para Falero; E = Rota para o Cabo Súnio; F = Olimpéio; G = Acrópole; H = Ágora; I = Areópago.

Quando consideradas nesse contexto, parecem diminuir consideravelmente as dúvidas de que uma inscrição que acompanhasse a batalha de Maratona pudesse aí existir e, por isso mesmo, resistir ao tempo através da fama que lhe fora conferida pelo prédio e por sua posição privilegiada. Há, infelizmente, algumas dificuldades bastante sérias que nos impedem de abraçar essa interpretação incondicionalmente. A primeira e a mais importante delas é precisamente o silêncio

³⁸ Tão famosas essas pinturas que fizeram com que a então Colunata de Peisianax (seu construtor) fosse para sempre conhecida simplesmente como "poikile", *pintada, decorada*.

de Pausânias (e de outras fontes) no que diz respeito a qualquer inscrição que fizesse parte daquela pintura. Esse silêncio deve incomodar qualquer defensor da hipótese defendida por Goetling, quando vindo de onde menos esperávamos, i.e., justamente de um dos mais meticolosos historiadores antigos em termos de transcrições epigráficas, em que pese a seu favor a extensa descrição do Salão dos Cnídios, já mencionada, e a lista de estátuas dos vencedores olímpicos, no início do livro VI. O tratamento dessa questão, de vital importância para uma possível identificação da fonte de nosso epigrama, requererá um tratamento extenso que muito exigirá da paciência do leitor, mas do qual jamais poderíamos nos furtar, tanto em virtude de sua relevância quanto da pouca atenção que recebeu por parte de outros especialistas que já lidaram com o tema.

A primeira pergunta que deve surgir na mente de cada leitor que já se deparou com as extensas descrições de Pausânias é, também para nós, uma das mais importantes: como ele poderia saber apontar cada um dos participantes e nomear todas as cenas representadas sem que houvesse qualquer indicação nas próprias pinturas? É certo que os nomes dos principais personagens (ou dos mais obscuros) poderiam ser inscritos margeando sua figura, já que disso temos evidências abundantes tanto em figuras vasculares, quanto em mosaicos ou pinturas. Para o grego médio, criado em uma tradição oral que começava a ceder espaço cada vez maior para a palavra escrita, mas cuja cultura formava-se ainda em grande parte por meio do conhecimento do mitos e da história como contados pelos poetas e oradores, alguns nomes - funcionando como índices que lhes

possibilitavam encontrar e selecionar narrativas - deveriam bastar para situar o observador na narrativa representada pelo pintor³⁹.

Todavia, ainda que existisse a possibilidade de alguns personagens receberem uma inscrição que os identificasse, sabemos com certeza que esse não foi o caso da cena na Colunata Colorida. De acordo com Ésquines⁴⁰, a nenhum dos homens que lutaram em Maratona foi dado o privilégio de ter o seu nome inscrito na pintura:

προέλθετε δὴ τῇ διανοίᾳ καὶ εἰς τὴν στοὰν τὴν ποικίλῃν: ἀπάντων γὰρ ἡμῖν τῶν καλῶν ἔργων τὰ ὑπομνήματα ἐν τῇ ἀγορᾷ ἀνάκειται. τί οὖν ἐστίν, ὦ ἄνδρες Ἀθηναῖοι, ὃ ἐγὼ λέγω; ἐνταῦθα ἢ ἐν Μαραθῶνι μάχῃ γέγραπται. τίς οὖν ἦν ὁ στρατηγός; οὕτως μὲν ἐρωτηθέντες ἅπαντες ἀποκρίναισθε ἄν, ὅτι Μιλτιάδης: ἐκεῖ δὲ οὐκ ἐπιγέγραπται. πῶς; οὐκ ἦν τῆς ταύτης τὴν δωρεάν; ἦν τῆς, ἀλλ' ὁ δῆμος οὐκ ἔδωκεν, ἀλλ' ἀντὶ τοῦ ὀνόματος συνεχώρησεν αὐτῷ γραφῆναι πρώτῳ παρακαλοῦντι τοὺς στρατιώτας.

Trazei também à vossa mente aquela colunata, a Colorida: de todos nossos belos e nobres feitos, na Ágora, ela exhibe a lembrança. Quem é, portanto, homens de Atenas, aquele que menciono? Lá dentro foi reproduzida a batalha de Maratona. Quem, portanto, foi o general? Sendo-vos dessa maneira perguntado responderíeis que é Miltíades, mas isto não está lá inscrito. De que forma [então sabeis]? Não requisitou tal graça? Requisitou, mas o povo lho negou, todavia ao invés do nome [concederam-lhe a honra de] ser pintado à frente do exército a exortar os soldados [à guerra]⁴¹.

³⁹ É difícil precisar o grau de alfabetização (este, também, um conceito bastante relativo) da população ateniense nessa época. O assunto é discutido extensivamente por Thomas (1992), Cap.I, p.15-34 e 45-60, para onde remeto o leitor interessado. Um conceito importante analisado pela autora é aquele que demonstra que, no séculos VI e V, não havia uma separação distinta entre os domínios da transmissão oral e escrita, mas que ambas se complementavam. Assim, em primeiro lugar, devemos imaginar que não seria necessário sofisticação literária para decifrar alguns símbolos (nível da alfabetização funcional ou um pouco abaixo) e, a partir daí, identificar não só personagens em pinturas, mas inclusive avisos, marcações e sinalizações que pululavam pela cidade. Por outro lado, a população analfabeta poderia fazer uso dos alfabetizados para obter a mensagem inacessível veiculada nos novos caracteres e, assim, usar a escrita e a transmissão literária de uma forma indireta, integrando-a à transmissão oral.

⁴⁰ Ésquin. *Ctésifon*, 3.183. O contexto do discurso de Ésquines é famoso: Ctésifo propusera à Assembléia que esta concedesse a Demóstenes uma tiara de ouro, pelos serviços prestados à cidade, o que enfurecera seu arqu-inimigo e o levava a mover uma ação contra a decisão do conselho, da qual o texto acima é um excerto. A réplica de Demóstenes, a famosa *De Corona*, garantiu-lhe a honra de receber a deferência e, a Ésquines, o exílio.

⁴¹ De acordo com Plutarco (*Címon*, 8.1-2) Miltíades teria pedido “apenas” uma coroa de oliveira como reconhecimento do povo por seu feito em Maratona, tendo sido duramente ridicularizado por Sófanes, o deceleu, filho de Eutíquides e um dos heróis mais renomados nas batalhas contra Egina - onde

Apesar disso, é importante considerar que, embora inscrições nominais, que identificassem generais ou principais atores da batalha, tenham sido vetadas pelo povo, essa mesma determinação não se estendia a uma comenda coletiva, algo que estaria em perfeita sintonia com o costume democrático, já estabelecido à época da pintura da cena, de se valorizar o δημόσιον em detrimento do ἴδιον. O mesmo iria acontecer com os três epigramas que comemoravam a vitória ateniense em Éione (XL FGE), nos quais novamente os generais viriam negada a honra de ter seus próprios nomes inscritos nas estelas colocadas na Colunata de Hermes para que os cidadãos que os vissem “ἐθελήσει | ἀμφὶ περὶ ξυνοῖς πράγμασι δῆριν ἔχειν”, i.e., “mais desejassem se esforçar pelo bem comum”.

Dessa forma, a possibilidade de algumas pinturas poderem ter recebido algum tipo de inscrição epigráfica coletiva existia. O fato de não serem mencionadas com mesma frequência que aquelas de estátuas, escudos ou estelas deve provavelmente ter uma relevância marginal no estabelecimento do argumento. Dentre os muitos fatores que poderiam contribuir para a escassez de referências ao veículo de vários epigramas que subsistiram apenas através da transmissão literária⁴², poderia estar justamente a fragilidade do meio no qual eram gravados. Letras pintadas em painéis de madeira ou gesso, por exemplo, desapareceriam ou esmaeceriam rapidamente, se o próprio meio que as sustinha não se deteriorasse ou fosse destruído antes disso. Seja como for, dos epigramas atribuídos à Simônides, podemos contar duas ocorrências de pinturas acompanhadas de versos. A primeira é aquela do Salão Cnídio, já considerada; a segunda (IV FGE) toma a

matou o comandante dos eginenses, Euríates - e Platéia (Heródoto, 9.74.1, dele nos conta coisas de caráter maravilhoso), morto na batalha de Drabescos, em 465 (Paus. 1.29.5). Fora ele que erguera-se na Assembléia e dissera a Miltíades que no dia em aquele pudesse derrotar todos os bárbaros sozinho, então teria também o direito de ser o único honrado por tal feito.

⁴² Como o Fr. II FGE, por exemplo. Cf. p. XX.

forma de uma dedicatória à Hera comissionada pelo engenheiro da ponte de barcos de Dario, Mandroclés, durante a campanha contra os citas⁴³:

ὁ δὲ Δαρεῖος ὡς ἐθέεσατο τὸν Πόντον ἔπλεε ὀπίσω ἐπὶ τὴν γέφυραν,
τῆς ἀρχιτέκτων Μανδροκλέης Κάμιος (...). Δαρεῖος δὲ μετὰ ταῦτα
ῥεθείς τῇι σχεδίῃ τὸν ἀρχιτέκτονα αὐτῆς Μανδροκλέα τὸν Κάμιον
ἐδωρήσατο πᾶσι δέκα: ἀπ' ὧν δὴ Μανδροκλέης ἀπαρχὴν ζῶια
γραφάμενος πᾶσαν τὴν ζευξίν τοῦ Βοσπόρου καὶ βασιλέα τε Δαρεῖον ἐν
προεδρίῃ κατήμενον καὶ τὸν στρατὸν αὐτοῦ διαβαίνοντα ταῦτα
γραφάμενος ἀνέθηκε ἔς τὸ Ἡραῖον, ἐπιγράψας τάδε.

Βόσπορον ἰχθυόεντα γεφυρώσας ἀνέθηκε
Μανδροκλέης Ἡρῇ μνημόσυνον σχεδίσας,
αὐτῷ μὲν στέφανον περιθείς, Καμίοις δὲ κῦδος,
Δαρείου βασιλέος ἐκτελέσας κατὰ νοῦν.

Assim Dário, tão logo viu o Ponto, navegou de volta até a ponte, cujo arquiteto era Mandroclés de Samos (...). Após isso o Rei, contente com a jangada, presenteou seu arquiteto com um décimo de tudo, a partir de cujas primícias Mandroclés mandou pintar [um painel] com criaturas viventes e nele toda a extensão da ponte do Bósforo quando a atravessava Dario, sentado em seu trono e acompanhado de seu exército. Dedicando-o ao Heráion, nele inscreveu estas [linhas]:

*O pisco Bósforo havendo interligado, Madroclés
dedicou a Hera monumento de sua ponte.
Para si ganhou os louros, para os Sâmios, a fama
cumprindo à risca o pensamento do rei Dario.*

Obviamente, tanto a inscrição de Mandroclés quanto a assinatura de Polignoto têm um caráter muito diverso do XXI FGE, já que este não é, como os anteriores, uma dedicatória ou assinatura. Porém os dois epigramas acima provam, até certo ponto, a realidade de que algumas ἐπιγράμματα podiam ter como veículo outros meio que não a pedra, bem como aparecer em outros contextos, que não os tradicionalmente associados à epigrafia: cῆμαι, μνῆμαι, ὅροι, e etc. No caso do fr. XXI FGE, no entanto, não é o meio em que aparece ou pelo qual é veiculado que

⁴³ Herod. 4.87-8.

nos perturba, mas a sua redundância. Afinal, porque inscrever um elegíon que descreve a mesma batalha sob qual ele está assentado?

Em primeiro lugar devemos pelo menos considerar a possibilidade de que a “redundância” a que aludimos possa ser apenas reflexo de uma visão anacrônica e, sobretudo, incompleta acerca dos costumes epigráficos atenienses. Por outro lado, se aceitarmos “redundância” como um critério cientificamente válido, teremos que definir, antes de mais nada, o quanto de sua falta ou excesso poderíamos considerar aceitável na classificação segura de uma inscrição, algo que imediatamente salta aos olhos como impraticável e, no final das contas, inútil, posto que arbitrária. A qualquer um parecerá que não há meios objetivos de, a partir de nossa perspectiva histórica e cultural, decidir e quantificar, ainda que subjetivamente, o quanto de informação poderia ser considerado adequado pelos atenienses para mapear inequivocamente uma determinada narrativa, fosse ela oral, escrita ou pictográfica. Aqui, o costume, mais do que o estilo parece estar em questão e, dessa forma, evidências que demonstrem a *existência* do costume, como as inscrições acima, devem ter prioridade sobre a rigidez metodológica.

Admitindo-se então a possibilidade de que uma inscrição elegíaca pudesse acompanhar a cena na Colunata, teremos ainda uma pergunta por responder: por que ela não é citada por Pausânias? A razão mais simples que se infere para esse “lapso” é a de que, de seu ponto de vista, o epigrama deveria ser conhecido e difundido o suficiente para dispensar uma citação. Ou talvez porque, à época em que visitou o local, aquela já tivesse desaparecido, sido apagada ou propositadamente removida, o que não seria impossível, dada a natureza do

material (κονίδες, pranchas de madeira)⁴⁴. Ou, ainda, talvez porque Pausânias tenha simplesmente esquecido-se de mencionar a inscrição, o que não seria difícil já que sua *Periegēsis* certamente não fora escrita *in loco* e que a Ática não fora um dos primeiros lugares visitados por ele, embora figure na primeira parte de sua coleção de relatos.

A bem da verdade, uma análise mais atenta da descrição da pintura da Batalha de Maratona, como feita por Pausânias, revelar-se-á tão apressada, quando comparada com outras fontes, mesmo que indiretas⁴⁵, que pode nos fazer duvidar de *autópsia* nesse caso. Ele não nos diz nada, por exemplo, sobre as figuras de Miltíades e Calímaco, exceto que eram as que mais apareciam (δηλοὶ μάλιστα), o que é de uma concisão surpreendente (senão assustadora), principalmente quando pensamos na fama do polemarco Calímaco e, igualmente, de outro personagem histórico, esse sequer mencionado pelo *periegeta* - mas que sem dúvida faria parte da pintura: o irmão de Ésquilo, Cinégio, que perdeu a vida tentando montar nos barcos do inimigo estacionados na Escoênia.

Calímaco, segundo sabemos por Aristides⁴⁶, tivera uma das mortes mais espetaculares dentre os atenienses, logo no início da batalha, pois sendo o primeiro a sair correndo em direção às linhas do inimigo, fora alvejado por uma saraivada de flechas da primeira coluna de arqueiros e de tal modo fora por elas trespassado que seu corpo, já morto, permanecera de pé, sustentado pelas hastes que lhe atravessavam o peito e fixavam-se no chão⁴⁷. Essa visão terrível do início do

⁴⁴ Ver n. 20, acima.

⁴⁵ Esquines, Isócrates, Cornélio Nepos e etc.

⁴⁶ Élio Aristides, *Discurso da Panatenáia*, 88 e ss.

⁴⁷ *idem, ibidem* n. 336: ἤδη δέ τις καὶ τελευτήσας εἰστήκει περὶ τοξευθεὶς ὑπὸ τῶν βαρβάρων φοβῶν τοὺς λοιποὺς, ὥσπερ ἀθάνατον ὦν. Mesmo que o τίς aqui não permita identificar Calímaco

combate deve ter tirado o ânimo dos soldados para a luta e, certamente, esse fora o motivo da exortação promovida por Miltíades e retratado na Colunata, segundo o testemunho de Cornélio Nepos⁴⁸. Certamente Calímaco deve ter sido representado no momento de sua morte heróica, embora não necessariamente de um modo tão horrível, tendo a pintura servido de fonte para que, mais tarde, Pólemon, o Velho⁴⁹ (aliás professor de Aristides), desenvolvesse as famosas (e pedantes) *Declamationes*, cujo pretexto seria o de que o pai do homem que morrera de modo mais varonil deveria ser aquele a declamar a oração fúnebre ao final da guerra. Obviamente havia a questão de se saber qual, Calímaco ou Cinégiro, morrera dessa maneira.

A morte de Cinégiro também nos é contada por Heródoto (6.114): ao tentar montar no navio dos persas, teve sua mão cortada por um machado e morreu exangue⁵⁰. Seu pai, Eufório, na obra de Pólemon, elabora sobre o tema ao dizer que, na verdade, ao segurar-se com a mão direita sobre o navio, tivera a mesma cortada por um machado persa, com o que teria, então, empregado a esquerda para o mesmo propósito, a qual novamente cortada, fê-lo cair morto sobre a praia, de onde mais tarde foi resgatado. É possível, no entanto, que a pintura na Colorida mostrasse apenas a mão direita cortada, como no Sarcófago de Brescia (ver nota 205). No final das contas, a honra maior de um monumento público em separado

com certeza, a entrada do Suda sob o seu nome, elimina qualquer dúvida: Καλλιμάχος· οὗτος εἰς τὸν κατὰ Περσῶν πόλεμον εὐρέτη ἐπὶ δοράτων ἰστάμενος νεκρός. Além disso, a referência em Pólemon 1.7, que escreveu antes de Aristides, é decisiva: καὶ τὸ Καλλιμάχου λαμπρόν τοῦτο ἐστὶ μόνον, σχῆμα ζῶντος ἐν νεκρῷ σωματί.

⁴⁸ Embora haja controvérsia sobre a seqüência exata de eventos, principalmente devido à falta de perspectiva das pinturas dessa época.

⁴⁹ Harrison, 1972, p. 359: “It is generally assumed, however, that the painting formed the basis of Polemon’s conception of the two heroes”. Também Zingerle (1907), Stegemann (1952)

⁵⁰ O que parece estar representado no Sarcófago de Brescia, possivelmente inspirada na pintura da Colunata Colorida, *Apud* Harrison, *op. cit.*, Plate 77, fig. 16.

parece ter sido concedida mesmo a Calímaco⁵¹, embora seus remanescentes achados na Ágora, e que já tivemos oportunidade de discutir na primeira parte, seja provavelmente de caráter particular. Cinégiro, todavia, ficou célebre por sua coragem e pela pouca idade em que já a demonstrava. Talvez ele tenha servido de motivo para muitas outras pinturas ou monumentos públicos. Um epigrama, pelo menos, nos foi preservado na Antologia Palatina que, ao que tudo indica, acompanhava uma pintura de Fásis, na qual o irmão de Ésquilo era retratado ainda com ambas as mãos:

οὐ σε, μάκαρ Κυνέγειρ', ἐτύμως Κυνέγειρον ἔγραψε
 Φᾶσις, ἐπεὶ βριαραῖς ἄνθετο σὺν παλάμαις.
 ἀλλὰ σοφός τις ἦν ὁ ζωγράφος, οὐδὲ σε χειρῶν
 νόσφι σε, τὸν χειρῶν οὐνεκεν ἀθάνατον.

Não te pintou, beato Cinégiro, tal o verdadeiro Cinégiro,
 Fásis, após [te] dedicar com poderosas mãos.
 Todavia foi um hábil artista, quando de tuas mãos
 não te privou: imortal por causa de tuas mãos.

Frente a essa plethora de informações ausentes em Pausânias (ainda mais quando comparadas com a minúcia de seus outros relatos) fica mais fácil argüir que sua autoridade para decidir, *ex silentio*, sobre a existência do epigrama de Simônides a acompanhar as cenas da Colunata Colorida, vê-se bastante diminuída, tornado-se, de nosso ponto de vista, quase irrelevante. Se Pausânias realmente viu as pinturas da Colunata, só podemos admitir que as mesmas tenham sofrido diversas modificações, a ponto de tornar algumas cenas completamente inidentificáveis, como parece ser o caso, por exemplo, da controversa “Batalha” de Oinoé, outro ponto no qual a narrativa do geógrafo não faz qualquer sentido. Ainda que não seja exatamente nosso propósito analisar a cena da batalha em si,

⁵¹ DAA 13, ver p. 27.

despender algum tempo com sua problemática, e as implicações para o “conjunto da obra” da qual a Batalha de Maratona fazia parte, pode ser elucidativo.

A despeito da confiança de Taylor⁵² sobre correção da identificação de Pausânias, desse evento como sendo o primeiro representado, ele definitivamente não parece enquadrar-se na temática da “exposição” promovida no pórtico. Em primeiro lugar porque a única “batalha” de Oinoé registrada pela tradição escrita que se enquadra dentro da descrições em Pausânias teria ocorrido em 431, na fronteira entre a Ática e a Beócia, quando o rei Arquidamo, de Esparta, tentou tomar o forte, regularmente usado pelos atenienses em tempos de guerra, perto do golfo de Corinto⁵³. No entanto, dificilmente poderíamos classificar o embate como uma *batalha*, ainda mais se consideramos a vexatória posição adotada por Atenas, que promoveu uma verdadeira “retirada”: assim que a presença espartana fora notada, os atenienses removeram todos os seus bens para dentro do muro de Oinoé, que permaneceu inexpugnada durante oito dias, após o que veio o rei a abandonar o cerco para juntar-se às tropas tebanas que invadiam Platéia.

Sob esse aspecto, a “Batalha” de Oinoé jamais poderia ter sido lembrada (e muito menos celebrada) como uma batalha de verdade, já que os atenienses nela nunca lutaram, mas preferiram forçar o sítio e assim esperar até que o exército inimigo fosse dissuadido a abandonar suas guarnições. Destarte, como poderia ser justamente essa a batalha comemorada pelos atenienses na Colunata Colorida e, ainda, em primeiro plano? Mesmo Taylor admite a fragilidade (e estranheza) da idéia, mas a defende sob o ponto de vista da política ideológica dos atenienses durante o período da Guerra Arquidâmia, argumentando que os dirigentes haviam resolvido expor a escaramuça não como ocorrera de fato, mas como o povo teria

⁵² *op. cit.* n. 18.

⁵³ Tuc. 2.18-20 e 8.98-9.

preferido lembrá-la. Supondo-se que esse fosse o caso, o pórtico não seria o melhor lugar para que se levasse à cabo uma pintura dessa natureza. Como já tivemos oportunidade de comentar, a Colunata do Rei, para esse propósito, pareceria um local mais apropriado, principalmente porque o seu caráter *regional* (Cadméia – Mantinéia -Leuctra: todos conflitos na região da Beócia) seria mais adequado a um acontecimento de caráter tão marginal para a história de Atenas, até mesmo constrangedor – não esqueçamos que, em 456, Atenas veio a finalmente perder Oinoé para Corinto, não deixando, verdadeiramente, nada a ser celebrado.

Numa linha de tempo delineada pelas cenas da pintura, um confronto como o de Oinoé, ocorrido quase 60 anos após a última cena citada por Pausânias, pareceria completamente extemporâneo, sobretudo quando sabemos que fora colocado logo no início do conjunto (πρῶτα μὲν)⁵⁴. Excluindo-se aquela única pintura, porém, temos sempre um motivo recorrente e uma linha temporal coerente. De um lado (provavelmente aquele mais próximo ao Dípilos, de onde um viajante chegaria) foram representados eventos mais antigos, de caráter mítico e etiológico para o povo de Atenas: a guerra de Teseu (o Instituidor mítico da *pólis*) contra as Amazonas, a Tomada de Tróia e o Crime de Ájax, a Batalha de Maratona, com a figura dos deuses e heróis protetores (entre eles Teseu, que remete ao início do conjunto) no final.

Permeia essa evolução a vitória do povo ateniense sobre diversos inimigos bárbaros e, principalmente, asiáticos: amazonas, troianos, medos e persas. Mesmo se levarmos em conta que a participação ateniense na Guerra de Tróia, sob a

⁵⁴ O que equivaleria, a título de comparação, a ter, numa cronologia dos painéis de Pedro Américo, a Proclamação da República anteposta à Guerra do Paraguai.

liderança de Menesteu⁵⁵, tenha sido, durante muito tempo, diminuída pelos poemas do ciclo épico, ainda assim não há motivo para invocarmos uma incoerência nessa parte, muito pelo contrário, a conquista de Tróia certamente era sentida como uma vitória compartilhada por todos os gregos, assim como os poemas que a celebravam, e, de um modo muito semelhante, os atenienses desejavam ver o seu feito em Maratona contextualizado de uma maneira parecida: uma ameaça pan-helênica advinda de povos bárbaros rechaçada por Atenas, já que em Maratona, sozinhos (μόνοι προκινδυνεύσαι τῷ βαρβάρῳ, cf. testemunhos mais acima), eles haviam salvo a honra de toda a Grécia⁵⁶ como fizeram Agamêmnon e suas tropas em Tróia, cuja queda lá pintada fornecia ao visitante o *lead* da narrativa mítica à história ateniense.

Finalmente, do ponto de vista político e diplomático, não seria aconselhável, em primeiro lugar, expor publicamente, à guisa de troféu, uma vitória ateniense sobre os espartanos em um local de grande fluxo pan-helênico como a Ágora, ainda mais em um período tão sensível da guerra; em segundo lugar, se admitirmos que a batalha seja mesmo Oinoé, onde estariam os aliados argivos dos atenienses? Teria o povo de Atenas resolvido eliminá-los da pintura para engrandecer sua própria participação na guerra? Mas, novamente, qual guerra? Pelo que vimos até agora nem os atenienses, nem os argivos teriam muito do que se jactar acerca da retirada em Oinoé, e esperar que eles pudessem fazê-lo não poderia ser explicado através de uma simples exaltação dos sentimentos patrióticos, como o quer Taylor, mas

⁵⁵ Cf. epigrama XL FGE, sobre a captura de Éione, no Apêndice A.

⁵⁶ Francis e Vickers (1985), por outro lado, apresentam uma versão alternativa para a “batalha” de Oinoé que recentemente vem ganhando atenção. Segundo esses pesquisadores, Pausânias teria mal-interpretado ou a disposição das pinturas ou a intenção do pintor e, desse modo, o que para aquele seria a retirada (mais do que “batalha”) de 431, na argiva Oinoé, seria, de fato, a chegada dos platéios que vieram em auxílio dos atenienses em 490, oriundos de uma cidade de igual nome, porém em Platéia, perto da famosa caverna de Pã (ver nota 58). Posteriormente essa hipótese foi ratificada por Hornblower (1991) e Castriota (1992). Tetrápolis maratonense, cf. Cap. 3, n. 50.

somente por meio de uma *folie à plusieurs*. Frente a isso somos obrigados a escolher uma dentro duas alternativas: ou Pausânias enganou-se com relação à cena que via, tomando-a pela escaramuça em Oinoé, ou realmente havia uma cena que a representava, mas que porém fora transportada para a Colunata num período posterior. Todos esses fatos, de qualquer maneira, reduzem em muito a relevância do relato de Pausânias para a hipótese que estamos considerando.

Sendo assim, e resumindo o já exposto, poderíamos dizer, em primeiro lugar, que a fonte mais antiga, e portanto a mais digna de confiança, resta em Licurgo, que citava o dístico em um período menor do que o de um século, desde a construção da Colunata (c. 460). Depois teríamos o relato de Aristides (c. 117-181), ainda que nesse os versos apareçam com um pentâmetro diferente (ἔκτειναν Μήδων ἐννέα μυριάδας), aqui tomado como espúrio. Numa hipotética linha de transmissão do fragmento, verificamos que Aristides foi aluno de Pólemon, que por sua vez deve ter visitado a Colunata e visto a cena da batalha de Maratona *ipse oculis*, como se deduz dos detalhes presentes nas *Declamationes*. Finalmente, mas já no séc. X d. C., encontramos no *Suda*⁵⁷ o local *de onde* o epigrama haveria sido copiado, que lá aparece como sendo a Colunata Colorida, a quem tanto Pólemon, por primeiro, e, aparentemente, Aristides, por segundo, puderam visitar, sendo que talvez um deles pode ter servido de fonte ao autor do *Suda*. Como, a partir daí, diferentes versões de um mesmo epigrama puderam desenvolver-se é matéria puramente especulativa. Fato é que a autoridade de Pausânias não pode (e nem deve) ser comparada

⁵⁷ É importante notar, no entanto que, embora tardio, o *Suda* encorpora material de fontes bastante antigas, entre as quais as *Pínakes* de Calímaco (séc. III a. C.) e os escritos de Diógenes Laércio (c. 200 d. C.).

àquela de Licurgo ou Aristides, que em muito o precederam em quase um século em suas visitas à Atenas.

Por outro lado, se a autoridade de *Suda* deve ser questionada, ainda precisaremos de estudos que o façam adequadamente, algo que, até o momento, embora altamente desejável, se mostrou extremamente difícil de se levar a cabo sem que seja necessário rever uma série de posições já aceitas sobre o mundo antigo e a literatura grega e que dependem em última análise, direta ou indiretamente, do dicionário bizantino. O que gostaríamos de mostrar até aqui, entretanto, é que, ao contrário do ceticismo de Page, há mais indícios *em favor* de uma associação entre epigrama e pintura do que contra e, afinal de contas, o que o crítico da epigrafia grega deve procurar, na ausência de provas decisivas em um campo como este, seguindo a lição do próprio erudito inglês⁵⁸, são evidências em favor, porque são elas que decidirão para onde o fiel da balança que determina o cânon deverá se inclinar.

4.3.2 A Hipótese Wurm-Blass

Segundo a edição que usamos (que é aquela de N.C. Conomis⁵⁹) o elegión estaria inscrito “*sobre os túmulos*” (ἐπὶ τοῖς ἡρίοις) dos combatentes, embora, logo em seguida, nos deparemos com o estranho complemento {τοῦ βίου}, *da vida* (de suas vidas, i.e. “τοῦ βίου αὐτῶν” ?), excluído de muitas edições por ser evidentemente incompreensível, pelo menos do modo como está. Essa versão oficial, no entanto, é uma “correção” defendida por Wurm e difundida por Blass para a frase que aparece

⁵⁸ Page (1958), acerca da controvérsia estabelecida com A.W Gomme, no *Journal of Hellenic Studies*, sobre a autoria do famoso δέδουκε μὲν ἃ κελλάννα de Safo.

⁵⁹ Conomis (1970).

no original como “ἐπὶ τοῖς ὁρίοις τοῦ βίου”, ou, literalmente, “nos limites (fronteiras, fim, linhas divisórias) da vida”, a qual, de acordo com a interpretação desses editores e do próprio Page⁶⁰, não faria qualquer sentido.

Esse veredicto de Page, no entanto, parece-nos evidentemente absurdo, já que sentido do texto torna-se claro quando levamos em consideração que o substantivo ὅρος (hóros) aí está empregado numa acepção bastante específica - corrente na época e comum até um período bem tardio - que é o de “lápide” ou “pedra(s) funerária(s) que marca(m) uma sepultura”. No plural (ὅροι), referia-se também às pequenas pedras que circundavam um determinado túmulo feito no chão, marcando-o e delimitando o espaço que separava o mundo dos vivos daquele consagrado aos mortos, donde facilmente teria surgido a idéia de denominar essa linha demarcatória como “a fronteira da vida”, ou ὅρος τοῦ βίου, que, por metonímia, haveria sido abreviado para ὅρος simplesmente.

Assim, a princípio, parece-nos óbvio que Licurgo esteja se referindo, através do termo ὅροι no dativo plural, ὁρίοις, àquelas lápides que os Anfictíones mandaram erigir para os combatentes das Termópilas, das quais nos falam Heródoto e outras fontes, mas sem restringir sua acepção ao uso que faz dela para referir-se aos espartanos, já que lá ele a emprega num significado muito mais amplo. Os atenienses, como é sabido, não tomaram parte em Termópilas e, logicamente, o segundo epigrama referido por Licurgo não poderia estar naquelas lápides. O mais interessante aqui é que, se lermos o texto com atenção, nada há nele que indique

⁶⁰ Page (1981), p. 226: “The point would be proved if ἐπὶ τοῖς ἡρίοις, ‘on the tombs’, were written instead of the nonsensical ἐπὶ τοῖς ὁρίοις τοῦ βίου in the text of Lycurgus”. Por outro lado, Jacoby (1945). p. 160, n. 17: “The conjecture of Wurm ἐπὶ τοῖς ἡρίοις τοῦ βίου, accepted by Blass and others, is wrong, and Oliver¹ [1933], p. 489 seems to have misunderstood the design of the Orator”.

que o orador alguma vez tenha tido a intenção de dizer algo semelhante ou, mais importante, de dizer que, assim como o epitáfio dos espartanos, o dos atenienses estaria igualmente inscrito sobre alguma espécie de estela. Em verdade, ao invés de usar um termo específico para lápide (στήλη), o que o levaria a uma evidente inexatidão com relação ao segundo epigrama, que tencionava mencionar depois, o orador, habilmente - mais do que desastradamente, como sói-se pensar acerca dessa passagem - preferiu usar uma palavra que pudesse englobar a natureza de ambas as inscrições sem, no entanto, contrapô-las.

A nosso ver, a própria estrutura do excerto do *Contra Leócrates* nos prepara para isso, com seus diferente níveis de hierarquia textual. Em primeiro lugar menciona-se os antepassados (προγόνους) de um ponto de vista pan-helêncio, principalmente no que se opõem aos βαρβάρους como não-gregos, mesmo graficamente, já que, se notarmos, os dois substantivos aparecem lado a lado no texto. Esses mesmos bárbaros então são identificados com os invasores persas de 490, “οἱ μὲν γὰρ τῆς Ἀττικῆς ἐπέβησαν”, onde, nesse ponto, esperaríamos que o orador prosseguisse falando dos Atenienses e de sua coragem em se opor aos dominadores, vencendo-os. O que ocorre, no entanto, é que, por meio de uma digressão, ele parece fazer uma referência aos espartanos para, logo em seguida, devido à suprema e reconhecida excelência daqueles em combate diminuir seu feito em face à superação ateniense, o que é levado a cabo em dois momentos distintos.

Em primeiro lugar, Licurgo distingue os antepassados de acordo com as qualidades com que esses contrabalancearam o poderio dos Medos. Uns contrapuseram à riqueza, sua coragem ofuscante (καὶ καταφανῇ τὴν δ'ἀνδρείαν τοῦ πλούτου) enquanto outros, superaram a multidão de inimigos com sua virtude

sem par (καὶ τὴν ἀρετὴν τοῦ πλήτους περιγιγνομένην). A partir daí fica fácil identificar, respectivamente a quem o orador se refere: em primeiro lugar aos espartanos, cujo estilo de vida despojado e propriedades em comum, os tornaram famosos até os dias de hoje; em seguida, aos atenienses que, ao enfrentarem os persas em Maratona, opuseram uma força de apenas 11.000 homens contra incríveis 500.000, segundo a tradição⁶¹. Mas aí faz uma distinção, os lacedemônios que lutaram nas Termópilas não são comparáveis, já que sua sorte (τύχη), por um lado, οὐχ ὁμοίαις ἐχρήσαντο, ao passo que sua coragem (ἀνδρείαν) πολὺ πάντων διήνεγκαν, o que, de certa forma, os exclui, como exceções, *homines mirabili*.

“Por isso mesmo”, continua Licurgo, “sobre os ὅροι de suas vidas há deles o testemunho da virtude para ser visto por todos os gregos”. Ὅροι, aqui, é evidentemente intraduzível. E pode se referir tanto às vidas desses bravos enquanto delineadas (ὀριζμέναι) por suas ações, quanto à evidência física de suas virtudes, eternizadas nas pedras em Termópilas ou *no que quer que seja* onde estivesse inscrito o epigrama de Simônides e que, da mesma forma, indicava a fronteira através das qual os mortos gloriosos deixavam o mundo dos homens pelo dos heróis. Como estamos convencidos de que o epigrama não poderia ser um *epitáfio*, deixamos ao leitor a tarefa de decidir sobre onde estaria gravado o dístico dos atenienses.

De acordo com a alternativa que temos apresentado aqui, entretanto, e que não é a única possível, embora seja a que apresente o maior número de evidências,

⁶¹ Lísias, *Epitáfios* 2. Platão, *Menex.* 240a *et seq.* Para números mais realistas, veja a discussão do Fr. XX FGE, acima.

hóroi poderia ser lido, para o caso dos atenienses (τοῖς δ' ὑμετέροισι προγόνοις) como algo do tipo “sobre as linhas que demarcam a vida”, para o que o uso do genitivo singular de βίος, βίου, onde seria natural esperar-se um plural, *limites das vidas*, i.e., de *suas* vidas (ἐπὶ τοῖς ὁριοῖς τῶν βίων [αὐτῶν]), chama nossa atenção. Segundo acreditamos, isso ocorre justamente porque Licurgo tem em mente um sentido mais amplo tanto de *hóros* quando de βίος, este significando o apanhado de ações que define um indivíduo enquanto um depositário de experiências e ações findas, e aquele como algo que às últimas demarca e define *in aeternitate*.

A morte, as ações que levam a ela, e o modo como se morre (como se vive?) definem a vida de um indivíduo por inseri-lo na história⁶², sentimento ainda mais pungente para o imaginário grego, porque sentido hodiernamente, do que para nós, que relegamos esse rito de passagem, de *fronteira*, para os cantos escuros de nossa vivência social, transferindo a experiência em si para o domínio do inenarrável.

Na Colunata Colorida estavam retratados os últimos momentos e, portanto, toda a vida⁶³, de homens cujos descendentes ainda eram importantes na cidade. Ao contrário das pinturas que se referiam a um passado mítico e distante, na cena de Maratona os filhos ou netos viam seus parentes numa situação para nós, hoje, no mínimo ambígua, mas jamais dessa forma então⁶⁴: o momento mais glorioso e o mais triste. Calímaco, posteriormente elevado à categoria de divino, trespassado por

⁶² Jankelévitch, *La Mort*. Folio, Paris, 1990.

⁶³ Vida vista como propósito para se alcançar algo, nesse caso, a fama eterna (κλέος) e a honra de culto e de deferência (τιμή), cujo momento último é aquele que importa.

⁶⁴ Cf. a nostalgia do personagem de Aristófanes, citado na epígrafe a esse capítulo.

hemistíquio, o que cria um efeito de crescendo para toda essa parte, culminando com um suspense: quem são os “líderes combatentes dos helenos?”, a resposta vem em seguida, Ἀθηναῖοι, numa palavra pesada (7 morae) que lhe confere ênfase, tornando-a solene; logo após, o local, Maratona, num movimento anapéstico rápido em que a última sílaba, breve, serve de ponte para o pentâmetro; não há pausa no final do hexâmetro, o movimento rítmico é transferido para o segundo verso onde, por anáclase, no melhor exemplo da *palíntonos harmonia*, há uma inversão do segundo hemistíquio de (1), lá tínhamos — — — ∪ e aqui ∪ — — —. Ambos são dímetros jônicos da forma (∪ — —), que constituem a cadência principal da composição. Isso, aliás, é importante para percebermos o quão distorcida é a concepção de que um elegíon resulta da reunião de um hexâmetro e pentâmetro (aqui usados e assim nomeados apenas pela facilidade distintiva), esse ainda muitas vezes confundido (e ensinado!) como sendo uma versão catalética daquele, quando, na verdade, há somente um cólon, justamente chamado pelos antigos através de um nome particular, ἐλεγείον, o qual admite, como outras formas não estíquicas, diversas variações rítmicas.

4.4.2. Comentário Interlinear

a. Ἑλλήνων προμαχοῦντες Ἀθηναῖοι Μαραθῶνι: Como já foi dito anteriormente, a menção do local, Maratona, exclui a possibilidade de que o epigrama tenha sido colocado no próprio campo de batalha. A omissão dos aliados platéios não deve surpreender, já que o destacamento de homens de lá advindos era bastante reduzido; além do mais deveria haver um epigrama em separado que comemorasse esses guerreiros. O que se enfatiza aqui é a liderança dos atenienses na guerra, não só no sentido estratégico, mas político também: a decisão de lutar contra o bárbaro

foi uma iniciativa ateniense, levada a cabo por generais atenienses. O tema será recorrente durante a guerra do Peloponeso.

A fama do dístico é atestada até pelo menos o III-IV século de nossa era, já que uma evidente imitação foi encontrada em Gitéion, na Lacônia (IG V, 1.1188):

Ἑλλήνων προμαχοῦντες Ἀθηναίων πολεμηταὶ
 ναυσὶ τε καὶ πεζῶν πλήθε' ἀμυνόμενοι
 θνήσκομεν ἐν πελάγῃ βαρβαρικοῖς ξίφεσιν.
 καὶ μοι τύμβον ἔτευξεν ἀδελφεός· εἰμὶ δ' Ἐπαφρῦς,
 δις δέκα, τρίς δὲ δύω ζήσας ἐτέων ἐνιαυτού<C>.
 [vacat]

Guerreiros atenienses lutando à frente dos Helenos,
 a defende[-los] com naus e em número de soldados,
 morremos no pélagos sob bárbaras espadas.

Um túmulo contudo ergueu-me o irmão: Sou Epafris,
 duas décadas e três biênios vivi ao longo dos anos.

O verbo προμάχω é usado, e traduzido, normalmente, na acepção de “liderar”, sentido mais próximo de ἄρχω (como, p. ex., em ἄρχων, o arconte, i.e., líder político de Atenas, ou então em πολέμαρχος, líder, senhor da guerra). No entanto, a acepção principal de προμάχω é *lutar à frente* (πρός μάχομαι). Os πρόμαχοι eram os soldados que ficavam na primeira fileira de uma falange, expõe-se a um risco maior, mas também recebendo as maiores honrarias, quando exitosos.

2.2 - χρυσοφόρων Μήδων ἐστόρεσαν δύναμιν:

a. χρυσοφόρων: No imaginário grego, a Ásia sempre esteve ligada à idéia de uma terra rica em ouro, especialmente a Lídia. Começando pelo mito de Midas, o qual, ao perceber o caráter punitivo de seu dom, de transformar tudo aquilo que tocava em ouro, recebera de Dioniso, o mesmo deus que o agraciara, a ordem de lavar-se no

Pactolo, rio que dividia Sárdis, a fim de transferir seu poder às águas que, desde então, tornaram-se auríferas. O próprio Midas seria consorte da deusa Cibele, cujas imagens e sacerdotes (os coribantes) normalmente eram descritos como χρυσόφοροι⁶⁶; ele, segundo a tradição, teria dedicado o trono dourado, sobre o qual pronunciava seus julgamentos, ao tesouro dos Coríntios, em Delfos, para onde outro rei da Lídia, Giges, dessa vez um personagem histórico e também uma figura proverbial em virtude de sua riqueza⁶⁷, enviaria inúmeros presentes, incluindo seis crateras de ouro maciço cujo peso chegava a sessenta talentos (≈ US\$ 13.000.000,00 de acordo com a cotação média de 2006). Os sacerdotes e a população local referiam-se a esses objetos como o “Tesouro Gigiano”⁶⁸.

Sobre a quantidade de ouro presente no butim obtido em Maratona, uma passagem na *Vida de Aristides* (5.4-6) de Plutarco, pode nos dar uma idéia aproximada que faz jus ao epíteto usado no epigrama:

(...) πλὴν εἴ τινες ἐκεῖνον λαθόντες ὠφελήθησαν: ὧν ἦν καὶ Καλλίας ὁ δαδοῦχος ὧν ἦν καὶ Καλλίας ὁ δαδοῦχος· τούτῳ γάρ τις ὡς ἔοικε τῶν βαρβάρων προσέπεσεν, οἰηθεὶς βασιλέα διὰ τὴν κόμην καὶ τὸ στρόφιον εἶναι· προσκυνήσας δὲ καὶ λαβόμενος τῆς δεξιᾶς, ἔδειξε πολὺ χρυσίον ἐν λάκκῳ τινὶ κατορυγμένον· ὁ δὲ Καλλίας ὠμότατος ἀνθρώπων καὶ παρανομώτατος γενόμενος, τὸν μὲν χρυσὸν ἀνείλετο, τὸν δ' ἄνθρωπον, ὡς μὴ κατεῖποι πρὸς ἑτέρους, ἀπέκτεινεν. ἐκ τούτου φασὶ καὶ λακκοπλοῦτους ὑπὸ τῶν κωμικῶν τοὺς ἀπὸ τῆς οἰκίας λέγεσθαι, σκωπτόντων εἰς τὸν τόπον ἐν ᾧ τὸ χρυσίον ὁ Καλλίας εὗρεν..

(...) *exceto aqueles que, escapando de sua vigilância [de Aristides], obtiveram lucro para si próprios: um desses foi Calias, o cocheiro*⁶⁹. *De fato, desse, segundo contam, um dos bárbaros [deixados vivos]*

⁶⁶ Alex. Trag. fr. 9.3: κερνᾶς ἦν τις ἂν ἡ βακέλας | χρυσοφόρος κτλ.

⁶⁷ Arquíloco, 19 IEG²: οὐ μοι τὰ Γίγεω τοῦ πολυχρύσου μέλει κτλ.

⁶⁸ Heródoto 1.14 e ss.

⁶⁹ Esse Calias, filho de Hipônico, distinguiu-se como guerreiro na Batalha de Maratona, onde lutou paramentado em trajes sacerdotais. Era famoso por seu estilo *flamboyant*. A família traçava sua linhagem até o herói Triptolemus e há muito detinha o cargo hereditário de Carregadores da Tocha nos Mistérios Eleusinos. Em 449 foi designado como embaixador para a Pérsia e negociou com Artaxerxes a famosa “Paz de Calias”. Foi o avô e xará do anfitrião de Sócrates no *Protágoras*, de Platão e no *Banquete*, de Xenofonte.

se aproximou e, tomando-o por um rei, devido a longa cabeleira e à tiara, ajoelhou-se frente a ele e, erguendo a mão direita, mostrou-lhe um poço repleto de ouro que havia sido escondido sob a terra. Calias, o mais selvagem dos homens e o maior criminoso já visto, tomou o ouro, mas o homem assassinou, para que não revelasse seu segredo aos outros. Por causa disso seus descendentes são chamados poço-ricos pelos poetas cômicos, devido ao local de onde Calias tirou sua fortuna.

Ainda, nos *Persas*, de Ésquilo, o ouro é um elemento característico dos personagens-título, onde os aposentos (ἔδρανοι) castelo do rei são, já na terceira linha, caracterizados como πολυχρύκοι. Na linha nove, o próprio exército recebe esse epíteto e, no verso 79, o rei é chamado de χρυσογόνου γενᾶς ἰκόθεος φύς, i.e., *rebento divino de uma geração de ouro*, numa referência à linhagem de Xerxes, descendente de Perseu, filho de Dânae, cujo pai, Zeus, uniu-se a ela na forma de uma chuva de ouro. Outras referências ao ouro aparecem nos versos 45, qualificando Sárdis e 53, para a Babilônia.

b. Μήδων, gen. pl. de μῆδος: Na mitologia, os Medos (ou *Medas*, como muitas vezes é transcrito⁷⁰) seriam os descendentes de Medeia. Heródoto (7.62), no entanto, nos informa que estes eram conhecidos como *Arianos*, e que só mudaram seu nome *após* a chegada de Medeia na Cólquida. Seja como for, quando da escalada ao poder de Ciro, o Grande, os medos foram incorporados ao império aquemênida. Essa incorporação no entanto não significou uma aculturação. Os medos eram bastante respeitados na corte de Ciro e, subseqüentemente, de seus descendentes; vestiam-se de modo singular e eram facilmente identificáveis pelos saíotes de couro, o capuz de feltro e as botas pontudas, como aparecem no mural de Behistun. Embora os gregos soubessem diferenciar medos de persas, era comum o intercâmbio dos substantivos para se referir indistintamente a ambos e a

⁷⁰ Curdo Medya; persa, مادها /Mādihā/.

seus aliados. Muito rapidamente difundiu-se um verbo formado a partir do substantivo, μηδίζω, cujo significado abrangia desde demonstrar simpatia por, até aliar-se àqueles. O medismo era punido com a morte na maioria dos estados aliados contra os aquemênidas.

c. ἐστόρεσαν δύναιμι: ind. aor. 3ª p. plural de στορέννυμι⁷¹. O sentido geral desse verbo é “aplainar”, “tornar plano” e, daí, “assolar, aniquilar, aviltar”, aparecendo primeiramente em Homero, *Odisséia* 3.158, αἱ δὲ μάλ' ὥκα ἔπλεον, ἐστόρεσεν δὲ θεὸς μεγακήτηα πόντον, “rapidamente navegamos, pois um deus aplainou o cavernoso mar”. O sentido é facilmente apreendido por passagens como Εὐτηλῇ πλάτανόν με Νότου βαρυλαίλαπες αὔραι | ῥίζης ἐξ αὐτῆς ἐστόρεσαν δαπήδοις, “os violentos ventos tempestuosos do Noto | derrubaram-me, um plátano, por terra”⁷². Ainda, de fontes epigráficas, dois exemplos são dignos de nota: οἱ δ' <α>ὕτοι δάπεδον πυ[κ]ινοῖς στο[ρ]έσαν<τ>ο [λί]θοῖσιν, | καὶ βωμοὺς ἱε[ροῦ]ς τεῦξ[α]ν [ἐαῖς δα]π[ά]ναις⁷³, “eles mesmos pela terra espalharam pedras compactadas | e altares sagrados fizeram por meio de sua riqueza” e, de um modo muito semelhante ao empregado acima, no epitáfio de Tertílio⁷⁴, da cidade de Pisidia, na Ásia Menor, πάντη μὲν κ[ῶ]δος Τερτύλλου [πρίν ποτ' ἀγαστὸν] | ἔκ τε σοφῶν ἔργων ἔκ τε ἀγαθῶν πατέρων· | νῦν δ' ἔτι που καὶ μᾶλλον, ἀρηιφίλων ὅτε φωτ[ῶν] | τόσσην ἐν σταδίοις ἐστό[ρ]εσεν στρατι[ήν] | ἄρκτ[ο]υς πορδά[λι]άς

⁷¹ Cf. sânscrito सक् /stṛi/, latin *sternō* e inglês *strew*.

⁷² AG 9.247.

⁷³ IG XII, 5.229.

⁷⁴ CIG 4377.

τε κατέ[κ]τανεν ἡ[δ]ὲ λέ[οντας] κτλ., “se por toda terra já foi um dia a excelência de
Tertílio digna de admiração | por suas belas ações e a de seus nobres antepassados
| agora, mais do que nunca ela é sentida, de mortais filopugnazes um exército no
estádio aniquilou | ursos cinzentos chacinou e também leões”.

Posfácio

But again (the question comes back and back), Are we reading Greek as it was written when we say this? When we read these few words cut on a tombstone, a stanza in a chorus, the end or the opening of a dialogue of Plato's, a fragment of Sappho, when we bruise our minds upon some tremendous metaphor in the Agamemnon instead of stripping the branch of its flowers instantly as we do in reading Lear—are we not reading wrongly? losing our sharp sight in the haze of associations? reading into Greek poetry not what they have but what we lack? Does not the whole of Greece heap itself behind every line of its literature?

V. Woolf, *On not Knowing Greek*

Ao longo dessa dissertação tentamos construir, em miniatura, aquilo que mais nos faz falta quando lemos qualquer linha tirada da literatura grega antiga: um contexto, uma moldura, um pano de fundo contra o qual possamos enquadrar nosso entendimento. Embora nosso conhecimento de inúmeros e intrincados detalhes concernentes à evolução da língua grega e à própria língua em si seja tão extenso, ou mais, que aquele possuído por seus falantes nativos (com a espetacular exceção do campo prosódico), ainda que a Arqueologia e a História nos presenteiem a cada dia com a descoberta de uma nova pedra advinda da Ágora ou com o conhecimento das exaustas brasas de Herculano, onde a crônica dos séculos dorme um orgânico sono de pedra, ainda assim quão parcamente somos capazes de integrar esse conhecimento para construir aquele mundo perdido onde Homero, Sófocles, Ésquilo e tantos outros mestres em sua arte, fulguravam aventuradamente ignorantes do *New Criticism* ou de Bakhtin.

À literatura antiga coube o triste destino de, recebendo-a nua como a uma cativa, a vestirmos com as roupas de nossa própria era e de, calando-a, fingirmos falar dela enquanto falamos de nós mesmos. Talvez façamo-lo inconscientemente, talvez esse fado inexorável advenha-lhe de sua natureza de esfinge e, para não ser

devorados, apressamo-nos em decifrá-la ou pelo menos cremos fazê-lo. Poucas vezes, no entanto, nos damos conta do processo pelo qual passamos ao ler, digamos, um texto de um epigrama que nos tenha chegado através da Antologia Palatina ou um poema de Safo, tão entranhado está em nós esse modo de abordarmos a literatura grega e, em menor medida, a latina, como se lêssemos algum contemporâneo ou, no máximo um grande clássico do humanismo renascentista. Se, por outro lado, somos advertidos ou nos inteiramos de que para os gregos a *ocasião*, mais do que o assunto ou as palavras, determinava o verdadeiro caráter de uma obra, então muitos perdemos o interesse e vemos nos gregos um artificialismo e um maneirismo que nos repele.

É compreensível, no entanto, que assim seja. Frente ao mosaico deteriorado que chegou até nós do que um dia foi a glória da Hélade, frente às suas lacunas, ao grafite imposto pela mão de inúmeros anônimos, nossa mente ou desanima ou força-se a preencher os espaços. É típico da mente humana preencher espaços, algo que os *behavioristas* chamariam de “capacidade de inferência”, uma faculdade que, embora muitas vezes nos dê asas para ir do conhecido ao desconhecido, outras vezes no faz tropeçar no degrau que, tateando com os pés no escuro, críamos estar ali, mas que não estava. Pagamos um preço por nossa imaginação, ao menos se não quisermos domá-la com os freios com que nos muniu a Ciência, essa neurótica arte de só levantar um pé quando o outro já estiver calçado. Há duas alternativas, no entanto, a seguir frente ao mosaico em ruínas: podemos preenchê-lo com as “pedrinhas” que trouxemos em nossos bolsos, imaginando que o fazemos seguindo a idéia pretendida por seu autor, ou podemos *baixar* nossa vista e, procurando no chão, tentar recuperar algumas das pastilhas misericordiosamente salvas da destruição e do tempo.

Minha atitude ao longo dessa dissertação foi, em grande medida, um exercício para tentar me ater a segunda opção ao máximo possível. Acredito que os elementos teóricos de que dispomos só podem nos ser úteis se tivermos algo com o que associá-los. Esses elementos são capazes de nos dizer se o caminho que estamos seguindo é o correto ou não, mas eles não podem *reconstruir* o próprio caminho ou, pior ainda, substituí-lo. Isso é particularmente verdade quando lidamos com inscrições epigráficas, cuja função principal como μνῆμα é, ou era, justamente a de *lembrar* ou *trazer* à lembrança uma determinada situação e/ou evento, desligado do qual a inscrição em si tinha pouco, se alguma, utilidade. Assim, se tomarmos da *Antologia Palatina* um determinado epigrama funerário, como por exemplo, sobre um jovem chamado Teodoro (Sim LXXIX FGE):

χαίρει τις, Θεόδωρος ἐπεὶ θάνον: ἄλλος αὐτῷ
 χαίρήσει. θανάτῳ πάντες ὀφειλόμεθα.
 Alegra-se alguém porqu'eu, Teodoro, morri; outro
 por esse irá se alegrar: todos devemos à morte.

Nunca poderemos esquecer que o mencionado em questão foi uma pessoa real, como qualquer um de nós, e não um mero personagem criado pela imaginação do poeta, que seu epitáfio servia para perpetuar não só sua memória entre seus descendentes, mas toda a circunstância que o levou a ela. Destarte, embora saibamos o nome do morto, todavia desconhecemos informações vitais à que a inscrição faz menção: quem é esse “alguém” e por que ele se alegra com a morte de Teodoro? qual o motivo de clara amargura presente nas palavras do morto (“*the fact that all men must die has no connection with what precedes*”¹)? o que fizera em vida, qual sua história? O tom patético do epigrama não nos leva além da superfície de

¹ Page (1981), p. 297.

seu verdadeiro caráter e é muito, muito improvável que algum dia sejamos capazes de saber algo mais de Teodoro, o que sói acontecer com inscrições privadas. A simples mudança de atitude, porém, implicada por sabermos que lemos o *testamento* de alguém para o futuro, pode e deve mudar o modo como nos posicionamos frente ao dístico. Esse acordar para o que lemos coloca as palavras da inscrição sob outra luz: ela nos imbui de respeito e de reverência por Teodoro e, por meio disso, somos alçados da mera leitura leviana, literária, distante e, por um breve momento, compadecemos-nos com o morto.

Todos os epigramas analisados nessa dissertação, ao contrário de inscrições privadas, estavam ligados à vida da comunidade onde foram produzidos e àquelas ocasiões para as quais foram gravados, as quais *re*-memoravam e que, nas grandes celebrações da *pólis*, também *co*-memoravam. Os eventos a que fazem referência são de enorme importância não só para essas comunidades originárias, mas para toda a Grécia: a morte dos tiranos e o fim de seu governo despótico, duas batalhas decisivas na instauração da tirania e independência ateniense do jugo espartano, a batalha de Maratona, a heroização dos Tiranícidias. Ler essas inscrições simplesmente como obra de arte (que indiscutivelmente são) é apreender muito pouco de seu sentido e de sua natureza, ainda mais quando os elementos que permitem reconstruir suas ocasiões de performance podem, com maior ou menor grau de sucesso, ser recuperados e recontextualizados em torno do epigrama. Mesmo onde a incerteza nos ataca por todos os lados podemos ter um breve vislumbre da natureza desses *monumentos*, o que poderá servir, senão para nos dizer o que são, certamente para aclarar nossa idéia sobre o que não poderiam ter sido e, embora essa não seja a melhor das situações, é a mais saudável, a mais respeitosa para com essas vozes do passado.

A pesquisa filológica em literatura clássica, principalmente aquela pesquisa de edição de textos antigos, nos obriga a adotar uma posição de extrema humildade frente à nossa capacidade como pesquisadores e com relação àqueles que nos precederam; entender nossa posição frente a esse cânon de vozes talvez pudesse nos fazer mudar nossa atitude com relação ao clássicos, talvez pudesse fazer com que, ao invés de vestirmos a literatura grega com nossas roupas, nos levasse a despirmo-nos frente a por vezes desconcertante nudez daquela e, assim, numa sincera conversa de corpos, pudesse nos ajudar a apreender um pouco daquela indômita natureza que nunca se nos submeterá.

Talvez seja isso a que V. Woolf - claramente exasperada em seu desejo por apreender aquilo que amava e que, no entanto, lhe fugia - esteja se referindo no texto citado na epígrafe. Um pouco antes, na introdução a esse ensaio (aliás sugestivamente recolhido em uma coleção intitulada *The Common Reader*), já começava por nos advertir que *"it is vain and foolish to talk of knowing Greek, since in our ignorance we should be at the bottom of any class of schoolboys, since we do not know how the words sounded, or where precisely we ought to laugh, or how the actors acted, and between this foreign people and ourselves there is not only difference of race and tongue but a tremendous breach of tradition. All the more strange, then, is it that we should wish to know Greek, try to know Greek, feel for ever drawn back to Greek, and be for ever making up some notion of the meaning of Greek, though from what incongruous odds and ends, with what slight resemblance to the real meaning of Greek, who shall say?"*.

Robert de Brose,

Universidade de São Paulo, abril de 2008.

Apêndice A

Tradução dos Fragmentos do *Corpus*

Epigramas e Novos Fragmentos

1. Antes de Maratona:

I FGE

ἦ μέγα Ἀθηναῖοι φόως γένεθ' ἡνίκ' Ἀριστο-
γείτων Ἴππαρχον κτεῖνε καὶ Ἀρμόδιος·

[]

[πα]τρίδα γῆν ἐθέτην.

Verdadeiramente ampla luz raiou aos Atenienses quando Aristogíton matou Hiparco [em conluio com] Harmódio.

[]

[(isônoma?) a terra pátria assentaram.

II FGE

Δίρφυος ἐδμηθημεν ὑπὸ πτυχί, αἷμα δ' ἐφ' ἡμῖν
ἐγγύθεν Εὐρίπου δημοσίαι κέχυται·

οὐκ ἀδίκως, ἐρατὴν γὰρ ἀπολέσαμεν νεότητα

τρηχεῖαν πολέμου δεξάμενοι νεφέλην.

Domados sob um vale de Dírfos, um outeiro sobre nós,

perto do Euripo, às expensas públicas, foi erguido:

Não injustamente, pois a amável juventude arruinamos,

Aceitando do combate a áspera nuvem.

III FGE

δεσμῶι ἐν ἀχνυόεντι σιδήρῳι ἔσβεσαν ὕβριν

παῖδες Ἀθηναίων ἔργμασιν ἐν πολέμου

ἔθνεα Βοιωτῶν καὶ Χαλκιδέων δαμάσαντες·

τῶν ἵππους δεκάτην Παλλάδι ταδ' ἔθεσαν.

Em lúgubres grilhões de ferro, extinguiram-lhes a soberba,

Os filhos de Atenas, nos trabalhos de guerra,

Dominando hordas de Beócios e de Calcídios :

Disso, c'ò dízimo ergueram à Palas essas éguas.

1.1 Maratona

XX FGE

(a) ἀνδρῶν τῶνδ' ἄρετῇ[ς ἔσται κλέ]ος ἄφθι[τον] αἰεῖ

[.]ρ[] νέμωσι θεοί·

ἔσχον γὰρ πεζοί τε [καὶ] ὠκυπόρων ἐπὶ νηῶν

Ἑλλά[δα μ]ὴ πᾶσαν δοῦλιον ἦμαρ ἰδεῖν.

(b) ἦν ἄρα τοῖς ἀδάμ[αντος ὑπέρβιον ἦτορ] ὅτ' αἰχμὴν

σῆσαν πρόθε πυλῶν αν[

ἀγχίαλον πρῆσαι ρ[c. xix litt.]

ἄστυ, βίαι Περσῶν κλινάμενο[ι προμάχους].

Destes homens a fama da virtude será imperecível sempre,
 porquanto concedam os deuses []:
 pois evitaram, tanto em terra quanto sobre naves velozes,
 que a Grécia toda visse o dia da escraviodão.

Era-lhes por certo adamantino o soberbo coração, quando a lança
 ergueram à frente dos portões []
 [] queimar a costeira
 cidade, à força rechaçando os guerreiros persas.

XXI FGE

Ἑλλήνων προμαχοῦντες Ἀθηναῖοι Μαραθῶνι

Χρυσοφόρων Μήδων ἐστόρεσαν δύναμιν.

Os atenienses lutando à frente dos Gregos em Maratona
 o poderio dos auríferos medos assolaram.

1.3 Cabo Artemísio

1.3.1 Novos fragmentos elegíacos: Pap. Oxy. 2327 e 3965 (ed. IEG II² West)

2W²

·]καυχ . .[

·]εμ αχ[

·].ο τεε[

·]βί ας α[

·]μεγαλαφ[

·]εχει .[

·]. .[] .[

(vazio?)

lutar(...)

(...)

violência (*acc.*)

grades feitos p(...)

(...)

(...)

3W²

·]ρ[

·]νεριων[

·]ν· ανδρ.[

ἀθανάτων] ἰό.τητι· τι[

Ζήτην καὶ] Κάλαι.[ν

·]εἰ.θ.ε[]χ[

·]ι. ἐξ ἐρέβεσσ[

·]ε δῶρο[ν

·]εων δ[

·]αφοι.ι.θ[

·]ι.ητ' ἡυ[κόμοιο] κόρ[ης

θάλ]ακκαν ὑ[πὸ] τ[ρ]υγός· α

· ἀγ]λαόφημον ἀλά[

·]ων· τίνα δ[.]·λ.ωπ[

·]ω.τεχ[]ενον[

·]·.[

(r)

(...)

(...) verão (...)

pelo desejo dos imortais (...)

Zetes e Calaïs (...)

(...) vier (a ti?) (...)

(...) do Êreboç (...)

(...) presente (...)

(...) velozes (...)

(...) jovem menina de belas tranças (...)

(...) sob a espuma do mar (...)

(...) do mar, esplendente fama (*acc. obj de verbo*)

(...) quē... (...)

(...)

(...)

4W²

·].[

·].[

·].παυθυμω[ι]ç[

·]ξ ἄνθρωποψ[

·].[]εφορμηθ[

·]χέρων διέπω[ν

·]. ἔχθεοç αç[

·]..α[]κον β(,)[]ρέ[

·]..κξ[. . . .]..νον.[

·]ηα δολ[

·]ῥμον ξ[

·]ξινον[

(...)

(...)

(...) (com todo o coração?)

(...) homem (*acc.*)

(...) muraram (...)

(...) conduzindo por terra (...)

(...) odioso (...)

(...)

(...)

(...) (dolo?) (...)

(...) (porto?) (...)

(...)

b. Epigramas

XXIV FGE

Παντοδαπῶν ἀνδρῶν γενεὰς Ἀσίας ἀπὸ χώρας

Παῖδες Ἀθηναίων τῷδέ ποτ' ἐν πελάγει

Ναυμαχία δαμάσαντες· ἐπεὶ στρατὸς ὤλετο Μήδων

σήματα ταῦτ' ἔθεσαν παρθένω Ἀρτέμιδι.

A uma geração de varões de todo tipo da terra da Ásia,

Os filhos de Atenas, um dia, aqui neste pélado,

em naumaquia dominaram. Após destruir o exército medo

essas oferendas à virgem Ártemis dedicaram.

1.4 Salamina**Sim. XIX FGE**

Δημόκριτος τρίτος ἦρξε μάχης, ὅτε παρ Καλαμῖνα

Ἑλλήνες Μέδοις κύμβαλον ἐν πελάγει·

πέντε δὲ νῆας ἔλεν δηίων, ἐκτὴν δ' ὑπὸ χειρός

ρύσατο βαρβαρικῆς Δωρίδ' ἀλικομένην.

Demócrito foi o terceiro a liderar a batalha em Salamina

quando Gregos e Medos colidiram no pélagos:

cinco naves tomou do imigo, uma oitava de sob a mão

bárbara, dória cativa, reconduziu à liberdade.

1.5 Platéia

1.5.1 Novos fragmentos elegíacos, 10-18W²: Pap. Oxy. 2327 e 3965 (ed. IEG II² West)

(Obs. De acordo com West (IEG II²) os fragmentos 10 a 17 (talvez também o 18) fariam parte de uma mesma e única elegia à batalha de Platéia. A tradução completa encontra-se, portanto, a partir do final do texto grego desses fragmentos aqui reunidos).

(10W²) ·]υχν[

 (·) πατή]ρ προπάτω[ρ τε

 (·)].θωνην c[

μελε]τῶν ὑπὲρ ἡμ[ετέρων

 κούρης εἶν]αλῆς ἀγλαόφη[με πάι

 (·)]ησι[

(11W²) πα[. . .] c[

 ἧ πίτυν ἐν βήc[αιc

 ύλοτόμοι τάμ[νωcι

 πολλὸν δ' ἥρωc c[

 ·]οc λαὸν[

· Πατρ]όκλου cα[
 οὐ δὴ τίς c' ἐδ]άμασεν ἐφ[ημέριος βροτὸς αὐτός,
 ἀλλ' ὑπ' Ἀππόλλ]ωνος χειρὶ[τυπεῖς ἐδάμης
 ·]ξεουσαπ. [. (,)]cτ[
 · Πριάμου παισὶ χ]αλεπτ]ομ[εν
 εἶνεκ' Ἀλεξά]νδροιο κακόφρ[ονο]ς, ὥς. ς . [
 ·]. θείης ἄρμα καθεῖλε δίκ[ης.
 τοὶ δὲ πόλι]ν πέραντεσσ αἰοῖδιμον [οἴκαδ' ἴ]κοντο
 ·]ων ἀγεμάχοι Δαναοί[,
 οἷσιν ἐπ' ἀθά]νατον κέχυται κλέος ἀ[δρός] ἔκητι
 ὅς παρ' ἰοπ]λοκάμων δέξατο Πιερίδ[ων
 πᾶσαν ἀλη]θείην, καὶ ἐπώνυμον ὀπ[λοτέρ]οισιν
 · ποίηc' ἡμ]ιθέων ὠκυμορον γενεή[ν.
 ἀλλὰ cὺ μὲ]ν νῦν χαῖρε, θεᾶς ἐρικυ[δέος υἱέ
 · κούρης εἰν]αλίου Νηρέος· αὐτὰρ ἐγῴ
 κικλήσκω] c' ἐπῖκουρον ἐμοῖπ[ολυώνυμ]ε Μοῦσα,
 εἴ περ γ' ἀν]θρώπων εὐχομένω[ν μέλαι·
 ἔντυνο]ν καὶ τόνδ[ε μελ]ίφρονα κ[όσμον αἰο]δῆς
 ἡμετ]έρης, ἵνα τις [μνή]cεται ὕ[

ἀνδρῶ]ν, οἱ Σπάρτ[η δούλιον ἦμ]αρ

.]ἀμυν [] . . []ω[

οὐδ' ἄρε]τῆς ἐλάθ[οντο]ν οὐρανομήκ]ης

· καὶ κλέος ἀ]νθρώπων [ἔσσετ]αι ἀθάνατο<ν>.

οἱ μὲν ἄρ' Εὐ]ρώταν κα[ὶ Σπάρτη]ς ἄστυ λιπόντ[εσ

· ὥρμηκαν] Ζηνὸς παισὶ σὺν ἵπποδάμοις

Τυνδαρίδῃ]ς ἥρωσι καὶ εὐριβίῃ Μενενλάω[ι

·πατ]ρώης ἡγεμόνες π[ό]λεος,

τοὺς δ' υἱὸς θείοιο Κλεῤ]μβ[ρ]ότου ἔξ.[α]γ' ἄριστ[οσ

·]αγ. . Πausanίης.

·] . καὶ ἐπικλέα ἔργα Κορίν[θ]ου

·]Τανταλίδῃ] Πέλοπος

· Ν]ίσου πόλιν, ἐνθά περ ὡ[λλοι

·]φυλα περικτιόνων

·θεῶν τεράε]ςσι πεποιθότε, οἱ δὲ συν[

ἶκον Ἐλευσῖνος γῆς φ]ρατὸν περδίον

· Παν]δίονος ἐξε[λάσας]ντες

· μάν]τιος ἀντιθέου[

·].c δαμάσαντ[

·	]. ἰ εἶδομε[
·	ὦ]νυμον α. [
(12W ²)	].[
	]δερ. [
	]τεκ. []τα[
	].[
(13W ²) ·	]θεα[
·	]περ[
·	]πτο[
·	]ετερη[
·	]κουφ[
· θ[	]πτολε[μ
· τα. []αρα[	
· ὄφρ' ἀπὸ μὲν Μήδ[ων	
· καὶ Περσῶν, Δώρου δ[ὲ	
· παισὶ καὶ Ἡρακλῆος [	
· οἷ] δ' ἐπεὶ ἐς πεδῖον [	
· εἰ]ρωπιοὶ δ' ἔφ[α]νε[	
	]πεστε[.]οντ[

παντοίης ἀρετῆς ἱδριες ἐν πολέμῳ,

οἳ τε πόλιν Γλαύκοιο Κορίνθιον ἄστὶ νεμόντες·

(16W²) ·(*pergit Plutarchus*) κάλλιστον μάρτυν ἔθεντο πόνων,

χρυσοῦ τιμήεντος ἐν αἰθέρι· καὶ αἴφιν ἀέξει

αὐτῶν τ'εὐρεῖαν κληδόνι καὶ πατέρων

·]πολυ[

(17W²) Δημητ[

χ[ρ]ῆμα δ[

φη δὲ δυ[

ἄγρετο αἴ[

δηρὸν [

τοὺς α[

ρύσιον[

καὶ μ[

καὶ μ[

δαί. .[

θηευμη[

η[.]εου α[

α[ύ]ς ἴσχε[

ἀλλ' ἐτῆ[

ησπαι[

φρικωθ[

σπευδον[

ἐν λεκτ[

ξείνου ῥ[

ἐρχομε[

φηδε. [

χρ[

.]. φ[

αλλ[

(18W²) ·]ει[

·] ἐλπιδ[

·]ντις[

·]!μαχη[

·]λων καλο[

·] οὐδεμ[

·]. ἔκυδα[ιν

(10W²) (...)

(...) pai e avô (...)

(...) (Metone[?]) (...)

(...) pelas nossas canções (...)

Ó filho da jovem marinha, [que tens] esplêndida fama

(...)

(11W²) abat(eu [?]) (...)

ou como um pinheiro na pradaria (...)

(quando? sempre que?) cortem os lenhadores (...)

e muito (?)(...)

o povo (...)

(...) de Pátroclo (?)(...)

Nunca alguém te venceu, [que fosse], ele mesmo, um efêmero mortal

mas pela mão de Apolo caíste vencido

(...) estando[?] [*part. fem.*]

(...) destruímos com os filhos de Príamo

por causa do ânimo infesto de Alexandre, que (como [?]/ a fim de que [?])

(...) o carro da justiça divina o abate (...)

então, após queimar a cidade nutriz de canções, à casa voltam

(dos heróis?) Dânaos que lutam lado a lado

sobre eles recai a fama imortal graças ao homem

que das Musas da Piéria, cabelos entrelaçados de violetas

recebeu toda a verdade, e guardou o nome da raça de breve vida

dos semideuses às gerações vindouras.

Mas já adeus! ó filho da célebre deusa, jovem menina

do marinho Nereu: mas agora eu (...)

Clamo para que sejas minha ajudante (...) Musa [rica em hinos [?]],

se é que pelos homens te importas, suplicantes.

Dispões este melífluo arranjo de nossa canção

a fim de que alguém a lembre [dos homens do porvir [?]] (...)

dos homens (...) os que em Esparta (...) o dia da escravidão

(afastando?)

nem de sua virtude olvidaram-se (...) que chega ao céu

e a fama dos homens será imorredoura

aqueles que, o Eurotas e a cidade de Esparta deixando,

partiram com os filhos de Zeus, domadores de cavalos

e c'os heróis Tindaridas e co'o mui bravio Menelau

(...) capitães da pátria cidade (...)

guiados pelo divino filho de Cleômbroto

excelente (...) Pausânias.

(...) e os afamados feitos de Corinto

(...) de Pélops, filho de Tântalo,

(...) e a cidade de Nissa, onde os outros

(...) descendência dos habitantes

(...) convencidos (pelos sinais [?]) dos deuses, eles então (...)

(...) foi à agradável planície de Elêusis.

(...) de Pandión, expulsando.

(...) profeta divino (...)

(...) dominando (...)

(...) vimos (soubemos [?])

(epônimo [?])

(12W²) (*fragmento 12 totalmente ininteligível*)

(13W²) (...)

(...)

(cidade)

(...)

(rápido/a [?])

(da guerra [?])

(...)

para que dos Medos

e dos Persas, e de Doros (...)

e também os de Hércules (...)

após adentrar a planície (...)

à vista apareceram (...)

(...)

(14W²) lançamos (?) (avancamos [?] / contrapomos [?])

eu digo que (através [?]) do rio (...)

(...), primeiramente, (com fúria)

terrível mal e inelutável

(...) vitória, cuja lembrança por todos os dias (permanece [?])

(...) expulsará da Ásia, [quando] concordar (?) (...)

(...) querendo uma coalizão

(...) pois (lançará?) os alicerces (a base?)

(...)

(15W²) os que habitam no centro do Épiro de muitas fontes

conhecedores de todas virtudes na guerra,

e aqueles que residem na cidade de Gláuco, Corinto:

(16W²) (...) para si o mais belo testemunho de seus esforços

estabeleceram, um que vale como glorioso ouro no céu

e faz raiar sua vasta fama e a de seus pais

(muito.. [?])

(17W²) Demet(er[?]) (...)

coisas (tesouro[?] propriedade[?]) (...)

ele disse (...)

provocou ([?])(...)

longamente (...)

a esses (a eles[?])

libert(...)

e (...)

também (...)

(...)

(o olhar[?] maravilha[?])

(...)

não (suportaram[?])

mas (é um fato/ é verdadeiro... “etét[ymos/a]” [?])

(lutaram[?])

(tementes[?])

esforç(...)

na (reunião[?])

do estrangeiro ([?])

cheg(...)

coisas([?])

(...)

mas([?])

(18W²) (...)

esperan(...)

(...)

luta(...)

(...)belo(...)

(...)(nenhum/a, nada[?]) (...)

(...) (fama[?]) (...)

b. Epigramas

Sim. XV FGE

τόνδε ποθ' "Ἕλληνες Νίκης κράτει, ἔργω Ἄρηος

[εὐτόλμῳ ψυχῆς λήματι πειθόμενοι,]

Πέρσας ἐξέλάσαντες ἐλευθέρα Ἑλλάδι κοινόν

ἰδρύσαντο Διὸς βωμὸν Ἐλευθερίου.

Outrora os helenos, pelo poder da Vitória e a lida de Ares,

Persuadidos pelo corajoso impulso de [suas] alma[s],

Expulsando os persas, à Grécia Liberada este altar comum

instituíram em honra a Zeus, o Doador de Liberdade.

1.6 Celebrações de Vitória e Conquistas Cimonianas

Sim. XVII FGE

(a) Ἑλλάνων ἀρχαγός, ἐπεὶ στρατόν ὥλεσε Μήδων,

Παυσανίας Φοίβῳ μνᾶμ' ἀνέθηκε τόδε.

(a) O general dos gregos, após destruir o exército Medo,

Pausânias, a Febo dedicou este monumento.

(b) Ἑλλάδος εὐρυχόρου σωτῆρες τόνδ' ἀνέθηκαν

δουλοσίνης στυγεράς ρυκάμενοι πόλιας.

(b) Os salvadores da vasta Grécia este erigiram

após liberar a cidade da odiosa escravidão

XL FGE

Captura da Éione, 475 a.C.

(a) ἔκ ποτε τῆσδε πόλιος ἄμ' Ἀτρεΐδῃσι Μενεσθεύς

ἡγεῖτο ζαθεὸν Τροϊκὸν ἐς πεδῖον,

ὅν ποτε Ὀμηρος ἔφη Δαναῶν πύκα θωρηκτάων

κομμητῆρα μάχης ἔζοχον ὄντα μολεῖν

οὕτως οὐδὲν ἀεικὲς Ἀθηναίοισι καλεῖσθαι

κομητὰς πολέμου τ' ἄμφι καὶ ἡγορέης.

(b) ἦν ἄρα κάκεῖνοι ταλακάρδιοι, οἳ ποτε Μήδων

παισὶν ἐπ' Ἡΐονι Στρυμόνος ἄμφι ῥοάς

λιμόν τ' αἰθωνα κρυερὸν τ' ἐπάγοντες Ἄρηα

πρῶτοι δυσμενέων εὖρον ἀμηχανίην.

(c) ἡγεμόνεσσι δὲ μισθὸν Ἀθηναῖοι τάδ' ἔδωκαν

ἀντ' εὐεργεσίας καὶ μεγαλῶν ἀγαθῶν.

μᾶλλον τις τάδ' ἰδὼν καὶ ἐπεσσομένων ἐθελήσει

ἄμφι περὶ ξυνοῖς πράγμασι δῆριν ἔχειν.

(a) Certa vez, desta cidade, junto aos Atridas, Menesteu

fez frente em direção à sagrada planície de Tróia:

ele, disse Homero, dos chefes Dânaos de densa armadura,

foi o mais eminente em combate a ter partido.

assim, não é imodéstia chamar os Atenienses de chefes

no que concerne às artes viris e à guerra.

(b) E, certo, era-lhes obstinado o coração, os que sobre os filhos

dos medos, em Éione, junto à corrente do Estrímon,

causticante co'a fome e enregelante co'a guerra avançando,

foram primeiros em descobrir, do inimigo, a impotência.

(c) E aos generais, como paga, os Atenienses estas conferiram

em troca de bons-esforços e grandiosos benefícios.

Mais quererá alguém do porvir, a estas contemplando,

pelo bem de ações comuns, em contendadas engajar-se.

XLV FGE

Batalha de Chipre 450/49 a.C.

ἐξ οὗ τ'Εὐρώπην Ἀσίας δίχ'α πόντος ἔνειμεν

καὶ πόλιας θνητῶν θοῦρος Ἄρης ἐπέχει,

οὐδέν πω τοιοῦτον ἐπιχθονίων γενετ'ἀνδρῶν

ἔργον ἐν ἡπείρῳ καὶ κατὰ πόντον ἅμα·

οἶδε γὰρ ἐν Κύπρῳ Μήδους πολλοὺς ὀλέσαντες

Φοινίκων ἑκατὸν ναῦς ἔλον ἐν πελάγει

ἀνδρῶν πληθούσας. μέγα δ' ἔστενεν Ἄσις ὑπ' αὐτῶν

πληγεῖς ἀμφοτέραις χερσὶ κράτει πολέμου.

Desde que a Europa da Ásia, em duas, pelo Ponto foi cortada

e que as cidades dos mortais furioso Ares dominava,

nada que com isto se pareça já adveio a varões epictônios,

um tal esforço conjunto em terra firme e sobre o ponto:

Porque estes, em Chipre, inúmeros medos destruindo

uma centena de naus fenícias no pélagos capturaram

repletas de homens. E, grande, gemeu a Ásia sob eles

golpeada por ambas as mãos do poder da guerra.

Lit.: “pelo poder da guerra no uso de ambas as suas mãos (terra e mar)”.

XLVI FGE

Batalha do Eurimedo, 468 a.C.

οἶδε παρ' Εὐρυμέδοντά ποτ' ἀγλαὸν ὤλεσαν ἥβην

μαρνάμενοι Μήδων τοξοφόρων προμάχοις

αἰχμηταί, πεζοί τε καὶ ὠκυπόρων ἐπὶ νηῶν

κάλλιστον δ' ἀρετῆς μνήμ' ἔλιπον φθίμενοι.

Outrora, no Eurimedo, estes lanceiros luzente juventude arruinaram

batendo-se c'os linhas-de-frente dentre medos portiflecheiros;

soldados que, perecendo, tanto em terra quanto sobre naves velozes,

um belíssimo monumento de virtude [atrás de si] deixaram.

XLIX FGE

Batalha de Tânagra (?), 457 a.C.

χαίρετ' ἀριστῆες πολέμου μέγα κῦδος ἔχοντες

κοῦροι Ἀθαναίων ἔξοχοι ἵπποσύναι,

οἵ ποτε καλλιχόρου περὶ πατρίδος ὠλέσασθ' ἤβαν

πλείστοις Ἑλλάνων ἀντία μαρνάμενοι.

Adeus príncipes da guerra depositários de grande eminência

jovens dos atenienses excelsos na arte da cavalaria,

os quais outrora pela bela terra pátria perderam a juventude

contra a maioria dos outros helenos combatendo.

1.7. Incertos: Epigramas, e fragmentos cuja batalha não pode ser identificada

1.7.1 Novos fragmentos elegíacos: Pap. Oxy. 2327 e 3965 (ed. IEG II² West)

.]ω. . . [

ποντοβα

χ πειθωντα[

ὥς ὑπὸ κάλ[πιγγος

παισὶν μη[

Φρυξί[τε

Φοινίκω[ν

ἦλθ[

(...)

pontorugiente (?)

que (como?) sob uma salpinge (...)

aos filhos (...)

aos Frígios (...)

de (naves) Fenícias (...)

chega(...)

1.7.2 Epigramas

Sim. VIII FGE

εἰ τὸ καλῶς θνήσκειν ἀρετῆς μέρος ἐστὶ μέγιστον,

ἡμῖν ἐκ πάντων τοῦτ' ἀπένειμε Τύχη·

Ἑλλάδι γὰρ σπεύδοντες ἐλευθερίην περιθεῖναι

κείμεθ' ἄγηράντῳ χρώμενοι εὐλογίῃ.

Se morrer nobremente é da virtude a maior parte,

Isto, a nós, dentre todos, concedeu a Sorte:

Pois tendo lutado por coroar a Grécia co'a Liberdade,

jazemos no gozo de indecídua reverência.

Sim. IX FGE

ἄσβεστον κλέος οἶδε φίλῃ περὶ πατρίδι θέντες

κυάνεον θανάτου ἀμφεβάλοντο νέφος·

οὐδὲ τεθνᾶσι θανόντες, ἐπεὶ σφ' Ἀρετὴ καθύπερθε

κυδαίνουσ' ἀνάγξει δώματος ἔξ Ἀΐδεω.

Estes, inextingüível fama conferindo à amada pátria,

lançaram sobre si a plúmbea nuvem da morte.

Mas, morrendo, não estão mortos: do alto, sua Virtude,

exaltando-os, lhes soergue da casa de Hades.

Sim. XVIII FGE

παῖδες Ἀθηναίων Περσῶν στρατὸν ἐξολέσαντες

ἤρκεσαν ἀργαλήν πατρίδι δουλοσύνην.

Os filhos de Atenas, destruindo o exército persa,

dolente escravidão da pátria afastaram.

Abreviações

Todas as abreviações utilizadas na bibliografia ou no corpo do texto seguem as normas utilizadas pelo volume mais recente do *L'Année Philologique* até a data do depósito dessa dissertação (vol. 78, ano 2007.):

AHR - The American Historical Review

AJA - American Journal of Archaeology

APhQ - American Philosophical Quarterly

AJPh - American Journal of Philology

APSR – The American Political Science Review

BJS – The British Journal of Sociology

CA – Current Anthropology

CPh - Classical Philology

CQ - Classic Quarterly

CR - Classic Review

G&R - Greece and Rome

HSPh - Harvard Studies in Classical Philology

JAF – Journal of American Folklore

JHI - Journal of the History of Ideas

JHS - The Journal of Hellenic Studies

JRAI – The Journal of the Royal Anthropological Institute

JSTOR – *J-Store*: The Scholarly Journal Archive, <<http://www.jstor.org>>. Acessado entre os anos de 2003 a 2007.

JWH – Journal of World History

DEMOS - Dēmos: Classical Athenian Democracy

PER - *Perseus Digital Library Project*. Ed. Gregory R. Crane. Tufts University. Acessado entre os anos de 2003-2007 <http://www.perseus.tufts.edu>.

TAPhA - Transactions of the American Philosophical Society

TLG-D - *Thesaurus Linguae Graecae*, A Digital Library of Greek Literature. Irvine: University of California Press, 2003.

TLG-L - *Thesaurus Linguae Latinae*, A Digital Library of Latin Literature. Irvine: University of California Press, 2003.

ZPE - Zeitschrift Für Papyrologie und Epigraphik

Bibliografia

As abreviações **JSTOR**, **PERSEUS** e **TLG-D**, usadas logo após o nome do autor, indicam que foram consultadas apenas na referida fonte eletrônica. Um asterisco (*) indica, nas fontes primárias - e quando houver mais que uma entrada para o mesmo autor - a edição do texto original que foi usada.

1. Edições

BERGK, T. (ed) *Poetae Lyrici Graeci*. Leipzig: 1882.

DIEHL, E. (ed) *Anthologia Lyrica Graeca*, Leipzig: 1952.

IG - INSCRIPTIONES GRAECAE, vol I e II, 2ª e 3ª ed. acessado eletronicamente no site <<http://epigraphy.packhum.org/inscriptions>>.

PAGE, D. L. (ed.) *Poetae Melici Graeci*. Oxford: Oxford University Press, 1962.

_____, (ed.) *Epigrammata Graeca*, Oxford: Oxford University Press, 1975.

_____, (ed.) *Further Greek Epigrams*, Oxford: Oxford University Press, 1981.

WEST, M. L. (ed.) *Iambi et Elegi Graeci ante Alexandrum Cantati*. 2ª ed (aucta atque emmendata). Oxford: Oxford University Press, 1998.

2. Bibliografia Geral

ADAMS, J. e **OTTE**, M., *Did Indo-European Languages Spread Before Farming?* CA, Feb., vol. 40, nº 1, 1999, (**JS**).

ADKINS, A. W. H., *Truth, Ἔϊόςϊός and Ἀνᾶος in the Homeric Poems*. CQ, vol. 22, 1972, p. 5-18.

_____, *Merit and Responsibility: A Study in Greek Values*. Chicago: University of Chicago Press, 1975, ISBN 0226007286.

_____, *Poetic Craft in the Early Greek Elegists*. Chicago, 1985.

AESCHYLUS, *Persians*. ed. H. W. Smith. Loeb Classical Library. Cambridge: Harvard University Press, 1926.

ALCOCK, S. E. *Tomb Cult and the Post Classical Polis*. *AJA*, vol. 95, nº 3, 1991, p. 447-67, **(JS)**.

ALI, M. S., *Versificação Portuguesa*. São Paulo: EDUSP, 1999, ISBN 8531404983.

AMMERMAN, A. J., *The Eridanos Valley and the Athenian Agora*. *AJA*, vol. 100, nº 4, 1966, p. 699-715.

ANDOCIDES, *On The Mysteries*. Trad. K. J. Maidment. Cambridge: Harvard University Press, 1968 (Minor Attic Orators in Two Volumes, vol. 1).

ANTHONY, D. W., *The "Kurgan Culture", Indo-European Origins and the Domestication of Horse: a reconsideration*. *CA*, Aug-Oct., vol. 24, nº 4, 1986, p. 291-313, **(JS)**.

ARISTÓFANES, **Aristophanes Comoediae*. Ed. F.W. Hall e W.M. Geldart. Oxford: Clarendon Press, Oxford. 1907, **(PER/ TLG-D)**.

_____, *Knights*. In: *The Complete Greek Drama*, vol. 2. Trad. Eugene O'Neill, Jr. New York: Random House, 1938, **(PER)**.

_____, *Ecclesiazusae*. In: *The Complete Greek Drama*, vol. 2. Trad. Eugene O'Neill, Jr. New York: Random House, 1938, **(PER)**.

ARISTÓTELES, *Athenaion Politeia*, ed. Kenyon. Oxford: Oxford University Press, 1920, **(PER)**.

_____, *idem*, Trad. H. Rackham. Cambridge: Harvard University Press, 1952
(Aristotle in 23 Volumes, Vol. 20).

_____, *The Politics*. Trans. by T. A. Sinclair. New York: Penguin Classics, 1992.

_____, *Poetics*, Trans. M. Heath. New York: Penguin Classics, 1996.

_____, *The Nicomachean Ethics. Further Revised Ed.* Transl. A. J. K. Thomson. New York: Penguin Classics, 2004.

ATENEU, *Deipnosophists*. Trad. Charles Burton Gulick. Cambridge, Mass. : Harvard University Press, 1963. (The Loeb Classical Library. Greek and English Texts, v. 1-7)

AVERY, H. C. *Herodotus* 6.112.2. TAPA, vol. 103, 1962, p. 15-22, (**JS**).

BARRIGAZI, A. *Nuovi Frammenti delle Elegie di Simonidi (Ox. Pap. 2327)*. MH, vol. 20, 1963, p. 61-76, (**JS**).

BARTOL, K., *Greek Elegy and Iambus*. in: *Studies in Ancient and Literary Sources*. Uniwersytet im. Adama Mickiewicza w Poznaniu, 1993.

_____, *Between Loyalty and Treachery : P. Oxy. 2327 fr. 1 + 2(a) col. 1 = Simonides 21 West² – Some Reconsiderations*. ZPE, vol 126, 1999a, p. 26-8, (**JS**).

BING, P. e **BRUSS**, J. S., *Brill's Companion to Hellenistic Epigram: Down to Phillip*. Brill, Liden: 2007.

BLACKWELL, C.W. *Athenian Democracy: a brief overview*. The Stoa Consortium: Demos: Classical Athenian Democracy. 2003. p. 1-57

BOARDMAN, J., **GRIFFIN**, J., **MURRAY**, O. *The Oxford History of Greece and the Hellenistic World*. Oxford: Oxford University Press, 1991, ISBN 0192801376.

_____(ed.), *The Oxford History of the*

Classical World.

BOEDECKER, D. *Simonides on Plataea: Narrative Elegy, Methodic History*. ZPE, vol. 107, 1995b, p. 217-29, **(JS)**.

BOEDECKER, D. **SIDER**, D. *The New Simonides: Contexts of Praise and Desire*. Oxford: Oxford University Press, 2001.

BOEGEHOLD, A. *The Salamis Epigram*. GRBS, vol. 6, 1956, p. 179-86, **(JS)**.

BOSWORTH, A. B. *The Historical Context of Thucydides' Funeral Oration*. JHS, vol. 120, 2000, p. 1-16, **(JS)**.

BOWIE, E. L., *Early Greek Elegy, Symposium and Public Festival*. JHS, vol. 106, 1986, p. 13-35, **(JS)**.

BOWRA, C. M. *Earlier Lyric and Elegiac Poetry*, in: *New Chapters in the History of Greek Literature*. Oxford: Oxford University Press, 1933.

_____, *Simonides in Theognidea*. CR, vol 48, 1934, p. 2-4, **(JS)**.

_____, *Pindari Carmina cum Fragmentis*. 2nd Ed. Oxford: Clarendon Press, 1947.

_____, *Problems in Greek Poetry*. Oxford: Oxford University Press, 1953.

BRILLANTE, C. *Simonide, fr. eleg. 22 West²*. QUCC, vol. 64, 2000, p. 29-38, **(JS)**.

BUCK, R. J., *The Athenian Domination of Boeotia*. CPh, vol. 65, n° 4, 1970, 217-227, **(JS)**.

CAMPBELL, D. *The Golden Lyre: The Themes of the Greek Lyric Poets*. London: Bristol Classics: 1982.

CAPRA, A., **CURTI**, M. *Semidei Simonidei: Note sull'elegia di Simonide per la Battaglia di Platea*. ZPE. vol. 107, 1995, p. 27-32, **(JS)**.

CARSON, A. *Simonides Negative*. *Arethusa*, vol. 21, p. 147-54, (JS).

CASPARI, M.O.B. *Stray Notes on the Perisan Wars*, *JHS*, vol. 31, 1911, p. 100-109, (JS).

CASSIRER, E. *The Myth of the State*. New York: Yale University Press, 1963.

CHROUST, A. *Treason and Patriotism in Ancient Greece*. *JHI*, vol. 15, Apr., fasc. 2, 1954, p. 280-88, (JS).

COHEN, D. *Law, Society and Homosexuality in Classical Athens*. *P&P*, 117, Nov. 1987, p.3-21, (JS)

COLDSTREAM, J. M. *Hero-cults in the age of Homer*. *JHS*, vol. 96, 1976, p. 8-17, (JS).

COLLINS, D., *Master of the Game: Competition and performance in Greek Poetry*. Center for Hellenic Studies: Harvard University Press, 2004.

CORRÊA, P. da C. *Armas e Varões: A Guerra na Lírica de Arquíloco*. São Paulo: Editora UNESP, 1998, ISBN 8571392048.

_____, *Harmonia: Mito e Música na Grécia Antiga*. Coleção Letras Clássicas. São Paulo: Humanitas, 2003, ISBN 8575060740.

CURTIUS, G. *Principles of Greek Etymology*. 8ª ed. London: Oxford Univ. Press, 1886.

DAIN, A. *Traité de Métrique Grecque*, Paris, 1965.

DALE, A. M. *The Metrical Units of Greek Lyric Verses*. *CQ*, vol 44, nº 3/4 (part 1), Jul.-Oct., 1950, p. 138-48 e vol. 1 (new series), nº 1/2 (parte 2), 1951, p. 20-30, (JS).

DAY, J. W., *Rituals on Stone: Early Greek Grave Epigrams and Monuments*. *JHS*, vol. 109, 1989, p. 16-28, (JS).

- DENNISTON**, J.D. *The Greek Particles*. 2^a ed. Cambridge: Hackett, 1991.
- DERDERIAN**, K., *Leaving Words to Remember: Greek Mourning and the Advent of Literacy*. Brill. Leiden: 2001.
- DODDS**, E. R. *The Greeks and the Irrational*. Los Angeles: University of California Press, 1951.
- DOUGHERTY**, C. & **KURKE**, L. (eds.), *Cultural Poetics in Archaic Greece: Cult, Performance, Politics*. Oxford: Oxford University Press, 1998.
- DOVER**, K. J., *Greek Homosexuality*, 2nd ed. London: Duckworth, 1979.
- DREWS**, R. *The Coming of the Greeks*. Princeton: Princeton University Press, 1988, ISBN 0691029512.
- DUCREY**, P. *Guerre et Guerriers dans la Grèce Antique*. Paris: Payot, 1985.
- EDWARDS**, A. T. *KLEOS AFQITON and Oral Theory*. CQ, vol. 38, n° 1 (new series), 1988, p. 25-30, (JS).
- ERBSE**, H. *Zu den Epigrammen des Simonides*. Rheinisches Museum für Philologie, vol. 141, 1998, p. 213-30, (JS).
- EVERSON**, S., *Aristotle: The Politics and The Constitution of Athens*. Cambridge Texts in History and Political Thought. Cambridge, 1996.
- FARIA**, E. *Dicionário Escolar Latino Português*. 6^a ed. Rio de Janeiro: FAE, 1992.
- FARNELL**, L. R. *Greek Hero Cults and Ideas of Immortality*. Oxford: Oxford University Press, 1921.
- FERGUSON**, W. S. *The Athenian Calendar*. CP, vol. 3, n° 4, Oct. 1908, p. 386-98, (JS).
- FINKELBERG**, M., *Is kleos afqiton a Homeric Formula?*, CQ, vol. 36, n° 1 (new

series), 1986, p. 1-5, (**JS**).

FINLEY, M. I. *The Ancient Greeks and their Nation: The Sociological Problem*. BJS, vol. 5, n°5, Sept. 1964, p. 253-64, (**JS**).

FORREST, W. G., *Aristophanes, Lysistrata* 231. CQ (New Series), Vol. 45, No. 1, p. 240-241, 1995.

FORSDYKE, S., *From Aristocratic to Democratic Ideology and Back Again: The Thrasybulus Anecdote in Herodotus' Histories and Aristotle's Politics*. CPh, vol. 94, n°4, p. 361-72, Out. 1999 (**JS**).

FOUCAULT, M. *Histoire de la Sexualité*. Paris : Gallimard, 1984-1988, 3 v. (Bibliothèque des histoires, v.2: L'usage des plaisirs), ISBN 2070700569.

FOWLER, R. L. *The Nature of Early Greek Lyric: Three Preliminary Studies*. Toronto: University of Toronto Press, 1987.

_____, *Simonides, Ephorus and Herodotus on the Battle of Thermopylae*. CQ, vol 48, 1999, p. 365-80, (**JS**).

_____, *From Simonides to Isocrates: The Fifth-century Origins of Fourth-century Panhellenism*. CQ, vol. 19, 2000, p. 65-101, (**JS**).

FRAZER, J. *The Golden Bough: A Study in Magic and Religion*. New York: Wordsworth, 1992, ISBN 1853263109.

FUQUA, C. *Tyrtaeus and the Cult of Heroes*. GRBS, vol. 22, 1981, p. 215-26, (**JS**).

GARLAN, Y. *War in the Ancient World*. Norton, 1975.

GARNER, R. *From Homer to Tragedy: The art of allusion in Greek Poetry*. London, Routledge, 1990, ISBN 0415035996.

GARROD, H, W. *Simonidea*. CQ, vol. 16, n° 2 (part 1), and 3/4 (part 2) 1922, p. 65-

76 e 113-26, (JS).

GIMBUTAS, M. *Bronze Age Cultures in Central and Eastern Europe*. Hague: Mouton & Co., 1965.

GNOLI, P. et **VERNANT**, J-P. (Ed.), *La Mort, les Morts dans les Sociétés Anciennes*. Cambridge : Cambridge University Press, 1962.

GOMME, A. W. *Athenian Notes*. AJPh, vol. 65, n° 4, 1944. p. 321-39, (JS).

GREENHALGH, P. A. L. *Early Greek Warfare*. Cambridge: Cambridge University Press, 1973.

HANSON, V. D. (ed.), *Hoplites : The Classical Greek Battle Experience*. London, Routledge, 1993, ISBN 0415098165.

HAMMOND, N. G. L. *The Origins of the Athenian Alliance of 478/7 BC*. JHS, vol. 87, 1967, p. 41-61, (JS).

_____, *The Campaign and the Battle of Marathon*, JHS, vol. 88, 1968, p. 13-57, (JS).

HARRISON, E. B. *The South Frieze of the Nike Temple and the Marathon Painting in the Painted Stoa*. AJA, vol. 76, n° 4, Oct., 1972, p. 353-78, (JS).

HARRISON, J. E., *Prolegomena to the Study of Greek Religion*. Mythos Series. Princeton: Princeton University Press, 1991.

HARVEY, A. E., *The Classification of Greek Lyric Poetry*. CQ, vol. 5, 1955, p. 157-75, (JS).

HENDERSON, W. J., *Imagery in Simonides*. Acta Classica, proceedings of the Classical Association of South Africa, Pretoria, vol. 42, 2001, p. 95-104, (JS).

HENDRICK JR., C. W., *Democracy and the Athenian Epigraphical Habit*. Hesperia,

vol. 68, n° 3., p. 387-439, jul.-set. 1999, (**JS**).

HENRY, W. B. *Simonides PMG 541*. ZPE, vol 121, 1998, p. 303-4, (**JS**).

HERODOTUS, (1)* *The Histories*. Trans. A. D. Godley. Cambridge: Harvard University Press, 1920, (**PER**).

_____, (2) *The Histories*. Trans. A. de Sélincourt. New York: Penguin Classics, 2003.

HIGGINS, C.G. & **PRITCHETT**, W. K. *Engraving Techniques in Attic Epigraphy*. AJA, vol. 69, n° 4, Oct., 1965, p. 367-71, (**JS**).

HIPÉRIDES, *In Philippidem*, (Ed.) C. Jensen. In: Hyperidis orationes Sex. Leipzig: Teubner, 1917

HODGE, A. T., **LOSADA**, L. A. *The Time of the Shield Signal at Marathon*. AJA, vol. 74, n° 1, Jan., 1970, p. 31-6, (**JS**).

HODGE, A. T. *Marathon to Phaleron*. JHS, vol. 95, 1975, p. 169-71, (**JS**).

_____, *Marathon: The Persians' Voyage*. TAPA, vol. 105, 1975, p. 155-73, (**JS**).

HOLLADAY, J. *Medism in Athens 508-480 BC*. G&R, vol. 25, n° 2 (2nd series), Oct., 1978, p. 174-91, (**JS**).

HOLST-WARHAFT, G., *Dangerous Voices: Women's Laments and Greek Literature*. Routledge, 1995.

HOMER, (1)* *Ilias*, ed. T.W. Allen, vols. 2-3. Oxford: Clarendon Press, 1931: 2:1-356; 3:1-370. (**TLG-D**).

_____, (2) *Iliad*. Trad. Robert Fitzgerald. Oxford World Classics. Oxford: Oxford University Press, 1974, ISBN.

_____, (3) *idem*. Trad. Robert Fagles. New York: Penguin Classics, 1998, ISBN 0140275363.

_____, (4) *Ilíada*, vols. 1 & 2. Trad. Haroldo de Campos. São Paulo: Mandarin, 2002, ISBN 8535402322.

_____, (5) *idem*. Trad. Carlos Alberto Nunes. São Paulo: Ediouro, 2002, ISBN 850000813X.

_____, (6)* *Odyssea*, ed. P. von der Mühl, *Homeri Odyssea*. Basel: Helbing & Lichtenhahn, 1962, (TLG-D).

_____, (7) *Odyssey*. Trans. Robert Fagles. New York: Penguin Classics, 1999, 0140268863.

_____, (8) *Odyssee*. Trad. J. H. Voß. Goldmann Klassiker. Berlin: Verlag, 1982.

_____, (9) *Odisséia*. Trad. Carlos Alberto Nunes. São Paulo: Ediouro, 2001, ISBN 8500007710.

HOW, W. W. e **WELLS**, J. *A Commentary on Herodotus: with introduction and appendices*. Vol. I (Books I-IV), (PER).

HUBBARD, Thomas K., (ed.), *Homosexuality in Greece and Rome: A Sourcebook of Basic Documents*. Berkeley: University of California Press, 2003.

HUDSON, H. G. *The Shield Signal at Marathon*. AHR, vol. 42, nº 3, Apr., 1937, p. 443-59, (JS).

HUNT, P. *Slaves, Warfare, and Ideology in the Greek Historians*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998, ISBN 0521893909.

JACOBY, F. *GENESIA: A Forgotten Festival of the Dead*. CQ, vol. 38, nº 3-4, Jul.-Oct., 1944, p. 65-75, (JS).

_____, *Patrios Nomos: State Burial in Athens and the Public Cemetery in the Kerameikos*. JHS, vol. 64, 1944, p. 37-66, (**JS**).

_____, *Some Athenian Epigrams from the Persian Wars*. Hesperia, vol. 14, nº3, Jul.-Set., 1945, p.157-211, (**JS**).

JAEGER, W. *The Greek Ideas of Immortality*. HthRev, vol 52, 1959, p. 135-47, (**JS**).

KENYON, F.G. *The Paleography of Greek Papyri*. Chicago: Argonaut, 1952.

KORZENIEWSKI, D. *Griechische Metrik*. Die Altertumswissenschaft. Darmstadt: Wiss. Buchges., 1991.

KOWERSKI, L. M. *Simonides on the Persian Wars: A study of the elegiac Verses of the New Simonides*. Routledge Series. New York: Routledge, 2005, ISBN 0415972132.

KURTZ, D. C. & **BOARDMAN**, J. *Greek Burial Customs*. In: Aspects of Greek and Roman Life. Londres: Thanes & Hudson, 1971.

LAVELLE, B. M., *The Nature of Hipparchus' Insult to Harmodios*. AJPh, Vol. 107, No. 3, p. 318-331, Autumn, 1986 (**JS**).

LAZEMBY, J. F. *The Defense of Greece: 490/479 BC*. Wiltshire: Aris & Philips, 1993, ISBN 0856685917.

LEADER, R. E. *In Death not Divided: Gender, Family, and State on Classical Athenian Grave Stelae*. AJA, vol. 101, nº 4, Oct., 1997, p. 683-99, (**JS**).

LIDDLE & SCOTT'S, *An Intermediate Greek-English Lexicon*. 7^a ed. Oxford: Clarendon Press, 1997.

_____, *Greek-English Lexicon*. 7^a ed. Oxford: Clarendon Press, 1997, (**PER**).

LINTOTT, A., *Aristotle and Democracy*. CQ (New Series), Vol. 42, No. 1, p. 114-128, 1991, (JS).

LLOYD-JONES, H. *Notes on the New Simonides*. ZPE, vol. 101, 1994, p.1-3, (JS).

LOBEL, E. (ed), *2327: Early Elegiacs*. Ox. Pap., v. 22:67-76, 1954.

_____, *2324: Commentary on Lyric Verses. (Simonides?)*. Ox. Pap., v. 24, p. 95-100, 1959a.

_____, *2431*. Ox. Pap., v. 25, p. 87-91, 1959b.

_____, et. al. *2225*. Ox. Pap., v. 19, p. 68-69, ed. 1948.

LORAUX, N. *Invenção de Atenas*. Trad. Lílian Vale. São Paulo: ed. 34, 1994.

MALLORY, J. P. e **ADAMS**, D. Q., *The Oxford Introduction to Proto-Indo-European and the Proto-Indo-European World*. Oxford: Oxford University Press, 2006, ISBN 0199296685.

MATHIESEN, T. J. *Apollo's Lyre: Greek Music and Music Theory in Antiquity and the Middle Ages*. Indiana: Indiana: Univ. of Nebraska Press, 1999, ISBN 0803230796.

MAURICE, F. *The Campaign of Marathon*. JHS, vol. 52, 1st part, 1932, p. 13-24, (JS).

MEIGGS, R. **LEWIS**, D. *A Selection of Greek Historical Inscriptions to the End of the Fifth Century B.C.* Oxford: Clarendon Press, 1969.

MERITT, L. S. *The Stoa Poikile*. Hesperia, Oct. Dez., vol. 39, nº 4, 1970, p. 233-64, (JS).

MERITT, B. D. *The Marathon Epigrams Again*. AJPh, vol. 83, nº3, Jul., 1962, p. 294-8, (JS).

MESSING, G.M. *Selected Studies in Indo-European Phonology*. HSCP, vol 56, 1947,

Boston, p. 161-232, (JS).

MEYER, E. A. *Epitaph and Citizenship in Classical Athens*. JHS, vol. 113, 1993, p. 91-121, (JS).

MOLYNEUX, J. H. *Simonides: a historical study*. Illinois: Bolchazy-Carducci Publishers, 1992, ISBN 0865162220.

MONIER-WILLIAMS, M. *A Sanskrit-English Dictionary: etymologically arranged with especial reference to cognate Indo-european languages*. New Edition by E. Leumann e C. Cappeller. New Dehli: Asia Educational Services, 2005.

MUNRO, J. H. R. *Some Observations on the Persian Wars*. JHS, vol. 19, 1899, p. 185-97, (JS).

_____, *Some Observations on the Persian Wars (Continued)*. JHS, col. 22, 1902, p. 294-332, (JS).

NAGY, G. *The Best of the Achaeans: Concepts of the Hero in Archaic Greek Poetry*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1979, ISBN 0801860156.

_____, *Pindar's Homer: The Lyric Possession of an Epic Past*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1994, ISBN 0801848474.

_____, *Poetry as Performance: Homer and Beyond*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996, ISBN 0521558484.

NIETZSCHE, F. *Die Geburt der Tragödie*. Stuttgart: Reclam, 1993.

NORTON, R. *Greek Grave Reliefs*. HSCP, vol. 8, 1897, p. 41-102, (JS).

OBBINK, D. *The Hymnic Structure of the New Simonides*. Arethusa, vol. 29, n°2, 1996, p. 193-203, (JS).

OLIVER, J. H. *Selected Greek Inscriptions*. Hesperia, vol. 2, n° 4, 1933, p. 480-513,

(JS).

_____, *The Marathon Epigrams*. AJPh, vol. 56, nº 3, 1935, p. 193-201, (JS).

_____, *The Monument With the Marathon Epigrams*. Hesperia, vol. 5, nº 2, 1936, p. 225-34, (JS).

PAGE, D. L. *Simonidea*. JHS, vol. 71, 1951, p. 133-42, (JS).

PALMER, M. *Love, Glory and the Common Good*. APSR, vol. 76, nº 4, Dec., 1982, p. 825-36, (JS).

PARKER, R. *Athenian Religion: A History*. Oxford: Clarendon Press, 1997, ISBN 019815240-X

PARSONS, P. (ed.) 3965: *Simonides, Elegies*. Ox. Pap., v. 59, p. 4-50, 1992a.

PAUSANIAS, *Graeciae Descriptio**, ed. F. Spiro, Pausaniae Graeciae Descriptio, 3 vols. Leipzig: Teubner, 1903 (TLG-D/PER).

_____, *Guide to Greece*, vols. 1 & 2. Trad. Peter Levi. New York: Penguin Classics, 1971, ISBN 014044226X e 0140442251.

PERRY, E.D. *A Sanskrit Primer*. New York: Columbia Univ. Press 1936.

PLATO, *Platonis Opera**, ed. John Burnet. Oxford University Press. 1903, (PER).

_____, *Hipparchus*. Trad. W.R.M. Lamb. In: Plato in Twelve Volumes, Vol. 8. Cambridge: Harvard University Press, 1955.

_____, *The Republic*. Trans. D. Lee. New York: Penguin Classics, 1987, ISBN 0140449140

_____, *Protagoras*, in: Selected Dialogues. Trans. B. Jowett. New York: The Modern Library, 2000, p. 25-110, ISBN 0375758402.

_____, *Gorgias*. trans. W. Hamilton and C. Emylin-Jones. New York: Penguin Classics, 2004, ISBN 0140449043

PLUTARCH, *Plutarch's Lives*. Trans. B. Perrin. Loeb Classical Library. Cambridge: Harvard University Press, 1914.

_____, *De Herodoti Malignitate*. L. Pearson (ed.), in: *Plutarch's Moralia*, v. 11, Cambridge: Harvard University Press, 1965.

PÖHLMAN, E. & **WEST**, M. L. *Documents of Ancient Greek Music: The Extant Melodies and Fragments Edited and Transcribed with Commentary*. Oxford: Oxford University Press, 2001, ISBN 019815223X.

POLTERA, O. *Le Langage de Simonide*. Sapheneia : Beiträge zur Klassischen Philologie, ed. M. Billerbeck & B. K. Braswell. Bern: Lang, 1997, ISBN 3906757323 ISSN 14217899.

RAAFLAUB, K. *The Discovery of Freedom in Ancient Greece*. 1st English ed. Trans. by R. Franciscono, rev. by the author. Chicago: University of Chicago Press, 2004, ISBN 0226701018.

RAGON, E. *et. al.*, *Grammaire Grecque*. Paris : De Girgord, 1956.

RAMAT, A. P. (ed). *Las Lenguas Indoeuropeas*. Madrid: Cátedra, 1995, ISBN 8437613485.

RAUBITSCHKE, A. E. *Two Monuments Erected after the Victory of Marathon*. AJPh, vol. 44, n° 1, Jan.-Mar., 1940, p. 53-9, (JS).

_____, *Two Notes on Athenian Epigrams*. Hesperia, vol. 14, n° 4, p. 367-8 Oct. Dez., 1945 (JS).

ROBINSON JR, C. A. *The Struggle for power at Athens in the Early Fifth Century*.

AJPh, v. 60, nº 2, 1939, p. 232-7, **(JS)**.

ROTROFF, S. I., *An Anonymous Hero in the Athenian Agora*. *Hesperia*, vol. 47, nº 2, p. 196-209, abril-jun., 1978.

RUNCIMAN, W. G. *Greek Hoplitcs, Warrior Culture, and Indirect Bias*. *JRAI*, vol. 4, nº 4, Dec. 1998, p. 731-51, **(JS)**.

SALAPATA, G. *Hero Warriors from Corinth and Lakonia*. *Hesperia*, vol., 66, 1997, p. 245-60, **(JS)**.

SANDYS, Sir J. E. *Aristotle's Constitution of Athens*: a revised text with introduction, critical and explanatory notes, testimonia and index. Lawbook Exchange, New Jersey: 2000.

SARGENT, R. L. *The Use of Slaves by Athenian in Warfare*. *CPh*, col. 22, nº 2, Apr., 1927, 201-12, **(JS)**.

SCHEIN, S. L. *The Mortal Hero: An Introduction to Homer's Iliad*. Berkeley: University of California Press, 1984.

SEREMETAKIS, C. N., *The Last Word: Women, Death, and Divination in Inner Mani*. Univ. Chicago Press, 1991.

SHEAR JR, T. L. *The Persian Destruction of Athens: Evidence from Agora Deposits*. *Hesperia*, vol.62, nº 4, Oct.-Dec., 1993, p. 383-482, **(JS)**.

SHRIMPTON, G. S. *When Did Plataea Join Athens?* *CP*, vol. 79, nº 4, Oct., p. 295-304, **(JS)**.

SMITH, C. F. *Commentary on Thucydides Book 6*. Boston: Ginn and Company, 1913, **(PER)**.

SMITH, G. *Athenian Casualty Lists*. *CP*, vol. 14, nº4, Oct. 1919, p. 351-64, **(JS)**.

SMITH, H. W. *Greek Grammar*. Harvard: Harvard University Press, 1956.

SNODGRASS, A. M. *The Dark Age of Greece: An Archaeological Survey of the Eleventh to the Eighth Century BC*. New York: Routledge, 2000, ISBN 0415936365.

THOMAS, R., *Oral Tradition and Written Record in Classical Athens*. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.

THUCYDIDES, (1)* *Historiae*, ed. H.S. Jones e J.E. Powell. In: *Thucydidis Historiae*, 2 vols. Oxford: Clarendon Press, 1:1942 (1st edn. rev.); 2:1942, (2nd edn. rev.) (repr. 1:1970; 2:1967) (**PER/TLG-D**).

_____, (2) *History of the Peloponnesian War*. Trans. R. Crawley. New York: Dover Publications, 2004, ISBN 0486437620.

_____, (3) *idem*. Trans. Rex Warner. New York: Penguin Classics, 1972, ISBN 0140440399.

TURNER, R. L. *A Comparative Dictionary of the Indo-Aryan Languages*. Oxford: Oxford Univ. Press, 1989.

VANDERPOOL, E. *An Archaic Inscribed Stele from Marathon*. *Hesperia*, vol. 11, n° 4, Oct.-Dez., 1944, p. 329-37, (**JS**).

VENNEMANN, T. *The New Sound Of Indo-european: Essays in Phonological Reconstruction*. in: *Trends in Linguistics - Studies and Monographs*, v. 41. New York: Mouton de Gruyter, 1989, ISBN 3110105365 e 0899255213.

VOLK, K. *KLEOS AFQITON Revisited*. *CPh*, vol. 97, n° 1, Jan. 2002, p. 61-8, (**JS**).

WATKINS, C., *How to Kill a Dragon: Aspects of Indo-European Poetics*. Oxford: Oxford University Press, 1995, ISBN 0195144139.

WEST, M. L. *Greek Lyric Poetry: A new Translation by M. L. West*. Oxford World's Classics. Oxford: Oxford University Press, 1993.

WEBB E. K., *The Athenian Tyrannicides: Icons of a Democratic Society*. In: *ALL FOR ONE OR ONE FOR ALL? (RE)CONSTRUCTING IDENTITY IN THE ANCIENT WORLD*. Graduate Student Symposium Department of Classical and Near Eastern Archaeology. Bryn Mawr College October 17 - 18, 1997.

WERNER, C. Introdução. In: Eurípides, *Duas Tragédias Gregas: Hécuba e Troianas*. São Paulo: Bibioteca Martins Fontes, 2004, ISBN 8533620446.

_____, *Manobras Poéticas entre a Ilíada e a Odisséia: o caso de Odisseu*. São Paulo, 2004. Tese (Doutorado em Letras Clássicas). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

WEST, M. L. *Simonides Redivivus*. ZPE, vol. 98, 1993, p. 1-14.

WEST, W. C. *The Trophies of the Persian Wars*. CPh, vol, 64, nº 1, Jan., 1969, p. 7-19, (JS).

WEST, S. *Herodotus' Epigraphical Interests*, CQ. vol. 2, nº 35, 1985.

WHITLEY, J., *Early States and Hero Cults: A Re-Appraisal*. JHS, vol. 108, 1988, p. 173-82, (JS).

_____, *The Mouments that Stood before Marathon: Tomb Cult and Hero Cult in Archaic Attica*. AJA, vol. 98, nº 2, Apr., 1994, p. 213-30, (JS).

_____, *Tomb Cult and Hero Cult: The Uses of Past in Archaic Greece*. In: *Time, Tradition and Society in Greek Archaeology. Bridging the Great Divide*, ed. Nigel Spencer, Routledge, 1995, p. 43-66.

WOODHEAD, A. G. *The Study of Greek Inscriptions*. 2ª ed. Oxford: Bristol Classical

Press 1992, ISBN185399328X.

XENOPHON, *The Persian Expedition*. Trans. Rex Warner, New York: Penguin Classics, 1972, ISBN 0140441751.

_____, *A History of my Times*. Trans. Rex Warner, New York, Penguin Classics, 1972, ISBN 01404400070.

ŽIŽEK, S (ed.). *Mapping Ideology*. Verso: New York, 1995.